

Apresentação

Este primeiro número da *Pandaemonium Germanicum online* preserva, em sua organização, a mesma estrutura em módulos das edições anteriores: seções sobre literatura e cultura, lingüística, tradução e resenhas. Colabora para esta edição um largo espectro de estudiosos da cultura alemã: pesquisador estrangeiro, docentes de renomadas universidades brasileiras além de uma nova e promissora geração de germanistas brasileiros, que abrange desde jovens doutores a estudantes em nível de pós-graduação. Essa diversidade de participações mostra a receptividade e abrangência da nossa revista, sempre aberta para a variedade de opiniões que servem de mola a impulsionar o debate.

A *Pandaemonium* n° 11, ao eleger o tema para os artigos de literatura neste número, em lugar de reservar espaço para um único dossiê comemorativo de efemérides literárias, como feito anteriormente, optou por relembrar o jubileu de dois grandes nomes no âmbito da cultura alemã: Alfred Döblin e Heinrich von Kleist. O ano de 2007 marca os 50 anos da morte de Döblin, ocorrida em 1957, em Emmendingen, e os 230 anos de Kleist, nascido em Frankfurt em 1777.

Kleist, autor extemporâneo, que não se deixa classificar de forma rígida no âmbito da literatura alemã nem como romântico nem como clássico, tem merecido da crítica interpretações diversas, quando não opostas. O seu curto ensaio *Über das Marionettentheater*, por exemplo, considerado pela crítica mais antiga como um programa estético na linha do discurso romântico, recebe, nas novas interpretações, principalmente as de tônica desconstrutivista, leituras que enfatizam o potencial subversivo do texto e percebem no debate central deste ensaio a desmontagem irônico-lúdica do discurso filosófico idealista que lhe era contemporâneo. E, exatamente esse potencial subversivo, é explorado nos artigos aqui apresentados:

O noivado em São Domingos, no qual se aborda a relação intercultural entre a Europa e o Haiti, Ulrich J. BEIL analisa um dos textos mais polêmicos e atuais de Heinrich Von Kleist, que abre perspectivas para discussão de cunho ideológico como racismo, colonialismo, eurocentrismo. Tais debates, *a priori* impensáveis em um autor da Era Goethe, empresta a esse texto de Kleist seu inquestionável caráter de modernidade. Cabe salientar a preciosa contribuição

deste trabalho aos leitores de Kleist com a apresentação de uma rica e atual lista de referências bibliográficas.

O artigo de Rodrigo Campos de Paiva CASTRO sobre *Michael Kohlhaas*, uma das mais importantes narrativas em língua alemã de seu tempo que intriga pela ambigüidade, mostra, no próprio título do ensaio, a perspectiva inusitada que proporciona a leitura da novela de Kleist: “Formação de um mundo já posto”. Em uma abordagem que envereda pelo viés social e mítico, o autor do artigo demonstra a dimensão público-privada do conflito de Kohlhaas com a ordem estabelecida, para, na inversão da ordem, mostrar também o conflito engendrado no âmbito privado-público, quando a vingança pessoal do protagonista se transforma em luta pela integridade pessoal, tornando a derrota uma vitória.

A estes dois trabalhos some-se o estudo que aponta para o futuro, para a recepção de Kleist em sua relação intracultural, ou seja, o artigo sobre “Kafka, leitor de Kleist”. A partir de considerações expostas por críticos brasileiros de renome, Otto Maria Carpeaux e Luiz Costa Lima, o autor do ensaio, Eduardo Manoel de BRITO, perscruta referências do próprio Kafka a Kleist em textos não literários, na maioria cartas, nas quais Kafka expressa sua admiração e até devoção por textos kleistianos, principalmente as *Anekdoten* e *Michael Kohlhaas*. Esse estudo, além de demonstrar a estreita ligação entre Kafka e Kleist, abre, implicitamente, caminho para outros trabalhos comparatistas, como, por exemplo, a possibilidade de rastrear marcas da novela *Michael Kohlhaas* na produção de Kafka.

A ressonância da obra de Kleist também pode estabelecer um elo com o outro homenageado neste número, Alfred Döblin. Este autor, que começa a produzir em um período que se convencionou chamar de Expressionismo, teve nas figuras de Heinrich von Kleist, Friedrich Hölderlin e Friedrich Nietzsche os mentores literários e filosóficos desse seu período de produção. A fama internacional de Döblin, contudo, virá em 1929, com a publicação de *Berlin Alexanderplatz*, o primeiro romance sobre a grande cidade na história da literatura e que se tornará uma das pedras fundadoras na história do romance moderno. Exatamente esse romance é analisado no estudo de caráter comparatista sobre “ ‘Ventos de não deixar se formar orvalho’: os romances *Berlin Alexanderplatz* e *Grande Sertão: Veredas*”. Em sua leitura hermenêutica desses dois discursos distantes, Daniel Reizinger BONOMO aproxima o espaço da grande cidade, Berlim, ao do grande sertão e analisa a confluência de atitudes dos dois protagonistas, sujeitos provisórios, sempre a caminho. O

caráter transitório dessas personagens é reforçado pela linguagem, com o uso refinado do efeito da oralidade, fatos que demonstram a tese exposta no ensaio: “ventos de não se deixar formar orvalho”, o sentido desses percursos está na mobilidade.

Já o outro artigo dedicado a Döblin, em uma perspectiva bastante inusitada, aborda uma faceta de sua produção que mereceu pouca ênfase da crítica alemã, uma vez que os estudos filosóficos deste autor sempre ficaram à sombra de sua fama como criador de um grande romance. As especulações de Döblin como filósofo da natureza serão apresentadas por Élcio CORNELSEN na análise da obra de 1927, *Das Ich über der Natur*. A filosofia da natureza de Döblin, assunto hoje candente em tempos de preocupação ecológica, posiciona-se na confluência entre física e metafísica, entre ciência e especulação na busca do sentido da existência. Essa maneira de abordar a natureza, por vezes estética, religiosa e intuitiva, tem consciência aguda do papel do homem dentro desse espetáculo, como criador e destruidor.

Sem dedicar-se ao estudo dos dois autores homenageados por seu jubileu, também integra o presente número da *Pandaemonium* um artigo de José Oscar de Almeida MARQUES no âmbito da literatura comparada, que rastreia as marcas de Rousseau no conto infantil de Hoffmann “Das fremde Kind”. Este conto infantil, pouco conhecido, tem um claro pendor pedagógico e retoma idéias da obra *Emílio* ou *Da Educação* (1762) de Rousseau. A concepção romântica, ao ecoar preceitos rousseauianos, também idealiza uma educação natural, o que não significa o retorno a uma vida selvagem, mas o desenvolvimento da criança livre dos costumes aristocráticos da época, da vida artificial em torno das convenções sociais.

Os artigos dedicados à Língua Alemã/ Lingüística ocupam-se com temas bem variados, ligados a diversas áreas de estudos lingüísticos.

No artigo “Fachsprachen und Kulturen: alte und neue Erfahrungen mit dem Begriff in den Geisteswissenschaften und dem Bereich Deutsch als Fremdsprache”, de Maria José Pereira MONTEIRO, são descritas novas e velhas experiências que relacionam o termo “cultura” ao uso que dele se faz hoje em dia nas áreas de Alemão como Língua Estrangeira e Alemão para Fins Específicos. A autora chama a atenção para o uso inflacionário e, muitas vezes, impróprio, de conceitos acoplados aos adjetivos “cultural” e “intercultural”, uso esse que, em vez de elucidar com objetividade os fatores de aproximação e distanciamento entre as culturas, ajuda a disseminar o crescimento, a fixação e a difusão de estereótipos e preconceitos.

Apresentação

Na área da sociolingüística, Maristela Pereira FRITZEN, em seu artigo “Ich kann mein Name mit *letra junta* und *letra solta* schreib’: Deutsch-portugiesisches Code-Switching in einer Grundschule im südbrasilianischen Immigrationsgebiet”, estuda o bilingüismo em uma comunidade minoritária alemã do sul do Brasil da perspectiva sócio-funcional. O resultado da análise mostra que o fenômeno do *code-switching*, ao contrário do que se poderia esperar, não pode ser associado a um *deficit* lingüístico, mas deve ser considerado muito mais como estratégia conversacional, que contribui para incrementar a interação cotidiana, revelando-se como recurso produtivo de aprendizado em crianças bilíngües.

Um estudo inovador, que faz a ponte entre a lingüística pragmática e a semiótica, é o artigo de Selma MEIRELES, “Onomatopéias e interjeições em histórias em quadrinhos em língua alemã”. Uma análise do gênero semiótico mangá, com enfoque em interjeições e onomatopéias traduzidas para o alemão e o português brasileiro, mostra que essas expressões da oralidade têm seu *habitat* natural nas histórias em quadrinhos (HQ) e se tornaram indispensáveis para caracterizar a linguagem do gênero, constituindo-se em signos lingüísticos distintos de outros elementos lexicais, e fortemente dependentes dos fatores sócio-culturais presentes em cada idioma.

O artigo “Fórmulas de rotina: uma porta de entrada para padrões interacionais”, de Eva GLENK, e a resenha “*Portugiesische Redewendungen – fraseologia para aprendizes de L.E.*”, de Nara Sanseverino MAHLER, inserem-se no âmbito da fraseologia comparativa e de sua apresentação em dicionários para aprendizes da língua alemã e da língua portuguesa como línguas estrangeiras. O primeiro trabalho defende que fórmulas de rotina apresentadas de maneira onomasiológica podem levar o aprendiz a tomar ciência dos padrões interacionais atrelados a elas, enquanto o dicionário resenhado aposta na variedade de exercícios para aumentar a competência idiomática do usuário. Por seu lado, a resenha “*Sprechen Sie Gegenwart? – Um exemplo de léxico da contemporaneidade*”, de Masa NOMURA, também apresenta aos leitores uma obra lexicográfica – nesse caso, um dicionário de neologismos da língua alemã do século XXI elaborado pro uma equipe de jornalistas da Alemanha.

“Tradução, língua alemã e pós-graduação: três relatos, uma diretriz” constitui-se de três relatos de pesquisas de mestrado em andamento na subárea de Tradução da área de Alemão da Universidade de São Paulo, feitos por Magdalena NOWINSKA, Cristiana OLIVEIRA e Emiliano ROSSI. Relatos de

Apresentação

pesquisas em andamento são pouco comuns como matéria de artigos em revistas, já que esse tipo de gênero textual pressupõe transitoriedade e mudança de rumos no próprio desenrolar da pesquisa. Contudo, os relatos contidos nesse artigo têm em comum o fato de seguirem uma diretriz de pesquisa em tradução - construída a partir da prática de traduzir em direção à reflexão. A direção preconizada tem por objetivo destituir o trabalho de tradução de uma base meramente intuitiva e de revelar as etapas desse complexo processo de tomada de decisões, que ganha unidade na relação consciente e coerente entre teoria e prática.

Agradecemos aos autores pelos seus trabalhos; aos pareceristas por zelarem pela qualidade dessa publicação; e aos revisores de texto pelo trabalho inestimável. Um agradecimento especial para Deusa Maria de Souza Pinheiro Passos e Elisabeth Harkot de La Taille, que fizeram as revisões dos *abstracts* em inglês, e à Márcia Cristina Arruda de Araújo, que elaborou o *site* da revista.

São Paulo, em dezembro de 2007

Eloá Heise, Masa Nomura, Eva Glenk

Geleitwort

Diese erste Nummer von *Pandaemonium Germanicum Online* hat die Struktur vorangegangener Ausgaben beibehalten: sie präsentiert Beiträge zu Literatur, Kultur, Linguistik und Übersetzung sowie Rezensionen. Die akademische Fächerung der Autoren dieser Ausgabe ist groß: Forscher aus dem Ausland, DozentInnen verschiedener anerkannter brasilianischer Universitäten und Vertreter der jungen Generation brasilianischer GermanistInnen. Die Vielfalt der Beiträge spiegelt die Offenheit unserer Zeitschrift für die Pluralität der Meinungen in der wissenschaftlichen Debatte wider.

Im Bereich Literaturwissenschaft wurde für *Pandaemonium* 11 das Jubiläum zweier großer Namen der deutschen Kultur zum Anlass für zwei Dossiers gewählt: Alfred Döblin und Heinrich von Kleist. Im Jahr 2007 gedenken wir des 50. Todestages Döblins, gestorben 1957 in Emmerdingen, und des 230. Geburtstages Kleists, geboren 1777 in Frankfurt a.O.

Kleist, ein unzeitgemäßer Autor, der sich weder der Klassik noch der Romantik eindeutig zuordnen lässt, ist von der Kritik auf unterschiedlichste und oft sogar widersprüchliche Weise interpretiert worden. Sein kurzer Essay *Über das Marionettentheater* z.B., von der frühen Kritik als ästhetisches Programm auf der Linie des romantischen Diskurses betrachtet, erfährt in neueren, insbesondere dekonstruktivistischen Kritiken Interpretationen, die das subversive Potential des Textes hervorheben und in der zentralen Frage dieses Essays die ironisch-spielerische Demontage des Diskurses der zeitgenössischen idealistischen Philosophie wahrnehmen. Eben diesem subversiven Potential wird in den hier vorgestellten Artikeln nachgegangen:

In der Novelle *Die Verlobung in St. Domingo*, die die interkulturellen Beziehungen zwischen Europa und Haiti anspricht, analysiert Ulrich J. BEIL einen der umstrittensten und aktuellsten Texte Heinrich von Kleists, der Perspektiven in der Diskussion ideologischer Themen wie Rassismus, Kolonialismus und Eurozentrismus eröffnet. Diese für einen Autor der Goethe-Zeit ungewöhnliche Sensibilität für Debatten, die erst viel später ins allgemeine Bewusstsein rückten, verleihen diesem kleistschen Text seinen unbestreitbar modernen Charakter. In diesem Sinne stellt diese Arbeit

versehen mit einem umfangreichen und aktuellen Literaturverzeichnis einen wertvollen Beitrag für die Kleist-Forschung dar.

Der Artikel von Rodrigo Campos de Paiva CASTRO über *Michael Kohlhaas*, eine der wichtigsten deutschsprachigen Erzählungen seiner Zeit, die durch ihre Ambiguität verunsichert, zeigt schon in seinem Titel die ungewöhnliche Perspektive, die das Lesen der kleistschen Novelle eröffnet: “Formação de um mundo já posto”. In einer Analyse der sozialen und mythischen Aspekte zeigt der Autor des Artikels die öffentlich-private Dimension des Konflikts zwischen Kohlhaas und der gegebenen Ordnung, um in der Umkehrung der Ordnung auch den im öffentlich-privaten Bereich entstandenen Konflikt zu zeigen, wenn die persönliche Rache der Hauptfigur zum Kampf um persönliche Integrität und so die Niederlage zum Sieg wird.

Zu diesen beiden Arbeiten gesellt sich eine Untersuchung, die auf die Zukunft verweist, auf die Rezeption Kleists in intrakultureller Beziehung. Es handelt sich dabei um den Artikel “Kafka, leitor de Kleist”. Ausgehend von den Überlegungen renommierter brasilianischer Kritiker, Otto Maria Carpeaux und Luiz Costa Lima, untersucht der Autor des Aufsatzes, Eduardo Manoel de BRITO, Hinweise auf Kleist in nicht-literarischen Texten Kafkas, vor allem den Briefen, in denen Kafka seiner Bewunderung für kleistsche Texte, besonders für die *Anekdoten* und *Michael Kohlhaas*, Ausdruck verleiht. Diese Untersuchung beleuchtet nicht nur die bekanntermaßen enge Beziehung Kafkas zum Werk Kleists aus einer weiteren Perspektive, sondern eröffnet implizit auch das Feld zu weiteren vergleichenden Arbeiten (– z.B., den Spuren der Novelle *Michael Kohlhaas* in Kafkas Werk nachzugehen).

Die literarische Nachwirkung des kleistschen Werks leitet über zum zweiten Autor, der in dieser Nummer geehrt wird, nämlich zu Alfred Döblin. Für das Werk dieses Autors, der in der üblicherweise Expressionismus genannten Periode zu schreiben begann, waren in dieser Zeit neben Heinrich von Kleist auch Friedrich Hölderlin und Friedrich Nietzsche literarische und philosophische Vorbilder. Internationalen Ruhm erlangte Döblin jedoch 1929 mit der Veröffentlichung von *Berlin Alexanderplatz*, einem der wichtigsten Beiträge zur modernen Großstadtliteratur, einem Meilenstein in der Geschichte des modernen Romans. Eben dieser Roman wird in der komparatistischen Studie “‘Ventos de não deixar se formar orvalho’: os romances *Berlin Alexanderplatz* e *Grande Sertão: Veredas*” analysiert. In der hermeneutischen Lektüre dieser beiden höchst unterschiedlichen Texte nähert Daniel Reizinger BONOMO den Raum der Großstadt Berlin dem des

grande sertão an und untersucht dabei die sich ähnelnden Haltungen der beiden Hauptfiguren: provisorische Subjekte, die ständig „unterwegs“ zu sich selbst sind. Der transitorische Charakter dieser beiden Figuren wird durch die Sprache, insbesondere durch den raffinierten Gebrauch der Mündlichkeit noch verstärkt. Dieser Befund stützt die These des Essays: der Sinn der von den Protagonisten zurückgelegten Wege liegt in der Parallele zur Beweglichkeit ihrer Subjektivität.

Der zweite Beitrag, der sich aus einer eher ungewöhnlichen Perspektive mit Döblin beschäftigt, geht einem von der Kritik vernachlässigten Aspekt seines Werks nach, nämlich seinen philosophischen Studien, die stets im Schatten des literarischen Werks standen. Die naturphilosophischen Spekulationen Döblins werden von Élcio CORNELSEN anhand des 1927 erschienenen Buchs *Das Ich über der Natur*, untersucht. Die Naturphilosophie Döblins, in umweltbewussten Zeiten ein brennendes Thema, positioniert sich auf der Suche nach dem Sinn der Existenz zwischen Physik und Metaphysik, zwischen Wissenschaft und Spekulation. Diese teils ästhetische, teils religiöse und intuitive Annäherung an die Natur ist erfüllt vom Bewusstsein der Rolle des Menschen als Schöpfer und Zerstörer .

Ohne Bezug zu einem der beiden Jubiläen steht der Aufsatz von José Oscar de Almeida MARQUES, der im Bereich der vergleichenden Literaturwissenschaft den Spuren Jean-Jacques Rousseaus in der Kindergeschichte „Das fremde Kind“ von E. T. A. Hoffmann nachgeht. Diese wenig bekannte Erzählung hat eine klare pädagogische Tendenz und nimmt Ideen aus dem Werk *Émile* (1762) von Rousseau auf. Hoffmanns romantische Konzeption idealisiert als Echo Rousseauscher Vorstellungen eine natürliche Erziehung, die Rückkehr zu einem Leben in der Wildnis bedeutet, sondern eine kindliche Entwicklung propagiert, die frei ist von den aristokratischen Konventionen der Zeit und dem „künstlichen“ Leben im Banne gesellschaftlicher Zwänge.

Die Beiträge zur deutschen Sprache und Linguistik beschäftigen sich mit sehr unterschiedlichen Themen aus den verschiedensten linguistischen Forschungsbereichen.

Im Aufsatz „Fachsprachen und Kulturen: alte und neue Erfahrungen mit dem Begriff in den Geisteswissenschaften und dem Bereich Deutsch als Fremdsprache“ von Maria José Pereira MONTEIRO werden Erfahrungen beschrieben, die den Terminus „Kultur“ und seinen heutigen Gebrauch im

Bereich ‚Deutsch als Fremdsprache‘ und ‚Deutsch als Fachsprache‘ untersuchen. Die Autorin weist auf den inflationären und oftmals unangebrachten Gebrauch von Konzepten mit den Attributen „kulturell“ und „interkulturell“ hin. Dieser Gebrauch trägt nach Ansicht der Autorin zum Wachstum, zur Verfestigung und Verbreitung von Stereotypen und Vorurteilen bei, anstatt die Faktoren zu erhellen, die zu Nähe bzw. Distanz zwischen Kulturen führen.

In einem soziolinguistischen Aufsatz mit dem Titel: “‘Ich kann mein‘ Name‘ mit *letra junta* und *letra solta* schreiben’: Deutsch-portugiesisches Code-Switching in einer Grundschule im südbrasilianischen Immigrationsgebiet” untersucht Maristela Pereira FRITZEN die Zweisprachigkeit in einer deutschen Minderheitsgemeinschaft im Süden Brasiliens aus sozio-funktionaler Perspektive. Die Ergebnisse der Studie legen nahe, das Phänomen des *code-switching*, anders als zu erwarten, nicht auf ein linguistisches Defizit zurückzuführen, sondern als eine Konversationsstrategie zu betrachten, die zur alltäglichen Interaktion beiträgt und als produktive Lernhilfe bei zweisprachigen Kindern angesehen werden kann.

Eine innovative Studie, die zwischen der linguistischen Pragmatik und der Semiotik eine Brücke schlägt, ist der Aufsatz “Onomatopéias e interjeições em histórias em quadrinhos em língua alemã” von Selma MEIRELES. Die semiotische Untersuchung der Textsorte ‘Manga’ vergleicht die mit den ins Deutsche und ins brasilianische Portugiesisch übersetzten Interjektionen und Lautmalereien mit ihrem japanischen Original. Die Autorin zeigt, dass diese aus dem Mündlichen stammenden Ausdrücke unverzichtbar sind für die Charakterisierung der Textsorte Manga. Sie konstituieren sprachliche Zeichen, die sich von anderen lexikalischen Elementen unterscheiden und stark von den in den verschiedenen Sprachen gegenwärtigen sozio-kulturellen Faktoren abhängen.

Der Artikel “Fórmulas de rotina: uma porta de entrada para padrões interacionais” von Eva GLENK und die Rezension “Portugiesische Redewendungen – fraseologia para aprendizes de L.E.” von Nara Sanseverino MAHLER gehören zum Bereich der vergleichenden Phraseologie und deren Darstellung in Wörterbüchern für Lernende von Deutsch bzw. Portugiesisch als Fremdsprache. Die erste Arbeit versucht zu zeigen, dass onomasiologisch dargestellte Routineformeln Lernenden dazu verhelfen können, sich der Interaktionsmuster, die den Routineformeln unterliegen, bewusst zu werden. Das rezensierte Wörterbuch bietet eine Vielfalt von Übungen an, die darauf

Geleitwort

abzielen, die idiomatische Kompetenz der Lernenden zu erhöhen. Auch die Rezension “*Sprechen Sie Gegenwart? – Um exemplo de léxico da contemporaneidade*” von Masa NOMURA, stellt den Lesern ein lexikographisches Werk vor: in diesem Fall ein Nachschlagewerk zu den Neologismen der deutschen Sprache des 21. Jahrhunderts, herausgegeben von einem Team deutscher Journalisten.

“Tradução, língua alemã e pós-graduação: três relatos, uma diretriz” besteht aus drei Forschungsberichten von in der Abteilung für Übersetzungswissenschaft des deutschen Instituts der *Universidade São Paulo* entstehenden Magisterarbeiten. Ihre AutorInnen sind Magdalena NOWINSKA, Cristiana OLIVEIRA und Emiliano ROSSI. Berichte über noch nicht abgeschlossene Forschungsvorhaben sind selten unter den Beiträgen der Zeitschrift anzutreffen, da sie nicht den definitiven Ertrag des Projekts, sondern eher eine vorläufige Beschreibung darstellen. Die in diesem Aufsatz versammelten Berichte folgen jedoch einer gemeinsamen übersetzungswissenschaftlichen Leitlinie: sie verbinden die Übersetzungspraxis mit der Reflexion. Zielsetzung dieses Prinzips ist, die weitgehend intuitiv verlaufende Übersetzungsarbeit zu analysieren und die Etappen des komplexen Prozesses der Entscheidungsfindung freizulegen, und so Theorie und Praxis bewusst und kohärent miteinander zu vereinigen.

Wir danken den AutorInnen, GutachterInnen und KorrekturleserInnen für ihren Einsatz zur Wahrung der Qualität der Zeitschrift. Unser besonderer Dank geht an Deusa Maria de Souza Pinheiro Passos und Elisabeth Harkot de La Taille, die die Abstracts auf Englisch durchgesehen haben, und an Márcia Cristina Arruda de Araújo, die die Webseite der Zeitschrift erstellt hat.

São Paulo, im Dezember 2007

Eloá Heise, Masa Nomura, Eva Glenk

A subversão da História pela Literatura: Considerações sobre *O Noivado em São Domingos* de Heinrich von Kleist*

Ulrich Johannes Beil**

Abstract: Unlike cultural studies and their tendency to read literary texts as epistemological discourses, the target of this study is to develop the potential of difference between fictional and non-fictional texts, in view of Heinrich von Kleist's novella *Die Verlobung in St. Domingo*. In this perspective, not only does Kleist's text use colonialist, racist, historiographic discourses, but also explicitly deals with them from the very beginning. Colonialist dualism and individual encounter, racist stereotypes and narrative contingency, historiographic discourse and unexpected event are connected in a paradoxical manner. Although the discourse effects seem to prevail, the literary text asserts itself in the process of narration by undermining and challenging the power of the discourses.

Keywords: Heinrich von Kleist; Haiti; Colonialism; Racism; Historiography.

Zusammenfassung: Im Unterschied zu kulturwissenschaftlichem Vorgehen, das dazu tendiert, literarische Texte genauso zu lesen und zu benutzen wie epistemologische Diskurse, zielt der vorliegende Artikel darauf ab, in Kleists Novelle *Die Verlobung in St. Domingo* eben jenes Potential aufzuspüren, mit dem sich der fiktionale vom nicht-fiktionalen Text unterscheidet. So gesehen, verwendet der Text Kleists die kolonialistischen, rassistischen, historiographischen Diskurse der Zeit um 1800 nicht nur, sondern setzt sich von Anfang an dezidiert mit ihnen auseinander. Kolonialistischer Dualismus und individuelle Begegnung, rassistische Stereotypen und narrative Kontingenz, historiographischer Diskurs und unerwartetes Ereignis gehen eine paradoxe Verbindung ein. Zwar scheinen die Diskurseffekte über weite Strecken zu dominieren; im Prozess der Narration aber behauptet sich letztlich der literarische Text, indem er die Macht der Diskurse immer von neuem unterminiert und in Frage stellt.

Stichwörter: Heinrich von Kleist; Haiti; Kolonialismus; Rassismus; Historiographie.

Palavras-chave: Heinrich von Kleist; Haiti; Colonialismo; Racismo; Historiografia.

* O autor é pesquisador na Universidade de Zurique e docente na Universidade de Munique. Entre 2000 e 2004 trabalhou como Professor Visitante junto à Área de Alemão, na FFLCH/USP.

** Uma primeira versão desse texto foi apresentada na *Semana de Literatura Alemã* em setembro 2004 na FFLCH/USP. Agradeço a Fátima Vasco pela excelente tradução dos parágrafos centrais para o português do Brasil.

Será que a Literatura tem poder para se 'infiltrar' no processo histórico, do qual ela própria também faz parte? Será que a ficção consegue protestar contra 'fatos', para reivindicar seus direitos em relação a eles? Trocando em miúdos: não se trata da História em si – seja lá qual for a definição que se tenha dela – mas de um discurso, o discurso historiográfico que, enquanto linguagem especial, pode juntar-se a ou concorrer com aquela outra linguagem a que chamamos de Literatura. Todo leitor de Heinrich von Kleist sabe que em seus dramas, e especialmente também em suas novelas, ele trabalha com discursos historiográficos. Sabemos do valor que Kleist deu à indicação de datas e localidades, à fidedignidade histórica em suas narrativas, por exemplo, quando o título *Michael Kohlhaas* ganha o subtítulo “De uma crônica antiga” (*Aus einer alten Chronik*), ou quando ele afirma contar *A Marquesa d'O...* (*Die Marquise von O...*) “A partir de um acontecimento real” (“*Nach einer wahren Begebenheit*”). Esse interesse em uma base histórica combina também com a inclinação de Kleist em construir anedotas ou de desenvolver narrativas a partir de anedotas. Na anedota, que o historiador Joel Fineman descreveu como “*the literary form that uniquely lets history happen*”¹, entram em contato o discurso historiográfico e o ‘paradiscurso’ da Literatura, a grande e a pequena história, *petite histoire* e *grand récit*.

2

Seria a subversão do discurso historiográfico pela Literatura? À primeira vista, o oposto parece ser verdadeiro: é como se Kleist estivesse interessado em inserir sua prosa num contexto histórico, em legitimar seu trabalho ficcional dando-lhe uma base factual. Num primeiro momento, tem-se a impressão de uma *mimese* do estilo historiográfico: a linguagem é detalhada, de certa forma, hiper-exposta (super-iluminada), repleta de orações subordinadas e apostos, às vezes até burocraticamente rebuscada, e lembra a linguagem de Kafka.² No tocante à subversão, entretanto, a minha tese é a de que a linguagem onipresente dos discursos esclarecidos – principalmente os da historiografia, mas também, em parte, da filosofia, da teologia, do direito ou das ciências naturais – é operacionalizada em Kleist até o ponto em que seus mecanismos e modelos de esclarecimento não funcionam mais. O potencial subversivo da prosa de Kleist é percebido, entre outros fatores, por

¹ “*The anecdote is the literary form that uniquely lets history happen by virtue of the way introduces an opening into the teleological, and therefore timeless, narration of beginning, middle, and end.*” (FINEMAN 1989: 49sq.).

² Sobre o estilo de Kleist cf. CASTRO 2006: 38-54; cf. também ROSENFELD 1993: 84: O estilo de Kleist é “complexo, enovelado, cheio de orações subordinadas, criando tensões e dando ao ritmo da frase estilizada um caráter ofegante e furioso”. Cf. NEUMANN 2003: 190: “*Unter dem Aspekt narrativer Strategien gesehen, simuliert Kleists dominikanische Novelle [...] den Prozess der Historiographie selbst – und zwar als Zusammenspiel zwischen kontingenten Ereignissen und prägnanten Orientierungsmustern, die, wie die historischen 'Anekdoten', zum Verständnis, zur Modellierung, zur Präformierung von Wahrnehmung aufgerufen werden, ja zur Stiftung von Weltverständnis führen können.*”

meio da incongruência entre uma tese geral e um exemplo característico, conforme apresenta Paul de Man em seu ensaio sobre *Sobre o Teatro de Marionetes (Über das Marionettentheater)* (DE MAN 1979; BEIL 2006). Pode-se dizer que há sempre uma série incalculável de exemplos que vão contra a teoria e acabam por anular a sua suposta plausibilidade: uma experiência que todo professor entende facilmente. A minha suposição é que essa incongruência também pode ser observada nas narrativas, ou seja, que o narrador, em seu esforço de esclarecer a sua posição discursiva, por meio de seus *exemplos* se coloque em uma situação que justamente acabe por evidenciar os limites, as contradições e os abismos dessa posição. Desse modo, os pólos da ordem binária do discurso – bom-mau, verdadeiro-falso, preto-branco – cruzam-se concretamente de tal forma, que não mais será possível diferenciá-los (situação de indiferença). Analogamente, perspectivas que desfrutam de um local fixo e definido dentro do discurso poderiam entrar em conflito, de modo que nenhuma posição ‘verdadeira’ pareça ser possível. É exatamente aí que começa a ‘literatura’ – e aí cabe descobrir o que caracteriza a ‘literatura’ em relação ao ‘discurso’. De qualquer forma, não se trata de algo que estaria próximo do contexto do Romantismo Alemão: de um além-mundo poético, seja ele qual for, em relação a este mundo objetivamente calculável. A observação de Goethe de que “em seu apogeu, a poesia aparece completamente objetiva” („auf ihrem höchsten Gipfel scheint die Poesie ganz äußerlich“) (GOETHE 1907: Nr. 510; REUSS 2003: 81) talvez não possa ser aplicada a nenhum outro autor alemão tão bem quanto a Heinrich von Kleist.

3

A fim de esclarecer o que acabo de dizer, apresento agora um exemplo, na esperança de que a minha hipótese não crie dificuldades. Trata-se da novela *O Noivado em São Domingos (Die Verlobung in St. Domingo)*. Este texto – publicado poucos meses antes do suicídio de Kleist no ano de 1811 (no segundo volume das *Erzählungen*), e sendo, assim, uma espécie de testamento literário – é uma das obras mais discutidas desse autor, e justamente nos últimos dez, quinze anos surgiram estudos bastante significativos, que não podem ser ignorados. Nesses textos, retomam-se, sob novas perspectivas, as questões: se o *narrador* – entendido aqui como o próprio autor Kleist – assume ou não uma posição colonialista-racista, e se a *narrativa*, ao ser lida contra a posição do *narrador*, possa livrar o *autor* Kleist dessas acusações (sobre a posição precária do narrador cf. HORN 1978 e FISCHER 1988)³. Se, por um

³ Na minha argumentação, não se trata de desculpar o *autor* Heinrich von Kleist. A caracterização do “seu” racismo mereceria um outro ensaio. Cf. SCHMIDT 2003: 247: “In die Berliner Abendblätter nahm Kleist einen Bericht Über den Zustand der Schwarzen in Amerika auf [...], der aus der Feder des ultrakonservativen Autors Louis de Sevelinges im Mercure de France im Dezember 1810 erschienen war und die Sklavenhaltung in English Guayana

lado, durante os anos 70 e no início da década de 80, Kleist era visto como um irônico hábil, que apenas citava o racismo de seus contemporâneos, expunha-o conscientemente, mas rompia com ele artisticamente (HERRMANN 1998: 114), desde a década de 90, em sintonia com a discussão acerca do pós-colonialismo, vê-se um viés de racismo nessa novela. O que se pode observar nessas análises é uma tendência de se relacionar o texto como um todo a uma posição discursiva do narrador, ainda que aqui e ali se reconheçam pequenos desvios nessa linha. Assim, ou o narrador é reduzido a essa tendência ou abandonam-se oposições e paradoxos que remetem a uma crise geral do discurso colonialista. E, nesse sentido, aparece em um artigo de Hansjörg Bay: “o narrador de Kleist não escapa do fato de que a ordem das coisas por ele próprio idolatrada não está mais intacta” (BAY 1998: 105).

Deixando de lado essa tendência, procura-se, a seguir, mostrar as qualidades especificamente literárias da prosa de Kleist – aquilo que nos desperta “o prazer do texto” no sentido de Roland Barthes. Por um lado, essas qualidades surgem sob a égide do discurso, como um tipo de discurso mimético (*Diskurs-Mimikry*); por outro, porém, ao serem eficazes, elas também questionam os esquemas desse discurso. Os esforços filológicos em relação aos textos literários têm o fardo tácito de trazê-los de volta para a linguagem coerente de um discurso por meio da hermenêutica, do estruturalismo ou da teoria sistêmica, em vez de neles ressaltar o que se opõe à integração ao *Logos* – como era o caso em relação ao *Mito*. Sendo assim, é necessário devolver ao texto a sua *differentia specifica*, a sua **presença** literária, ou seja, o que o difere de textos que se entendam como re-presentação de uma teoria.

Não é preciso nenhum grande esforço hermenêutico para ver que o discurso historiográfico no trecho inicial do *Noivado em São Domingos* está presente em cada uma de suas linhas. Leiamos a primeira frase: “Em Port au Prince, do lado francês da Ilha de São Domingo, no início deste século, quando os negros matavam os brancos, vivia um terrível velho preto, cujo nome era Congo Hoango”.⁴ Somos imediatamente remetidos à época das lutas pela libertação dos escravos afro-americanos no lado francês do Haiti,

schönfärberisch darstellt.” Cf. CASTRO 2006: 114: “Este texto, por sua vez, reproduz trechos do livro *A Voyage to Demeray, containing a statistical account of the settlements there, and of those of the Essequibo, the Berboice and other contiguous rivers of Guayana*, de Henry Bolingbroke, publicado no mesmo ano. O texto defende que os negros escravos, não obstante o fato de terem sido transformados em mercadorias, receberiam um tratamento humanitário [...]” Cf. também ANGRESS 1977; GILMAN 1975; FICK 2004.

⁴ KLEIST 1990: 699: „Zu Port au Prince, auf dem französischen Anteil der Insel St. Domingo, lebte, zu Anfange dieses Jahrhunderts, als die Schwarzen die Weißen ermordeten, ein fürchterlicher alter Neger, namens Congo Hoango“. Os citações de Kleist são traduzidos por Fátima Vascon. Para a leitura do texto inteiro em Português recomendo a tradução da Claudia Cavalcanti (KLEIST 1992).

que aconteceram entre 1791 e 1803, em um período que marca uma profunda quebra na história colonial: “Trata-se do fim daquela que na época foi a mais rica das colônias no novo mundo e da primeira luta de libertação bem sucedida de um grupo populacional não branco contra os senhores coloniais europeus”.⁵ Ao mesmo tempo, o narrador não deixa dúvidas em relação à posição por ele representada no discurso – ou seja, uma posição afirmativa em conformidade com seu tempo. A relação infrator-vítima está claramente elaborada e ainda é ilustrada com exatidão, à medida que o “preto” Hoango é caracterizado como rebelde, ingrato e cruel, que “no meio do delírio geral da vingança, que se propagava nestas plantações por causa dos passos imprudentes do convento nacional, foi um dos primeiros a [...] meter na cabeça do seu senhor uma bala”,⁶ matou sua família, acabou com a plantação e “em sua desumana sede de vingança” obrigou a amante Babekan e sua filha bastarda Toni a recolher, como disfarce, brancos fugitivos em sua casa, para, por fim, matá-los (KLEIST 1990: 699 s.).

Após essa introdução, se o propósito fosse resumir a trama do conto em si, de acordo com a perspectiva colonial-racista do narrador – e isso é o que faz a maioria das interpretações do *Noivado* – então, o resumo ficaria mais ou menos assim: Certa noite, um oficial suíço fugitivo, Gustav von der Ried, cuja família por medo dos rebeldes negros se mantém escondida na selva, foi à casa de Congo Hoango em busca de ajuda e abrigo. Lá, ele encontra Babekan e Toni, que, por meio de acalentadores argumentos como também pela cor de suas peles mulata e mestiça respectivamente, tentam convencê-lo de que elas próprias estariam sob a ameaça do agora ausente Hoango, devido à simpatia deste pelos brancos. Durante essa longa conversa, Gustav vai adquirindo mais e mais confiança nas duas, e, entre outras coisas, fica sabendo que Toni, de quinze anos, é filha de um comerciante de Marselha. Em seguida, as mulheres o alojam em um quarto, e nele, enquanto Toni se prepara para lavar os pés de Gustav, os dois se aproximam. Gustav gosta da menina e, depois que ele lhe conta da semelhança dela com sua ex-namorada Mariane Congreve, os dois afirmam seu amor e dormem juntos. Na manhã seguinte, Babekan apresenta um plano a sua filha, de como poderiam entregar toda a família do suíço, e ele próprio já confinado, à violência de Congo Hoango. Toni se opõe ao plano em um primeiro momento, enfatiza a inocência de

⁵BAY 1989: 80: „Es handelt sich um das Ende der damals reichsten Kolonie in der neuen Welt und um den ersten erfolgreichen Befreiungskampf einer nicht-weißen Bevölkerungsgruppe gegen die europäischen Kolonialherren“. Sobre o contexto histórico cf. entre outros: BUCH 1976; BLACKBURN 1988; JAMES 1989; ZANTOP 1994; GRIBNITZ 2002.

⁶KLEIST 1990: 699: „Congo Hoango war [...] bei dem allgemeinen Taumel der Rache, der auf die unbesonnenen Schritte des Nationalkonvents in diesen Pflanzungen aufloderte, einer der Ersten, der die Büchse ergriff, und, eingedenk der Tyrannei, die ihn seinem Vaterlande entrissen hatte, seinem Herrn die Kugel durch den Kopf jagte.“

Gustav, acaba, porém, cedendo pro forma para não se indispor com a mãe e não prejudicar o seu amado. Aí se inicia o que já foi chamado de “carreira racista” (“*Rassenkarriere*”) de Toni (BAY 1998: 93). Gustav tinha contado a Toni duas anedotas: uma sobre uma negra traidora, que prende seu ex-amor na cama para infectá-lo com febre amarela, e outra sobre a branca quase santa Mariane, que morreu por seu amado. A partir da cena com a mãe, Toni transforma-se, passo a passo, como em um tipo de romance de formação condensado, indo de um modelo de feminilidade para outro (BAY 1998: 94; WEIGEL 1991), ou seja, transforma-se de ajudante traidora de Congo Hoango a uma “bela alma” (“*schöne Seele*”), tal como aparece no fim. Nessa noite de amor, depois de ganhar de Gustav a cruz de ouro de Mariane de presente de noivado (KLEIST 1990: 710), passa a assumir, sucessivamente, valores ocidentais, cristãos, e ajoelha-se, na noite seguinte, frente à “imagem da Virgem Maria” (KLEIST 1990: 716), antes de dirigir-se ao amado adormecido no andar de cima. E agora vem a cena mais precária, mais trágica da novela: exatamente nesse momento, Congo Hoango volta antes do esperado, e Toni, para driblar a desconfiança de sua mãe, amarra Gustav em sua cama (KLEIST 1990: 718). Age assim para salvar a vida dele, ganhar tempo, buscar a família suíça escondida na selva e, com os brancos, dominar Congo Hoango e seus homens. O plano funciona: Toni consegue colocar a família a salvo na casa-grande e também dominar Congo Hoango e Babekan. Gustav, porém, acha que foi traído por ela. No momento em que tudo parece acabar bem, ele a mata com sua arma e, quando a família lhe explica o engano que cometeu, desesperado, ele se suicida (KLEIST 1990: 723-725).

As interpretações da história de Kleist como um texto quase discursivo chegam a conclusões como esta: “explicitamente, é possível que algo de negativo tenha sido dito sobre os brancos [...], implicitamente, porém, na construção dos sistemas de imagens e valores, a narrativa se dá de uma perspectiva branca, colonialista [...]” (GREINER 2000: 431; cf. também SCHMIDT 2003: 244-256). De fato, há, no texto, indícios suficientes para manter-se esse programa de discurso, por exemplo, quando, apesar de seu encantamento pela beleza de Toni, Gustav nota a cor de sua pele como “repulsiva” („*anstößig*“) (KLEIST 1990: 708). Porém, nesse tipo de interpretação e em interpretações semelhantes, somente a mimese do discurso (*Diskurs-Mimikry*) é fortalecida e levada a sério; não se olha para o fato de que o texto desenvolva o seu real peso literário e fascinação exatamente no contrafluxo do modelo discursivo. Isto é, não se trata somente de levantar as contradições e os disparates no sentido de uma desconstrução do **discurso** colonialista, mas

de salientar as práticas **literárias** positivas, que, aparentemente, ao seguir o discurso como exemplo de tese da história, suspendem a validade de seu esquema.⁷ Trata-se de um momento lingüístico, ou, pelo menos, não apenas lingüístico, de um momento definido por seu conteúdo.

Hoje há excelentes análises da estrutura da narrativa, dos motivos e da intertextualidade desse conto, como, por exemplo, as de Gerhard Neumann, Sigrid Weigel, Hans Peter Herrmann, Hansjörg Bay, Elke Heckner, Barbara Gribnitz e Herbert Uerlings, apenas para citar alguns deles (NEUMANN 2003; GRIBNITZ 2002; NEUMANN 2001; HECKNER 2001; HERRMANN 1998; BAY 1998; WEIGEL 1991; UERLINGS 1991). Logo no início, foi-nos esclarecido o papel fundamental da percepção, em que a linguagem discursiva se separa da linguagem narrativa. Trata-se exatamente de uma data histórica, 1803, quando o general negro Dessalines, com 30.000 militares, avança contra Port au Prince, e aí já começa a história em si: “**E assim** aconteceu que [...] na escuridão de uma noite tempestuosa e turbulenta, alguém bateu à porta do fundo da casa [do preto Congo Hoango]”.⁸ A cena de iniciação (KLEIST 1990: 700), na qual o estrangeiro, Gustav, estende sua mão “para pegar a mão de Babekan” (“*um die Hand Babekans zu ergreifen*”) e certificar-se da identidade dela - pró ou contra o branco -, permite a leitura de um teatro da percepção ou de um “teatro do reconhecimento” (“*Erkundungstheater*”: NEUMANN 2001: 101; cf. SCHERPE 1998; cf. HAVERKAMP 1995), que se caracteriza pelo acaso e pela surpresa. Logo no início já fica claro, que a história em si está longe de ser um porto seguro, que o modelo discursivo do reconhecimento de amigo e de inimigo em uma “noite” escura depende de sinais físicos e emocionais, que são difíceis de interpretar. A encenação de cor e luz assumiu um papel especialmente importante em quase todas as análises. Observou-se repetidas vezes, que “na história de Kleist a pele ‘branca’ e especialmente a cor do rosto, concentra-se no campo semântico de luz/sol/dia/Europa, e a negra concentra-se no campo semântico de escuridão/sombra/noite/África [...]”.⁹ Na maior parte das vezes, essas verificações foram apresentadas como concretização narrativa do esquema colonialista preto-branco. É verdade que a “mestiça” (“*Mestize*”) Toni¹⁰, mescla em diversos momentos essa estrutura

7

⁷ Cf. também HERRMANN 1998: 128: “Kleist installiert die Diskurse, indem er sie bricht.”

⁸ KLEIST 1990: 700: „*Dennach* traf es sich, daß [...] in der Finsternis einer stürmischen und regnigten Nacht, jemand an die hintere Tür seines [des Negers Congo Hoangos] Hauses klopfte“. O “*dennach*” marca a virada entre a linguagem da Historiografia e a linguagem da narração.

⁹ BAY 1998: 91: [...dass] „in Kleists Erzählung die ‚weiße‘ Haut- und insbesondere Gesichtsfarbe im Wortfeld Licht/Sonne/Tag/Europa, die ‚schwarze‘ im Wortfeld Finsternis/Schatten/Nacht/Afrika [...] angesiedelt wird.“ Cf. HAVERKAMP 1995.

¹⁰ Cf. GRIBNITZ 2002: 81: “Tonis Kennzeichnung als Mestize und durch den Vornamen produziert auch geschlechtliche Uneindeutigkeit. Zum einen zeigt die Bezeichnung ‘Mestize’ die grammatisch männliche Endung [...]. Zum anderen trägt Toni

dual, mas, no geral, as análises contentam-se com o fato de que a “entrada de uma pessoa de cor no mundo dos brancos” seja aqui apresentada como “ascensão” e que Toni, dessa forma, seja totalmente “apanhada pelo dualismo da construção de raças” (HERRMANN 1998: 131; BAY 1998: 100).

Se estivermos prontos para levar os elementos narrativos mais a sério do que a estrutura discursiva, será necessário ver Toni como a incorporação do distúrbio desse código binário, como aquele *tertium*, que sempre volta a abalar a estabilidade do discurso colonialista. No processo da narrativa sobrepõem-se momentos que expressam a posição intermediária entre o mundo dos negros e o mundo dos brancos. Sigrid Weigel deixa claro: “nem negra nem branca, a pele amarelada [de Toni] é sinal de uma ambivalência, ou melhor, de um desconhecimento em relação à identidade da menina. O ‘amarelo’ da pele de Toni une-se, de um lado, ao Sol da Europa, e de outro, à febre amarela dos negros doentes; tenciona as possibilidades de interpretar a cor de sua pele entre o conceito de mulher branca e pura e a imagem do corpo negro e contagioso.”¹¹ As ambivalências ficam ainda mais claras, quando se observa a linguagem da mulata Babekan e da mestiça Toni. A comparação étnica de Babekan com um “corpo”, cujos membros, por não serem idênticos, se “enfurecem” (“*wüten*”) uns com os outros,¹² conforme Elke Heckner mostrou, permite uma interpretação a partir do conceito de mimese colonial (*Mimikry*) de Homi Bhabha, como adaptação de metáforas colonialistas com intenção parodística (HECKNER 2001: 233-236; cf. BHABHA 1994). Aqui também entram os paradoxos do diálogo da cena do noivado, para a qual H. Uerlings recentemente chamou a atenção (UERLINGS 1997: 34). Mas concentremo-nos agora em Toni.

8

Conforme a história se desenvolve, praticamente a cada página, encontram-se elementos que confundem e trazem insegurança à posição fixa de discurso – apesar de seu dualismo permanecer, o tempo todo, como pano de fundo. Essa situação fica clara nos dois últimos exemplos: a cena da lavagem dos pés e a cena das amarras. Normalmente, na literatura, a cena da

einen geschlechtlich doppelt markierten Namen, der als Abkürzung sowohl für Antonia/ Antonie als auch für Anton/ Antonio gilt.”

¹¹ WEIGEL 1991: 216: „Weder schwarz noch weiß, ist die [Tonis] gelbliche Hautfarbe Zeichen einer Ambivalenz bzw. eines Nicht-Wissens über die Identität des Mädchens. Das ‚Gelb‘ von Tonis Haut verbindet sich dabei einerseits mit der ‚Sonne Europas‘ und andererseits mit dem Gelbfieber der kranken Schwarzen; es spannt die Möglichkeiten, ihre Hautfarbe zu deuten, zwischen dem Konzept der reinen, weißen Frau und der Vorstellung vom ansteckenden, schwarzen Körper auf.“ Cf. HERRMANN 1998: 127: “So endet Tonis vermeintliche Selbstverwirklichung [...] im Niemandsland zwischen den Rassen.” Cf. GRIBNITZ 2002: 95: “So changieren Tonis Positionierungen im Koordinatensystem mit den Fixpunkten schwarz-weiß und weiblich-männlich, ohne einen festen und eindeutigen Platz zu erreichen, nicht einmal im Tod.”

¹² KLEIST 1990: 703: “Ja, diese rasende Erbitterung, heuchelte die Alte. Ist es nicht, als ob die Hände eines Körpers, oder die Zähne eines Mundes gegeneinander wüten wollten, weil das eine Glied nicht geschaffen ist, wie das andere?”

lavagem dos pés é analisada – quando é levada em consideração – como um tipo de iniciação de Toni ao modelo de comportamento ocidental cristão; a cena das amarras, no geral, é vista como um momento de grande e trágico mal-entendido – erro de interpretação da ação por parte de Gustav. Num exame mais acurado, observa-se que, se, por um lado, em ambas as cenas funciona o mecanismo discursivo comum, por outro, esse mecanismo se enfraquece profundamente, causando a anulação de seu efeito. Com os motos comuns de polissemia e indecisão ainda não se chega ao cerne da questão. Trata-se de perceber que, à primeira vista, o significado mais evidente (negro) cruza-se com seu oposto (branco) e, dessa forma, desenvolve-se um *tertium* vago, suspenso, uma não-localidade, que não é marcada por ninguém, tal como a mestiça Toni. Assim, a lavagem dos pés pode ser interpretada, em uma primeira leitura, como parte daquele programa assassino em relação aos brancos, planejado na casa de Congo Hoango, um serviço quase erótico, uma medida para angariar confiança. Uma segunda leitura teria como referência o evidente contexto bíblico, a lavagem dos pés de Cristo pela pecadora arrependida Maria Madalena, registrado por Lucas 7,4 (cf. também NEUMANN 2003: 186-187). Uma mesma passagem pode tanto ser lida como parte do programa “negro”, como parte do programa “branco”; porém, levando-se em consideração o fato de que a lavagem em si nem ocorreu (só os “preparativos”, nur “*die Vorkehrungen*”: KLEIST 1990: 708), para além das relações discursivas, essa cena torna-se pano de fundo do jogo do amor, que a partir de então se inicia. O ato de amor é marcado no texto pela ausência de uma letra e a inclusão de um sinal fálico de apóstrofe,¹³ é o ápice, não apenas de um desejo proibido, mas também de uma mistura escandalosa entre os pólos “preto” e “branco” do discurso colonial.

9

Um *tertium* erótico comparável desenvolve-se em uma leitura mais precisa da cena das amarras. Embora ela se apresente como trágico momento de transição de todo o conto, tal cena ficou estranhamente esquecida na literatura. No entanto, ela corresponde à cena da lavagem dos pés sob vários aspectos: tanto aqui como lá, a pura facticidade das atitudes de Toni remetem a um significado “negro”, que preenche as expectativas de Congo Hoango em relação à solidariedade da menina. (Em tempo: Para Gustav a cena das amarras guarda até o final, o trágico desfecho, esse significado negro, razão pela qual ele se torna uma espécie de quadro enigmático do narrador, como alguém que, após um curto episódio erótico, identifica a ‘meio-negra’

¹³ Isso se pode observar só no texto alemão, especialmente na *Brandenburger Kleist-Ausgabe*: KLEIST 1988: 43: “*Was weiter erfolgte, brauchen wir nicht zu melden, weil es jeder, der an diese Stelle kommt, von selber lies't*”. Cf. também REUB 2003: 74-75.

totalmente com o pólo ‘negro’ do programa colonialista; ele não consegue acreditar no exercício de equilíbrio híbrido dessa moça.) Como essa cena é introduzida por uma reflexão narrativa a favor de Toni (“se ele a tivesse encontrado em sua cama nesse momento, Gustav não a teria julgado traidora, e [...] ido parar sem pensar nos braços do negro Hoango?”),¹⁴ o leitor está seguro das boas e ‘brancas’ intenções da moça; entende perfeitamente que ela seja tomada por um “medo impronunciável” e opte pela arriscada ‘solução’ das amarras. Quando Congo Hoango volta de repente e vê a moça sair sorrateiramente do quarto de Gustav, ele a chama de “desleal” e de “traidora” (“*Er rief: 'die Treulose! Die Bundbrüchige!'*”: KLEIST 1990: 718). Acuada, ela defende-se com palavras indignadas: “o estrangeiro está aí deitado, amarrado por mim em sua cama; e, por Deus, essa não foi a pior coisa que eu já fiz na minha vida!”¹⁵ Nesta frase, observa-se não apenas uma ligação intertextual com *Os Bandoleiros (Die Räuber)* de Schiller (no qual Schweizer, depois de ter matado Spiegelberg, formula uma frase parecida), como também, a partir da perspectiva do leitor, a ambivalência existente no próprio conceito de amarra: a frase pode relacionar-se tanto ao princípio de vingança de Congo Hoango como ao sentimento de justiça recentemente despertado em Toni a favor dos perseguidos brancos (LUBKOLL 2001: 132). Nesse sentido, merece atenção especial a apresentação estilística da ação. Por meio da descrição do ato de amarrar, os leitores também se envolvem nessa ação, por reconhecer – ambigüidade muito freqüente em Kleist – que a corda jogada nas mãos de Toni é uma forma de subjugar e, ao mesmo tempo, de ligar os amantes de forma indissolúvel; lê-se no texto: “ela abraçou o jovem” („*Sie umschlang den Jüngling*“), ... “enlaçando com vários nós a mãos e pés [...]” („*vielfache Knoten schürzend, an Händen und Füßen damit [...]*“: KLEIST 1990: 718). Reconhecemos aí que a corda faz um nó ao emaranhar a opção negra com a branca, uma à outra, de forma que exatamente os termos “abraço” e “enlaçamento” („*Umschlingen*“ und „*Schürzen*““) criem uma **presença**, um *tertium* estético-erótico, que vai muito além da área de validação do discurso colonialista. É como se essa corda, esse tecido, que tanto pode salvar como estrangular, fosse também, acima de tudo, um símbolo do próprio texto, que nas entrelinhas diz algo a mais do que aquilo que ele pretende dizer, e nos deixa seus nós para serem elaborados, sem que tenhamos, como Alexandre o Grande em Górdio, uma espada apropriada à disposição.

¹⁴ KLEIST 1990: 718: [Würde Gustav nicht,] „*wenn er sie in dieser Stunde bei seinem Bette fände, für eine Verräterin halten, und [...] dem Neger Hoango völlig besinnungslos in die Arme laufen*“?

¹⁵ KLEIST 1990: 718: „*[...]da liegt der Fremde, von mir in seinem Bette festgebunden; und, beim Himmel, es ist nicht die schlechteste Tat, die ich in meinem Leben getan!*“

Da mesma forma como nos deixamos seduzir por Toni como uma figura híbrida, entre preto e branco, medo e sedução, infância e idade adulta, vida e morte, uma mulher jovem e forte, mestiça em vários aspectos, *O Noivado em São Domingo (Die Verlobung in St. Domingo)* nos fascina como feito literário exatamente nos momentos em que as fronteiras do discurso colonialista ficam difusas e deixam de funcionar univocamente. Ao depurar o tema literariamente, Kleist desenvolve uma dinâmica da periferia, da migração e do exílio, que tanto cita o modelo de pensamento eurocêntrico como também o ameaça.

“O prazer do texto” brota quando a dinâmica da migração se reflete em forma de linguagem – quando nos confrontamos com uma retórica da percepção do outro, do afeto, do aleatório e da hibridização, cuja tendência centrifugante se observa até nos detalhes metonímicos. Nesse sentido, a periferia latino-americana não parece ser uma escolha casual ou exótica. Mais do que isso, ela exhibe uma situação extrema e adequada para que o autor possa realizar o seu experimento. E apesar disso: não há além-mundo do discurso. Kleist desenvolve a retórica dessa literatura migratória sob a égide do discurso conservador de seu narrador: um discurso, cuja estrutura, apesar de todas as ‘minas’ literárias, é mantido com esforço até o fim – talvez porque, encantados por um racionalismo eurocêntrico, ocidental, jamais conseguimos nos libertar de fato de seu sutil totalitarismo. Porém, a criação de uma literatura periférica, migratória, híbrida por um autor da era de Goethe é o que nos fascina nesse texto enquanto texto **literário** ou, para usar as palavras de Toni, nos “prende/amarra” („fesselt“). Precisamos evitar, claro, se é que isso seja possível, ‘traduzir’ essa literatura precipitadamente para um novo discurso, ainda que seja um bem atual – como o caso do racismo -, e roubar-lhe, dessa forma, a sua força subversiva.

11

Referências bibliográficas

- ANGRESS, Ruth K. “Kleist's Treatment of Imperialism: *Die Hermannschlacht* and *Die Verlobung in St. Domingo*. In: *Monatshefte* 69/ 1977, 17-33.
- BAY, Hansjörg. “Als die Schwarzen die Weißen ermordeten! Nachbeben einer Erschütterung des europäischen Diskurses in Kleists 'Verlobung in St. Domingo'”. In: *Kleist-Jahrbuch* 1998, 80-109.

- BEIL, Ulrich Johannes. “‘Kenosis’ der idealistischen Ästhetik. Kleists 'Über das Marionettentheater' als Schiller-réécriture”. In: *Kleist-Jahrbuch* 2006, 75-99.
- BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. New York/London, Routledge, 1994.
- BLACKBURN, Robin. *The Overthrow of Colonial Slavery 1776-1848*. London/New York, 1988.
- BUCH, Hans Christoph. *Die Scheidung von San Domingo. Wie die Negerklaven von Haiti Robespierre beim Wort nahmen*. Berlin, 1976.
- CAMPOS DE PAIVA CASTRO, Rodrigo. *Michael Kohlhaas – a vitória da derrota. Uma interpretação da novela “Michael Kohlhaas”, de Heinrich von Kleist*. São Paulo [Dissertação de Mestrado em Literatura Alemã], 2006.
- DE MAN, Paul. *Allegories of Reading*. Yale 1979.
- FICK, Carolyn. *Para uma (re)definição de liberdade: a Revolução no Haiti e os paradigmas da Liberdade e Igualdade*. In: *Estudos Afro-Asiáticos* 2/ 2004, 355-380.
- FINEMAN, Joel. “The History of the Anecdote: Fiction and Fiction”. In: H. Aram Veese (org.): *The New Historicism*. New York/London, Routledge, 1989, 49-76. 12
- FISCHER, Bernd. “Zur politischen Dimension der Ethik in Heinrich von Kleists *Die Verlobung in St. Domingo*”. In: Dirk Grathoff (org.): *Heinrich von Kleist. Studien zu Werk und Wirkung*. Opladen, 1988, 248-262.
- GILMAN, Sander L. “The Aesthetics of Blackness in Heinrich von Kleist's 'Die Verlobung in St. Domingo’”. In: *Modern Language Notes* 90/ 1975, 661-672.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Maximen und Reflexionen* (org. Hecker). Weimar, 1907.
- GREINER, Bernhard. *Kleists Dramen und Erzählungen. Experimente zum 'Fall' der Kunst*. Tübingen/Basel, UTB 2000.
- GRIBNITZ, Barbara. *Schwarzes Mädchen, weißer Fremder. Studien zur Konstruktion von 'Rasse' und Geschlecht in Heinrich von Kleists Erzählung Die Verlobung in St. Domingo*. Würzburg, Königshausen & Neumann, 2002.
- HAVERKAMP, Anselm. “Schwarz/Weiß. *Othello* und 'Die Verlobung in St. Domingo’”. In: *Weimarer Beiträge* 41/ 1995, H.3, 397-409.

- HECKNER, Elke. “Zur Ambivalenz kolonialer Mimikry in Kleists 'Verlobung in St. Domingo'”. In: *Kleist-Jahrbuch* 2001, 226-245.
- HERRMANN, Hans Peter. “Die Verlobung in St. Domingo.” In: Walter Hinderer (org.): *Kleists Erzählungen*. Stuttgart, Reclam, 1998, 111-141.
- HORN, Peter. “Hatte Kleist Rassenvorurteile? Eine kritische Auseinandersetzung mit der Literatur zur *Verlobung in St. Domingo*”. In: Peter Horn: *Heinrich von Kleists Erzählungen. Eine Einführung*. Königstein/Ts. 1978, 134-144.
- JAMES, C. L. R. *The Black Jacobins. Toussaint l'Ouverture and the San Domingo Revolution*. New York, 1989.
- KLEIST, Heinrich von. *Werke in einem Band*. Org.: Helmut Sembdner. München, Hanser, 1990 [5.^a edição].
- KLEIST, Heinrich von. *Brandenburger Kleist-Ausgabe (BKA)*. Org.: Roland Reuß, Peter Staengle, Ingeborg Harms. Basel-Frankfurt/M, 1988 sg., Stroemfeld/Roter Stern, Vol. II 4.
- KLEIST, Heinrich von. *A marquesa d'O... e outras estórias*. Trad. Claudia Cavalcanti. Rio de Janeiro, 1992.
- LUBKOLL, Christine. “Soziale Experimente und ästhetische Ordnung. Kleists Literaturkonzept im Spannungsfeld zwischen Klassizismus und Romantik. *Die Verlobung in St. Domingo*.” In: Christine Lubkoll / Günter Oesterle (org.): *Gewagte Experimente und kühne Konstellationen. Kleists Werke zwischen Klassizismus und Romantik*. Würzburg, 2001 (Stiftung für Romantikforschung, Bd.12), 119-136.
- NEUMANN, Gerhard. “*Die Verlobung in St. Domingo*. Zum Problem literarischer Mimesis im Werk Heinrich von Kleists”. In: Christine Lubkoll / Günter Oesterle (org.): *Gewagte Experimente und kühne Konstellationen. Kleists Werke zwischen Klassizismus und Romantik*. Würzburg, 2001 (Stiftung für Romantikforschung, Bd.12), 93-117.
- NEUMANN, Gerhard. “Anekdote und Novelle: Zum Problem literarischer Mimesis im Werk Heinrich von Kleists.” In: Inka Kording / Anton Philipp Knittel (org.): *Heinrich von Kleist. Neue Wege der Forschung*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2003, 177-202.
- REUß, Roland. “*Die Verlobung in St. Domingo*' – eine Einführung in Kleists Erzählen”. In: Inka Kording / Anton Philipp Knittel (org.): *Heinrich von*

Kleist. Neue Wege der Forschung. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2003, 71-88.

ROSENFELD, Anatol. *História da Literatura e do Teatro Alemães.* São Paulo, Edusp, 1993.

SCHERPE, Klaus: “Die First-Contact-Szene. Kulturelle Praktiken bei der Begegnung mit dem Fremden”. In: *Weimarer Beiträge* 44/ 1998, H. 1, 54-73.

SCHMIDT, Jochen. *Heinrich von Kleist. Die Dramen und Erzählungen in ihrer Epoche.* Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2003.

UERLINGS, Herbert. “Preussen in Haiti? Zur interkulturellen Begegnung in Kleists 'Verlobung in St. Domingo’”. In: *Kleist-Jahrbuch*, 1991, 185-202.

UERLINGS, Herbert: *Poetiken der Interkulturalität. Haiti bei Kleist, Seghers, Müller, Buch und Fichte.* Tübingen, 1997.

WEIGEL, Sigrid. “Der Körper am Kreuzungspunkt von Liebesgeschichte und Rassendiskurs in Heinrich von Kleists Erzählung 'Die Verlobung in St. Domingo’”. In: *Kleist-Jahrbuch*, 1991, 202-218.

ZANTOP, Susanne. “Verlobung, Hochzeit und Scheidung in St. Domingo. Die Haitianische Revolution in zeitgenössischer deutscher Literatur (1792-1817)”. Em: Sigrid Bauschinger / Susan Cocalis (org.): “*Neue Welt*” / “*Dritte Welt*”. *Interkulturelle Beziehungen Deutschlands zu Lateinamerika und der Karibik.* Tübingen/Basel, 1994, 29-52.

Formação de um mundo já posto: Kohlhaas e sua sanha justiceiro-vingativa

Rodrigo Campos de Paiva Castro[•]

Abstract: The main character in Kleist's "Michael Kohlhaas" novella sacrifices himself in order to guarantee his survival. Nonetheless, as the reader will eventually notice, his fight produces no new reality at all, but only reaffirms a law that was already in force. A magic and natural law which will send him on a journey of vengeance and justice. At the end of it, the man who laboured to ratify himself as an autonomous subject ends up serving as an object. But the result will be as well one of confirmation from the order which gave birth to this subject. A strange order where contradictory elements (rule of law/lawlessness; violence/peace; justice/injustice; myth/history; heaven/hell; etc.) affirm themselves mutually.

Keywords: Kleist; Kohlhaas; Vengeance; Justice

Zusammenfassung: Die Hauptfigur der kleistschen Novelle "Michael Kohlhaas" bemüht sich mit allen ihren Kräften ihr Weiterleben zu gewährleisten. Wie der Leser aber früher oder später bemerken wird, bringt ihr Kampf keine neue Ordnung, sondern bestätigt wieder ein Gesetz, das schon gültig war. Ein zauberisches und natürliches Gesetz, das die Hauptfigur auf eine von Rache und Gerechtigkeit geprägte Reise senden wird. Am Schluss dieser Reise, offenbart sich der Mann, der ein selbstständiges Subjekt sein wollte, als ein bloßes Objekt. Aber das Ergebnis zeigt sich auch als eine Bekräftigung der Ordnung, die dieses Subjekt auf die Welt gebracht hat. Eine merkwürdige Ordnung, wo widersprüchliche Elemente (Ordnung/Unordnung; Gewalt/Frieden; Gerechtigkeit/Ungerechtigkeit; Mythos/Geschichte; Himmel/Hölle; usw.) sich gegenseitig bestätigen.

Stichwörter: Kleist; Kohlhaas; Rache; Gerechtigkeit

"Michael Kohlhaas", publicada em sua versão definitiva no ano de 1810, é a novela mais importante e mais longa de Heinrich von Kleist. Como acontece com o restante da produção do autor, esse texto também deu origem a uma gama imensa e variadíssima de interpretações, muitas delas abertamente conflitantes, mas, o que é estranho, não necessariamente excludentes. Este artigo discorre sobre essa característica mágico-natural do texto kleistiano, fazendo-o a partir dos esforços justiceiro-vingativos de Kohlhaas.

O protagonista é um negociante de cavalos, um membro da burguesia. Kohlhaas representa a "classe móvel" por excelência, a citada burguesia, classe

* Mestre em Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo. rodrigocpcastro@gmail.com

cuja ascensão acompanha o desaparecimento do petrificado mundo feudal, marcado pela divisão da sociedade em camadas estanques, e classe que faz dos esforços de ascensão uma de suas pedras de toque¹. Na novela, que descreve um embate dessa burguesia nascente com a nobreza decadente sob a ótica de um narrador do século 18/19 (quando a vitória da classe em ascensão já estava decidida, mas, na Alemanha, ainda não sedimentada), o patrimônio do comerciante, na forma de cavalos e na forma de títulos, vive a percorrer as propriedades da nobreza. Enquanto os nobres estão aferrados a suas terras, cujo controle lhes garante o prestígio e o poder, Kohlhaas vê-se livre para cogitar e realizar vários périplos.

A mobilidade é uma das marcas do sujeito moderno. Pense-se em *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister*² ou, talvez de forma mais típica, em *A História Maravilhosa de Peter Schlemihl* – o personagem de Chamisso passa grande parte de sua vida correndo mundo calçado com as botas de sete léguas³. No caso do comerciante de Kleist, não se trata de garantir apenas seu ir-e-vir, mas também, ou principalmente, o ir-e-vir das mercadorias. Assim se compreende por que o comerciante insistirá, em todas as vezes que apresenta suas exigências, na reposição dos cavalos a seu estado original. Uma exigência certamente estranha para um mercador comum, que ficaria satisfeito com uma indenização em dinheiro. Kohlhaas, porém, é um comerciante radical, desenraizado do mundo e das pessoas que o cercam, mas profundamente enraizado nos princípios que garantem a constituição de sua subjetividade. A fim de fazer os cavalos circularem novamente, é preciso que a parelha seja o que já não é mais, mas que foi um dia quando ele a conduzia ao mercado de Leipzig⁴. Além das "fronteiras abertas", a circulação de mercadorias necessita, para que aconteça, do respeito à propriedade privada⁵. Essa circulação não se dá somente no périplo dos produtos pelos espaços físicos, mas na sua errância de um proprietário para outro. Uma mercadoria pode circular sem sair do

16

¹ Os esforços de ascensão social espelham o comportamento característico do narrador: impor limites para superá-los. É impossível ascender socialmente em um mundo igualitário. Para uma análise mais aprofundada desse narrador ímpar, ver minha dissertação de mestrado *Michael Kohlhaas – a vitória da derrota*

² Que, diga-se de passagem, já peregrinara nos "anos do aprendizado".

³ O livro não se dedica a descrever essas errâncias do personagem, mas, segundo se deduz, tal período de viagens constantes é o que toma a maior parte de sua vida.

⁴ Quando o comerciante reencontra os cavalos estropiados dentro de um dos estábulos de Tronkenburgo, bate neles para mostrar ao castelão que, de tão debilitados, eles não conseguiam se mexer. "Er [Kohlhaas] [...] versuchte, die erschöpften Gaule durch einen Gartenstreich zu erregen, und zeigte ihm [dem Schlossvogt], dass sie sich nicht rührten" (KLEIST 2005: 23); "Ele [Kohlhaas] [...] tentou incitar os extenuados cavalos por meio de um golpe de chibata, e monstrou-lhe [ao castelão], que eles não se mexiam" – todas as traduções constantes deste artigo foram feitas por mim.

⁵ "Es geht also nicht mehr um das Eigentumsrecht an den beiden Rappen, sondern um die Bedingung der Möglichkeit von Eigentum unbedingt" (KITTLER 1987: 308); "Não se trata mais, portanto, do direito de propriedade sobre os dois cavalos, mas da condição absoluta da possibilidade da propriedade".

lugar; para isso, basta que troque de dono. "Livre mercado" e "respeito à propriedade privada": esses são dois pilares do "liberalismo", doutrina cuja defesa forma uma das linhas de força da novela "Michael Kohlhaas".

Quando o senhor feudal Wenzel von Tronka e seus comandados apreendem a parelha sob um falso pretexto, não provocam apenas um prejuízo para Kohlhaas, que deixou de vender os cavalos e depois teria de arcar com o gasto de recuperá-los, mas investem contra o âmago desse sujeito. O confisco dos animais e sua posterior dilapidação não significam somente um eventual revés comercial a ser inscrito na coluna de "saída" do livro-caixa do comerciante, mas ameaçam-no em sua dimensão existencial⁶. O fato de o comércio ser o fundamento da personalidade kohlhaasiana não significa, porém, que seja pelo comércio em si que o mercador lutará. Ou, o comércio, quando transformado em móvel principal de um determinado sujeito, implanta em seu íntimo o princípio que faz do comércio o comércio: acumular capital trocando mercadorias que se equiparam apesar de dotadas das qualidades as mais diversas, equiparar as mercadorias, portanto, através de seu valor de troca. Em termos mais técnicos, a valorização do valor abstrato. Toda a discussão sobre a mobilidade-imobilidade que se tenta apresentar neste texto não deve ser vista, assim, apenas nessa sua superfície propriamente "espacial" (ou patrimonial e social). Por debaixo dela, corre seu motor, a lógica amalucada das coisas transformadas em mercadorias, uma lógica fluida, mas petrificada, capaz de abarcar os mais diferentes conteúdos, a fim de subsumi-los à mesma medida. Tanto é assim que o próprio narrador dirá: "para ele [Kohlhaas] não se tratava dos cavalos – ele teria sentido a mesma dor se isso envolvesse um par de cães"⁷. A defesa da propriedade privada e a defesa do livre trânsito das mercadorias inscrevem-se, nesse cenário, como epifenômenos do princípio da valorização do valor abstrato, princípio esse descrito nos termos kleistianos como "obstinação errática" ("*seines rasenden*

17

⁶ "Schon gar nicht geht es [das Geschäft der Rache] allein um den materiellen Wert der Pferde, sondern um sein [Kohlhaas] und seiner Mitbürger Dasein als Mensch" (MÜLLER-SEIDEL 1961: 109); "Já isso [o negócio da vingança] não gira apenas em torno do valor material dos cavalos, mas sim em torno da existência dele [de Kohlhaas] e de seus concidadãos como seres humanos"; "Dieser Vorgang [die Bemühung um die Wiederherstellung der Rappen noch vor der gewalttätigen Aktionen] macht deutlich, dass es nicht um materiellen Verlust, sondern um die Integrität der Personen geht" (KRETZSCHMAR 1993: 25); "Esse evento [a luta pela recuperação dos murzelos ainda antes das ações violentas] torna claro que isso não gira em torno das perdas materiais, mas em torno da integridade das pessoas"; "Insofern ist von der Schilderung [des ersten Konflikt] des Streitfalls her völlig klar, dass es nicht lediglich um die beiden Rappen geht, sondern dass Kohlhaas' bürgerliche Existenz auf dem Spiel steht" (FISCHER-LICHTE 1991: 32); "Conforme mostra claramente a apresentação [do conflito inicial] da disputa, não se trata apenas dos dois cavalos, mas do fato de a existência de Kohlhaas como cidadão estar em jogo".

⁷ "[Kohlhaas], dem es nicht um die Pferde zu tun war – er hätte gleichen Schmerz empfunden, wenn es ein Paar Hunde gegolten hätte" (KLEIST 2005: 47).

Starrsinn"⁸). No peito de Kohlhaas, palpita o coração exangue dessa lei, coração esse que o comerciante, para mantê-lo a bombear, precisa dividir com o mundo: é impossível ser mercador sozinho⁹.

A "perda" dos cavalos, como ficou dito, não abala Kohlhaas por conta do prejuízo que implica. A maior preocupação do comerciante não será propriamente recuperar seus animais, mas convencer o mundo, todo mundo, a reconhecer a necessidade de que seus cavalos sejam recuperados sob a responsabilidade de Wenzel von Tronka. A necessidade imperiosa de inculcar os que o cercam de seus valores, e Kohlhaas chega a literalmente abrir a cabeça de um de seus supostos opositores na primeira das investidas militares, explica o comportamento sóbrio do comerciante quando este se depara com os abusos iniciais realizados em Tronkenburgo e explica a forma "radical" com que agirá ao recusar, no regresso ao castelo, arcar com o prejuízo. Para sustentar seu caso, caberia a Kohlhaas argumentar, em Tronkenburgo e nos tribunais, que, frente ao fato documentalmente comprovado da posse ilegal dos animais, era de responsabilidade dos dirigentes do castelo zelar pelo bem-estar deles, o que não aconteceu. Mas, para o comerciante, não basta exigir de seus adversários a indenização (em dinheiro ou em espécie) a que faz jus. Interessa, isso sim, convencê-los de que seus direitos de ir-e-vir com os cavalos e de propriedade sobre os cavalos, ou simplesmente, o direito de ir-e-vir da mercadoria cavalos, não podem ser desrespeitados. Nas duas vezes, durante a cena inicial em Tronkenburgo, na qual o comerciante cogita arcar com o prejuízo ou vacila, chega alguém a quem tentará convencer¹⁰. Kohlhaas até aceitaria levar para sua quinta os animais no estado em que estavam, mas retrocede sempre que a diferença de opinião salta aos olhos. Essa postura do

⁸ "zur blossen Befriedigung seines rasenden Starrsinns" (KLEIST 2005: 98); "para a mera satisfação de sua obstinação errática". O adjetivo "rasend" significa "furioso", "colérico", mas também "frenético", "agitado", "errático". A expressão "rasender Starrsinn", conforme observa FÖLDÉNYI, conjuga em si elementos paradoxais, algo típico dessa prosa: "Die gleichen Sätze, die durch unendliche Genauigkeit, Umständlichkeit und Kühle geprägt sind, sind auch abgehackt, zerrissen, hektisch und fiebrig. Sie *stehen* und *rasen* zur gleichen Zeit – der gleiche 'rasende Starrsinn' kennzeichnet sie wie Kohlhaas" (FÖLDÉNYI 1999: 373); "As mesmas frases que são marcadas por uma infinita exatidão, formalidade e sobriedade, são também fraturadas, rasgadas, héticas e febris. Elas, ao mesmo tempo, *permanecem* e *correm* – a mesma 'obstinação errática' que marca Kohlhaas as marca"; itálicos no original.

⁹ A fim de mercadejar, é preciso que haja de quem comprar e para quem vender.

¹⁰ Primeiro, quando Kohlhaas pensava em sair de Tronkenburgo com os cavalos do jeito que estavam, chega o castelão: "Kohlhaas [...] machte schon, da doch nichts anders übrig blieb, Anstalten, das Raubnest mit den Pferden nur wieder zu verlassen, als der Schlossvogt, von dem Wortwechsel herbeigerufen, erschien" (KLEIST 2005: 23); "Kohlhaas [...] já fazia menção, pois que nada mais havia a fazer, de partir novamente do ninho de ladrões apenas com os cavalos, quando o castelão, atraído pela troca de palavras, apareceu". Depois, quando o comerciante medita sobre o que fazer, chega Wenzel von Tronka: "Er stand noch [...] und sann, was in seiner Lage zu tun sei, als sich die Szene plötzlich änderte, und der Junker Wenzel von Tronka [...] in den Schlossplatz sprenge" (KLEIST 2005: 25); "Ele continuava em pé e meditava, sobre o que, na posição em que estava, deveria fazer, quando a cena alterou-se repentinamente, e o senhor feudal Wenzel von Tronka rompeu no pátio do castelo".

comerciante explica por que, em meio ao diálogo com o castelão, seu "sentimento de justiça, que equivalia a uma balança de pesar ouro, ainda vacilava" ("*Rechtgefühl, das einer Goldwaage gleich, wankte noch*"¹¹) e por que ele não tem certeza sobre "a culpa de seus oponentes"¹². Nesse momento, de posse da já citada declaração judicial, o comerciante tem certeza da culpa de seus oponentes quanto à apreensão injusta dos animais e a conseqüente obrigação deles de indenizá-lo. O próprio narrador dirá isso, nos parágrafos seguintes, textualmente¹³. O que o comerciante não tem é a certeza sobre todo o cenário em que se desenrolou o desgaste dos cavalos, algo de que precisa saber para conseguir convencer seus adversários sobre a necessidade de que os cavalos sejam recuperados a seu estado inicial a fim de continuarem circulando¹⁴. Kohlhaas comporta-se não como um cidadão que se serve das leis para proteger seus direitos, mas como um homem tomado pela missão de convencer o mundo de seus argumentos. O raciocínio estritamente jurídico não atende à demanda total do comerciante. Em nome dessa missão, tudo o mais se torna acessório.

O esforço de convencimento continuará a ser perseguido ao longo de toda a novela e dará bons frutos, mesmo que esse convencimento aconteça por meio do necessário mergulho no exercício arbitrário da força. Pertencem às tentativas de submeter o mundo a suas idéias, tentativas essas de formação do mundo¹⁵, tanto a postura "argumentativa" que Kohlhaas adota nos diálogos com os integrantes de Tronkenburgo quanto as manobras político-jurídicas a que recorre para atrair a sua órbita de valores as instâncias do poder. Também se incluem nessa missão os mandatos expedidos por

¹¹ (KLEIST 2005: 25).

¹² "[...] er [Kohlhaas] war, vor der Schranke seiner eigenen Brust, noch nicht gewiss, ob eine Schuld seinen Gegner drücke" (KLEIST 2005: 25); "[...] ele [Kohlhaas] ainda não estava certo, diante do foro judicial de seu próprio peito, sobre se a culpa pesava sobre seus oponentes".

¹³ "Die Rechtssache war in der Tat klar. Der Umstand, dass die Pferde gesetzwidriger Weise festgehalten worden waren, warf ein entscheidendes Licht auf alles übrige; und selbst wenn man hätte annehmen wollen, dass die Pferde durch einen blossen Zufall erkrankt wären, so würde die Forderung des Rosskamms, sie ihm gesund wieder zuzustellen, noch gerecht gewesen sein" (KLEIST 2005: 39); "A questão jurídica era, em verdade, clara. A circunstância, de que os cavalos foram apreendidos de forma ilegal, atirava uma luz decisiva sobre todo o restante; e mesmo se se quisesse pressupor que os cavalos teriam adoecido devido a um mero acaso, a exigência do magano de cavalos, de que eles lhe fossem entregues de volta saudáveis, ainda assim seria justa".

¹⁴ O comerciante teria aberto mão do valor referente aos cavalos para simplesmente ter Herse a seu lado, naquele momento, e poder verificar a veracidade da narrativa do castelão. "Kohlhaas hätte den Wert der Pferde darum gegeben, wenn er den Knecht [Herse] zur Hand gehabt, und dessen Aussage mit der Aussage dieses dickmäuligen Burgvogts hätte vergleichen können" (KLEIST 2005: 25); "Kohlhaas teria dado o valor dos cavalos por isso, para ter o criado [Herse] à mão e poder comparar as declarações deste com as declarações desse castelão gabarolas".

¹⁵ "Und deshalb muss man nicht das Gesetz von der Welt einfordern, sondern die Welt selbst im Sinne dieser Gesetzes umformen" (FÖLDÉNYI 1999: 346); "E por isso não se deve solicitar a lei do mundo, mas transformar o próprio mundo segundo determina essa lei".

Kohlhaas, nos quais mescla relatos sobre o que lhe ocorreu com acusações contra Wenzel von Tronka e declarações sobre a fundação de uma nova ordem, e, de forma destacada, o diálogo travado com Lutero – Kohlhaas devota grande respeito ao homem que fundou a religião responsável por atribuir "um significado religioso ao trabalho secular cotidiano"¹⁶, religião essa a que tinha se convertido havia pouco¹⁷.

Os esforços do comerciante para convencer Lutero sobre seu caráter justo entrelaçam-se com os esforços para a obtenção do "passe livre", com o qual poderia ir a Dresden retomar o processo judicial. No diálogo com o clérigo, mais uma vez, Kohlhaas não menciona a irregularidade envolvida na apreensão dos cavalos e a conseqüente responsabilidade do senhor feudal de Tronkenburgo por indenizá-lo. O direito dele à indenização é líquido e certo, não apenas para o próprio mercador, mas também para Lutero, para os demais representantes da nobreza e, não menos, para o narrador, que antecipara, antes que o próprio comerciante pudesse sabê-lo, o juízo favorável a respeito da pretensão de Kohlhaas¹⁸. E o comerciante tampouco tenta rebater as acusações, feitas no folheto assinado pelo clérigo, de que havia abusado da violência, portando-se como o "lobo do deserto"¹⁹. Adotando uma postura equilibrada como em Tronkenburgo e suportando os ataques verbais da parte do clérigo, Kohlhaas apresenta argumentos que se resumem a dois pontos: a recusa da lei em corroborar sua exigência de ver Wenzel von Tronka responsabilizado pela recuperação de seus cavalos o atirara para fora do mundo²⁰; se isso não se deu desse modo, que Lutero lhe obtenha o "passe livre" a fim de que possa, em Dresden, convencer a nobreza de que sua pretensão deve ser atendida. Sem um Estado garantidor da propriedade

¹⁶ (WEBER 2001: 64). A defesa do trabalho como categoria ontológica de inserção do indivíduo na sociedade moderna também explica o caráter missionário da contenda kohlhaasiana. Em nome desse trabalho ("Beruf", em alemão, palavra derivada do verbo "berufen", chamar), o comerciante fará de tudo. Segundo o calvinismo (uma vertente do protestantismo), o patrimônio do cristão acumulado por obra do trabalho lhe garantiria um lugar no céu. "As obras do homem servirão apenas à graça de Deus e serão a materialização da 'fé eficaz' que faz do crente um dentre os salvos – a certeza de pertencer à legião dos agraciados exerce-se por meio das obras, o que leva o calvinista a uma ação ascética – a ação é indispensável como sinal da escolha. O calvinista assim cria a convicção de sua salvação" (WEBER 2001: 99). Kohlhaas, seguindo o padrão de exagero que caracteriza essa prosa, seria não apenas luterano, mas um luterano "radical", ou, em outros termos, um calvinista.

¹⁷ "lutherischer Religion (zu welchem eben damals aufkeimenden Glauben sie [Lisbeth] sich, nach dem Beispiel ihres Mannes, bekannt hatte)" (KLEIST 2005: 59); "religião luterana (crença justamente então em expansão a qual ela, seguindo o exemplo de seu homem, havia se convertido)".

¹⁸ "diese ungesetzlichen Erpressungen" (KLEIST 2005: 17); "essas extorsões ilegais". O narrador reforça esse juízo alguns parágrafos à frente, conforme nota 13.

¹⁹ "Wolf der Wüste" (KLEIST 2005: 75).

²⁰ "Der Krieg, den ich mit der Gemeinheit der Menschen führe, ist eine Missetat, sobald ich aus ihr nicht, wie Ihr mir die Versicherung gegeben habt, verstossen war!" (KLEIST 2005: 78); "A guerra, que eu travo com a comunidade dos homens, é um crime se eu não tivesse sido, como vós me garantistes, dela expulso!".

privada e da livre circulação das mercadorias, Kohlhaas não pode existir²¹. De outro lado, será parte dos esforços vitais desse comerciante, impreterivelmente "liberal", entrar em conflito com os poderes "estatais" ao transitar com suas mercadorias, o mais livremente possível, pelas diferentes fronteiras e ao impor a respeito de suas mercadorias, o mais rigidamente possível, barreiras à ingerência "estatal" sobre a propriedade privada. Quando esse jogo de regras auto-revogatórias atingir paroxismos insustentáveis, seja pela presença abusiva do Estado, como se dá quando o "privilégio senhorial" de Wenzel von Tronka estropia os cavalos, ou pela ausência total do Estado, como se dá quando fracassam os esforços no âmbito judicial, resta a Kohlhaas tomar as rédeas do poder e fundar uma "nova ordem", uma "nova ordem", no entanto, peculiar.

Os mandatos expedidos pelo comerciante anunciam verbalmente a criação de uma "nova ordem", mas funcionam antes como instrumentos para inscrever no mundo medieval um recurso típico dos Estados modernos, o estado de exceção, fundando, nesse sentido, um Estado reformado. Já no primeiro desses documentos, Kohlhaas coloca-se na posição de uma autoridade governamental, expedindo uma "intimação judicial" para que Wenzel von Tronka compareça a Kohlhaasenbrück a fim de engordar os cavalos²². O documento joga por terra a distinção entre poderes legislativo, executivo e judiciário, fazendo de Kohlhaas promulgador, intérprete e executor da lei (passados os três dias, o comerciante atacará o castelo a fim de buscar Wenzel von Tronka). Essa indefinição quanto às competências de cada um dos três poderes é uma das marcas do estado de exceção²³ e perdurará enquanto o comerciante não conseguir permissão para ir a Dresden defender seu caso. No terceiro mandato, Kohlhaas declara-se "um senhor desprovido

21

²¹ O trecho consta também do diálogo com Lutero: "[Lutero pergunta:] Wer hätte dich aus der Gemeinschaft des Staats, in welchem du lebstest, verstoßen? [...] Verstoßen, antwortete Kohlhaas, [...] nenne ich den, dem der Schutz der Gesetze versagt ist! Denn dieses Schutzes, zum Gedeihen meines friedlichen Gewerbes, bedarf ich; ja, er ist es, desshalb ich mich, mit dem Kreis dessen, was ich erworben, in diese Gemeinschaft flüchte" (KLEIST 2005: 78); "[Lutero pergunta:] Quem te teria expulsado da comunidade do Estado no qual tu vives? [...] Expulso, respondeu Kohlhaas, [...] eu considero aqueles aos quais é negada a proteção da lei! Porque eu preciso dessa proteção para a prosperidade do meu pacífico negócio; sim, é por isso, devido a essa proteção é que eu, com o conjunto do que conquisei, refugiei-me nessa comunidade".

²² "Er [Kohlhaas] setzte sich nieder und verfasste einen Rechtsschluss, in welchem er den Junker Wenzel von Tronka, kraft der ihm angebotenen Macht, verdamnte, die Rappen, die er ihm abgenommen, und auf den Feldern zu Grunde gerichtet, binnen drei Tagen nach Sicht, nach Kohlhaasenbrück zu führen, und in Person in seinen Ställen dick zu füttern" (KLEIST 2005: 61); "Ele [Kohlhaas] sentou-se e redigiu uma intimação judicial, na qual ele condenava Wenzel von Tronka, por força do poder a ele conferido, a, dentro de três dias, levar os cavalos, que ele lhe tirou e que arruinou nos campos, para Kohlhaasenbrück e, pessoalmente, em seus estábulos, engordá-los".

²³ "Uma das características essenciais do estado de exceção – a abolição provisória da distinção entre poder legislativo, executivo e judiciário [...]" (AGAMBEN 2003: 19).

de país e mundo, sujeito apenas a Deus"²⁴; no quinto, se autonomeará um "representante de Miguel, o arcanjo"²⁵. O ordenamento jurídico "regular" suspende-se, mas para o fim declarado de punir o senhor feudal e os que se colocarem ao lado dele²⁶. Já a partir do primeiro mandato, não se poderá mais distinguir entre a justiça (cuja remissão é à esfera pública dos valores que garantem a igualdade entre os homens) e a vingança (cuja remissão é à esfera privada do sentimento de ódio). A confusão entre esfera pública e privada é um dos temas principais da novela, e a luta de Kohlhaas passará pelos esforços para traçar limites entre essas duas ordens. No entanto, o comerciante o faz recorrendo a uma zona cinzenta na qual as duas confundem-se de forma inextrincável.

O estado de exceção desaparece, num estalar dos dedos, quando Kohlhaas recebe o "passe livre". A passagem de um extremo a outro, da exceção à ordem, faz-se de forma assim natural porque, no fundo, não há uma oposição plena entre um pólo e outro. O comerciante recorre à suspensão da ordem para afirmar a ordem²⁷, recorre à anomalia para garantir o *nomos*. No processo, moderniza o "mundo feudal" facultando-lhe a via da exceção. O instituto paradoxal da suspensão do ordenamento jurídico para assegurar a manutenção desse próprio ordenamento comparece às Constituições dos Estados modernos, mas está ausente como tal do "mundo medieval"²⁸. Na campanha militar que realiza e nos mandatos que expede, Kohlhaas nunca se comporta como um verdadeiro revolucionário interessado em depor a ordem estatuída e fundar uma ordem mais justa²⁹. A luta do comerciante se resumirá à luta por convencer o mundo de que a lei já posta (a referida lei da

²⁴ "In einem anderen Mandat, das bald darauf erschien, nannte er [Kohlhaas] sich: 'einen Reichs- und Weltfreien, Gott allein unterworfenen Herrn'" (KLEIST 2005: 68); "Em um outro mandato, surgido pouco depois disso, ele [Kohlhaas] nomeou-se: 'um senhor desprovido de país e mundo, sujeito apenas a Deus'".

²⁵ Para o original em alemão do trecho, ver nota seguinte.

²⁶ "Er [Kohlhaas] nannte sich [...] 'einen Statthalter Michaels, des Erzengels, der gekommen sei, an allen, die in dieser Streitsache des Junkers Partei ergreifen würden, mit Feuer und Schwert, die Arglist, in welcher die ganze Welt versunken sei, zu bestrafen'" (KLEIST 2005: 73); "Ele [Kohlhaas] nomeou-se [...] 'um representante de Miguel, o arcanjo, que teria vindo para, com ferro e fogo, punir, quanto a todos que ficassem ao lado do senhor feudal nessa disputa, a maldade na qual o mundo todo teria mergulhado'".

²⁷ Ainda segundo AGAMBEN, o "soberano, através do estado de exceção, 'cria e garante a situação', da qual o direito tem necessidade para a própria vigência" (AGAMBEN 2003: 25).

²⁸ "A exceção medieval representa, nesse sentido, uma abertura do sistema jurídico a um fato externo, uma espécie de *fictio legis* pela qual, no caso, se age como se a escolha do bispo [o exemplo de exceção medieval citado diz respeito à possibilidade de a Igreja reconhecer a qualidade de bispo a uma pessoa que, mesmo impossibilitada de ser ordenada como tal, o foi] tivesse sido legítima. O estado de exceção moderno é, ao contrário, uma tentativa de incluir na ordem jurídica a própria exceção, criando uma zona de indiferenciação em que fato e direito coincidem" (AGAMBEN 2003: 42); "A idéia de que a suspensão do direito pode ser benéfica ao bem comum é estranha ao mundo medieval" (AGAMBEN 2003: 42).

²⁹ "Aus Kohlhaas' Rachefeldzug wird keine Revolution" (FISCHER-LICHTE 1991: 35); "Da campanha de vingança de Kohlhaas não resulta nenhuma revolução".

valorização do valor) não pode ser infringida³⁰. Tudo o mais nesse embate será acessório.

Também será acessória para a sanha justiceiro-vingativa de Kohlhaas a morte de sua mulher. Parte importante da crítica kleistiana tenta fundar nesse episódio o móvel das ações de Kohlhaas. Quando o comerciante aceita a ida de Lisbeth a Brandenburgo (onde ela morreria) com o desígnio de que a mulher sirva-se dos favores do castelão do príncipe eleitor dessa região para fazer o pleito jurídico de Kohlhaas chegar diretamente às mãos do mandatário, já havia decidido lançar-se com violência contra Wenzel von Tronka e o ordenamento que o protegia³¹. Kohlhaas já vacilara perante o "foro judicial de seu peito", mas isso apenas porque precisava antes dominar todos os elementos envolvidos no episódio da apreensão dos cavalos a fim de partir rumo a sua cruzada argumentativa. Fracassados os esforços de convencimento por meio do discurso, o comerciante recorre à guerra total. Nada, nem mesmo a eventual morte da mulher ou o plano dela de reencontrar-se com um homem que, no passado, a cortejara, poderá afastá-lo dessa sanha³².

O momento da virada, o rompimento da barreira rumo ao estado de exceção identificado acima, dá-se não quando da perda de Lisbeth, mas quando o comerciante recebe a segunda das três decisões desfavoráveis a respeito de seu caso, decisão essa que possui caráter definitivo em vista das poucas chances de sucesso do plano acalentado por Kohlhaas de ir a Brandenburgo falar pessoalmente com o príncipe eleitor. É depois dessa sentença que Kohlhaas se afastará da mulher e dos filhos e que não terá mais alegria com os negócios; é depois dela que sela o contrato com o juiz e que dá ordens de enviar sua família para além-fronteiras; é nesse momento que se prepara para, sem grandes esperanças, realizar uma tentativa final de entregar pessoalmente, ao príncipe eleitor de Brandenburgo, a petição de seu caso. A guerra, porém, já está selada e só não eclode imediatamente por conta da derradeira manobra, que será realizada, no lugar dele, por Lisbeth. Kohlhaas, de toda forma, já se decidiu por pegar em armas, por fazer "justiça" com as próprias mãos e se vingar.

³⁰ "Der Aufstand des Rosshändlers gilt also nicht als einer Änderung der Verhältnisse, sondern der Offenbarmachung verdeckter Sachverhalte" (IDE 1965: 33); "O levante do comerciante de cavalos não equivale, portanto, a uma mudança das relações, mas à revelação das circunstâncias ocultas".

³¹ Para uma fundamentação mais detalhada, ver *Michael Kohlhaas – a vitória da derrota*.

³² Posteriormente, Kohlhaas aventará a hipótese de aceitar uma indenização monetária pelos cavalos, aparentemente irrecuperáveis ao serem entregues em Dresden. Nesse ponto, porém, os esforços pedagógicos do comerciante já haviam se concretizado.

Até agora, analisou-se a dimensão público-privada do conflito kohlhaasiano com a ordem estabelecida. Mas a declaração da guerra total é, além de uma investida contra a esfera pública de poder, o momento em que vem à tona o desejo de vingança de Kohlhaas. Esses dois movimentos aparecem entrelaçados, compartilhando um mesmo espaço sem se anularem, impossível que é separá-los. Mas a atuação com vistas ao convencimento domina essa perna do enredo, lançando a vingança, manifestada no desejo do comerciante de ver Wenzel von Tronka em pessoa engordando os cavalos, para um segundo plano. Esse desejo de vingança esvanece-se assim que Kohlhaas vê aberta a porta para a retomada do processo judicial, ainda que esse processo não consiga mais se livrar de sua carga vingativa, de sua dimensão privada, portanto. A vingança contra Wenzel von Tronka acabará por se realizar através da via processual, na pena de dois anos de prisão a que o senhor feudal será condenado.

A vingança será, no entanto, o móvel dominante da perna privado-pública da novela, do embate entre Kohlhaas e o príncipe eleitor da Saxônia, que transcorre em paralelo com o pedaço do enredo discutido até aqui. Esse segundo segmento inicia-se na cena de Jüterbock, quando o comerciante recebe da cigana o instrumento com o qual realizará a referida vingança, o papelzinho premonitório. O encontro de Kohlhaas com a misteriosa mulher acontece três dias depois (ou um dia depois) de promulgada a "intimação judicial". O fato de essa cena ser narrada em *flashback* e por duas vezes revela seu caráter "excepcional" na economia da novela, fazendo irromper no mundo racional e público da luta por justiça o desejo irracional e privado da vingança. Fazendo surgir no mundo hodierno da disputa por dois cavalos o objeto mágico na forma do papelzinho. Fazendo com que o enredo, caracterizado por marcações temporais rígidas, sofra um abalo temporal e volte no tempo por duas vezes, para realizar o mesmo percurso. A novela foi desde sempre uma novela natural-sobrenatural, histórico-mítica; e o texto kleistiano realizará a façanha de encaixar essas duas dimensões de uma forma harmônico-desarmônica³³. Mas é na cena de Jüterbock que mito e magia surgem ostensivamente. Nela, a cigana, que, sintomaticamente, aparece em dois momentos por meio de verbos colocados no presente do indicativo dentro de discursos feitos até então no passado³⁴, realizará três previsões. A

³³ Para uma análise mais detalhada, ver *Michael Kohlhaas – a vitória da derrota*.

³⁴ "Kaum hatte ich [Kohlhaas] [...] das Weib [...] erblickt: da steht sie plötzlich auf ihre Krücken gelehnt, indem sie sich im Volk umsieht, auf; fasst mich [...]", (KLEIST 2005: 119); "Mal havia eu [Kohlhaas] olhado para a mulher [...]: então ela, apoiada em suas muletas, levanta-se repentinamente, no momento em que ela olha para as pessoas em redor; me pega [...]; e "Dies [...] abgemacht, erhebt sie sich, verklebt den Zettel mit Lack [...]", (KLEIST 2005: 130); "Feito isso [...], ela se levanta, cola o papelzinho com verniz [...]"

primeira, de "curto prazo", refere-se ao comparecimento, na praça da cidade, de um corço criado em local fechado e longe dali. As duas outras profecias, de "longo prazo", referem-se ao futuro dos príncipes eleitores. Segundo a cigana, o dirigente de Brandenburgo terá um futuro auspicioso. O da Saxônia, não. Quanto a esse segundo, porém, a mulher não revela o conteúdo específico de sua premonição. E o príncipe eleitor da Saxônia ficará obcecado por conseguir o papelzinho confiado pela cigana a Kohlhaas e no qual ela descreve o futuro do dirigente. De posse desse objeto mágico, paradoxalmente, o comerciante poderá escolher. Ao contrário do futuro imediato do corço e do futuro de longo prazo dos príncipes eleitores, o futuro de Kohlhaas estaria em aberto. Mas essa escolha, possibilitada pela obtenção de um objeto que sinaliza a impossibilidade de escolha do dirigente saxão, será aparente.

Quando, no começo da novela, o narrador diz que Kohlhaas havia exagerado em seu "sentimento de justiça"³⁵, referia-se não apenas à causa pública envolvendo os cavalos, mas também à contenda privada a respeito do papelzinho. Ou seja, não somente à "justiça" como também à "vingança". Kleist escreve "*Rechtgefühl*" e não "*Rechtsgefühl*", cortando o "s" indicativo da relação de pertencimento³⁶. O termo, que seria traduzido se tivesse o "s" como "sentimento de justiça" (*Rechtsgefühl*), ganha novas dimensões semânticas³⁷, significando também "sentimento do direito" (intuição da lei) e "sentimento correto" (intuição correta, intuição da direiteza, intuição da retitude). Kohlhaas carrega em seu peito não uma simples gana de justiça, mas uma justiça calcada na lei e uma justiça calcada na vingança. No termo *Rechtgefühl*, as esferas pública e privada da contenda kohlhaasiana já aparecem misturadas, bem como se mesclam a vingança e a justiça, a lei e o fato³⁸, a emoção e a razão. Trata-se, portanto, de um sentimento estranho, sob a batuta do qual surgem coisas como um "negócio da vingança"³⁹, "a vingança das leis"⁴⁰ e uma "virtude exagerada"⁴¹. Como se Kohlhaas conseguisse, recorrendo a seu estofo afetivo, dizer se algo corresponde ou não ao direito e

³⁵ "[...] kurz, die Welt würde sein Andenken haben segnen müssen, wenn er in einer Tugend nicht ausgeschweift hätte. Das Rechtgefühl aber machte ihn zum Räuber und Mörder" (KLEIST 2005: 13); "[...] em suma, o mundo haveria de ter consagrado sua memória, se ele não tivesse exagerado em uma virtude. O sentimento de justiça, porém, transformou-o em ladrão e assassino".

³⁶ A palavra é citada uma segunda vez na novela e várias vezes na peça "A Família Schroffenstein", de Kleist.

³⁷ "Es heisst im gesamten Text nicht nach dem gängigen Sprachgebrauch Rechtsgefühl, sondern Rechtgefühl, eine Abweichung, die ein umfassenderes Verständnis signalisiert" (BOGDAL 1981: 69); "Em todo o texto, fala-se não no uso lingüisticamente corrente do sentimento de justiça [*Rechtsgefühl*], mas em *Rechtgefühl*, uma variante que sinaliza uma compreensão mais ampla".

³⁸ A lei kohlhaasiana se faz valer em um mundo já talhado à maneira dela.

³⁹ "Geschäft der Rache" (KLEIST 2005: 61).

⁴⁰ "Rache der Gesetze" (KLEIST 2005: 103).

⁴¹ "Auschweifung in der Tugend: welche eine hybride Wortbildung!" (HOLZ 1962: 120); "Exagero de uma virtude: que construção vocabular mais híbrida!"

se corresponde ou não à retitude⁴². Ou seja, um apelo à emoção com vistas a realizar objetivos racionais. Não é à toa que, ao deparar-se com injustiças, o comerciante vê seu coração palpitar, enrubesce, empalidece ou espuma de raiva. De outro lado, tomado pelo ódio, será capaz de agir com objetividade a fim de garantir o reconhecimento de seus direitos e de realizar sua vingança. Razão e emoção acabam servindo sempre aos fins desse *Rechtgefühl*, capaz de tudo instrumentalizar. O sujeito tornado autônomo pelo sentimento racional da justiça vingativa acaba se transformando em objeto desse mesmo sentimento, alienando-se, transformando-se em um sujeito-objeto dos fatos que passam pelo filtro daquele sentimento⁴³. Os móveis afetivos e racionais desse vingador banalizam-se. As manifestações sentimentais fazem-se de forma padronizada, repetindo-se entre os mais diferentes personagens maquinalmente. Os cálculos racionais realizam-se em nome do ódio, o que lhes empresta "calor" (ou seja, um apelo à razão com vistas a realizar objetivos emocionais).

O *Rechtgefühl* de Kohlhaas, diz o narrador, equipara-se a uma balança de pesar ouro, o que significa que ele funciona com a precisão de um artefato mecânico apto a dimensionar qualquer coisa segundo uma mesma medida e independente da vontade do comerciante. A lei se aplica sempre, e por aplicar-se em todos os casos, não conhece conteúdo positivo. No ensaio kleistiano "Sobre o Teatro de Marionetes", Herr C., ao ser questionado por seu interlocutor a respeito da possibilidade de as marionetes serem movimentadas com graça sem a participação de qualquer "maquinista", ou seja, por meio de um artefato puramente mecânico, primeiro vacila, mas ao final admite haver tal possibilidade⁴⁴. Kohlhaas é essa marionete que se movimenta segundo "forças puramente mecânicas", no caso dele uma lei maleável o suficiente para proferir julgamentos sobre qualquer fato, porém rígida o suficiente para garantir-lhe a constituição como sujeito. Sob o jugo do *Rechtgefühl*, Kohlhaas percorre os caminhos, medindo tudo por meio desse crivo. Se algo destoa, então é hora de partir para a ação. O mundo deve ser transformado a fim de

⁴² "Vielmehr wird Fühlen – und das ist die spezifisch Kleistische Wendung – zu einem Mittel der Wahrnehmung" (BLÖCKER 1960: 163); "Mais do que isso, o sentir – e isso é a especificidade da virada kleistiana – transforma-se em um meio de percepção".

⁴³ "Er [Kohlhaas] selbst wird zum Objekt des Geschehens" (SKROTZKI 1993: 14); "Ele [Kohlhaas] próprio transforma-se em objeto dos acontecimentos"; "Kohlhaas ist inzwischen längst nicht mehr Subjekt des Geschehens, sondern zu seinem Objekt geworden" (WIESE 1956: 59); "Nesse ínterim, Kohlhaas não é mais, há muito tempo, sujeito dos acontecimentos, mas transformou-se em seu objeto".

⁴⁴ "[...] dass ihr [von der Marionetten] Tanz gänzlich ins Reich mechanischer Kräfte hinübergespielt, und vermittelt einer Kurbel [...] hervorgebracht werden könne" (KLEIST 2005: 557); "[...] de modo que a dança delas [das marionetes] poderia ser atirada para o reino das forças mecânicas e ser realizada por meio de uma manivela".

poder ser pesado e medido pela balança do "sentimento de justiça", o único a que Kohlhaas obedece verdadeiramente. Mais uma vez, trata-se de uma lógica abstrata, mágico-natural. Cabe ao comerciante talhar a realidade que o cerca, recorrendo a métodos pedagógicos pacíficos e violentos. O exercício da vingança e a luta por justiça possuem ambos um caráter "educativo". Kohlhaas, assim como partira para vingar-se de Wenzel von Tronka em meio à luta de convencimento do mundo sobre seus direitos (uma luta, então, público-privada), transforma o exercício da vingança contra o príncipe eleitor da Saxônia em um caso exemplar⁴⁵ (em uma luta privado-pública). O comerciante não deseja apenas eliminá-lo, mas fazê-lo sofrer o máximo possível⁴⁶, distendendo a punição e inscrevendo no corpo do príncipe a lei que ele havia infringido. O dirigente saxão tornou-se alvo da vingança de Kohlhaas por, em omissão, trair o comerciante, revogando a "anistia". A ofensa de caráter privado (traição), mas com reverberações públicas (a revogação da liberdade de Kohlhaas), opera mais uma vez a mistura entre as duas esferas. A vingança do comerciante não se limita a negar o conhecimento ao nobre e passa por reproduzir na pele do dirigente o que Kohlhaas acredita ter sido imposto a ele. Quando ficou detido em Dresden, o comerciante foi ludibriado ou, em outras palavras, viu-se transformado em objeto de maquinações a que não tinha acesso, a um conhecimento, portanto, que outros detinham e que a ele era negado. Por isso, Kohlhaas precisa ler o papelzinho; mas não pode fazê-lo e continuar vivo sob pena de se ver constrangido a revelar o conteúdo do texto. A pulsão de morte que o comerciante dirigia contra terceiros na porção público-privada da novela volta-se contra ele na parte privado-pública. O "incendiário assassino" transforma-se em suicida. E o gesto final de vingança é realizado à beira da morte.

27

Ao final da novela, o *Rechtgefühl* do comerciante se afirmará no mundo, onde desde sempre esteve calcado. O processo de formação do mundo conduzido por Kohlhaas visa antes a fazer surgir nele, com força plena, a lei já

⁴⁵ "Es scheint uns, die Rache weist destruktive wie auch konstruktive Komponenten auf" (LAURS 1980: 1); "Parece-nos que o tema da vingança apresenta componentes destrutivos e também construtivos".

⁴⁶ Kohlhaas diz ao homem enviado pelo dirigente saxão para convencê-lo a abrir mão do papelzinho mágico: "'Edler Herr! Wenn Euer Landesherr käme, und spräche, ich will mich, mit dem ganzen Tross derer, die mir das Szepter führen helfen, vernichten – vernichten, versteht Ihr, welches allerdings der grösste Wunsch ist, den meine Seele hegt: so würde ich ihm doch den Zettel noch, der ihm mehr wert ist, als das Dasein, verweigern und sprechen: du kannst mich auf das Schafott bringen, ich aber kann dir weh tun, und ich wills!'" (KLEIST 2005: 123); "Nobre senhor! Se vosso governante viesse e dissesse, eu quero, junto com o bando todo dos que me ajudam a brandir meu cetro, me aniquilar – aniquilar, vós compreendeis, isso que seria, acima de tudo, o maior desejo que alimenta minha alma: então ainda assim eu lhe negaria o papelzinho, que tem mais valor para ele que a existência, e diria: tu podes me levar ao cadafalso, mas eu posso te provocar dor, e eu quero fazer isso!'"

vigente. Não há na novela, assim, uma discussão real sobre se Kohlhaas agiu ou não com justiça ao lutar pelo restabelecimento dos cavalos e pela imposição da vingança contra o príncipe eleitor da Saxônia. O narrador já havia dito, como ficou exposto, que a pretensão judicial do comerciante era justa. E reforçará o veredicto linhas depois. Mais tarde, quando surgir a informação sobre a existência de uma lei aprovada 12 anos antes proibindo a importação de cavalos brandenbúrgueses pela Saxônia, o assunto, que deveria reverberar juridicamente, passará em brancas nuvens. Além dessa decisão favorável expedida de ofício, a narrativa opera uma transformação sorrateira do "passe livre" em "anistia", absolvendo Kohlhaas de antemão⁴⁷. Kohlhaas esteve sempre anistiado. Sob a garra dessa eterna justiça de aparência legal, que se afirma por meio de um processo jurídico capaz de marcar posições contrárias para apagar-lhes a oposição, o mundo desmancha-se no ar, torna-se *antigrav*⁴⁸.

Na materialidade translúcida criada por uma lei rígida de difícil apreensão, a luta por vingança de Kohlhaas, condicionada à rememoração constante, transcorre sob a marca do esquecimento. Na porção privado-pública do enredo, há um momento em que o comerciante parece retroceder. Depois de ter a "anistia" cancelada, o comerciante resolve entrar em acordo com Nagelschmidt a fim de, sob a promessa de regressar à guerra, conseguir libertar-se e, enganando o ex-criado, fugir para Hamburgo e dali para mais longe. Preso e convencido de que os cavalos não poderiam ser recuperados (Kohlhaas já havia aventado a hipótese de aceitar uma indenização em dinheiro pelos animais), o comerciante dispõe-se a esquecer tudo e escapar para um lugar onde ninguém o conheça, onde possa reiniciar seu trabalho sem a pecha da derrota e a marca da "litigância de má-fé". Kohlhaas, mergulhado, como sempre, em sua "obstinação errática", saíria então em busca de um aparato governamental que protegesse seus direitos, conforme foi seu plano ao "ingressar" na comunidade da qual continua a fazer parte, ainda que, agora, na condição renovada de pária. O acaso intervém novamente para puni-lo. O portador da carta de Nagelschmidt recebida por Kohlhaas havia caído doente no caminho, a carta já era conhecida dos nobres saxões e tudo não passou de uma armadilha montada para incriminar o comerciante. Os fatos levantam-se contra Kohlhaas a fim de lembrá-lo, sempre e de novo, de seus compromissos. Essa rememoração feita por meio da materialidade ambiente,

⁴⁷ Para uma descrição mais detalhada, ver *Michael Kohlhaas – a vitória da derrota*.

⁴⁸ Termo usado por Herr C., no "Teatro sobre as Marionetes", para referir-se a essa suposta vantagem dos bonecos.

no entanto, aponta já para a porção de esquecimento contida nessa memória. Não é propriamente o sujeito que se lembra, mas as coisas (ou algo). Kohlhaas esquece-se para ser lembrado pelos fatos, que não têm memória. O leitor acusará a força do golpe. A estratégia do narrador kleistiano passa por um esforço de esquecimento, de apagamento das incoerências e "erros" espalhados pela prosa. Alimentam essa estratégia a extensão relativamente grande do enredo, os longos parágrafos e as longas frases de construção singular, que, apelando excessivamente à lógica, embotam o raciocínio e incentivam o leitor a uma postura passiva (que é também uma postura de esquecimento), o grande número de personagens com nomes parecidos, a rapidez com que transcorre a narrativa, a distância das concatenações factuais⁴⁹ etc. Esses, no entanto, são os móveis mais evidentes, e mais superficiais, da estratégia citada antes. No centro dessa prosa, conforme ficou dito, há uma lógica abstrata capaz de tudo abarcar, mas que, ao fazê-lo, joga fora o que faz de cada ente um ente singular. O que significa dizer que não há, na novela, nada propriamente sobre o que se lembrar. O efeito de indiferenciação⁵⁰ gerado por "Michael Kohlhaas", e por Michael Kohlhaas, é um efeito almejado. Tendo lido a novela, cada um sente-se livre para dizer o que bem entender a respeito dela, atitude essa que não deixa de conter um teor de verdade. Mas uma verdade negativa, carente de conteúdo. O texto kleistiano cria uma liberdade oca – pode-se dizer a respeito dele o que quer que seja, desde que não se pretenda dizer sobre ele nada de substancial. No plano da jornada kohlhaasiana, o comerciante pode ser terrível ou justo⁵¹, mas não pode é ser apenas um deles. A mobilidade do comerciante pelos espaços sociais e físicos traduz-se na mobilidade pelos conceitos. Se é impossível prender Kohlhaas (e a pena para quem tentar fazê-lo é uma vida infundável de sofrimentos ao término da qual o aguarda a derrocada fatal), tampouco se pode conceituá-lo ou, rigorosamente, lembrar-se dele (atando-o a um evento

29

⁴⁹ Por isso, costuma passar despercebido, por exemplo, que o comerciante desferiu e não desferiu o pontapé mortal contra o jovem criado que tirou os cavalos dele de debaixo de uma cobertura em chamas: "[...] hob dieser [Kohlhaas] plötzlich, mit einer fürchterlichen Gebärde, den Fuss, dass der Tritt, wenn er ihn getan hätte, sein [do jovem criado] Tod gewesen wäre" (KLEIST 2005: 64-65); "[...] de repente este [Kohlhaas], com um gesto medonho, levantou o pé, de forma que o golpe, se ele o tivesse desferido, teria sido a morte dele [do jovem criado]"; "Aber alles, was sie [Kunz e Hinz] [...] erfahren konnten, war, dass ein Knecht [...] aus dem brennenden Schuppen, in welchem sie [os cavalos] standen, gerettet, nachher aber auf die Frage, wo er sie hinführen, und was er damit anfangen solle, von dem grimmigen Wüterich [Kohlhaas] einen Fusstritt zur Antwort erhalten habe", (KLEIST 2005: 90); "Mas tudo o que eles [Kunz e Hinz] [...] puderam descobrir foi que um criado [...] os [os cavalos] teria tirado do galpão em chamas nos quais eles estavam, os teria salvado, mas depois, ao perguntar sobre onde deveria levá-los e o que deveria fazer com eles, teria recebido como resposta, do colérico feroz, um chute".

⁵⁰ Ulrich BEIL fala em um "efeito de indiferenciação" na novela. Apontamento de aula.

⁵¹ "Wie bei Kleist rechtschaffen ist, ist zugleich auch entsetzlich. Beiden lässt sich nicht voneinander trennen" (FÖLDÉNYI 1999: 347); "Da mesma forma como, em Kleist, algo é justo, é também terrível. Não se pode separar um do outro".

ou a uma imagem de um tempo passado). Escapando continuamente das qualificações ao assumir as mais diferentes qualificações⁵², o comerciante, como fizera o narrador, mina o próprio conceito de conceito, algo sem o que não se pode pensar e lembrar. Ao leitor, desse ponto de vista, não cabe propriamente lembrar-se desse enredo e nem meditar a respeito dele, mas simplesmente aceitá-lo. Recebê-lo com sua coerência incoerente, sua magia natural, sua razão sentimental etc. Impossibilitado de lembrar por onde trafega, o leitor percorrerá, junto com a narrativa, os mesmos caminhos várias vezes sem se dar conta disso.

É o que acontece no que diz respeito às tramas privado-pública e público-privada descritas antes. O comerciante realizará por duas vezes o mesmo percurso: o primeiro, público-privado, no qual luta pela recuperação dos dois cavalos, persegue Wenzel von Tronka e obtém a vitória por meio da intermediação de Martinho Lutero; o segundo, privado-público, no qual luta pela manutenção do (para não perder o) papelzinho, é perseguido pelo príncipe eleitor da Saxônia e obtém sua vitória por meio da intromissão da cigana. Os dois enredos repetem-se no paralelismo das ações e dos personagens. O Kohlhaas justiceiro vingativo opõe-se ao Kohlhaas vingador justo. Os cavalos opõem-se ao papelzinho. Lisbeth à Elisabeth. Wenzel von Tronka ao dirigente saxão. A figura austera e paternal de Martinho Lutero, com o qual o comerciante se encontra dentro de um quarto fechado, que repreende Kohlhaas e que exige dele que observe as leis, funciona como intermediário de Kohlhaas com o mundo celestial, opondo-se à figura compreensiva e maternal da cigana, com a qual o comerciante reúne-se pela primeira vez em uma feira ao ar livre e que tenta convencê-lo a usar o papelzinho mágico para salvar sua vida, funcionando como intermediária de Kohlhaas com o mundo da bruxaria, o mundo infernal – a mãe infernal defenderá seu filho ainda que lhe dê o instrumento em nome do qual este desejará a própria morte; o pai celestial condenará seu filho, sugerindo o argumento jurídico sobre o qual se apóia a sentença de morte, ainda que lhe forneça o instrumento por meio do qual vencerá a causa processual. O comerciante racional-raivoso das petições judiciais e das táticas de guerra bem-

⁵² "Nun ist in der Tat auffallend, dass Kohlhaas gerade nicht [...] über einen festen Charakter verfügt, auf den sich seine Handlungen zurückführen lassen. [...] Je nach Situation weist Kohlhaas ein anderes Erscheinungsbild auf" (FISCHER-LICHTE 1991: 58); "Pois, de fato, é chamativo que Kohlhaas não dispõe [...] de um caráter rígido, ao qual se pode remeter suas ações. [...] A cada situação, Kohlhaas mostra uma nova cara"; "Es gibt nichts, was man nicht über sie [os personagens de Kleist] sagen könnte; andererseits haben sie auch keine Eigenschaft, der man nicht sofort auch eine Verneinungspartikel anfügen könnte" (FÖLDÉNYI 1999: 432); "Não há nada que não se possa falar sobre eles [os personagens de Kleist]; de outro lado, eles não possuem nenhuma característica à qual não se possa prontamente adicionar uma partícula de negação".

sucedidas opõe-se ao comerciante colérico-calculista da vingança pessoal e da execução. Os enredos, além de correrem em paralelo, também se mesclam. O encontro com a cigana só aconteceu porque Kohlhaas saiu em direção a Tronkenburgo para incendiar o castelo; a vingança contra o príncipe eleitor da Saxônia só se completa porque Kohlhaas será executado por ter rompido a "paz pública". Mito e história, céu e inferno, público e privado unem-se para garantir a perpetuidade do mesmo.

O enredo transcorre, como ficou indicado no parágrafo anterior, sob a marca dos duplos. Repetem-se não apenas os enredos e os gestos, mas também os personagens. Kunz e Hinz von Tronka, a cigana e Lutero, a cigana e Lisbeth, Herse e Nagelschmidt, Lisbeth e Elisabeth, os dois príncipes eleitores, Wenzel von Tronka e o príncipe eleitor da Saxônia, o kaiser e o cachorro Kaiser, os dois castelões. O pulular de personas refletidas embaralha as subjetividades, que se transformam em seu duplo naturalmente e pendem para uma unificação duplicada (unindo-se sem se apagarem como entes diferenciados), o que distancia Kleist dos românticos também neste ponto. O camareiro e o copeiro da corte de Brandenburgo realizam atos que alguém, normalmente, faz sozinho, como quando "dizem" (em uníssono?) a Wenzel von Tronka uma série de coisas⁵³. Antes disso, em dado momento, haviam trocado de cargo⁵⁴. No final da novela, não será possível distinguir entre a cigana e Elisabeth, entre Elisabeth e Lisbeth e entre Lisbeth e a cigana. E não haverá nada de assombroso nisso. De todos os personagens, Kohlhaas, porém, será o mais fecundo quando o assunto é os duplos. Já se falou sobre o vingador justo e o justiceiro vingativo, sobre o Kohlhaas racional-raivoso e o outro, colérico-calculista. O comerciante ainda se duplica na figura de Nagelschmidt. Mas sua principal relação de duplicidade será aquela entre o Kohlhaas-deus e o Kohlhaas-demônio. Desde o parágrafo inicial, o protagonista é mostrado em sua relação com Deus, relação essa que se torna cada vez mais próxima até o comerciante transformar-se, ele próprio, na figura divina. O primeiro nome do mercador, Michael, Miguel, remete tanto ao anjo guerreiro quanto ao sentido da palavra em hebraico, que significa "Quem é semelhante a Deus?", ou "Que é como Deus?"⁵⁵. Kohlhaas é definido pelo narrador como alguém que vive "no temor a Deus" ("*in der*

⁵³ "[...] sie [Hinz e Kunz] nannten ihn [Wenzel] einen Elenden [...], kündigten ihm an [...] und forderten ihn auf [...]" (KLEIST 2005: 89-90); "[...] eles [Hinz e Kunz] o [Wenzel] chamaram de um miserável [...], o informaram [...], e o instaram a [...]"

⁵⁴ "Herren Hinz und Kunz, Kämmerer und Mundschenk von Tronka", (KLEIST 2005: 82); "os senhores Hinz e Kunz, camareiro e copeiro von Tronka".

⁵⁵ (HAMACHER 2003: 6).

Furcht Gottes"⁵⁶). E no começo de sua jornada, o comerciante contava com 30 anos, a idade de Jesus quando este deu início a suas pregações⁵⁷. Ao investir contra Tronkenburgo, Kohlhaas o fará como "o anjo da justiça"⁵⁸; mais tarde se denominará um "representante do arcanjo Miguel". Em dado momento, o mercador passa a caminhar precedido por 12 homens segurando tochas e uma grande espada de querubim colocada sobre uma almofada de couro vermelha. Ao final do enredo, o comerciante engole o papelzinho mágico, alçando-se à figura de Ezequiel, que ingere um pergaminho sagrado ao receber o chamado que o transformaria em profeta⁵⁹. E, finalmente, Kohlhaas será executado, como o filho de Deus, pouco depois do Domingo de Ramos. O comerciante, no entanto, não mantém uma ligação umbilical somente com as alturas divinas, mas mergulha também nas profundezas demoníacas. Kohlhaas vive a espalhar chamas infernais, reduzindo Tronkenburgo a cinzas e incendiando Wittenberg e Leipzig. Ao invadir o castelo de Wenzel von Tronka, destrói a capela do local e por pouco não atea fogo na abadia de Erlabrunn, envolvido pelo "inferno da vingança insatisfeita"⁶⁰. Mais tarde, será chamado de o "dragão que devastava a terra"⁶¹. Lutero cumprimenta Kohlhaas ("*weich fern hinweg*"⁶²) como Jesus cumprimenta o diabo (Mateus 16, 23 e Mateus 7, 23), e a cena remete também à lenda sobre o encontro do clérigo com o demônio⁶³. Por fim, é montado sobre os cavalos em nome dos quais o comerciante travava sua luta que o diabo rodava a Saxônia⁶⁴. Kohlhaas é o deus-demônio cuja figura inspira grande respeito e temor. É a entidade que com um único chute é capaz de, não apenas escancarar portas, mas matar. O pé que o leva de um canto a outro é o mesmo que lhe confere o poder de assassinar alguém com uma patada. O comerciante alça-se a uma estatura celestial-infernal correndo mundo com a cápsula mágica no peito e a espada da justiça nas mãos. E essas dimensões não permanecem estanques na unidade fraturada que formam. O comerciante, como se tentou demonstrar neste artigo, recorre ao terror para realizar a justiça e mostra-se justo ao praticar atos terríveis. O

⁵⁶ (KLEIST 2005: 13).

⁵⁷ "[Dieser ausserordentliche Mann – Kohlhaas – würde] *bis in sein dreissigstes Jahr*. Beginn einer Reihe von Anspielungen auf Christus, der nach Lk. 3,23 mit etwa dreissig Jahren erstmals öffentlich aufgetreten sein soll" (HAMACHER 2003: 8); "[Esse homem excepcional – Kohlhaas – seria] *até seus 30 anos*: começo de uma série de alusões a Cristo, que, com cerca de 30 anos, segundo Lucas 3,23, teria pregado abertamente pela primeira vez".

⁵⁸ "Der Engel des Gerichts" (KLEIST 2005: 53).

⁵⁹ (HAMACHER 2003: 54).

⁶⁰ "in die Hölle unbefriedigter Rache" (KLEIST 2005: 67).

⁶¹ "den Drachen, der das Land verwüstete" (KLEIST 2005: 69).

⁶² (KLEIST 2005: 77).

⁶³ Essas observações são feitas por FISCHER-LICHTE.

⁶⁴ "Pferden [...] auf welchen der Teufel durch Sachsen ritt [...]" (KLEIST 2005: 93); "os cavalos [...] sobre os quais o demônio cavalgava pela Saxônia".

excesso da sanha justiceira torna-o terrível; e o caráter terrível de seus atos (de guerra e de vingança) transformam-no em alguém justo.

Kohlhaas, que transitará por toda a escala mítico-social da novela⁶⁵, é o Messias vindo no final dos tempos para punir os pecadores e recompensar os que obedecem à lei⁶⁶. Grande parte das alusões bíblicas constantes da novela fazem remissão ao Apocalipse⁶⁷. O filho de Deus volta ao mundo para, ao fim e ao cabo, consumir a lei que já estava posta desde o começo dos tempos, mas uma lei demoníaca⁶⁸. Se Kohlhaas está mergulhado no "inferno da vingança" e se, depois, precisa submeter-se à "vingança da lei", então o mundo da lei é um mundo infernal. O paraíso fechado do texto "Sobre o Teatro de Marionetes"⁶⁹ esteve sempre aberto – e Kohlhaas, que se faz acompanhar mais de uma vez pela espada do querubim, é, foi e será o querubim. Na cena derradeira da novela, quando o comerciante ouve o veredicto favorável a sua causa e os cavalos ressurgem vindos do reino da morte, Kohlhaas realizará, por meio de sua execução, seu último ato de justiça e de vingança. Neste momento, deus e demônio, justiça e vingança, sujeito e objeto⁷⁰, vida e morte confundem-se totalmente e o tempo paralisa-se, unindo passado e presente em um emaranhado inextricável:

⁶⁵ Do homem terrível (o dragão, o demônio) a deus (morto depois do Domingo de Ramos), passando pelas condições de pária, de servo (ao aliar-se ao "populacho" sem pão para investir contra a nobreza da Saxônia), de burguês, de clérigo (o representante do arcanjo Miguel) e de nobre (ao exercer, com pompa de ares feudais, o comando de suas forças bélicas; ao enterrar a mulher como princesa; ao legar a seus filhos um futuro de nobres). Diz LINDER: "Oben und Unten fallen als räumliche und soziale Kategorien in Kohlhaas zusammen" (LINDER 2000: 150); "Superior e inferior coincidem em Kohlhaas como categorias espaciais e sociais".

⁶⁶ "Er [Kohlhaas] führt seine Rachekrieg in einem apokalyptischen Bewusstsein; die Partei der Guten und die Partei der Bösen sind nach seiner Meinung unerbittlich voneinander geschieden" (WIESE 1956: 56); "Ele [Kohlhaas] trava sua guerra vingadora sob uma consciência apocalíptica; o lado dos bons e o lado dos maus estão, segundo a opinião dele, inexoravelmente separados um do outro".

⁶⁷ Segundo HAMACHER, a menção aos "sete cavaleiros" ["sieben", (KLEIST 2005: 63)] com os quais Kohlhaas invade Tronkenburgo é o "Beginn der apokalyptischen Anspielungen, die das Geschehen auf eine eschatologische Ebene heben", (HAMACHER 2003: 17); "começo das imagens apocalípticas, que elevam os acontecimentos a um nível escatológico". A menção ao número sete também antecipa a união, em Kohlhaas, de deus com o demônio: "Sieben ist sowohl die Zahl der Engel vor dem Thor Gottes (Off. 8,2 und 15,1) als auch der Häupter des Drachen (Off. 12,3)" (FISCHER-LICHTE 1991: 36); "Sete é ainda o número de anjos diante do Portão de Deus (Apocalipse 8,2 e 15,1) e também o número de cabeças do dragão (Apocalipse 12,3)".

⁶⁸ "[...] o Messias é a figura com a qual as grandes religiões monoteístas procuraram solucionar o problema da lei e [...] sua vinda significa, tanto no judaísmo quanto no cristianismo e no islã xiíta, o cumprimento integral da lei" (AGAMBEN 2004: 63).

⁶⁹ "Doch das Paradies ist verriegelt und der Cherub hinter uns" (KLEIST 2005: 559); "O paraíso está realmente fechado e o querubim ficou para trás". Diz BLÖCKER: "Dann läuft Kleists Lebensvorstellung auf ein Jenseits im Diesseits hinaus. Dann muss das Paradies sich schon in irdischen Leben beweisen, und ein Mann wie Michael Kohlhaas trägt dann allerdings einen Heiligenschein" (BLÖCKER 1960: 64); "Então a representação da vida para Kleist resulta em colocar o além no aqui e agora. Então o paraíso precisa se afirmar já na vida terrena, e então um homem como Michael Kohlhaas carrega de fato uma aura sagrada".

⁷⁰ Kohlhaas é sujeito da ação jurídica que vence e objeto da pena de morte à qual se submete.

*Kohlhaas aber, während die bestürzten Begleiter desselben [des Brandenburgischen Kurfürsten] sich herabbeugten, und ihn vom Boden aufhoben, wandte sich zu dem Schafott, wo sein Haupt unter dem Beil des Scharfrichters fiel.*⁷¹

A frase, aparentemente simples, é de difícil tradução por conta de seu caráter fugidio. O "*während*" indica ação durativa e, apesar de ligado ao gesto dos acompanhantes do dirigente saxão, contamina o termo principal da oração (que envolve aquele outro, como um invólucro). São quatro as traduções possíveis para o português: "Kohlhaas, porém, enquanto os contrariados acompanhantes do mesmo [do príncipe eleitor de Brandenburgo] se curvavam, e o levantavam do chão, virava-se para o cadafalso, onde sua cabeça caía sob o machado"; "Kohlhaas, porém, enquanto os contrariados acompanhantes do mesmo se curvaram, e o levantaram do chão, virou-se para o cadafalso, onde sua cabeça caiu"; "Kohlhaas, porém, enquanto os contrariados acompanhantes do mesmo se curvaram, e o levantavam do chão, virou-se para o cadafalso, onde sua cabeça caía"; ou (a pior) "Kohlhaas, porém, enquanto os contrariados acompanhantes do mesmo se curvavam, e o levantaram do chão, virava-se para o cadafalso, onde sua cabeça caiu". Na cena final, o comerciante vira-se para o cadafalso e morre (como era de se esperar); e também (como não era de se esperar) realiza a façanha, a última de tantas, de assistir a sua própria execução. O arcanjo Miguel mata o dragão, e Kohlhaas revela-se o que sempre foi, o carrasco de si mesmo, vivendo por meio de sua morte⁷², afirmando-se por meio de sua negação⁷³. Neste ponto, céu e inferno se encontram no corpo vivo-morto do comerciante – o móvel do processo que desemboca na condenação à morte dele havia sido sugerido por Lutero, o pai celestial (esse móvel é a violação da "paz pública"); o desejo de morte de Kohlhaas alimenta-se da necessidade de punir o príncipe eleitor da Saxônia, da necessidade de ler e nunca divulgar o conteúdo do papelzinho, dado a ele pela cigana, a mãe infernal. Passado e presente, mito e história, magia e natureza, o mundo do além e o mundo terreno⁷⁴, morte e vida passam de um a outro, inapreensíveis, em nome da apoteose derradeira desse sujeito que é, ao mesmo tempo, senhor absoluto e objeto impotente.

⁷¹ (KLEIST 2005: 141).

⁷² "Deshalb wird der Tod zu einer das Leben erhöhenden und besiegelnden Macht" (BLÖCKER 1960: 116); "Dessa forma, a morte transforma-se em um poder de elevação e confirmação da vida".

⁷³ "Kohlhaas stirbt zwar, aber als Sieger" (GALLAS 1981: 86); "Kohlhaas morre realmente, mas como vencedor".

⁷⁴ "Mit seinem [de Kohlhaas] Tod befruchtet er die Welt und bereitet dadurch die Geburt einer nicht-diesseitigen Perspektive vor", (FÖLDÉNYI 1999: 293); "Com sua [de Kohlhaas] morte, ele fecunda o mundo e prepara, através disso, o nascimento de uma perspectiva de além-mundo."

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2003.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004.
- BLÖCKER, Günter. *Heinrich von Kleist oder Das absolute Ich*. Berlim, Argon Verlag, 1960.
- BOGDAL, Klaus-Michael. *Heinrich von Kleist: Michael Kohlhaas*. Munique, Wilhelm Fink Verlag, 1981.
- FISCHER-LICHTE, Erika. *Heinrich von Kleist: Michael Kohlhaas*. Frankfurt am Main, Verlag Moritz Diesterweg, 1991.
- FÖLDÉNYI, László F. *Heinrich von Kleist – Im Netz der Wörter*. Munique, Matthes & Seitz Verlag, 1999.
- HAMACHER, Bernd. *Heinrich von Kleist, Michael Kohlhaas*. Stuttgart, Philipp Reclam, 2003.
- HOLZ, Hans Heinz. *Macht und Ohnmacht der Sprache – Untersuchungen zum Sprachverständnis und Stil Heinrich von Kleists*. Frankfurt am Main/Bonn, Athenäum Verlag, 1962.
- GALLAS, Helga. *Das Textbegehren des 'Michael Kohlhaas' – Die Sprache des Unbewussten und der Sinn der Literatur*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt Taschenbuch Verlag, 1981.
- KITTLER, Wolf. *Die Geburt des Partisanen aus dem Geist der Poesie*. Freiburg im Breisgau, Rombach Verlagshaus, 1987.
- KIRCHER, Hartmut. *Heinrich von Kleist. Das Erdbeben in Chili/Die Marquise von O...* München, Oldenbourg Verlag, 1992.
- KLEIST, Heinrich von. *Kleist Sämtliche Erzählungen (organizado por Klaus Müller-Salget)*. Frankfurt am Main, Deutscher Klassiker Verlag, 2005.
- KRETZSCHMAR, Udo. "'Doch das Paradies ist verriegelt...!' Betrachtung zu Heinrich von Kleists Welt- und Menschenbild in den Erzählungen 'Michael Kohlhaas', 'Das Erdbeben in Chili' und 'Die Marquise von O...'", in *Zwei Vorträge*. Heilbronn, Stadtbücherei Heilbronn, 1993.
- LAURS, Axel Ilmar. *Zum Thema der Rache und der Gesellschaft bei Heinrich von Kleist*. Zurique, Massey University Printery, 1980.

- LINDER, Joachim. "Mobilisierung und Diabolisierung der Zeichen. Zu Heinrich von Kleists Erzählung Michael Kohlhaas. Ein literaturwissenschaftlicher Kommentar", in *Michael Kohlhaas*. Baden-Baden, Nomos Verlagsgesellschaft, 2000.
- IDE, Heinz. "Kleist im Niemandsland?". In: MÜLLER-SEIDEL, Walter (Hrsg.). *Kleist und die Gesellschaft*. Berlin, Erich Schmidt Verlag, 1965.
- MÜLLER-SEIDEL, Walter. *Versehen und Erkennen – Eine Studie über Heinrich von Kleist*. Colônia, Böhlau Verlag, 1961.
- SKROTZKI, Ditmar. "Ist Kleist Erzählung vom Kohlhaas wirklich die Geschichte des Rebellen Kohlhaas? Oder: Wie stoppt man den Teufel, der auf zwei Rappen durch Sachsen reitet?", in *Zwei Vorträge*. Heilbronn, Stadtbücherei Heilbronn, 1993.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Centauro Editora, 2001.
- WIESE, Benno von. *Die deutsche Novelle von Goethe bis Kafka*. Düsseldorf, August Bagel Verlag, 1956.

Franz Kafka, leitor de Heinrich von Kleist

Eduardo Manoel de Brito*

Abstract: Franz Kafka's critical fortune is rich in relating the writer's way to construct his own narrative associated sometimes with themes treated in Kleist's literary works. In support of my reflections upon this issue, I have focused on the essays by two Brazilian literary critics who have revealed aspects of this relation: Otto Maria Carpeaux and Luiz Costa Lima. Many decades separate one from the other; however, both seem to have confluence lines on Kafka's approach to Kleist's work. After presenting aspects of Kleist-Kafka relation based on a critical background, I looked for references about Kleist in Kafka's non-literary texts, in order to establish a foundation for what is said by the critics mentioned in this essay.

Keywords: Franz Kafka; Heinrich von Kleist; German literature; literary critics.

Resumo: A fortuna crítica sobre Franz Kafka é pródiga em relacionar o modo de o escritor construir sua narrativa e algo dos próprios temas com a produção kleistiana. Como uma forma de refletir sobre isso, atentarei para dois críticos que expuseram aspectos desta relação em solo brasileiro: Otto Maria Carpeaux e Luiz Costa Lima. Distados várias décadas, os dois parecem, contudo, possuir certas linhas de confluência na abordagem kleistiana da obra de Franz Kafka. Após expor aspectos da relação Kleist-Kafka nos recortes da crítica brasileira, buscarei referências a Kleist em textos não literários de Kafka com a finalidade de encontrar neles um fundamento para o que é afirmado pelos críticos tratados neste ensaio.

Palavras-chave: Franz Kafka; Heinrich von Kleist; literatura alemã; crítica literária.

Stichwörter: Franz Kafka; Heinrich von Kleist; Deutschsprachige Literatur; Literaturkritik.

37

A relação Kleist e Kafka em recortes da crítica brasileira

Otto Maria Carpeaux, já no seu ensaio publicado em livro em 1942 (o primeiro texto inteiramente dedicado a Franz Kafka produzido no Brasil), afirma o seguinte: “Feita a abstração de alguns pontos de contacto com Heinrich von Kleist, o Kleist do ensaio *Sobre o teatro de bonecas*, e com E. T. A. Hoffman, a presença de Kafka na literatura alemã é simplesmente ocasional.” (CARPEAUX 1942: 158)

Como se depreende, a menção a Kleist no texto dedicado a Kafka é bastante genérica, o que, de resto, se repetirá em boa parte da crítica que fez a mesma relação. Um tal enfoque não se repetirá, contudo, no ensaio publicado em livro no ano de 1960 fazendo o caminho inverso, ou seja, citando Kafka num texto dedicado a Kleist:

* Doutor em Letras, Literatura Alemã, título conferido pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Alemã da FFLCHUSP. edubrito@usp.br

Sabendo que a “existência humana não tem fundo debaixo de nossos pés”, Kleist não admitia ilusões. É de um realismo implacável, contando as coisas mais monstruosas ou, pelo menos, inesperadas como se fossem lógicas e naturais. É esse estilo seco que inspirava tanta admiração a Franz Kafka, leitor constante das novelas de Kleist. Mas o estilo não foi o único motivo dessa admiração.

As influências decisivas no pensamento de Kleist foram Rousseau e Kant. Do primeiro aprendeu que temos perdido o Paraíso; do outro que nunca mais voltaremos para lá. Mas não seriam estes, também, os problemas de Kafka? Os personagens de Kafka, assim como os de Kleist, estão desorientados no mundo. Procuram a verdade redentora e encontram o erro fatal. Mas há uma diferença: os personagens de Kafka parecem joguetes na mão de forças incompreensíveis. Os personagens do dramaturgo Kleist são “caracteres”: nesta vida “sem fundo” guardam coerência ferrenha que nenhum acontecimento é capaz de quebrar. (CARPEAUX 1960: 47-48)

Carpeaux marca em seguida que Acontecimento (fazendo questão de justificar o uso da maiúscula) é a marca da produção literária kleistiana: determinados Acontecimentos irrompem num cotidiano comum e dão um rumo inesperado e quase surreal à vida dos seus personagens. Apesar de ele, neste sentido, não fazer a relação entre Kafka e Kleist, essa seria uma outra ponte a ligar os dois escritores tratados neste ensaio. De qualquer modo, é possível resumir a relação Kafka-Kleist, segundo os pontos de vista de Carpeaux, aos seguintes aspectos: Kafka admirava o “estilo seco” de Kleist; ambos teriam aprendido que o Paraíso foi perdido pelos homens e que não seria possível voltar para ele e, por fim, ambos criaram personagens “desorientados no mundo”.

38

Com relação a aspectos de imbricação entre a produção literária de Kleist e de Kafka, assim podem ser resumidas as opiniões expressas por Luiz Costa Lima no seu livro *Limites da voz: Kafka*:

- 1) O modo de conduzir o assombroso com rapidez magnética distingue o procedimento kleistiano-kafkiano dos românticos alemães (LIMA 1993: 16);
- 2) Kafka abalaria a “casa forte do eu” e se filiaria a uma tradição da qual faz parte, entre outros, Kleist. (LIMA 1993: 61);
- 3) Uma “mesma ausência de um centro de gravidade orientador das ações individuais” encontrada em Kafka está presente em Kant. Contudo, levando em conta que não há como fazer esta relação direta, encontra-se entre Kant e Kafka a figura de Kleist, que teria exposto isso em sua obra. (LIMA 1993: 94);
- 4) A “instabilidade semântica extrema” de Kafka, mas também de Kleist, Flaubert e de Beckett “teatrologo e romancista”, faz com que eles produzam algo num “encaminhamento oposto do que fora o romance clássico”. (LIMA, 1993: 97);
- 5) “[...] ao período em que a perda da crença na substancialidade absoluta da Lei regente do mundo ainda não dava lugar à experiência de vertigem em que excederiam Kleist e Kafka”. (LIMA 1993: 123)
- 6) “Que significa dizer que a ilimitação da arbitrariedade da Lei resultaria de um crescimento que lhe seria inerente? Significa que, a exemplo de Kleist, Kafka é dominado pelo terror que resulta de a ambição da razão não corresponder aos resultados do entendimento.” (LIMA 1993: 162).

Como se pode perceber, a admiração de Kafka em relação a Kleist é mencionada – ao menos nas obras utilizadas neste ensaio e escritas pelos dois críticos – apenas por Carpeaux. A razão disso está, muito provavelmente, nos objetivos e nas formas diferentes utilizadas pelos dois críticos na elaboração de seus trabalhos. Os dois textos de Carpeaux foram escritos originalmente para jornal e, apenas, posteriormente publicados sob a forma de livros e – ao menos o primeiro artigo – tinha a intenção explícita de apresentar o autor ao público brasileiro, expondo aspectos variados da produção literária kafkiana. O texto de Lima corresponde à sua interpretação acadêmica da obra de Franz Kafka e está, certamente, em diálogo com toda uma tradição crítica anterior, apesar de ele ignorar completamente qualquer estudo crítico produzido no Brasil a respeito do autor tcheco. De qualquer modo, fica claro que Lima se abstém de instaurar alguma relação entre Kafka e Kleist como uma atitude consciente do autor tcheco, ou seja, o crítico brasileiro não menciona nem uma admiração nem algum tipo de tentativa kafkiana de seguir um modelo kleistiano de literatura. Não cabe neste ensaio uma crítica à qualidade dos dois textos no que diz respeito às análises e interpretações das obras tanto de Franz Kafka quanto de Heinrich von Kleist. Intentando algum tipo de síntese dos dois críticos, poder-se-ia apresentar os seguintes pontos:

39

1) A afirmação de que Kafka admirava o estilo seco de Kleist é citada por Carpeaux, mas também pode ser sentida, enquanto modo de escrever kafkiano, na expressão “rapidez magnética” para conduzir o assombroso, ou seja, no modo de ambos os escritores não fazerem floreios na descrição dos Acontecimentos, por mais assombrosos que estes sejam.

2) Relacionando a questão da Lei ao Divino, é possível afirmar que tanto Kafka quanto Kleist não têm mais esperança de algum dia retornar ao Paraíso perdido. Também o terror, apontado por Lima, de que a ambição da razão não encontraria correspondente nos resultados do entendimento encontra ecos aí, visto que é na consciência de que o Paraíso se perdeu que o homem também perderia a fé de que razão e conhecimento teriam uma relação direta. Em outras palavras, é no Paraíso perdido que o homem perde o acesso ao conhecimento que denomina e organiza o mundo, tornando-o passível de entendimento.

3) Ambos os críticos apontam uma desorientação dos personagens criados tanto em Kafka quanto em Kleist. Aí também se encontraria a afirmação de Lima de que ambos os escritores abalariam a “casa forte do eu”; pois seria também na desorientação dos personagens que isso se manifestaria.

Restaria para que os pontos de confluência entre Kafka e Kleist fossem intercambiáveis para as duas críticas produzidas no Brasil a questão da “instabilidade semântica extrema”. Contudo, deixarei tal crítica de lado porque Lima a faz tendo como referências reflexões de Harold Bloom e de Hannah

Arendt (cf. LIMA 1993: 97) e, além disso, as imbricações se resumem aí não à relação direta entre Kafka e Kleist, senão que se estendem para outros escritores. De qualquer modo, a expressão “extrema” para caracterizar a instabilidade semântica parece ter mais uma função retórica, emprestando ao texto de Lima uma adjetivação de cunho personalista.

O próximo passo será rastrear em textos não literários de Kafka um fundamento para o que foi afirmado – e repetido por outros tantos críticos brasileiros e estrangeiros – a respeito de Kafka ser um admirador da obra de Kleist e de, por conta de uma certa filiação aos seus termos e modos de escrita, ser possível encontrar aspectos kleistianos nos textos kafkianos. Naturalmente os dois críticos citados – mas principalmente Lima – buscaram fundamentar suas considerações muito mais na produção literária de Franz Kafka no sentido estrito, do que nos comentários feitos pelo próprio escritor tcheco. Mas creio que retomar tais pontos seria retornar ao tantas vezes dito sem ir às fontes fornecidas pelo próprio escritor e essa é a justificativa para a opção feita no presente ensaio.

Referências a Heinrich von Kleist em textos de Franz Kafka

40

O primeiro **contato** do escritor tcheco com Kleist deu-se no ambiente escolar, precisamente no seu tempo de *Gymnasium* (entre 1893 e 1901), como seria de se esperar, visto que Kafka estudou numa instituição alemã e Kleist já era um escritor do cânone da literatura alemã. Não há, contudo, nenhum comentário feito a tais leituras ou a reflexões de Kafka a respeito deste período (cf. HERMES/ JOHN/ KOCH/ WIDERA 1999: 18).

Uma primeira menção documentada neste sentido é encontrada no dia 4 de janeiro de 1911, ano do centenário de morte de Kleist. Kafka contou, neste dia, para Max Brod e Oskar Baum, seus amigos, que lera Heinrich von Kleist para suas irmãs e assinala: “Sie weinen. ‘Das sind jetzt meine besten Leistungen’” (cf. HERMES/ JOHN/ KOCH/ WIDERA 1999: 62). Não é mencionado qual o livro Kafka leu, mas a ênfase dada pelo escritor parece ter sido tão marcante que não ele, mas Max Brod registrou isso num diário. O orgulho com o qual Kafka teria narrado o evento a Brod e a Baum, parece ser conseqüência da reconhecida capacidade de Franz Kafka em fazer leituras públicas de textos (seus e de outros autores), amplamente registrada na fortuna crítica do autor tcheco. Ainda em 1911, Kafka enviava um postal para o seu amigo e futuro testamentário literário com o seguinte texto:

Lieber Max – ich fahre Montag nach Friedland. Heute hat sich gezeigt, dass ich morgen zum Zahnarzt muss, ich komme also kaum vor sechs zu Dir. Kleist bläst mich

wie in eine alte Schweinblase. Damit es nicht zu arg wird und weil ich es mir vorgenommen habe, gehe ich jetzt in die Lucerna. (KAFKA 1998: 87)

Esta seria, segundo a organização de Max Brod para a produção literária de Franz Kafka, a primeira vez que o autor tcheco mencionaria Heinrich von Kleist por escrito. O comentário “Kleist sopra-me como em uma bexiga de porco velha” pareceria não ser uma afirmação tão elogiosa, não fosse ele escrito por Kafka, pois no seu caso pode ser interpretado como o resultado de uma leitura que produziria incômodo e que lançaria o leitor para uma reflexão crítica e – por que não? – angustiosa do mundo. Em 20 de fevereiro de 1911, Kafka anota em seu diário que está lendo as cartas da juventude de Kleist, no volume *Leben, Werke und Briefe* (Leipzig 1910) (cf. HERMES/ JOHN/ KOCH/ WIDERA 1999: 64). No final do mesmo ano, por ocasião das homenagens pelos 100 anos da morte de Kleist, Kafka escreveria uma resenha das *Anekdoten* de Kleist, organizadas por Julius Bab (cf. HERMES/ JOHN/ KOCH/ WIDERA 1999: 75), que é reproduzida na íntegra abaixo:

Das ist ein Anblick, wenn die großen Werke, selbst bei willkürlicher Zerteilung, aus ihrem unzerteilbaren Innern immer wieder leben, dann vielleicht ganz besonders in unsere trüben Augen schlagend. Darum hat jede Einzelausgabe, welche die Aufmerksamkeit ein- für allemal an ein Begrenztes hält, ihr tatsächliches Verdienst, gar wenn sie, wie diese Sammlung Kleist'scher Anekdoten, eine neue Einheit respektiert und so den Umfang des Kleist'schen Werkes förmlich vergrößert. Sie vergrößert ihn selbst dann, wenn wir alle diese Anekdoten schon kennen sollten, was aber zur Freude vieler durchaus nicht der Fall sein muß. Der Kenner wird es natürlich erklären können, warum manche dieser Anekdoten in verschiedenen Gesamtausgaben, selbst in der Tempelausgabe, fehlen; die Nichtkenner wird das nicht verstehen, dafür sich aber desto fester an diesen neuen Text halten, den ihm der Verlag Rohwohlt in Klarem Druck und ernsthafter Ausstattung (besonders das etwas getönte Papier scheint uns passend) für diese Kleinigkeit von 2 Mark liefert. (KAFKA 2004: 148)

41

A partir do uso da expressão “Anblick” (traduzível como fenômeno), é possível afirmar que Kafka se mostra empolgado com o lançamento das *Anekdoten* de Kleist. Contudo, ele faz críticas a trabalhos que possuam uma divisão arbitrária de textos (“willkürlicher Zerteilung”), que ficariam melhores se fossem lidas em sua forma original interna indivisível („unzerteilbaren Innern“). Cumpre lembrar aqui a diferença em alemão de Sammlung e “Sämtliche Werke”: no primeiro caso, trata-se de uma coletânea ou seleção de textos (portanto, com caráter arbitrário e dependendo dos gostos literários do organizador) e no segundo, trata-se de uma organização das obras completas, permitindo, então, uma leitura mais dirigida pelo próprio leitor. O comentário kafkiano está de acordo com o seu próprio apuro em organizar os seus textos, insistindo em determinadas organizações e relutando em publicar obras com caráter claramente inconcluso ou cujas partes não estejam conectadas. O comentário feito por Kafka sobre o recorte feito da obra kleistiana para

publicação tende para o negativo, principalmente quando ele coloca em contraste as leituras possíveis dos conhecedores e desconhecedores dos textos e ao comentar – já no final do seu ensaio – a qualidade do papel usado, parece fazer uma ironia, como se esse fosse um dos aspectos mais importantes do lançamento. De qualquer modo, muito pouco é dito sobre a qualidade em si dos textos. De qualquer modo, o livro resenhado inclui-se entre as grandes obras (“die großen Werke“) e é um texto que quando relido ou lido pela primeira vez produz resultados diferentes.

A menção seguinte a Kleist viria numa carta também enviada a Max Brod e datada de 10 de julho de 1912 e corresponderia tão somente a um comentário sobre a pertinência de incluir um estudo seu sobre *Anekdoten* de Kleist na revista “Höhe des Gefühls”. Ainda no mesmo ano, numa carta enviada a Ernst Rowohlt, proprietário da Rowohlt-Verlag, datada de 07 de setembro de 1912, Kafka pede que o editor utilize para publicar o seu *Betrachtung* (primeiro livro publicado por Kafka) algo do mesmo “tipo de papel das Anekdotes de Kleist” (“etwa nach der Art des Papiers der KleistAnekdoten”) (KAFKA 1998: 104).

Outras menções a Kleist feitas por Kafka, neste ínterim, podem ser encontradas nas cartas enviadas a Felice, as quais não foram incluídas na organização das cartas feitas por Max Brod, que compilou as cartas enviadas às mulheres que passaram pela vida de Kafka em volumes únicos (*Briefe an Felice* e *Briefe an Milena*). Em duas entradas com o termo Kleist, encontramos um comentário mais longo e uma menção simples. Quanto ao comentário mais longo, eis o excerto com a referência:

Gestern abend habe ich Dir nicht geschrieben, weil es über Michael Kohlhaas zu spät geworden ist (kennst Du ihn? Wenn nicht, dann lies ihn nicht! *Ich* werde Dir ihn vorlesen!), den bin ich bis auf einen kleinen Teil, den ich schon vorgestern gelesen hatte, in einem Zug gelesen habe. Wohl schon zum zehnten Male. Das ist eine Geschichte, die ich mit wirklicher Gottesfurcht lese, ein Staunen faßt mich über das andere, wäre nicht der schwächere, teilweise grob hinuntergeschriebene Schluß, es wäre etwas Vollkommenes, jedes Vollkommene, von dem ich gern behauptete, daß es nicht existiert (...). (KAFKA 2003: 291-292)

Kafka afirma-se, portanto, “tomado de uma admiração após a outra” quando lê o texto kleistiano *Michael Kohlhaas* e, no excerto, a frase final deixa claro o quanto ele colocava Kleist acima de outros escritores, como algo praticamente único na literatura na sua forma de escrever perfeita (“jedes Vollkommene”).

No mesmo ano, Kafka lê um informe sobre a morte de Kleist e comenta isso com Brod, que anota a informação no próprio diário (cf.

HERMES/ JOHN/ KOCH/ WIDERA 1999: 102). Em setembro deste ano Kafka comenta com Felice Bauer e aqui insiro a menção simples referida acima – a respeito da possibilidade de um casamento – que ele se sente em consangüinidade com quatro escritores (ele usa a expressão Menschen): Grillparzer, Dostojewski, Kleist e Flaubert, “hat nur Dostojewski geheiratet und vielleicht nur Kleist, als er sich im Gedränge äußerer und innerer Not am Wannsee erschöpfte, den richtigen Ausweg gefunden“ (cf. HERMES/ JOHN/ KOCH/ WIDERA 1999: 106-107). No final deste ano, Kafka lê numa apresentação beneficente *Michael Kolbaas* (certamente uma seleção feita por ele) (cf. HERMES/ JOHN/ KOCH/ WIDERA 1999: 110).

Apenas em 1921, já debilitado pela tuberculose, Kafka voltaria a mencionar Kleist nas correspondências organizadas por Max Brod e, na ocasião, faria tão somente um pedido: que Ludwig Hardt, um leitor público de textos literários e que também fizera leituras públicas de textos kafkianos, incluísse em seu programa de leitura (num dia em que Kafka estaria presente) anedotas kleistianas. (KAFKA 2003: 358).

De posse de tais informações compiladas dos textos kafkianos, pode-se organizar as menções feitas a Kleist da seguinte forma:

- 1) Kafka lia freqüentemente, pública ou privadamente, textos de Kleist.
- 2) Há uma predileção evidente de Kafka (que atravessa uma década em menções) pelas *Anekdoten* e pelo texto *Michael Kolbaas* (que ele leu “umas dez vezes”). Kafka afirma ler este último com um verdadeiro temor de Deus (*Gottesfurcht*), uma expressão, inclusive, presente tanto na tradição judaica quanto na cristã. Com respeito ainda a este texto, Kafka usa a expressão admiração (*Stannen*), afirmando que a conclusão dele não tinha nada de falho, senão que seria perfeito (“es wäre etwas Vollkommenes, jedes Vollkommene”).
- 3) Kleist seria um escritor cuja organização dos textos deveria ser respeitada para uma compreensão mais correta de sua produção literária (lembrando da resenha feita às *Anekdoten*).

Conclusão

A mencionada admiração de Franz Kafka a Heinrich von Kleist é referendada inúmeras vezes pelos escritos de Franz Kafka, com especial predileção pelas *Anekdoten* e por *Michael Koblbaas*. Mas não apenas uma admiração, senão que Kafka via na escritura do outro autor como perfeita (“Vollkommen”), termo que aparece, ao menos, duas vezes nas suas anotações sobre a obra kleistiana. A perfeição do autor estaria tanto na sua composição interna (retomando as considerações sobre *Michael Kolbaas*), quanto na apreciação em conjunto, como seria o caso das *Anekdoten*. Além desse aspecto

mais literário, haveria uma aproximação no campo mais pessoal entre Kafka e Kleist (incluindo outros escritores), no que se refere à sua dificuldade de se conciliar com a idéia do casamento.

De posse de tais informações, fica mais fácil fundamentar algumas leituras kleistianas das obras de Franz Kafka, pois não é difícil enxergar na perfeição intentada pelo autor tcheco aquilo que ele admirava na obra de Kleist: a escritura acabada e sem arestas. Tal perfeição (que tem sempre a ver com a forma acabada e com um apuro formal) aponta, também, para a insatisfação do próprio Kafka em relação aos seus textos e a sua intervenção constante em todas as fases de produção (incluindo a escolha do papel!).

Portanto, ainda que se possa afirmar que em alguns momentos a crítica tenha relacionado Kleist a Kafka de modo superficial, apenas repetindo o que já vinha sendo dito, é possível encontrar nos próprios textos (cartas, comentários e diários) de Kafka fundamentos para estudos de cunho mais interpretativo de tal relação. Desse modo, os aspectos que selecionei da crítica produzida no Brasil para este estudo encontram em declarações do próprio autor Franz Kafka um apoio, pois uma admiração tão grande e tão bem documentada certamente contribuiu para que Franz Kafka elaborasse sua própria literatura com algo de kleistiano.

44

Referências bibliográficas

- CARPEAUX, Otto Maria. *Literatura Alemã* (pref. de Willi BOLLE). São Paulo, Nova Alexandria, 1994, 102-105.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Franz Kafka e o mundo invisível”. In: *A Cinza do Purgatório*. Rio de Janeiro, 1942, 150-161.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Novelas Exemplares”. In: *Livros na Mesa*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1950, 43-49.
- HERMES, Roger/ JOHN, Waltraud/ KOCH, Hans-Gerd/ WIDERA, Anita (org.). *Franz Kafka – Eine Chronik*. Berlin, Klaus Wagenbach Verlag, 1999.
- KAFKA, Franz. *Briefe 1902 – 1924* (org. por Max BROD). Frankfurt am Main: Fischer, 1998.
- KAFKA, Franz. *Briefe an Felice* (organizado por Erich HELLER e Jürgen BORN). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2003.
- KLEIST, Heinrich von. „Erzählungen und Anekdoten: Michael Kohlhaas“ (Aus einer alten Chronik). In: *Sämtliche Werke und Briefe*. München, dtv, 2001, 1-103.
- LIMA, Luiz Costa. *Limites da voz: Kafka*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

Alfred Döblin, Naturphilosoph

Élcio Cornelsen *

Abstract: The objective of this article is to sketch an overview of the nature philosopher Alfred Döblin by interpreting his essay *Das Ich über der Natur* (1927). It's about a facet of the celebrated author of the novel *Berlin Alexanderplatz*, which until the present moment received very little attention, even in Germany, and has always left the author overshadowed by his fictional works. After the World War I the period when Döblin occupied himself intensively with the philosophical questions about nature began. Some questions, like the one about the role of the human being in nature, or yet the question about the fair attitude in human kind actions, are in the center of his essays published in the 1920s. *Das Ich über der Natur*, published in 1927 by Fischer, is the first powerful essay by Döblin about speculations on the nature philosophy. In this essay Döblin tries to discuss some ideas like “Ur-Ich” (“original ego”) and “Ur-Sinn” (“original sense”) as a highly natural instance.

Keywords: Alfred Döblin; Natural Philosophy; *Das Ich über der Natur*; Metaphysics.

Zusammenfassung: Ziel dieses Beitrags ist, anhand der Interpretation der Schrift *Das Ich über der Natur* (1927) ein kleines Bild des Naturphilosophen Alfred Döblin zu skizzieren. Es geht um eine Facette des berühmten Autors des Romans *Berlin Alexanderplatz*, die auch in Deutschland bis jetzt sehr wenig Aufmerksamkeit erfuhr und daher immer von seinen fiktionalen Werken überschattet blieb. Nach dem Ersten Weltkrieg begann die Phase von Döblins intensivem Philosophieren über die Natur. Bestimmte Fragen, wie etwa die Frage nach der Rolle des Menschen in der Natur und die Frage nach einem gerechten Handeln stehen im Zentrum seiner naturphilosophischen Abhandlungen der zwanziger Jahre. Die Schrift *Das Ich über der Natur*, die 1927 im Fischer-Verlag veröffentlicht wurde, ist eben die erste ausgearbeitete Abhandlung der Döblinschen naturphilosophischen Spekulationen. Darin versucht Döblin einige Begriffe wie „Ur-Ich“ und „Ur-Sinn“ als höchste Naturinstanz zu erörtern.

45

Stichwörter: Alfred Döblin; Naturphilosophie; *Das Ich über der Natur*; Metaphysik..

Resumo: O objetivo do presente artigo é esboçar, a partir da interpretação do escrito *Das Ich über der Natur* (1927), uma breve imagem de Alfred Döblin enquanto filósofo da natureza. Trata-se de uma faceta do famoso autor do romance *Berlin Alexanderplatz*, que, até o presente momento, recebeu muito pouca atenção também na Alemanha e, em virtude disso, sempre esteve à sombra de suas obras de ficção. Após a Primeira Guerra Mundial teve início a fase em que Döblin se ocupou intensamente de questões filosóficas sobre a natureza. Determinadas questões, como, por exemplo, a questão do papel do homem na natureza, ou ainda a questão em torno de uma postura justa nas ações humanas figuram no centro de seus ensaios de filosofia da natureza escritos e publicados nos anos 20. *Das Ich über der Natur*, publicado em 1927 pela editora Fischer, foi o primeiro ensaio de maior fôlego em torno das especulações döblinianas orientadas pela filosofia da natureza. Nessa obra, Döblin procura discutir alguns conceitos como “Ur-Ich” (“Eu-Primevo”) e “Ur-Sinn” (“Sentido-Primevo”) na qualidade de instância suprema da natureza.

Palavras-chave: Alfred Döblin; filosofia da natureza; *Das Ich über der Natur*; metafísica.

* Professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais. cornelsen@ufmg.br

Dem Autor des *Berlin Alexanderplatz* zu Ehren

Anlässlich des 50. Todestages Alfred Döblins am 26. Juni 2007 fragte ich mich, wie ich den Autor ehren könnte, der meine Laufbahn als Student, Forscher und Dozent immer begleitete. Wenn ich z.B. gebeten werden würde, meine Magisterarbeit *Elementos do Pensamento Filosófico-Religioso de Alfred Döblin e seu reflexo no romance „Berlim Alexanderplatz“* (1995) mit einem einzigen Wort zu bezeichnen, würde ich das Wort „Pionierarbeit“ auswählen.

Sie leistete gewissermaßen eine Pionierarbeit, weil es sich damals um die erste, in Brasilien niedergeschriebene und abgeschlossene Magisterarbeit über Alfred Döblin handelte, eine der Galionsfiguren der deutschen Avantgarde in der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts, mit dessen Namen sein Meisterwerk, der Großstadtroman *Berlin Alexanderplatz. Die Geschichte vom Franz Biberkopf* (1929), immer assoziiert wird.

Danach kam die Phase einer weiteren Forschung zu ausgewählten Werken von Alfred Döblin im Rahmen einer Promotion an der Freien Universität Berlin, dessen konkretes Ergebnis die Dissertation *Gott oder Natur. „Metaphysische Unerströmungen“ im Werk Alfred Döblins* (1999) war.

46

Wenn ich nach der heutigen Bedeutung dieser beiden Forschungsarbeiten gefragt werden würde, würde ich zweideutig darauf antworten. Einerseits kann ich mit Zufriedenheit feststellen, dass sie trotz des Zeitabstands in ihren Argumentationen und Ergebnissen noch aktuell sind. Andererseits kann ich mit gewisser Enttäuschung darauf hinweisen, dass Döblin noch heute sowohl im akademischen Milieu wie auch dem Lesepublikum generell in Brasilien weitgehend unbekannt bleibt, wenn auch die Entwicklung anderer – leider weniger! – relevanter akademischer Arbeiten in Brasilien über Döblins Leben und Werk inzwischen festzustellen ist – mit verdienter Auszeichnung für die Dissertationen von Janice Belther Romanello, *A poética de Alfred Döblin e a manifestação do Grotresco em „Die Ermordung einer Butterblume“ e „Berlin Alexanderplatz“* (2000), und von Alceu João Gregory, *O romance „O tigre azul“ como forma estética do pensamento histórico de Alfred Döblin* (2004), und nicht zu vergessen die auf Deutsch verfasste Dissertation von Georg Bernhard Sperber, dem ersten „Döblinisten“ in Brasilien, *Wegweiser ins „Amazonas“: Studien zur Rezeption und zur Textkritik der Südamerika-Trilogie Alfred Döblins*, in Deutschland 1975 abgeschlossen, oder auch die Veröffentlichung von vielen Artikeln.

Ein mit dem Autor und dessen Werk weniger vertrauter Leser könnte meinen, dass es dabei ausschließlich um einen Interessenbereich der sogenannten Germanistik geht. Jedoch würde er sich mit dieser Annahme zutiefst täuschen. Wenn es einen deutschsprachigen Autor gibt, der Zeichen von Eklektizismus und Mannigfaltigkeit in seinem Werk hinterließ, ist dieser Autor zweifellos Alfred Döblin. Seine Texte gehen von umfangreichen Romanen – durchschnittlich mit 450 Seiten, und in einigen Fällen mit über 1.000 Seiten –, über Rezensionen, Essays und Schriften zur Literaturwissenschaft hinsichtlich der Wege des Epischen Werks in den ersten Jahrzehnten des 20. Jahrhunderts, über politische Abhandlungen und Schriften zur Naturphilosophie – immer einfließend in seine fiktionalen Werke – bis hin zu den Fachtexten im Bereich der Medizin, vor allem in Bezug auf Psychiatrie und Neurologie, also Teilbereiche, in denen er von 1905 bis 1933 beruflich tätig war.

Es werden übrigens mehrere Veranstaltungen und Veröffentlichungen in diesem Jahr sowohl in Deutschland als auch im Ausland organisiert, um den Autor von *Berlin Alexanderplatz* anlässlich seines 50. Todestages zu ehren. Dazu zählen eine Tagung in London vom 21. bis 23. März 2007 zum Thema „Alfred Döblin (1878-1957) – Beyond The Alexanderplatz“, die Verleihung des renommierten Alfred-Döblin-Preises der *Berliner Akademie der Künste* am 13. Mai 2007, und das Alfred-Döblin-Kolloquium der IADG – *Internationalen Alfred-Döblin-Gesellschaft* – zu deren Mitgliedern ich übrigens seit 1994 gehöre – , das in Emmendingen vom 27. bis 30. Juni 2007 stattfinden wird, und zwar zum Rahmenthema „Tatsachenphantasie‘ – Alfred Döblins Poetik des Wissens im Kontext der Moderne“. Die Initiative der Publikationskommission der Zeitschrift *Pandaemonium Germanicum*, ein Döblin-Dossier zu veröffentlichen, zählt ebenfalls dazu.

47

Nach vielen Überlegungen habe ich mich schließlich dafür entschieden, Döblin anlässlich seines 50. Todestages auf eine Art und Weise zu ehren, die dazu beitragen soll, ihn in Brasilien bekannter zu machen. Deshalb werde ich in diesem Beitrag versuchen, ein kleines Bild des Naturphilosophen Alfred Döblin anhand der Interpretation seiner Schrift *Das Ich über der Natur* (1927) zu skizzieren, eine Facette dieses Autors, die auch in Deutschland bis jetzt sehr wenig Aufmerksamkeit verdiente und daher immer von seinen fiktionalen Werken überschattet blieb.

Döblins „Streifzüge“ durch die Naturphilosophie: *Das Ich über der Natur* (1927)

Nach dem Ersten Weltkrieg beginnt die Phase von Döblins intensivem Philosophieren über die Natur. Bestimmte Fragen, wie etwa die Frage nach der Rolle des Menschen in der Natur und die Frage nach einem gerechten Handeln, das durch das Lernen aus der Natur erreicht würde, wurden z.B. bereits 1913 im Roman *Die drei Sprünge des Wang-lun* dichterisch behandelt.¹ Jetzt scheint Döblin aber genauer zeigen zu wollen, was er mit solchen Fragen in engerem Sinne meint.

Die Erlebnisse im Ersten Weltkrieg scheinen der entscheidende Faktor gewesen zu sein, der Döblin zur Auslösung seiner naturphilosophischen Spekulationen führte.² Denn sie bewirkten in Döblin eine Skepsis gegenüber dem technischen Fortschritt, der im Dienst von Großmächten militärisch missbraucht wurde und sich in den Materialschlachten widerspiegelte. Darüber hinaus geht es in den naturphilosophischen Schriften nicht nur um Döblins Ziel, eine bessere Befriedigung der philosophischen und religiösen Bedürfnisse als die christliche Weltanschauung anbietet, zu finden, sondern auch um eine Warnung vor der Gefahr, die die falsche Position des Menschen zur Natur mit sich bringen würde.

Die Schrift *Das Ich über der Natur*, die 1927 im Fischer-Verlag veröffentlicht wurde, ist die erste ausgearbeitete Abhandlung der Döblinschen naturphilosophischen Spekulationen der zwanziger Jahre und zählt zu den Werken, die bis jetzt am wenigsten rezipiert worden sind. Sie ist zwischen 1921 und 1927 entstanden und ist aus den naturphilosophischen Essays „Buddho und die Natur“ (1921),³ „Das Wasser“ (1922)⁴ und „Die Natur und ihre Seelen“ (1922)⁵ hervorgegangen.

Außerdem ist *Das Ich über der Natur* mit den Romanen der Schaffensphase zwischen 1912 und 1929, von den *Drei Sprüngen des Wang-lun* (1912/13) bis zum Großstadtroman *Berlin Alexanderplatz* (1927/29), eng verbunden. In den zeitgenössischen Rezensionen zu *Das Ich über der Natur* herrscht eine Tendenz, in der Döblins naturphilosophische Aussagen in

¹ Vgl. DÖBLIN 1989: 80-81; dazu vgl. CORNELSEN 1999: 32.

² Döblin meldete sich Ende 1914 der Ober- und Reservekommission des Bezirks Berlin zum ärztlichen Militärdienst als Freiwilliger. Er diente als Militärarzt im Lazarett der Infanteriekaserne in Saargemünd; vgl. SCHRÖTER 1988: 66.

³ Vgl. DÖBLIN 1922a: 5-14; dazu vgl. CORNELSEN 1999: 215-235.

⁴ Vgl. DÖBLIN 1921: 1192-1200; dazu vgl. CORNELSEN 1999: 54-61.

⁵ Vgl. DÖBLIN 1922b: 853-858.

Zusammenhang mit den Romanen *Berge Meere und Giganten* (1924) und *Manas* (1926) gestellt werden. In einer Rezension, die damals in der Zeitschrift *Die literarische Welt* erschienen ist, behauptet Axel Eggebrecht, *Das Ich über der Natur* sei bloß „ein Nebenwerk“, „eine Nachlese und Erläuterung“ (EGGEBRECHT 1973: 196) von beiden Romanen. Für ihn liege der Unterschied zwischen den Romanen und der naturphilosophischen Schrift darin, dass „auf gegensätzliche Art dort die große Natur, hier der größere Mensch als siegreich dargestellt werden.“ (EGGEBRECHT 1973: 196). Eine solche Behauptung erachte ich als bedenkenswert, denn weder in den Romanen noch in der naturphilosophischen Schrift geht es um einen „Sieg“ der Natur oder des Menschen. In beiden wird der Mensch zum aktiven Handeln aufgerufen. Dieses Handeln muss zuletzt aber einem bestimmten ethischen Verhalten entsprechen: kein schrankenloses Handeln in prometheischem Sinne, sondern ein Handeln in der und durch die Natur. In derselben Richtungslinie kritisiert Hans Ehrenberg das naturphilosophische Werk Döblins. Für ihn geht es darin um die „Beherrschung der Erde“ (EHRENBERG 1973: 200). Er lehnt *Das Ich über der Natur* als „unnötig“ ab, weil Döblin schon vorher in Werken wie *Berge Meere und Giganten* und *Manas* alles „deutlich und viel überzeugender“ (EHRENBERG 1973: 201) verhandelt habe. Er nennt Döblin „Idealist, ein[en] Urichanbeter“ und „ein[en] idealistische[n] Materialist[en]“ (EHRENBERG 1973: 201). Für ihn ist Döblin „ein eigener Prediger in der Wüste“ (EHRENBERG 1973: 204), und sein Werk „furchtbar“ (EHRENBERG 1973: 203). Anhand dieses Beispiels kann man sich vorstellen, was für ein Aufsehen *Das Ich über der Natur* zur Zeit seiner Veröffentlichung erregte. Denn Döblin geht darin sehr weit, indem er sich erstmals nicht damit begnügt, die jüdisch-christliche Gottesauffassung abzulehnen, wie etwa in den Aufsätzen „Jenseits von Gott“ (1919), „Buddho und die Natur“ (1921) und „Der Geist des naturalistischen Zeitalters“ (1924) der Fall ist,⁶ sondern weil er unbedingt einen selbst gebastelten „Ersatz“ für Gott in der Form einer höchsten Instanz in der Gesamtnatur auf programmatische Weise anbieten will.

49

Einige Gedanken, die das Fundament von Döblins unsystematischem naturphilosophischem Denkgebäude bilden, stammen aus anderen Schriften der zwanziger Jahre: u.a. das „Anonyme“, die Allbeseeltheit der Natur, das Verhältnis von Organischem und Anorganischem in der Natur als Teil einer

⁶ Vgl. DÖBLIN 1985, S.246-247 bzw. CORNELSEN 1999: 3; dazu vgl. DÖBLIN 1921: 1192 und DÖBLIN 1924: 1276 bzw. CORNELSEN 1999: 55 und 243.

alles umfassenden organischen Struktur. Mit *Das Ich über der Natur* tritt aber ein entscheidender Faktor auf: das „Ur-Ich“, auch „Ursinn“ genannt.

Wenn es um den Gebrauch von „Ur“-Termini bei Döblin in den zwanziger Jahren geht, die auch nach Döblins Bekehrung zum Katholizismus ihre Funktion – zwar inhaltlich modifiziert – beibehalten, dann kann man in der Forschungsliteratur folgende Tendenz feststellen: Die Interpreten weisen zwar meistens zutreffend auf die Bedeutung einzelner „Ur“-Begriffe hin, aber man fragt nicht nach dem Grund ihrer Anhäufung. Monique von Weyembergh-Boussart erkennt z.B., dass das „Ur“-Vokabular sich mit Döblins Idee einer „Ganzheit geistiger Art“ in der Natur verbindet (WEYEMBERGH-BOUSSART 1970: 144). Ursula Elm spricht in derselben Richtung vom „Ur-Sinn“ und vom „Ur-Ich“ als „ein[em] einheitsstifende[n] Prinzip“, welches „die Ordnung in der Natur“ garantiert (ELM 1991: 39). Ein ähnliches Beispiel liefert Otto Klein, indem er den „Ur-Sinn“ als „Inbegriff des Zusammenhangs aller Dinge“ richtig interpretiert (KLEIN 1995: 44). Schließlich weist Ulrich Dronske zutreffend darauf hin, dass der „Ur-Sinn kein genetisches Prinzip, von dem die Welt ihre Existenz herschreibt“ (DRONSKE 1998: 50), enthält, d.h. er soll nicht im Sinne eines geschichtlichen Ursprungs verstanden werden. Deshalb beabsichtige ich, meinen Beitrag zu diesem Thema anders zu gestalten als die bisherige Sekundärliteratur.

50

Die Anhäufung vom „Ur“-Vokabular als Begrifflichkeit der Naturwissenschaft, Philosophie und Literatur tritt erstmals deutlich in der zweiten Hälfte des 18. Jahrhunderts auf. Symptomatisch dafür ist in erster Linie die Ablehnung „der naturwissenschaftlichen Entgöttlichung der Natur durch die Aufklärung“ (KÜNG 1995: 163):

[...] der im letzten drittel des 18. jhs. immer häufiger werdende gebrauch des präfixes [ur-] hängt mit dem umschwung des geistigen lebens zusammen, das über die platte erfahrung der aufklärungsbildung hinaus zu den ursprünglichen quellen des lebens zu gelangen sucht. dann werden diese zusammensetzungen häufig: uranfang, -anlage, -atom, -aufführung, -beginn, -bestand, -form, -geschichte, -grund, -keim, -kraft, -licht, -nacht, -offenbarung, -quell, -stifter, -stoff, -typus, -vergangenheit, -wahrheit, -zelle, -zustand; [...] (GRIMM & GRIMM 1936: 2358)

Was hier als „die platte erfahrung der aufklärungsbildung“ Erwähnung findet, bedarf einer genauen Erklärung. Einerseits bekämpft die Aufklärung jede metaphysische Spekulation, andererseits setzt sie den Rationalismus als Denkweise absolut:

[...] Der Rationalismus räumt der Ratio eine unbeschränkte Herrschaft ein, gegen die an keine höhere Instanz appelliert werden kann. Für Metaphysik ist im System des Rationalismus kein Raum. Die Geschichte der Philosophie verzeichnet deshalb einen Niedergang der Metaphysik während der Vorherrschaft des Rationalismus. [...] (SCHMIDT 1991: 569)

Somit sind die Vertreter der Aufklärung davon überzeugt, dass „aus reinen Prinzipien des Denkens de[r] Aufbau der Wirklichkeit“ (KUNZMANN 1998: 103) erkannt werden kann. Dazu sollen sie induktiv verfahren und die Methode der Mathematik als Vorbild gebrauchen (vgl. KUNZMANN 1998: 103). Darüber hinaus wird die Natur zum bloßen Objekt naturwissenschaftlicher Betrachtung.

Der mathematische Rationalismus ist nicht nur allein der Grund dafür, warum die Aufklärung in Deutschland in Misskredit geraten ist. Die Französische Revolution, deren Wurzeln in der Aufklärung liegen, verliert viele Sympathisanten in Deutschland, da sie später in jakobinischen Terror umschlägt:

Die meisten führenden Köpfe auch in Deutschland hatten sich für die Aufklärung und die „Französische Revolution“ zunächst sehr begeistert: nicht nur Kant, Jakobi, Fichte, sondern auch Klopstock, Herder, Wieland, Novalis, Friedrich Schlegel; Schiller war sogar die Ehrenbürgerwürde der Stadt Paris angetragen worden. Aber gerade gegen Ende von Hegels Tübinger Zeit hatte in Paris die revolutionäre Diktatur der Jakobiner eingesetzt: Schon die Septembermorde 1792 hatten die Sympathie für die Revolution im Ausland stark abgekühlt. Im Januar 1793 war Ludwig XVI. hingerichtet worden. Es begann die furchtbare Zeit des Wohlfahrtsausschusses unter Robespierre mit den in die Tausende gehenden Massenexekutionen. [...] Wie Herder, Schiller, Klopstock und andere, so verurteilen jetzt auch Hegel, Schelling und Hölderlin den jakobinischen Terror, ohne indessen die Ziele der Revolution aufzugeben. (KÜNG 1995: 158-159)⁷

51

Ein weiterer Grund – und wahrscheinlich der entscheidende – für die Suche nach anderen Wegen als dem der Aufklärung ist die vorherrschende mechanistische Erklärung der Natur unter den Aufklärern, die entweder im philosophischen Deismus – z.B. bei Voltaire⁸ – oder im materialistischen Atheismus – z.B. bei Holbach und Lamettrie⁹ –

⁷ Dazu vgl. KUNZMANN 1998: 135.

⁸ Voltaire (1694-1778) gilt als Vorkämpfer des Deismus (Lateinisch: „deus“, „Gott“) in Frankreich, der seine Wurzeln in der englischen Aufklärung bei Herbert von Cherbury (1583-1648) hat. Voltaire lehnte die Offenbarungsreligionen ab und entwickelte dagegen eine eigene Weltsicht, über die er unter dem Einfluss Isaak Newtons (1643-1727) die Natur als mechanische Gesetzmäßigkeit auffasst und sie nach Descartes rationalistisch verabsolutiert; vgl. HÖFER & RAHNER 1959: 197-198.

⁹ Vor allem Dietrich von Holbach (1723-1789) und Julien Offray de Lamettrie (1709-1751) vertraten in der Aufklärung einen materialistischen Monismus, in dem nur die Existenz der Materie für wahr angenommen

mündet.¹⁰ Als Folge des Atheismus der Aufklärung setzt sich dann der Trend der Aufhebung der metaphysischen Einheit der Natur durch. Die Gegner der Aufklärung suchen hingegen die Idee der Ganzheit der Natur zu retten, in der sich Göttliches offenbart. Infolgedessen greifen sie die Möglichkeit auf, das mechanistische Paradigma durch das organistisch-pantheistische Paradigma¹¹ zu überwinden, um die Natur wieder zu „vergöttlichen“:

[...] Ja, der naturwissenschaftlichen Entgöttlichung der Natur durch die Aufklärung folgte Herders, Goethes und Hölderlins Wiedervergöttlichung der Natur. Philosophisch hat sie sich vor allem in Schellings frühen Werken Ausdruck verschafft: Der Sinn für die lebendige, umfassende Totalität alles Seienden setzte sich durch, der Sinn für die als Leben verstandene Natur, für das als göttlich verstandene Leben. (KÜNG 1995: 163)

In Bezug auf Döblins Gebrauch des „Ur“-Vokabulars sind Goethe und Hölderlin¹² sicher zwei Vorbilder für ein solches sprachliches Verfahren. Ähnlich wie Döblin setzen Goethe und Hölderlin bestimmte Begriffe mit dem Präfix „Ur“- des öfteren zusammen, um einen sprachlichen Effekt zu erzielen, der die Totalitätsidee in den verschiedensten Lebensbereichen widerspiegeln soll. Obwohl Döblin sich über Goethe nicht immer positiv

52

wird, während jedes metaphysische Argument zugunsten eines selbständigen geistigen Prinzips hinter der Materie für sie „Täuschung, Irrtum, Hirngespinnst“ sowie die Religion „Täuschung, und zwar bewußte, absichtliche Täuschung: Priestererfindung, Priesterbetrug“ bedeutet; STÖRIG 1995: 375.

¹⁰ Vgl. STÖRIG 1995: 570-571; dazu vgl. ZAHN 1989: 67 bzw. CORNELSEN 1999: 216.

¹¹ Die pantheisierende Grundhaltung, die sich seit Ende des 18. Jahrhunderts in Deutschland durchgesetzt hat, wurde vorwiegend durch die Auseinandersetzung mit Spinozas Pantheismus ermöglicht. Goethe rezipierte z.B. den „Spinozismus“ nicht direkt, d.h. obwohl er sich mit Spinozas Schriften um 1784 beschäftigte, wurde für ihn Spinozas Lehre vielmehr präsent durch die Diskussion mit Herder und Jacobi über deren Sicht des „Spinozismus“; zu Goethes Spinozarezeption vgl. GRUNWALD 1986: 117-126. Ähnlich diskutierte auch Hölderlin Spinozas Pantheismus im Anschluss an Jakobis „Briefen über die Lehre des Spinoza“; vgl. HÖLDERLIN 1961a: 207-210. Ein weiteres Beispiel für die Rezeption Spinozas um 1800 liefert Novalis. In einem Fragment drückt er kurz sein Verständnis vom „Spinozismus“ aus: „Der Spinozismus ist eine Übersättigung mit Gottheit. Unglauben und ein Mangel an göttlichem Organ und an Gottheit. Es gibt also direkte und indirekte Atheisten. Je besonnener und echt poetischer der Mensch ist, desto gestalteter und historischer wird seine Religion sein“; HARDENBERG 1929a: 551.

¹² In Döblins Augen sind Goethe und Hölderlin – neben Marx und Nietzsche – Beispiele für die adäquate Menschenhaltung gegenüber der Natur im „naturalistischen Zeitalter“, die im Gegensatz zur durch den Klerikalismus vermittelten Haltung steht:

Welche, ist umgekehrt, die Wirkung der Menschheitsideen auf das Dasein innerhalb der naturalistischen Epoche? Ein ungeheures Gebiet! Man hat bisher die großen Ideen zu einer Naturverachtung benutzt, die bis zu einer Mönchshaltung gegen die Welt führte. Mönchshaltung, buddhistischer Augenschluß war die Konsequenz der Ideen! Das ist ein Überbleibsel aus der dualistischen Periode: Natur contra Geist, natürlicher Mensch contra religiöser Mensch. Jetzt – ist nur ein Mensch da, der natürliche, – er hat die ungeteilte geistige Natur. Sein Bewußtsein ist aber heute noch nicht zur Anerkennung dieser Natur vorgedrungen; der Mensch lebt sich noch nicht, er wird gelebt und duldet viel: Nachwirkung der alten Geisteshaltung!

Es heißt jetzt Erkenntnis der Natur und des menschlichen Daseins! Die Namen Goethe, Hölderlin, Nietzsche, Marx, leuchten als die ersten Sterne. (DÖBLIN 1972c: 243-244).

geäußert hat, erkennt er besonders die hervorragenden Beiträge Goethes im Rahmen seiner Naturlehre an:

Mit Ehrfurcht denke ich an den Mann, den ich viel angegriffen habe, ich wie viele andere, und von dem ich jetzt und noch oft reden werde, weil er mir oft gegenwärtig ist, nämlich Goethe. Ich habe ihn so wenig gekannt wie die Millionen anderer, die ihn verehren. Ich habe ihn dann geschmäht, weil ich ehrlich bin und er zu dem Lehrplan und Lernstoff gehörte. Und nun schwimme ich langsam in seinem Wasser. Dieser Mann steht in vielen großen Städten auf marmornen Sockeln, man hat ihn so hoch setzen müssen, um zu zeigen, wie weit man sich von ihm entfernte. Es ist nötig, ihn herunterzuholen. Eingehen in ihn kann man durch seine Farbenlehre, die Pflanzenmetamorphose, Gespräche, Briefe. [...] (DÖBLIN 1972a: 54-55).

Die naturwissenschaftlichen Beiträge *Zur Farbenlehre* (1810) und *Zur Morphologie* (1824) sind eben diejenigen Werke, in denen Goethe „Ur“-Begriffe besonders prägt und sie häufig gebraucht. Goethe, der „davon überzeugt war, dass die ganze erschaffene Welt harmonisch ist“ (HENEL 1980: 160), sieht die Abstraktionen der mathematischen Physik der Aufklärung als „bloße Hirngespinnste“ (HENEL 1980: 176). In seiner kritischen Sicht zerstört die mathematische Physik die Totalität der Naturphänomene, die von den Sinnen wahrgenommen werden, ohne sie wiederherzustellen (vgl. HENEL 1980: 178). Deshalb versteht Goethe die Verfahrensweise der experimentellen Wissenschaft nur als eine der Möglichkeiten, die Natur zu erforschen. Er selbst will aber weder den Weg der romantischen Naturphilosophie einschlagen, da sie in seinem Verständnis „ein bloßes Produkt des Geistes“ (HENEL 1980: 178) sei, noch den Weg der rein wissenschaftlichen Empirie. Statt dessen wählt er den dritten Weg: die alltägliche Erfahrung des Beobachtens der sinnlich wahrnehmbaren Natur (vgl. HENEL 1980: 167). Als Resultat seiner unzähligen Naturbeobachtungen prägt Goethe dann Begriffe wie „Urpflanze“, „Urtier“ und „Urphänomen“:

[...] über die naturwissenschaftliche terminologie, der urchamäleon (farbe), urdetermination, -farbe, -granit, -gestirn, -glieder, -grünstein, -körper, -lage, -metall, -polarität, -sandstein, -schall, -theilchen, -wirbel u.a. angehören, geht G[oethe] mit individuellen bildungen weit hinaus. die „urpflanze“ als ursprüngliches, einfachstes gedachtes modell, als morphologischer typus der ganzen pflanzenwelt, sowie das „urphänomen“, ein letztes, unerforschliches, ursprüngliches, nur der idee und der inneren anschauung zugänglich [...] sind sein eigenthum. wie die „urpflanze“ sucht er das „urthier“. [...] (GRIMM & GRIMM 1936: 2358).

In seiner naturwissenschaftlichen Schrift *Zur Farbenlehre* schreibt Goethe z.B.:

[...] Wir nennen sie [d.h. Phänomene] Urphänomene, weil nichts in der Erscheinung über ihnen liegt, sie aber dagegen völlig geeignet sind, daß man stufenweise, wie wir vorhin hinaufgestiegen, von ihnen herab bis zu dem gemeinsten Falle der täglichen Erfahrung niedersteigen kann. [...] (GOETHE 1890: 72) (vom Verfasser unterstrichen).

So unterscheidet Goethe durch die Bildung vom „Ur“-Vokabular das Wort „Urphänomen“ graduell von „Phänomen“. Hinter diesem „wissenschaftlichen Konstrukt“ (DAHNIKE & OTTO 1998: 1080) steckt die Absicht, das „Urphänomen“ als ein umfassendes „Phänomen“ zu definieren, welches, wie Heinrich Henel zutreffend erläutert, sowohl einfach und den wenigsten Bedingungen unterworfen ist, als auch „ein Gesetz zu erkennen gibt, das ein ganzes Gebiet der Natur beherrscht“ (HENEL 1980: 165).¹³

Eine weitere Motivation für Döblins Gebrauch vom „Ur“-Vokabular kann sicher bei Friedrich Hölderlin (1770-1843) gefunden werden. Neben Spinoza spielt Hölderlin in Döblins Gymnasialzeit eine markante Rolle. Nach eigener Auskunft trug er Hölderlins *Hyperion* jahrelang in seiner Brusttasche, „bis das Heft nur noch aus losen Blättern bestand“ (DÖBLIN 1986: 194). In einer Theaterkritik zur Aufführung vom Drama *Der Tod des Empedokles* (1800) bezeichnet er Hölderlin wegen seiner anscheinend pantheisierender Haltung als einen „Naturvergötterer“ (DÖBLIN 1990: 278). Tatsache ist, dass der Briefroman *Hyperion oder Der Eremit in Griechenland* (1797/1799) auch Passagen beinhaltet, in denen Hölderlin Gebrauch vom „Ur“-Vokabular macht, wie z.B.:

Oft treten Erscheinungen vor unsre Sinne, wo es uns ist, als wäre das Göttlichste in uns sichtbar geworden, Symbole des Heiligen und Unvergänglichen in uns. Oft offenbart sich im Kleinsten das Größte.

Das Urbild aller Einzigkeit, das wir im Geiste bewahren, es scheint uns wieder in den friedlichen Bewegungen unsres Herzens, es stellt sich im Angesichte dieses Kindes dar.

(HÖLDERLIN 1946d: 190) (vom Verfasser unterstrichen)

Der Mensch kann es nicht verläugnen, daß er einst glücklich war, wie die Hirsche des Forsts und nach unzähligen Jahren klimmt noch in uns ein Sehnen nach den Tagen der Urwelt, wo jeder die Erde durchstriefte, wie ein Gott, eh, ich weiß nicht was? Den Menschen zahm gemacht, und noch, statt Mauern und todttem Holz, die Seele der Welt, die

¹³ Zur Interpretation von Goethes Begriff des „Urphänomens“ vgl. auch DAHNIKE & OTTO 1998: 1080 bzw. PIZER 1989: 205-222.

heilige Luft allgegenwärtig ihn umfieng. (HÖLDERLIN 1946c: 112) (vom Verfasser unterstrichen)

Die Zusammensetzung des Präfixes „Ur“- mit dem Wort „Bild“ tritt in der deutschen Sprache erstmals im 17. Jahrhundert auf. Ursprünglich steht „Urbild“ für Archetypus, im 18. Jahrhundert dann für „original“ und „ideal“ (vgl. GRIMM & GRIMM 1936: 2385). „Urwelt“ datiert auch aus dem 17. Jahrhundert. Wie das „Urbild“ konnotiert der Begriff der „Urwelt“ die Idee vom ursprünglichen, idealen Weltzustand (GRIMM & GRIMM 1936: 2606). Ihrer Bedeutung im 18. Jahrhundert gemäß drücken „Urbild“ und „Urwelt“ in beiden Passagen des *Hyperion* die Idee eines „goldenen Zeitalters“ des harmonischen Verhältnisses von Gott, Mensch und Natur aus, welches das klassische Idealbild des alten Griechenlands repräsentiert.¹⁴ Der religiöse Charakter des „Urbilds“ und der „Urwelt“ bei Hölderlin wird durch die Attribute „heilig“, „allgegenwärtig“ und „unvergänglich“ hervorgehoben.¹⁵

Als letztes Beispiel für die Anhäufung vom „Ur“-Vokabular in der zweiten Hälfte des 18. Jahrhunderts muss Novalis (eigentlich Friedrich Leopold Freiherr von Hardenberg) (1772-1800) angeführt werden. Obwohl es keinen Beleg für einen direkten Einfluss Novalis' auf Döblins literarisches Schaffen gibt, ist es dennoch unstrittig, dass es doch eine gewisse geistige Verwandtschaft zwischen beiden gibt, wenn es um das Verhältnis von Wissenschaft, Kunst und Philosophie geht. Anders als Goethe, geht Novalis bei seiner Naturbetrachtung weder von einer sinnlichen Naturerfahrung, noch von einem intuitiven Gefühl für die Natur aus (vgl. NEUBAUER 1997: 52). Statt dessen beruht seine Naturbetrachtung auf einer naturphilosophischen

55

¹⁴ Weitere Beispiele für die Anhäufung vom „Ur“-Vokabular bei Hölderlins Werk findet man u.a. in den Gedichten „Emilie vor ihrem Brauttag“ („Urbild“; vgl. HÖLDERLIN 1946a: 291), „Hymne an die Schönheit“ („Urgestalt“; vgl. HÖLDERLIN 1946b: 149), „Die Unsterblichkeit der Seele“ („Urstoff“; vgl. HÖLDERLIN 1946f: 24), „Wenn aus der Ferne...“ („Urwelt“; vgl. HÖLDERLIN 1946g: 262) und „Kanton Schweiz. An meinen Lieben Hiller“ („Urzeit“; vgl. HÖLDERLIN 1946e: 143).

¹⁵ Weyembergh-Boussarts Interpretation der möglichen geistigen Verwandtschaft zwischen Hölderlin und Döblin erweist sich als bedenklich. Denn was als „religiös“ bei Hölderlin vorkommt, gewinnt bei Döblin eine andere Qualität, indem er dies mit physikalisch-chemischen Aspekten verbindet. Aus diesem Grund bin ich der Meinung, dass „das schöpferische Walten eines Allgeistes“, das Hölderlin nach Weyembergh-Boussarts Sicht annahm, mit dem „Geistigen“ und der „Seele“ bei Döblin, von der verschiedenen Bedeutung her, außer der metaphysischen Totalitätsidee kaum etwas gemeinsam hat; vgl. WEYEMBERGH-BOUSSART 1970: 149. Diese Totalitätsidee beinhaltet bei Hölderlin, wie bei Döblin, eine dynamische Auffassung des Lebens als Werden und Vergehen:

[...] Der Moment, wo die Periode des individuellen sich endet, ist da, wo das Unendlichneue als auflösende, als unbekannte Macht, zum individuellalten sich verhält, eben so wie in der vorigen Periode das neue, sich als unbekannte Macht zum unendlichalten verhalten, und diese zwei Perioden sind sich entgegengesetzt, und zwar die erste als Herrschaft des individuellen über das Unendliche, des einzelnen über das Ganze, der zweiten als der Herrschaft des Unendlichen über das Individuelle, des Ganzen über das Einzelne. Das Ende dieser zweiten Periode und der Anfang der dritten liegt in dem Moment, wo das Unendlichneue als Lebensgefühl (als Ich) sich zum individuellalten als Gegenstand (als Nichtich) verhält, [...]; HÖLDERLIN 1961b: 286-287.

Denkweise, die besonders unter dem Einfluss Fichtes und Schellings steht (RODER 1992: 523) und die Idee einer natürlichen und geistigen Entwicklung in einem gesamten, organischen Weltbild als ihren Kern hat:

Gesellschaftstrieb ist Organisationstrieb. Durch diese geistige Assimilation entsteht oft aus gemeinen Bestandteilen eine gute Gesellschaft um einen geistvollen Menschen her. (HARDENBERG 1929a: 471)

Der Weltstaat ist der Körper, den die schöne Welt, die gesellige Welt, beseelt. Er ist ihr notwendiges Organ. (HARDENBERG 1929a: 487-488)

Die Ähnlichkeit solcher Fragmente mit Döblins Aussagen im Aufsatz „Der Geist des naturalistischen Zeitalters“ ist auffällig. Novalis' Hinweis auf die organische Struktur des Lebens ist übrigens konform mit der allgemeinen Zeitströmung. Denn statt einer mechanischen Naturordnung, wie die Aufklärer betonen, in der das Kausalitätsprinzip herrscht, vertritt z.B. der deutsche Idealismus die Idee eines lebendigen, unauflöselichen Zusammenhangs zwischen allen einzelnen Organen, die den ganzen Organismus komponieren (vgl. RÖDER 1992: 318-319).

In Novalis' Werk *Heinrich von Ofterdingen* (1800) spielt ein Begriff, der nach dem Verfahren der Zusammensetzung von „Ur“- mit Begriffen gebildet wird, eine zentrale Rolle: die „Urzeit“. Die Zusammensetzung vom Präfix „Ur“- mit „Zeit“ stammt aus dem 17. Jahrhundert. Wie die meisten „Ur“-Begriffe, wurde „Urzeit“ erst im letzten Drittel des 18. Jahrhunderts häufiger gebraucht (vgl. GRIMM & GRIMM 1936: 2612). Im weiteren Sinne bedeutet „Urzeit“ ursprünglich sowohl einen „Zeitraum der Vorgeschichte, etwa bis zur ältesten Steinzeit“, als auch „älteste Geschichte schlechthin“ (GRIMM & GRIMM 1936: 2613). Wie Wilhelm Emrich mit Recht behauptet, setzt das geschichtliche Denken der Romantik eine „Metaphysik der Urzeit, der goldenen Zeit“ (EMRICH 1942: 278) voraus. Durch die Symbolik der „goldenen Zeit“, die der Begriff der „Urzeit“ in sich einschließt, wird eine metaphysische Idee von „Totalität und Universalität“ (EMRICH 1942: 284) vermittelt, in der sich „eine[...] ideale [...] gesetzmäßige [...] Ganzheit“ (EMRICH 1942: 279) widerspiegelt. So ist die „goldene Zeit“ in der Auffassung der Romantik geschichtlich nicht lokalisierbar, d.h. sie ist kein Symbol für irgendeine geschichtliche Frühzeit (vgl. EMRICH 1942: 279).¹⁶ Laut Wilhelm Emrich zielten die Romantiker mit ihrem Begriff der „Urzeit“ darauf, einem Idealbild deutlich Konturen zu verleihen, indem es in eine ferne und ideale Zeit verlagert wird:

¹⁶ Dazu vgl. HASLINGER 1981: 167.

Das Rückgreifen der Romantik auf eine Urzeit als Ausgangspunkt geschichtlicher Deutungen hat aber noch einen anderen, tief geschichtsmethodischen Hintergrund: Die Reinheit überpersönlicher, geschichtlicher Gesetze, die im subjektiv verengten Blickpunkt der Gegenwart verfehlt, gestört, abgelenkt oder überhaupt geleugnet schienen, dringt aus einer entrückten Vorzeit deutlich hervor, [...] (EMRICH 1942: 278-179).

In Bezug auf Novalis' Gebrauch des Begriffs der „Urzeit“ erweist sich Emrichs Definition als zutreffend. Novalis entwickelt den Begriff der „Urzeit“ vorwiegend im Sinne einer idealisierten, fiktiven Zeit, in der die Einheit der Natur noch bestand. Zum Beispiel realisiert in der folgenden Passage von *Heinrich von Ofterdingen* der Protagonist im Traum die Wiederherstellung der verschollenen Einheit der Natur:

[...] Selbst wie ein Traum der Sonne, lag er [d.h. Heinrich] über der in sich gekehrten Traumwelt, und führte die in unzählige Grenzen geteilte Natur in jene fabelhafte Urzeit zurück, wo jeder Keim noch für sich schlummert, und einsam und unberührt sich vergeblich sehnte, die dunkle Fülle seines unermesslichen Daseins zu entfalten. [...] (HARDENBERG 1929b: 156)¹⁷ (vom Verfasser unterstrichen)

57

Bis hierher konnte man deutlich feststellen, dass die Art und Weise, wie manche deutsche Dichter seit dem letzten Drittel des 18. Jahrhunderts eine Antwort auf den rationalistischen Materialismus der Aufklärung gaben, ihre Folgen auch im Bereich der Sprache hat. Nach der „Urzeit“ und der „Urwelt“ zu fragen, oder noch vom „Urbild“, „Urpflanze“ und „Urphänomen“ zu sprechen, sind nichts Weiteres als Versuche, die von der Aufklärung bekämpfte Metaphysik¹⁸ sprachlich wieder auf die Tagesordnung zu bringen. Die Hinwendung zur Metaphysik ist eben das gemeinsame Phänomen, das die Epoche um 1800 mit der Wende zum 20. Jahrhundert trotz aller Vorbehalte verbindet. Gewiss steckte die „Verquickung von technisch-industriellem Fortschritt und wissenschaftlicher Bestrebung“, wie Florian Roder es richtig sieht, „damals erst in den Anfängen“ (RODER 1992: 523). Infolgedessen war es trotzdem noch möglich, dass „neben

¹⁷ Dazu vgl. auch HARDENBERG 1929b: 162 bzw. 165. Außer dem Begriff der „Urzeit“ findet man in Novalis' Werk auch den Begriff der „Urwelt“, der, wie bei Hölderlin, in Zusammenhang mit dem idealen Bild der „goldenen Zeit“ steht; vgl. HARDENBERG 1929b: 236, 244 bzw. 259 und HARDENBERG 1929c: 352.

¹⁸ Die Metaphysik (Griechisch: „meta ta physika“, „nach bzw. hinter dem Physischen“), von Aristoteles ausgehend, umfasst vier verschiedene Lehrbereiche: die Lehre vom Seienden (Ontologie); die Lehre vom göttlichen Sein (philosophische Theologie); die Lehre von der Seele (Psychologie); schließlich die Lehre vom Wesen der Welt hinsichtlich des Zusammenhangs alles Seienden im Ganzen (Kosmologie). Die Metaphysik hat als ihre Gegenstände u.a. Sein, Unsterblichkeit, Gott, Natur, Leben, Materie, Seele und Geist; vgl. SCHMIDT 1991: 452 bzw. KUNZMANN 1998: 13.

materialistische[n] Erklärungsversuche[n]“ „ein ganzheitliche[s], die zerstreuten Erscheinungen umfassende[s] Naturverstehen idealistischer Art“ (RODER 1992: 523) seine Gültigkeit noch finden konnte. Hinzu kommt, dass trotz der Religionskritik der Aufklärung das christliche Weltbild nicht so diskreditiert wurde, wie dies später der Fall ist. Denn vor allem Darwins Deszendenztheorie, Marx' Religionskritik sowie Nietzsches und Freuds Kritik am Gottesglauben sind entscheidende Momente, die in der Zeitspanne zwischen beiden Epochen liegen und der Hinwendung zur Metaphysik um 1900 andere Konturen verleihen.¹⁹ Aber was damals als metaphysische Einheit im Göttlichen verstanden wurde, tritt um die Jahrhundertwende als metaphysische Einheit des Lebens auf. Man lehnt daher den Gottesbegriff ab, aber die Idee der Einheit wird doch bewahrt. Dieselben Grundlagen z.B. der Romantik und des deutschen Idealismus, besonders das lebendige und organische Denken, finden später in der Lebensphilosophie Henri Bergsons (1859-1941) einen Widerhall. Wie der Franzose Bergson, vertritt der Biologe und Philosoph Hans Driesch (1867-1941) in Deutschland, von selbst durchgeführten, empirischen Betrachtungen der Natur ausgehend, eine Philosophie des Organischen, welche die metaphysische Einheit als Grundlage hat (vgl. STÖRIG 1995: 570-571). Statt vom Sinn in der göttlichen Einheit zu reden, redet man vom Sinn in der Einheit des Lebens. Somit tritt der Begriff des Lebens um die Jahrhundertwende als Grundmotiv für den Aufbau einer Weltanschauung auf, die auf dem Prinzip des Organischen beruht.

58

Was Döblins Versuch, dem Leben einen Sinn zu geben, anbelangt, kann man sagen, dass die Anhäufung vom „Ur“-Vokabular in seinem Werk Ausdruck dieser Sinnsuche ist. Die Einheit in der Dynamik des Werdens und Vergehens innerhalb einer organischen Weltstruktur, welche in Zusammenhang mit der Allbeseeltheit der Natur gedacht wird, wird durch „Ur“-Termini anders hervorgehoben, so dass Döblin dadurch in seinen Aussagen einen klaren Unterschied zu den rein materialistischen Darlegungen markiert. Die Absicht, Aspekte, die ausschließlich physikalisch-chemische Vorgänge und Reaktionen darstellen, durch „Ur“-Vokabular unter der metaphysischen Totalitätsidee zu bezeichnen, erinnert an Novalis' „Romantisierung“ der Natur:

¹⁹ Darwins Deszendenztheorie stürzte das theologische Dogma der Unveränderbarkeit der Arten; Marx kritisierte im Anschluss an seinen historischen Materialismus die Funktion der Religion als „Opium des Volkes“; Nietzsches kritisierte das Christentum als Gründer einer „Sklavenmoral“ und predigte dagegen das Aufkommen des „Übermenschen“ durch die Überwindung christlicher Werte; letztlich fasste Freud den „Ödipuskomplex“ als Ursprung der Religion auf; vgl. KÜNG 1995: 264, 332, 385 bzw. 432-433; dazu vgl. KUNZMANN 1998: 171, 177 bzw. 189.

Die Welt muß romantisiert werden. So findet man den ursprünglichen Sinn wieder. Romantisieren ist nichts als eine qualitative Potenzierung. Das niedere Selbst wird mit einem bessern Selbst in dieser Operation identifiziert. So wie wir selbst eine solche qualitative Potenzenreihe sind. Diese Operation ist noch ganz unbekannt. Indem ich dem Gemeinen einen hohen Sinn, dem gewöhnlichen ein geheimnisvolles Ansehn, dem Bekannten die Würde des Unbekannten, dem Endlichen einen unendlichen Schein gebe, so romantisiere ich es. – Umgekehrt ist die Operation für das Höhere, Unbekannte, Mystische, Unendliche – dies wird durch diese Verknüpfung logarithmisiert – es bekommt einen geläufigen Ausdruck. [...] (HARDENBERG 1929a: 672-673)²⁰

Die Annahme einer metaphysischen Totalitätsidee bei Döblin entspricht der „Potenzierung“ der Natur bei Novalis. Die „Potenzierung“ ist der Faktor schlechthin, der der Natur einen anderen Charakter verleiht: Die Naturdinge sind nicht als einzelne Wesen, sondern im Verhältnis mit einem Ganzen zu denken und zu erforschen. In dieser Hinsicht sind „Ur“-Begriffe bei Döblin „potenzierte“ Bezeichnungen für die metaphysische Einheit der „potenzierten“ Natur in Form eines unpersönlichen Weltgesetzes, das sich als Dynamik des Werdens und Vergehens in einer organischen Weltstruktur ausdrückt.²¹

Eine weitere Motivation für den Gebrauch des „Ur“-Vokabulars, besonders was die Begriffe des „Ursinns“ und des „Urgrunds“ betrifft, kann Döblin im Taoismus gefunden haben. Das Interesse an Ostasien um die Jahrhundertwende verbindet sich auch mit der Zeitstimmung, ein anderes Weltbild zu finden, das in den Augen mancher Denker eine bessere Erklärung für den Sinn des Lebens anbietet als das christliche. Während im ausgehenden 18. Jahrhundert deutsche Denker vorwiegend den Konfuzianismus und den Buddhismus rezipierten, erweckten der Taoismus und erneut der Buddhismus zu Beginn des 20. Jahrhunderts das Interesse vieler Denker in Deutschland. Die eudämonische Harmonie mit dem Naturgesetz, mit dem Weltlauf und das

²⁰ Zum Begriff der Potenzierung bei Novalis vgl. WANNING 1996: 74.

²¹ Wie Döblin macht der deutsche Naturforscher und Philosoph Ernst Haeckel (1834-1919) in seinem Meisterwerk *Die Welträtself. Gemeinverständliche Studien über Monistische Philosophie* (1899) Gebrauch vom „Ur“-Vokabular. Jedoch kann man einen wesentlichen Unterschied zwischen Haeckels und Döblins „Ur“-Begriffen feststellen: Während bei Döblin meistens „Ur“-Begriffe zu finden sind, welche typisch philosophischer Prägung sind, wie „Urgrund“, „Ursinn“ und „Urmacht“, sind Haeckels „Ur“-Begriffe deutlich in der Naturwissenschaft verankert: „Urpflanzen“, „Urtiere“, „Urdarm“, „Urmund“, „Urwirbelbildung“, „Urfische“ und „Urmenschen“; vgl. HAECKEL 1961: 202, 205, 212, 213, 327, 247, 249, 252 bzw. 470. Der Grund hierfür liegt darin, dass Haeckel, anders als Döblin, an dem geschichtlichen Ursprung der Natur in Zusammenhang mit der Darwinschen Deszendenztheorie interessiert ist. Deswegen sind bei Haeckel Begriffe wie „Urpflanze“ nicht im Sinne von Goethes „Urpflanze“ zu verstehen. Denn nach Darwins Begründung der Deszendenztheorie wurde die ideale Bedeutung der „Urpflanze“ in eine geschichtliche Bedeutung umgewandelt, d.h. die „Urpflanze“ wurde fortan als Bezeichnung für historische Stammpflanze im naturwissenschaftlichen Bereich gebraucht. So kann man sagen, dass Döblin mit seinen „Ur“-Begriffen eine deutlichere idealistische Grundhaltung vertritt als Haeckel.

„Tao“ als absolutes Weltprinzip sind die zentralen Lehrsätze der taoistischen Klassiker, die Döblin im Schaffensprozess seines „Chinesischen Romans“ gelesen hat. Der „Sinn“ (Chinesisch: „Tao“) tritt z.B. neben den Begriff des „Lebens“ (Chinesisch: „Te“) als Maxime in Richard Wilhelms Übersetzung (1911/1912) von Laotse *Tao-te-ching. Das Buch vom Sinn und Leben* und Dschuang Dsis *Das Wahre Buch vom südlichen Blütenland*, welche Döblin, laut Walter Muschg, gekannt haben soll (vgl. MUSCHG 1989: 487). Darüber hinaus sind einige „Ur“-Termini in den von Richard Wilhelm übersetzten Werken der taoistischen Klassiker zu finden, wie „Urbild“ im Laotse *Tao-te-ching* (LAOTSE 1993: 35) und „Urgrund“ im Titel von Liä Dsis *Das Wahre Buch vom quellenden Urgrund*, dem Döblin *Die drei Sprünge des Wang-lun* widmet (DÖBLIN 1989: 8). Ferner ist in Liä Dsis Werk die Rede von „Urwandlung“, „Uranfang“, „Urentstehen“, „Urschöpfung“ (LIÄ DSI 1992: 34), und in Dschuang Dsis *Das Wahre Buch vom südlichen Blütenland* treten weitere „Ur“-Begriffe auf, wie „Ur-Reinheit“ und „Uranfang“ (DSCHUANG DSI 1992: 105, 134 bzw. 290).

Im Anschluss an die Interpretation des „Ur“-Vokabulars möchte ich die Interpretation von *Das Ich über der Natur* wieder aufnehmen. Döblin macht in *Das Ich über der Natur* zwar Gebrauch von Ergebnissen, die empirisch belegt werden können. Eine physikalisch-chemische Betrachtungsweise steckt hinter seinen Darlegungen zum Verhältnis von Mensch und Natur. Die Art und Weise, wie Döblin hier zugunsten des „Ur-Ich“ argumentiert, erinnert gewissermaßen an das „Religionsgespräch“ *Der unsterbliche Mensch* (1946) nach seiner Bekehrung zum Katholizismus. Er sucht Schritt für Schritt mittels einer deduktiven Methode die Existenz des „Anonymen“ zu beweisen. Döblin behauptet so z.B. erneut, dass die Zeichen der Allbeseeltheit der Natur, die vom Organischen bis ins Anorganische reichen, sich durch Ordnung, Zahl, mathematische Gesetze, Zweck und Gliederung ausdrücken ließen (vgl. DÖBLIN 1928: 7). Das Ich, das Individuum tritt damit als „Ort der einzelnen Seele“ (DÖBLIN 1928: 110) auf, die ihrerseits von den Seelen im Organischen und Anorganischen gebildet wird. Nach der Herkunft der Seele will Döblin nicht fragen, denn für ihn sind die Lebewesen nach seiner monistischen Auffassung, in der die dualistische Trennung von Leib und Seele aufgehoben wird, „von Haus aus beseelt“ (DÖBLIN 1928: 110). Die Kosmogonie und die Theogonie sind zu jener Zeit einige der Themen, die Döblin bei seinem Philosophieren über die Natur häufig vermeidet. Nur am Rande der Diskussion lehnt er die Idee eines Schöpfergottes ab, der die Materie belebt, und die Idee einer „Urzeugung“ (DÖBLIN 1928: 99). Statt dessen glaubt er an

„die große anonyme Gewalt“ (DÖBLIN 1928: 42) und an ein „Urvorhandensein“ (DÖBLIN 1928: 99) der beseelten Wesen. Deshalb ist darauf hinzuweisen, dass die Allbeseeltheit der Natur bei Döblin im Zusammenhang mit Betrachtungen zu Aspekten physikalisch-chemischer Art zu verstehen ist.

Döblins Naturerkenntnis geht also über die Rekonstruktion mittels der Mathematik, Chemie und Physik, und so, wie bereits erwähnt, über die Erkenntnis der exakten Wissenschaften hinaus. Er begnügt sich nicht damit, bestimmte Naturmerkmale wissenschaftlich zu erkennen. Er muss die ihm vernünftig erscheinende organische Struktur der Welt in Zusammenhang mit einer höchsten Naturinstanz setzen, damit der organischen Weltstruktur eine metaphysische Einheit in der Vielheit der Naturdinge deutlicher angeboten wird als bisher. Die Erkenntnis der rationalen Konstante in der Weltgestaltung als Anlass zum Gottesbeweis war übrigens seit Nikolaus Kopernikus (1473-1543) in der Wissenschaftsgeschichte geläufig. Mit einem als rational und vernünftig orientierten Weltmodell will Döblin aber anderes erreichen als einen Gottesgedanken, in dem sowohl Gottes Wille und Gnade, als auch Gottes Eingreifen in die Schöpfung die zentrale Rolle spielen. Döblin wagt es, nicht nur die Natur als Ganzes, als Totalität zu verabsolutieren, sondern diese Totalität für den Ausdruck des „Anonymen“ zu halten. Er hegt keine Bedenken, das Erkenntnis zu nennen, was er mittels objektiver Naturerkenntnis nicht beweisen kann. Das Problem liegt schon in der Art und Weise, wie er sich dem Gegenstand seiner naturphilosophischen Spekulationen nähert – besser gesagt, wie er sich von ihm im Grunde entfernt –: In ihrer „All-Einheit“ kann die Natur letzten Endes, wie Kant richtig aufzeigt, überhaupt „nicht Gegenstand möglicher Erkenntnis sein“ (ZAHN 1989: 110).

61

Es geht in *Das Ich über der Natur* um eine über die erfahrbare, natürliche Welt hinausgehende, metaphysische Gedankenführung, denn Döblin versucht den letzten Gründen und Zusammenhängen des Seins einen Sinn zu geben. Außerdem geht es darin zugleich um die einzige Möglichkeit der menschlichen „Rettung“ aus einem mangelhaften Zustand: die Macht des Erkennens und des Denkens. Die Kraft des Erkennens enthält, so meint Döblin, den Lebenssinn und das Ziel der menschlichen Existenz. Die Kraft, die zur Überwindung der Zeitlichkeit und des Leidens dienen kann, liegt im Erkennen der Zusammenhänge zwischen Welt und Daseinsformen, zwischen Totalität und Pluralität. Erkennen bedeutet hier Handeln und Leben als

Selbstverwirklichung nach den Möglichkeiten des „Ur-Sinns“ und des „Ur-Ich“, welche nach Döblin diese Zusammenhänge äußern.

Das Ich über der Natur ist in drei Kapitel gegliedert: „Die Ausbreitung des Sinns in der Natur“ (DÖBLIN 1928: 11-93), „Das Ich über der Natur“ (DÖBLIN 1928: 97-181) und „Die Ziele“ (DÖBLIN 1928: 185-242). Im ersten Kapitel geht es um Döblins Versuch, aus der Natur heraus dem Leben einen Sinn zu geben. Allbeseeltheit der Natur, elementare Kräfte wie die des Feuers und Wassers, die organische Struktur der Natur, sowie Merkmale wie Entformung, Umseelung, Bewegung und Angleichung werden zu diesem Zweck darin thematisiert. Im zweiten Kapitel wird dann das Ich, das Individuum als Gegenstand von Döblins Spekulationen ins Zentrum gerückt. Schließlich wird im dritten Kapitel die Existenz eines „Ursinns“ in der Welt erörtert und für die „Wiedergeburt der Hauptwissenschaft Theologie“ (DÖBLIN 1928: 242) plädiert. Außerdem werden am Ende des Buchs zehn Leitsätze aufgelistet, sozusagen „zehn Gebote“, in denen die Hauptgedanken von Döblins Darlegungen zur Existenz des „Anonymen“ zusammengefasst werden:

LEITSÄTZE

I

Es gibt nur beseelte Wesen in der Natur; auch die chemisch-physikalische Natur ist beseelt.

II

Zeichen der Beseelung ist die sinnvolle Ordnung, von der zahlenmäßigen Gliederung bis zur Schönheit.

III

Das Ich stellt sich dar in der äußeren Formung der organisierten Wesen, in der inneren, gesetzmäßigen Formung der anorganischen Wesen, in der Ordnung der Zusammenhänge.

IV

Es ist kein Stoff und keine Form in der Natur zu treffen, sondern nur geformte Wesen und Vorgänge.

V

Die Welt stellt im ganzen die vieldimensionale Äußerung eines Ur-Ichs, eines Ur-Sinns dar.

VI

Die physikalische Welt ist unvollständig und daher nicht real. Die wirkliche Welt ist weder endlich noch unendlich, sondern bestimmt, das heißt charaktervoll geformt. Die Welt hält sich und wird real durch eine Überrealität, welche aus dem Ur-Ich, dem Ur-Sinn stammt.

VII

Die Einzelwesen und die vergängliche Welt haben eine charakteristische Realität-Irrealität.

VIII

Es gibt keine Entwicklung in der Zeit, trotzdem ist die Welt sinndurchgeflossen.

IX

Das Ur-Ich, wenn auch in der Verkrümmung der Zeit und der Vereinzelung, ist in jedem Wesen. Wie das Einzelne nicht real ist ohne das Ur-Ich, ist das Ur-Ich nicht ohne das Einzelne. Das Einzelne wirkt so als Täter und Schöpfer der Welt.

X

Da die Welt, von einem Ich getragen, von geistiger Art ist, ist das Erkennen eine große Macht. Wir haben dies Vermögen in uns. (DÖBLIN 1928: 243-244)

Die ersten vier „Leitsätze“ bringen dieselben Aussagen, welche Döblin in den vorhergehenden naturphilosophischen Aufsätzen vertreten hat. „[V]ieldimensionale Äußerung“, Unvollständigkeit der Welt, und „Realität-Irrealität“ als das Charakteristische der Einzelwesen und der vergänglichen Welt werden dann in Zusammenhang mit einer „Überrealität“ in den vier nächsten „Lehrsätzen“ gesetzt. Damit betont Döblin folgendes: Diese „Überrealität“ ist nur in ihrem dynamischen Charakter zu verstehen, d.h. sie kommt nie zur Vollendung. Dies erinnert an Döblins Kritik an dem Verfahren, Personenbegriff und das „Anonyme“ zusammenzubringen (vgl. DÖBLIN 1922: 9).²² Denn diese „Überrealität“ darf in ihrem unvollendeten Charakter keineswegs unter einem Personenbegriff aufgefasst werden. Darüber hinaus erläutert Döblin in den letzten zwei „Lehrsätzen“, was er genau mit „Ur-Ich“ meint: Die alles umfassende Tendenz zur organischen Bildung in der Natur ist das „Ur-Ich“, die *natura naturans*, die sich als Geistiges, als Denkendes sowohl in der Vielfalt der Naturdinge als auch in ihrer unbeschränkten Ganzheit ausdrückt. Das Erkennen dieser Tendenz ist für Döblin das höchste Ziel, das dem Leben als Ganzem einen Sinn geben würde.

Bei der Interpretation der Einzelkapitel von *Das Ich über der Natur*, was die höchste Naturinstanz betrifft, ist festzustellen, dass in jedem Kapitel immer eine bestimmte Bezeichnung der höchsten Instanz herrscht: „das Weltwesen“ (DÖBLIN 1928: 68, 84, 90 und 93) im ersten Kapitel; „das Anonyme“ (DÖBLIN 1928: 174, 177, 178, 179 und 180) im zweiten Kapitel; schließlich das „Ur-Ich“ (DÖBLIN 1928: 203, 204, 214, 230, 243 und 244) im

²² Dazu vgl. CORNELESEN 1999: 228.

dritten Kapitel. Es ist von Bedeutung, dass die Bezeichnung der höchsten Naturinstanz, die am häufigsten vorkommt, ihr Hauptmerkmal als denkendes und der Welt Sinn spendendes Wesen unterstreicht: der „Ur-Sinn“ (DÖBLIN 1928: 7, 8, 42, 68, 117, 149, 168, 171, 172, 173, 177, 180, 181, 200, 205, 211, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 222, 226, 241, 243 und 244). Außerdem versieht Döblin im ganzen Buch die höchste Naturinstanz mit mehreren wesentlichen Merkmalen: Anonymität, Gewalt, Universalität, Überpersönlichkeit, Größe, Unermüdlichkeit, Übernatürlichkeit und Übermacht.

Döblin beginnt sein erstes großes naturphilosophisches Werk mit einem Angriff auf positivistische Wissenschaftler, die nur dies für wahr halten, was sie exakt mittels wissenschaftlicher Erkenntnisse belegen können und daher als Vorkämpfer eines mathematischen Rationalismus fungieren. Dagegen sieht er statt Physik allein die „Metaphysik“, und statt Psychologie allein die „Metapsychologie“ (DÖBLIN 1928: 66) als adäquate Wissenschaften, die zu einer Deutung der Welt verhelfen können. Er ist sich dessen bewusst, dass manche seiner Darlegungen höchst spekulativ sind, obwohl sie ihre Wurzeln in naturwissenschaftlich orientierten, empirischen Beobachtungen zu haben scheinen. Dies liegt offensichtlich an dem methodischen Verfahren, auf dem dieses Werk beruht. Einerseits verzichtet Döblin keineswegs auf eine wissenschaftliche Methode, denn er bedient sich vieler Ergebnisse aus der Naturwissenschaft. Andererseits geht er darüber hinaus, denn er weiß von vornherein, dass die sinnvolle Totalität der immanenten, elementaren Naturkräfte durch reine Empirie nicht bewiesen werden kann. Döblin erkennt die Grenzen der Naturwissenschaft. Jedoch begnügt er sich nicht damit, sie scharf zu kritisieren. Er will diese Grenzen überschreiten, um zu beweisen, was wissenschaftlich unbeweisbar bleibt.

64

Andererseits bewegt sich der Naturwissenschaftler Döblin auf dem Boden der reinen Spekulation. Auf diese Weise sucht Döblin mittels spekulativer Haltung aus der Sinnlichkeit und der Vernunft, durch Betrachtung der Natur, die Existenz eines „Ursinns“ in ihrer Totalität zu beweisen. Dies ist ein Aspekt, der Döblin beim Philosophieren eine zurückgreifende Hinwendung zur Metaphysik nehmen lässt. Die Tatsache, dass der Aufschwung des positivistischen Denkens schon längst die Metaphysik als „Wirklichkeitsfälscher“ (vgl. SCHMIDT 1991: 479) stempeln ließ, scheint Döblin infolgedessen bekämpfen zu wollen, um die Welt im Sinne von Novalis zu „romantisieren“.

Darüber hinaus muss man sehen, dass der „Geist des naturalistischen Zeitalters“, den Döblin besonders in den zwanziger Jahren herzlich feiert, viel vom „Geist“ der Aufklärung hat. Denn der Durchbruch in der Naturwissenschaft des 19. Jahrhunderts findet seine Wurzeln im Einsatz der Mathematik und in der Methode der Beobachtung durch die Aufklärer, welche eine Fülle von wissenschaftlichen Entdeckungen in relativ kurzer Zeit ermöglichten. Gewiss bleibt Döblin trotz seiner Kritik an der positivistisch verankerten Physik, vor allem was die naturwissenschaftliche Methode betrifft, ihrer rationalistischen Grundlage verhaftet. Döblin sieht aber in der Bewältigung der Natur durch Wissenschaft und Technik eine Gefahr, die ihn dazu führt, einen anderen Weg zu nehmen als den der positivistischen Naturwissenschaftler seiner Zeit. So gesehen, kann man daraus schließen, dass Döblins Verlangen nach der Rückwendung zur Metaphysik dazu dienen soll, zu zeigen, dass die Bewältigung der Natur anders gedacht werden soll: Der Mensch ist nur ein aktiver, aber winziger Teil innerhalb der ewigen gesamten Natur. Infolgedessen ist die Rückwendung zur Metaphysik bei Döblin in Verbindung mit ethischen Gedanken zu verstehen, die das Ideal einer Eudämonie, im weiteren Sinne des Handelns im Einklang mit der Natur besser erfüllen als diejenigen der Naturwissenschaft in ihrer positivistischen Einschränkung der Naturbetrachtung.²³

65

Wie bereits erläutert, sind Döblins naturphilosophische Spekulationen ein Versuch, die Natur sowohl mittels unmittelbarer Sinnlichkeit als auch mittels der Erkenntnisse der Naturwissenschaft zu deuten, um das Dasein einer Naturinstanz, die alles umfasst und zugleich sein Dasein in allen Naturdingen und -vorgängen findet, und dessen Eigenschaften begrifflich zu erschließen. Dazu führt er kosmologische Beweise, d.h. er schließt von der Gesetzmäßigkeit und Ordnung der Natur auf eine die Welt denkende Naturinstanz.

Außerdem spricht Döblin in *Das Ich über der Natur* von den verschiedenen „Seiten“ des menschlichen Ich. Dazu entwickelt er seine eigene

²³ Was den Positivismus mit der Aufklärung verbindet, ist der mathematische Rationalismus. Als Gründer des wissenschaftstheoretischen Systems des Positivismus gilt der Franzose August Comte (1798-1857). Wie die Aufklärer, etwa Holbach oder Lamettrie, hält Comte die Metaphysik für eine Fälschung der Wirklichkeit. In seiner Auffassung sind alle Versuche, die Erscheinungen der Welt in Zusammenhang mit irgendwelchem übernatürlichen Wesen zu setzen, bloße Abstraktionen; vgl. KUNZMANN 1998: 165; dazu vgl. KÜNG 1995: 199. Infolgedessen erklärt Comte metaphysische Erörterungen für theoretisch unmöglich, und beschränkt dagegen die Forschung auf das „Positive“, d.h. auf das Gegebene, Tatsächliche, Sichere, Zweifellose; vgl. SCHMIDT 1991: 550-551. Dies hat ihre Folgen für die Naturwissenschaften: Die Gesetzmäßigkeit in der Natur, welche die Naturwissenschaften mittels empirischer Methode erforschen, wird in keinen Zusammenhang gebracht, der die metaphysische Idee einer Totalität stützen würde. Hier liegt der Kern von Döblins Kritik an dem positivistischen Verfahren der Naturbetrachtung.

„metapsychologische“ Betrachtung: Diese soll eine Art Seelenlehre sein. Sie erinnert an die Schichtung der Triebe im Organischen, die Döblin im Aufsatz „Die Natur und ihre Seelen“ formuliert: „Bestialtriebe“, „Organtriebe“, „Humantriebe“ und „Gesellschaftstriebe“ (DÖBLIN 1922: 6).²⁴ Nach Döblin befindet sich das menschliche „Ich“ in einem Wirkungszusammenhang. Es ist Teil eines „universellen Ur-Ich“ (DÖBLIN 1928: 151) und zugleich die Totalität anderer fragmentierter „Ichs“: Das „Einzel-Ich“ (DÖBLIN 1928: 155) wird von Döblin in das „Natur-Ich“ (DÖBLIN 1928: 155), „Passions-Ich“ (DÖBLIN 1928: 156), „Privat-Ich“ (DÖBLIN 1928: 151), „Aktions-Ich“ (166) und „Gesellschafts-Ich“ (DÖBLIN 1928: 156) unterteilt. Diese Schichtung des „Ich“ folgt aus der Annahme, die besagt, dass der Mensch weder Zentrum von sich selbst sei, noch einen privilegierten Platz über andere Naturdinge im Weltall einnehme. Im „Natur-Ich“ sieht Döblin die Verbindung des „Einzel-Ich“ zur Natur, die ihrerseits in seiner biologischen Struktur wirkt und sich mit physiologischen Aspekten assoziiert. Das „Passions-Ich“ und das „Gesellschafts-Ich“ binden das „Einzel-Ich“ ans Milieu, d.h. sie formen das Individuum in ein Kollektivwesen um. Erst das „Privat-Ich“ überträgt dem „Einzel-Ich“ den eigentlichen individuellen „Ich-Charakter“. Als „Aktions-Ich“ stellt das „Einzel-Ich“ auch eine handelnde Haltung zum Eingreifen in die Weltgeschichte dar. Döblin fordert den Menschen auf, „kein[en] Fatalismus, keine Resignation“ (DÖBLIN 1928: 227) zu empfinden, da der Mensch am Vollzug der Welt beteiligt ist, wie alle Naturdinge.

66

Wie erläutert, unternimmt Döblin bei seiner Naturphilosophie eine Zusammensetzung von Organischem und Anorganischem. Anorganische und organische Natur werden dabei in einem ständigen Verhältnis von Bildung und Auflösung, von Kontinuität und Diskontinuität, von Formung und Entformung dargestellt (vgl. DÖBLIN 1922: 9).²⁵ Die „Umseelung“ (DÖBLIN 1928: 42) ist daher der Prozess der Auflösung der organisch gebildeten Seele der Naturwesen ins Anorganische und der daraus folgenden Bildung anderer organischer Wesen. In einer Art ständiger Schöpfung in der Natur durch die „Urkräfte“ herrschen zugleich Zeitlichkeit und Ewigkeit: Die geformten Naturdinge sind zeitlich, das denkende „Ur-Ich“ zugleich zeitlich und ewig: Es ist ewig, indem die einzelnen Urkräfte unerschöpflich (vgl. DÖBLIN 1928: 176) und das „Anonyme“ als Ganzes unermüdlich (vgl. DÖBLIN 1928: 180) sind; zeitlich, indem das „Weltwesen“ in Form vielfältiger Naturdinge in die Zeit eintritt (vgl. DÖBLIN 1928: 171), d.h. die alles umfassende Tendenz zur

²⁴ Dazu vgl. CORNELSEN 1999: 225.

²⁵ Dazu vgl. CORNELSEN 1999: 228.

organischen Bildung in der Natur durch Kräfte des Anorganischen ist als solche ewig, ihre Konkretisierung in individuellen, organischen „Ichs“ hingegen zeitlich. Das Anonyme ist als einheitliche Instanz somit „der Ort der ‚unsterblichen‘ Seele“ (DÖBLIN 1928: 177). Alles ist Erscheinung des Anonymen in der Zeit: „Glanz, Duft, Licht, Finsternis, Säure und Süße, Schwere, Flüssigkeit, Strahlen“ (DÖBLIN 1928: 200).

Darüber hinaus hält Döblin den Prozess von Geburt, Leben und Tod für einen vorübergehenden Zustand. Wie er bereits im Aufsatz „Die Natur und ihre Seelen“ darlegt, garantieren „Umbildungen, Entseelungen, Umseelungen“ (DÖBLIN 1928: 116) das Kontinuum der „Körper-Beseeltheit“ (vgl. DÖBLIN 1922: 9).²⁶ Am Individuum haftet der Tod. Aber der Tod bedeutet kein Ende, denn der Körper des Individuums teilt sich wieder in elementare „Individuen“ und „Urstoffe“, wie z.B. in Wasser und Salze. Der Tod soll damit nicht als letzte Stufe des Lebens verstanden werden, sondern als eine Entformung, d.h. der Verwesungsprozess entformt das Wesen und bildet neue Formen, die weiter beseelt sind: „[...] das zusammenhaltende Ich gibt alle Organe frei; sie hören auf, Organe zu sein; sie werden Zellen, nicht einmal Zellen, nur Flüssigkeit, Gallerte, Schaum, chemischer und physikalischer Körper.“ (DÖBLIN 1928: 105)

67

Döblin sucht einen Weg, dem Leiden in seiner Deutung des „Ur-Ich“ einen Platz zu geben, ohne das „Ur-Ich“ damit negativ zu besetzen. Für ihn ist das Leiden „eine metaphysische Mitgift“, „das Wissen um die Individuation“ (DÖBLIN 1928: 241): „Der Schmerz, das Leiden, das ist der unermüdliche Ruf des Ursinns in den Wesen. Wir schwanken zwischen der Lust, zu sein, und dem Schmerz, nicht ganz zu sein.“ (DÖBLIN 1928: 241)

Damit vertritt Döblin dieselbe optimistische Idee, die er im Aufsatz „Buddho und die Natur“ (1921) verkündet hat: Lust und Schmerz sind mithin als Kennzeichen des Naturwesens anzusehen. Wer ja zur Lust sagt, so Döblin, muss dann den Schmerz als Existenzbestand auch bejahen (vgl. DÖBLIN 1921: 1194-1195).²⁷

Döblin zeigt in *Das Ich über der Natur* auch, dass das Leben einer immer bedrohten Gleichgewichtung von Gegensätzen ausgesetzt ist. Die Struktur des Weltalls besteht nach Döblin also im Wechsel von Konstruktion und Destruktion. Trotz Umformung der Naturwesen gibt es nach seiner

²⁶ Dazu vgl. CORNELSEN 1999: 228.

²⁷ Dazu vgl. CORNELSEN 1999: 59.

Auffassung eine „Angleichung“ (DÖBLIN 1928: 47), die zu einer „Gleichgewichtslage“ (DÖBLIN 1928: 49) führen würde.²⁸

Aus Döblins Glaube an die Wirksamkeit eines immanenten, in der Totalität der elementaren Naturkräfte gedachten Instanz ergibt sich eine besondere Haltung der Natur gegenüber. In seinem Versuch, den Gottesbegriff der jüdisch-christlichen Tradition durch den Begriff des „Ur-Ich“ („Ursinns“) zu ersetzen, will Döblin die Natur, in welcher der alles umfassende „Ursinn“ waltet, mit Merkmalen beladen, welche normalerweise Gott allein zugesprochen werden. Auf diese Weise werden Naturdinge für „heilig“ erklärt, weil sie Zeugnis von etwas Elementarem, Kräftigem und Schönem sind. Dies lässt sich besonders in der Passage nachweisen, in der Döblin Buddhas pessimistische Weltsicht erneut kritisiert und vom Anbetungscharakter der Naturdinge spricht (vgl. DÖBLIN 1928: 151). Döblin sieht in einer Haltung zur Natur, die im „Ur-Ich“ ihre höchste Instanz findet, das Mittel zur „Reinigung der Gesellschaft“ (DÖBLIN 1928: 149). Dazu fordert er „Verehrung und Anbetung der großen Naturkräfte und des Ursinns“ (DÖBLIN 1928: 149): „Früher suchten die Menschen sich krampfhaft und ekstatisch in „Gott“ einzustellen. Jetzt sollen sie sich regenerieren im Umgang mit Steinen, Blumen, fließendem Wasser.“ (DÖBLIN 1928: 150)²⁹

68

Indem Döblin den Gottesbegriff nicht nur ablehnt, sondern ihn durch eine höchste Naturinstanz als Ausdruck für die metaphysische Einheit des Ganzen ersetzen will, stellt er die Natur als Anbetungsobjekt unmittelbar an die Stelle Gottes. Dies würde ich hier im Sinne eines Appells Döblins an die Menschen interpretieren, die Natur anders – genau als *natura naturans* – zu verstehen, statt sie als geschaffene Natur unter der ausschließlichen Wirkung ihres Schöpfers aufzufassen. Für Döblin geht es hier nicht um die Kräfte einer persönlichen, göttlichen Instanz, sondern um die Kräfte der Natur, welche in

²⁸ Axel Eggebrecht weist zutreffend darauf hin, dass Döblin Charles Darwin gegenüber tritt: Während Darwin einen Wandel der organischen Welt im „Kampf ums Dasein“ behauptet, unterstreicht Döblin dagegen die Angleichung des Mangels durch Komplementierung, die in der Natur ein Gleichgewicht herstellen würde; vgl. EGGBRECHT 1972: 197. Im Aufsatz „Krieg und Frieden“ (1920) lehnt Döblin übrigens die Idee des „Kampfs ums Dasein“ deutlich ab, weil nach seiner Sicht der „Gesellschaftstrieb“, der zur „Angleichung“ führt, etwas in der Natur Gegebenes, also Nicht-Entwickeltes ist:

[...] Denn [nicht] die Fähigkeit der Menschen, sich an Terrainschwierigkeiten anzupassen, Witterungswechsel auszuhalten, Kälte und Hitze zu ertragen, Tiere zu töten oder ihnen zu entgehen, hat es ihnen ermöglicht, eine fast unbehaarte Haut zu haben und doch nicht zu erfrieren, schlecht zu klettern, schlecht zu sehen, kaum zu riechen, mäßig zu laufen und doch leben zu bleiben, sondern der Gesellschaftstrieb, der unbedingt von Haus aus und vor den gefährlichsten Erfahrungen in ihnen vorhanden gewesen sein muß. Ich nehme es nicht hin, wenn einer erklärt: diese Kraft ist im Kampf ums Dasein einmal entstanden und in der Auslese seiner Besitzer vererbt. Im Kampf „entsteht“ überhaupt nichts; der Kampf ist nicht produktiv. Produktiv und plastisch ist der lebendige Organismus. [...]; DÖBLIN, 1972b: 161.

²⁹ Hier zitiert Döblin dieselbe Passage vom Aufsatz „Buddho und die Natur“; vgl. DÖBLIN 1921: 1200 bzw. CORNELESEN 1999: 59.

der Totalität ihrer physikalisch-chemischen Äußerungen als Sinn, genau als „Ursinn“, weil in der Natur immer vorhanden, wahrgenommen werden sollen.

Döblin endet *Das Ich über der Natur* mit der Forderung, eine Disziplin sollte die Aufgabe erfüllen, welche die positivistisch orientierte Wissenschaft wenig oder gar nicht pflegt, nämlich die Aufgabe, über das Wissen und das *ignoramus-et-ignorabimus*³⁰ der Wissenschaft hinauszugehen und sich doch mit jenem Wissen zu beschäftigen, das man seiner Meinung nach falsch Glauben nennt: die Theologie. Die Forderung der „Wiedergeburt der Hauptwissenschaft Theologie“ (DÖBLIN 1928: 242) ist bei Döblin nicht im Sinne einer Rehabilitation religiöser Dogmen zu verstehen, sondern als eine Erneuerung der Religion ausgehend sowohl von der Ablehnung der dualistischen Trennung von Jenseits und Diesseits als auch von der Unbrauchbarkeit des Gottesbegriffs. In dem ganzen Buch kann man einen anti-kirchlichen Affekt ausmachen. *Das Ich über der Natur* ist in erster Linie Kampf gegen den je institutionalisierten jüdisch-christlichen Gottesgedanken. Döblin setzt sich daher mit religiösen Aspekten auseinander, zu dem Zweck, sie abzulehnen und zugleich durch eine neue „Religion des Ur-Ich“, hier im weiteren Sinne gedacht durch eine „gottlose Mystik“, um mit Fritz Mauthners (1849-1923) unpräziser Formel weiter zu argumentieren,³¹ zu überwinden. Ein Beispiel dafür bildet Döblins Kritik am biblischen Sündenfall – er fasst *1. Buch Mose 3* zusammen –, vor allem deshalb, weil nach seiner Interpretation das Leiden als etwas exklusiv Menschliches darin auftritt, während er der Meinung ist, dass auch Tiere und Pflanzen leiden. Außerdem ist er gegen die Idee einer Auferstehung nach dem Tod oder eines göttlichen Gerichts, denn für ihn ist der Tod überhaupt kein Endpunkt, sondern Auflösung und Umformung (vgl. DÖBLIN 1928: 215).

Trotz der Ablehnung der Dogmen der monotheistischen Offenbarungsreligionen will Döblin die Rolle der Religion positiv betrachten. Wie in *Reise in Polen* weist Döblin in *Das Ich über der Natur* erneut darauf hin, dass die Religion neben Wissenschaft als Vermittlerin der Wahrheit ihre Gültigkeit hat (vgl. DÖBLIN 1993: 329-330).³² Er präzisiert jedoch, was er mit Religion meint, indem er die Frage stellt, ob Religion „Opium“ ist, wie seit

³⁰ Der Physiologe Emil Du Bois-Reymond (1818-1896) hat im Jahre 1872 das Schlagwort für die Unlösbarkeit der Welträtsel geprägt. Er war gegen die Übertragung subjektiver Aspekte auf die Materie. Aufgrund der Legitimation der naturwissenschaftlichen Weltdeutung sollte man daher den Erkenntnisanspruch der Naturwissenschaft begrenzen; vgl. SCHMIDT 1991: 324.

³¹ Zur Problematik der Formel „gottlose Mystik“ vgl. MAUTHNER 1963: 428 bzw. CORNELESEN 1999: 250.

³² Dazu vgl. CORNELESEN 1999: 71.

Marx besonders von den Kirchengegnern behauptet wird.³³ Er argumentiert, dass man den Satz „Religion sei Opium“ auf zwei verschiedene Weisen bewerten kann: als gut, wenn dadurch kritisch erläutert wird, dass die Religion dem Menschen die Verantwortung nimmt; als schlecht, wenn dieser Satz die Existenz eines „Anonymen“ leugnet, das in dem und durch das Individuum wirkt. Darüber hinaus klassifiziert er die Religion auch unter den Kategorien des Guten und des Schlechten: Religion sei gut, wenn sie „um unsere Abkunft vom sinnspendenden Ur-Ich weiß“ (DÖBLIN 1928: 238); sie sei aber schlecht, wenn sie im Gegensatz dazu „das Anonyme ins Jenseits verlegt“ (DÖBLIN 1928: 238): „Indem sie [d.h. die Religion] Gott ohnmächtig über mich und mich ohnmächtig unter Gott stellt, ist sie wider Gott. Solche Religion ist schlimmer als Atheismus, nämlich Paratheismus.“ (DÖBLIN 1928: 238)

Darüber hinaus wiederholt Döblin des öfteren am Ende der naturphilosophischen Schrift *Das Ich über der Natur* den Satz „das Urwesen ist nah“ (DÖBLIN 1928: 236-237). Hier würde ich diesen Satz als eine Anspielung auf *Matthäus* 3, 2 und 4, 17 über die Nähe des Reichs Gottes interpretieren, aber nicht im Sinne einer Erlösung oder einer Verwirklichung des Reichs Gottes wie in der *Bibel*, sondern im Sinne der Erkenntnis, dass das Urwesen, laut Döblin, „keine fremde Gewalt“ (DÖBLIN 1928: 236) sei: Es kann in den Naturwesen als „geistige“ Kräfte erkannt werden.

70

Seele, Geist, Anbetung, Heiligkeit bilden die Begrifflichkeit, die in religiösen Aussagen geläufig ist und von Döblin in *Das Ich über der Natur* erneut gebraucht wird. Mit solcher Begrifflichkeit grenzt Döblin seine metaphysisch verankerten Spekulationen deutlich von rationalistischen Aussagen des positivistischen Materialismus ab, obwohl er keineswegs auf die naturwissenschaftlichen Ergebnisse verzichtet, um das Verhältnis von Mensch und Natur zu erörtern. Gewiss bedeutet Religion (Lateinisch: „religare“, anbinden, festbinden, „etwas wiederholt und sorgfältig beachten“) (SCHMIDT 1991: 583) im allgemeinen eine Weltanschauung und Lebensführung, die vom Glauben an die Existenz Gottes oder einer Gottheit bestimmt wird, die ihrerseits dem Ganzen einen Sinn gibt:

³³ Im Aufsatz „Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie“ (1844) formulierte Karl Marx (1818-1883) den berühmten Satz „Sie [d.h. die Religion] ist das Opium des Volkes“. Marx Religionskritik lässt sich, wie Hans Küng zutreffend erörtert, vor allem von dem Vorwurf ableiten, dass die Religion als „Beruhigung und Betäubungsmittel“ wirkt und „illusorisches statt wirkliches Glück verschafft“, indem sie „von dieser diesseitigen Welt und ihrer Veränderung auf ein Jenseits ablenkt und vertröstet“; KÜNG 1995: 264; dazu vgl. KUNZMANN 1998: 171.

[...] Religion zeigt sich dann als eine Weise menschlichen Existierens aus der Relation zu einem (nicht noch einmal zu überschreitenden und in diesem Verständnis „letzten“) Sinn-Grund, der also das schlechthin Gründende und Sinnpendende die Deutung des Seienden im Ganzen sowie aller Seinsbereiche (Mensch, Welt, Geschichte, Gesellschaft, Recht, Sittlichkeit, Kultur, Sprache, Wirtschaft usw.) betrifft. [...] (HÖFER & RAHNER 1963: 1165-1166)

Wenn Religion allein in diesem Sinne zu verstehen wäre, dann sollte man zugeben, dass es sich bei Döblins naturphilosophischen Spekulationen über das „Ur-Ich“, über den „Ursinn“ in *Das Ich über der Natur* um eine „Religion“ handelt. Jedoch weise ich darauf hin, dass diese „Religion“ von der Begrifflichkeit her keineswegs als weit ausgeprägte Vorstufe zu Döblins Konversion zum Katholizismus in den vierziger Jahren zu verstehen ist, sondern eben als eine „Ersatzreligion“,³⁴ die ihre Wurzeln in Döblins Religionskritik der zwanziger Jahre hat. Sie befindet sich in diametraler Position zu denjenigen Religionen, die personale Gottesvorstellungen und Jenseitsglauben als ihren Kern besitzen, wenn sie u.a. die Gottesoffenbarung leugnet, Immanenz statt Transzendenz als Grundlage hat, Gott das zentrale Attribut der Person – zusammen mit allen anderen Attributen wie Gnade, Barmherzigkeit, Vorsehung, Wille, Gerechtigkeit³⁵ – und die Sonderstellung des Menschen gegenüber anderen Naturwesen leugnet.

71

Zum Schluss weise ich erneut darauf hin, dass Döblins „beseelter“ Naturalismus, den seine Bekehrung zum Katholizismus später überwindet, als eine Art Ersatz für das lange herrschende Weltbild des Christentums gedacht wird. Daraus entsteht Döblins heftige Religionskritik der zwanziger und dreißiger Jahre, die weniger gegen die Religion selbst, als vielmehr gegen Gottesvorstellungen und Jenseitsglauben gerichtet wird, wie man dies sowohl im Aufsatz „Der Geist des naturalistischen Zeitalters“ als auch in den Abhandlungen *Das Ich über der Natur* und *Unser Dasein* feststellen kann. Denn für ihn gilt die Religion neben der Wissenschaft als Vermittlerin der Wahrheit, und weder Wissenschaft noch Religion sollen für sich allein diese Wahrheit in Anspruch nehmen. Somit kann man eindeutig feststellen, dass Döblin beim Philosophieren über die Natur einen mittleren Weg zwischen Tradition und Moderne vorschlagen will, der durch die Verbindung von metaphysischen und naturwissenschaftlichen Aussagen zur Sprache gebracht wird. Aber Döblin spart nicht mit Kritik, wenn es um eine bestimmte Haltung gegenüber der

³⁴ In der Absicht, einen Ersatz für den Gottesbegriff der jüdisch-christlichen Tradition anzubieten, gleicht Döblin Ernst Haeckel und dessen „monistischer Religion“; HAECKEL 1961: 436-440; vgl. CORNELESEN 1999: 222.

³⁵ Zu den Eigenschaften Gottes vgl. HÖFER & RAHNER 1959: 734-735.

Religion als Institution geht, da sie, so Döblin, sowohl die menschliche Tätigkeit lähmt, als auch den Menschen eine falsche Sicht der physikalischen Natur anbietet, indem sie Gottesvorstellungen, welche anthropomorphe Züge beinhaltet, und Jenseitsglauben vermittelt. Deshalb, ist das Christentum – und auch das Judentum – nach Döblins Auffassung der zwanziger und der dreißiger Jahre nur nach dessen Erneuerung als „positive“ Religion anzusehen. Diese „Erneuerung“ wäre nach seiner Auffassung nur dann möglich, wenn man letztlich die Unbrauchbarkeit des Gottesbegriffs im „naturalistischen Zeitalter“ erkennen würde. Wie man weiß, findet später eine Art „Erneuerung“ statt, und zwar nicht des Christentums, sondern von Döblins „beseeltem“ Atheismus im Rückgriff auf Jenseitsglauben und Gottesvorstellungen, als Döblin die umgekehrte Position formuliert, sich zum Katholizismus 1941 bekehrt, und fortan weder Gottesoffenbarung noch Gottes Attribute – etwa Person, Gnade, Barmherzigkeit, Vorsehung, Wille und Gerechtigkeit – ablehnt, wie dies in den zwanziger und dreißiger Jahren des 20. Jahrhunderts der Fall ist.

Literaturverzeichnis

72

- CORNELESEN, Elcio. *Gott oder Natur? „Metaphysische Unterströmungen“ im Werk Alfred Döblins.* (Diss.), Berlin, FUB, 1999.
- DAHNIKE, Hans-Dietrich. / OTTO, Regine (Hrsg.) *Goethe Handbuch. Personen. Sachen. Begriffe*, 4.Bd. 2, Stuttgart Weimar, Metzler, 1998.
- DÖBLIN, Alfred: „Buddho und die Natur“ (1921). In: *Die neue Rundschau* 32, 1921, 1192-1200.
- DÖBLIN, Alfred. *Die drei Sprünge des Wang-lun. Chinesischer Roman*, 1.Aufl., München, dtv, 1989.
- DÖBLIN, Alfred: „Der Geist des naturalistischen Zeitalters“ (1924). In: *Die neue Rundschau* 35, 1924, 1275-1293.
- DÖBLIN, Alfred: „An die Geistlichkeit“ (1919) (Unter Pseudonym Linke Poot). In: *Die neue Rundschau* 30, 1919, 1270-1277. In: DÖBLIN, Alfred. *Der deutsche Maskenball, von Linke Poot/Wissen und Verändern!*, Olten / Freiburg i.Br., Walter-Verlag, 1972a, 47-55.
- DÖBLIN, Alfred. *Das Ich über der Natur*, 4.Aufl., Berlin, Fischer, 1928.

- DÖBLIN, Alfred: „Jenseits von Gott“ (1919). In: *Erhebung I*, 1919, 381-398. In: DÖBLIN, Alfred. *Kleine Schriften I*, Olten / Freiburg i.Br., Walter-Verlag, 1985, 246-261.
- DÖBLIN, Alfred: „Krieg und Frieden“ (1920). In: *Der neue Merkur* 4, 1920/21, 193-207. In: DÖBLIN, Alfred. *Schriften zur Politik und Gesellschaft*, Olten / Freiburg i.Br., Walter-Verlag, 1972b, 152-169.
- DÖBLIN, Alfred: „[Mein Standort]“ (um 1930). In: DÖBLIN, Alfred. *Schriften zu Leben und Werk*, Olten / Freiburg i.Br., Walter-Verlag, 1986, 193-194.
- DÖBLIN, Alfred: „Die Natur und ihre Seelen“ (1922). In: *Der neue Merkur* 6, 1922a, 5-14.
- DÖBLIN, Alfred. *Reise in Polen*, 2.Aufl., München, dtv, 1993.
- DÖBLIN, Alfred: „Der Tod des Empedokles“ (3.7.1923). In: DÖBLIN, Alfred. *Kleine Schriften II*, Olten / Freiburg i.Br., Walter-Verlag, 1990, 274-278.
- DÖBLIN, Alfred. *Wissen und Verändern! Offener Brief an einen jungen Menschen* (1931). In: DÖBLIN, Alfred. *Der deutsche Maskenball von Linke Poot/Wissen und Verändern!*, Olten / Freiburg i.Br., Walter-Verlag, 1972c, 127-266.
- DRONSKE, Ulrich. *Tödliche Präsens/zen. Über die Philosophie des Literarischen bei Alfred Döblin*, Würzburg, Königshausen + Neumann, 1998.
- DSCHUANG DSI *Das Wahre Buch vom südlichen Blütenland*, übersetzt vom Richard Wilhelm, 7.Aufl., München, Eugen Diederichs Verlag, 1992.
- EGGEBRECHT, Axel. „Berliner Tageblatt (Abendausgabe) vom 1.6.1932.“ In: SCHUSTER, Ingrid / BODE, Ingrid (Hrsg.) *Alfred Döblin im Spiegel der zeitgenössischen Kritik*, Bern / München, Francke Verlag, 1973, 151-153.
- EHRENBERG, Hans, „Eckart 4, 1928, 406-410“. In: SCHUSTER, Ingrid / BODE, Ingrid (Hrsg.) *Alfred Döblin im Spiegel der zeitgenössischen Kritik*, Bern / München, Francke Verlag, 1973, 199-204.
- ELM, Ursula. *Literatur als Lebensanschauung. Zum ideengeschichtlichen Hintergrund von Alfred Döblins „Berlin Alexanderplatz“*, Bielefeld, Aisthesis, 1991.
- EMRICH, Wilhelm: „Begriff und Symbolik der ‚Urgeschichte‘ in der romantischen Dichtung“. In: *Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte* 20, 1942, 273-304.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. „Zur Farbenlehre.“ In: GOETHE, Johann Wolfgang von. *Goethes Werke*, 1.Bd., 2.Abt., Weimar, Böhlau, 1890.

- GOETHE, Johann Wolfgang von. „Zur Morphologie.“ In: GOETHE, Johann Wolfgang von. *Goethes Werke*, 6.Bd., 2.Abt., Weimar, Böhlau, 1891.
- GRIMM, Jakob / GRIMM, Wilhelm. *Deutsches Wörterbuch*, 11.Bd., 2.Abt., bearbeitet von Karl Euling, Leipzig, S. Hirzel Verlag, 1936.
- GRUNWALD, Max. *Spinoza in Deutschland*, Neuausgabe, Darmstadt, Scientia Verlag, 1986.
- HAECKEL, Ernst. *Die Welträtsel. Gemeinverständliche Studien über monistische Philosophie*, Berlin, Akademie-Verlag, 1961.
- HARDENBERG, Friedirch von. *Fragmente*. Dresden, Jess, 1929a.
- HARDENBERG, Friedirch von. „Heinrich von Ofterdingen.“ In: HARDENBERG, Friedirch von. *Novalis Schriften*, 1.Bd., hg. v. Paul Kluckhohn, Leipzig, Jess, 1929b, 97-260.
- HARDENBERG, Friedirch von: „Der sterbende Genius“. In: HARDENBERG, Friedirch von. *Novalis Schriften*, 1.Bd., hg. v. Paul Kluckhohn, Leipzig, Jess, 1929c, 352.
- HASLINGER, Josef. *Die Ästhetik des Novalis*, Königstein/Ts., Hain-Verlag, 1981.
- HENEL, Heinrich: „Typus und Urphänomen in Goethes Naturlehre“. In: HENEL, Heinrich. *Goethezeit*, Memmingen, Insel, 1980, 158-181 bzw. 364-371.
- HÖFER, Josef / RAHNER, Karl (Hrsg.) *Lexikon für Theologie und Kirche*, 1.-10.Bd., 2.Aufl., Freiburg i.Br., Herder, 1957-1965.
- HÖLDERLIN, Friedrich: „Emilie vor ihrem Brauttag“. In: HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke*, 1.Bd., Stuttgart, Cotta, 1946a, 277-297.
- HÖLDERLIN, Friedrich: „Hymne an die Schönheit“ [Erste Fassung]. In: HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke*, 1.Bd., Stuttgart, Cotta, 1946b, 149-151.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Hyperion oder Der Eremit in Griechenland*. In: HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke*, 3.Bd., Stuttgart, Cotta, 1946c, 1-166.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Hyperion*, [Die metrische Fassung]. In: HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke*, 3.Bd., Stuttgart, Cotta, 1946d, 186-198.
- HÖLDERLIN, Friedrich: „Zu Jakobis Briefen über die Lehre des Spinoza“. In: HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke*, 4.Bd., Stuttgart, Cotta, 1961a, 207-210.

- HÖLDERLIN, Friedrich: „Kanton Schweiz. An meinen Lieben Hiller“. In: HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke*, 1.Bd., Stuttgart, Cotta, 1946e, 143-145.
- HÖLDERLIN, Friedrich: „Die Unsterblichkeit der Seele“. In: HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke*, 1.Bd., Stuttgart, Cotta, 1946f, 31-35.
- HÖLDERLIN, Friedrich: „Wenn aus der Ferne...“ In: HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke*, 2.Bd., Stuttgart, Cotta, 1946g, 262-263.
- HÖLDERLIN, Friedrich: „Das Werden im Vergehen“. In: HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke*, 4.Bd., Stuttgart, Cotta, 1961b, 282-287.
- KLEIN, Otto. *Das Thema Gewalt im Werk Alfred Döblins. Ästhetische, ethische und religiöse Sichtweise*, Hamburg, Verlag Dr. Kovac, 1995.
- KÜNG, Hans. *Existiert Gott? Antwort auf die Gottesfrage der Neuzeit*, 3.Aufl., München/Zürich, Piper, 1995.
- KUNZMANN, Peter. (u.a.) (Hrsg.) *dtv-Atlas Philosophie*, 7. überarb. u. erw. Aufl., München, dtv, 1998.
- LAOTSE *Tao te king. Das Buch vom Sinn und Leben*, übersetzt und mit einem Kommentar von Richard Wilhelm, 7.Aufl., München, Eugen Diederichs Verlag, 1993.
- LIÄ DSI *Das wahre Buch vom quellenden Urgrund*, aus dem Chinesischen übertragen und erläutert von Richard Wilhelm, 4.Aufl., München, Eugen Diederichs Verlag, 1992.
- MAUTHNER, Fritz. *Der Atheismus und seine Geschichte im Abendlande*, 4.Bd., Hildesheim, Olms, 1963.
- MUSCHG, Walter: „Nachwort des Herausgebers“. In: DÖBLIN, Alfred. *Die Drei Sprünge des Wang-lun. Chinesischer Roman*, München, dtv, 1989a, 481-502.
- NEUBAUER, John: „Das Verständnis der Naturwissenschaften bei Novalis und Goethe“. In: UERLINGS, Herbert. (Hrsg.) *Novalis und die Wissenschaft*, Tübingen, Niemeyer, 1997, 49-63.
- PIZER, John: „Goethe's ‚Urphänomen‘ and Benjamin's ‚Ursprung‘: A Reconsideration“. In: *Seminar* 25, 1989, 205-222.
- RODER, Florian. *Novalis. Die Verwandlung des Menschen. Leben und Werk Friedrich von Hardenbergs*, Stuttgart, Urachhaus, 1992.
- SCHMIDT, Heinrich. *Philosophisches Wörterbuch*, 22.Aufl., Stuttgart, Kröner, 1991.

- SCHRÖTER, Klaus. *Alfred Döblin*, Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, 1988.
- STÖRIG, Hans-Joachim. J. *Kleine Weltgeschichte der Philosophie*, erw. Neuauflage, Frankfurt a.M., Kohlhammer, 1995.
- WANNING, Berbeli. *Novalis zur Einführung*, Hamburg, Junius, 1996.
- WEYEMBERGH-BOUSSART, Monique von. *Alfred Döblin. Seine Religiosität in Persönlichkeit und Werk*, Bonn, Bouvier, 1970.
- ZAHN, Manfred.: „Gott und die große Künstlerin Natur. Von Giordano Bruno zu Immanuel Kant“. In: SCHUBERT, Venanz. (Hrsg.) *Was lehrt uns die Natur? Die Natur in den Künsten und Wissenschaften*, St. Ottilien, EOS-Verlag, 1989, 61-134.

“Ventos de não deixar se formar orvalho”: os romances *Berlin Alexanderplatz* e *Grande Sertão: Veredas**

Daniel Reizinger Bonomo**

Abstract: The parallel between the novels *Berlin Alexanderplatz* and *Grande Sertão: Veredas* was first drawn within the Brazilian literary criticism in a comment made by Davi Arrigucci Jr. With the intent of pursuing the discussion raised by the author, this article proposes a more detailed analysis of the elements which define both texts as representative works of the modern novel discourse. The analysis focuses on the movements which characterize the trajectories taken by the protagonists Franz Biberkopf and Riobaldo, with a view on the characters' transit in space, as well as emotionally, and also in regard to the transit that operates the narration within both novels. In this light, the article outlines the particularities which situate both novels within the tradition that associates them with the books *Wilhelm Meisters Lehrjahre* and *L'Éducation Sentimentale*.

Keywords: *Berlin Alexanderplatz*; *Grande Sertão: Veredas*; Movement; Modern novel.

77

Zusammenfassung: Die Parallelen zwischen den Romanen *Berlin Alexanderplatz* und *Grande Sertão: Veredas* werden in der brasilianischen Sekundärliteratur seit Davi Arrigucci Jr.s Kommentar sichtbar. In der Absicht, die dort begonnene Diskussion fortzusetzen, werden hier die Elemente im Detail untersucht, die beide Texte als Exponenten des modernen Romans einander annähern würden. Besonderes Augenmerk gilt den für die Laufbahn beider Protagonisten charakteristischen Bewegungen, den räumlichen und emotionalen Veränderungen der Figuren sowie insbesondere dem „Verkehr“, der die Erzählung in beiden Romanen vorantreibt. Hiermit sollen die Besonderheiten dieser Romane, die sie in einer gemeinsamen Traditionslinie mit *Wilhelm Meisters Lehrjahre* und der *L'Éducation Sentimentale* verorten.

Stichwörter: *Berlin Alexanderplatz*; *Grande Sertão: Veredas*; Bewegung; Moderner Roman.

* Este artigo procura expor as linhas gerais de nossa dissertação de mestrado. Cf. BONOMO, Daniel Reizinger. *Colocutores em Trânsito. Os Tontos Movimentos dos Romances Grande Sertão: Veredas e Berlin Alexanderplatz*. São Paulo: USP – FFLCH. Dissertação de mestrado, 2007.

** Mestre em Letras, Língua e Literatura Alemã. drbonomo@gmail.com

Procuramos inutilmente fixar um círculo,
uma paisagem em que nosso espírito se compraz,
mas a vida é terrivelmente móvel.
(Cyro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*)

Embora *Berlin Alexanderplatz* já tenha a sua tradução em língua portuguesa, o mais significativo romance de Alfred Döblin continua a ser pouco notado em nossos meios literários e não ultrapassa a sua primeira edição brasileira, feita há mais de dez anos. Um comentário de Davi Arrigucci Jr., no entanto, projetou entre nós uma discussão bastante significativa, que é a aproximação do livro de Döblin ao romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Em seu texto, concentra-se Arrigucci Jr. no modo épico dos dois romances, questão, em grande parte, entendida pelo efeito da ilusão de oralidade que neles habita, e retoma em seguida o problema em torno do *Bildungsroman*, terminologia que se aplicaria, de algum modo, a ambos os romances, a partir da leitura que o crítico faz do conhecido texto de Walter Benjamin, *Crise do Romance*. Associado o romance de Rosa ao paradigma do *Bildungsroman*, ou seja, ao *Wilhelm Meisters Lehrjahre*, temos que a discussão segue, por exemplo, quando José Antonio Pasta Jr. afirma que a lógica de base do *Grande Sertão: Veredas* configura “uma contradição insolúvel”, que não propõe “síntese” ou “superação”, mas conhece o movimento contínuo da “formação como supressão”, que o afastaria.

78

[...] a grande distância, do Wilhelm Meister, cujo modelo, sob muitos aspectos sociais, inverte. Inverter é ainda aproximar-se, mas, submetido ao ritmo da má infinidade, que por definição não conhece superação ou síntese, o romance de Rosa acaba por contrariar essencialmente o romance de formação clássico, que tem por eixo axiológico a renúncia à totalidade, o recorte nítido das identidades sexuais, a especialização produtiva, a crítica das aparências... (PASTA JÚNIOR 1999: 69).

Ao continuarmos o debate, com o mesmo interesse pelas movimentações do *Grande Sertão: Veredas*, incluiremos o romance de Döblin para notar que entre os problemas do discurso épico moderno, no romance, inevitavelmente se encontra o tema do encerramento de uma unidade satisfatória que se apresente como “síntese” da trajetória de uma personagem protagonista. Discursos abrangentes, recheados sem restrições e enriquecidos no diverso que encena plurais formações em convivência íntima apesar de seus aspectos distintivos, *Berlin Alexanderplatz* e *Grande Sertão: Veredas*, próximos como heteróclitos, dissolvem o elemento orgânico que em romances do século XIX, ou no *Wilhelm Meister Lehrjahre*, integra um

protagonista e seu entorno numa unidade de sentido ficcional tomada exemplarmente por “totalidade”. Riobaldo e Franz Biberkopf, caso sejam a redução de toda a vida de uma época, um elemento romanesco usual, não chegam todavia a unificar o sertão e a cidade, mas posicionam-se como agentes nos quais registros vários são dramatizados e assim produzem uma constante indeterminação, corroborada incansavelmente pelo que se pode apreender da narrativa de seus “anos de aprendizagem”¹

Recordando o texto de Benjamin mencionado, *Berlin Alexanderplatz* não apenas se filia à tradição do *Bildungsroman*, como também se avizinha de *A Educação Sentimental*, de Flaubert. Neste caso, vale observar que os sucessivos cortes que a realidade representada nos romances de Goethe e Flaubert faz na esfera dos anseios ingênuos de jovens protagonistas apaixonados, como são Wilhelm Meister e Frédéric Moreau, levam à concepção de uma experiência cuja totalidade é uma resultante construída com elementos de desilusão e resignação, logo elementos supressivos. Ao longo desses romances, encontramos passagens em que o mundo exterior recebe do olhar dos protagonistas uma luz que o ilumina e embeleza, pleno de sentido e fulgor. Não podemos deixar de sublinhar que daí, para as adaptações que os condicionam menos fantasiosos ao final dos dois romances, configura-se uma espécie de “supressão”, ajustados que são a uma realidade menos “grandiosa”, que é o que podemos entender da conversa-balanço que têm Moreau e seu amigo Deslauriers nas últimas páginas do livro de Flaubert ou da formação profissional específica que assume o Meister no *Wilhelm Meisters Wanderjahre*, que contraria de algum modo seus desejos juvenis por uma “formação universal”. Com isso, por certo, retoma-se também, da teoria de Lukács, o problema da disposição para a vida que alimentam os protagonistas desses romances, que não encontra uma correspondência simples nos casos de Guimarães Rosa e Döblin, embora os personagens centrais destes também nutram esperanças. Riobaldo narra ele mesmo sua trajetória, como rememoração, num procedimento que contamina aquilo que seriam suas “disposições iniciais” com um misto de lembranças e considerações do presente da narração. Por sua vez, Franz Biberkopf de *Berlin Alexanderplatz*, em matéria de anseios, não mais deseja que a “decência”, e não ser o Walter

79

¹ De passagem, note-se que em outros aspectos valeria também investir numa aproximação do livro de Döblin com textos de outros autores brasileiros como, por exemplo, aquele *Paulinho Perna Torta* de João Antônio, onde são narradas as “perambulagens” da trajetória de um marginal de fama na barafunda do centro paulistano. Outra comparação interessante estaria em *Berlin Alexanderplatz* com *Os Ratos* de Dyonelio Machado, no qual o protagonista Naziazeno enfrenta problemas de uma esfera social pouco privilegiada numa linguagem que muito nos faz recordar o modo de Döblin de fundir os pensamentos de um narrador e da personagem central para a composição de um ritmo de tempo vertiginoso.

Scott da França como Moreau, e menos ainda um próximo de Shakespeare, como Meister.

Se atentarmos às trajetórias de Riobaldo e Franz Biberkopf, constatamos também que as “supressões” nos desenvolvimentos de suas histórias colocam em jogo problemas mais radicais quanto à integração de suas vidas e idéias à realidade de seus entornos. Chega-se a intitular, como o fez Marcus Vinicius Mazzari, a trajetória de Biberkopf como uma “formação pela deformação”, tendo em vista que em seu trajeto o protagonista de *Berlin Alexanderplatz* perde, inclusive, um de seus braços (MAZZARI 1999: 87).

Parece-nos que o problema central, e que distingue as experiências de Riobaldo e Franz Biberkopf como casos mais tensos que os de Frédéric Moreau e Wilhelm Meister, como veremos, é que a narrativa que compreende o mundo romanesco daqueles compõe-se de uma incessante movimentação que a define e, ao permear todas as suas esferas, produz a indeterminação de seus sentidos. Contudo não podemos também excluir dos romances de Goethe e Flaubert elementos transitórios em alguns de seus constituintes. Por exemplo, a vida de Wilhelm Meister, enquanto membro de uma companhia de teatro, é a de um nômade, bem como Frédéric Moreau não se fixa profissional e sentimentalmente (pelo menos, até o momento de sua resignação, ou seja, o final do livro). Mas a movimentação nesses dois romances difere em muito da que encontramos em *Grande Sertão: Veredas* e *Berlin Alexanderplatz*, pela intensificação dos problemas reflexivos e de linguagem que são a realidade de Riobaldo, e também pelo transtorno alarmante que gira em torno de Biberkopf como texto “da” metrópole. Em decorrência disso, não apenas observaremos as mobilidades de Riobaldo e Biberkopf enquanto personagens que muito se deslocam espacial e emocionalmente, mas também procuraremos destacar a linguagem dos dois romances como operantes do transitório. Portanto, por um lado, não podemos afastar esses romances dos de Goethe e Flaubert, já que podem estar em um mesmo campo de investigação, como ensinou Benjamin, assim como não devemos considerá-los essencialmente opostos, embora possamos reconhecer as distinções entre eles quando alinhados em uma única tradição.

Interessante notar que, nos poucos comentários que *Berlin Alexanderplatz* recebe no Brasil, geralmente estão associados o texto de Walter Benjamin escrito em 1930, e o livro de Döblin, de 1929. O contexto em que estão inseridos ambos é o de uma “crise do romance” tomada como um problema geral, como o sinal de um tempo em que romances do século XIX,

então modelos tradicionais, já não mais deveriam ser possibilidades comuns à representação literária moderna. Generalizada, afirmamos, pois não apenas Benjamin e Döblin trataram dessa “crise”, uma discussão bastante significativa naquele momento (na passagem da década de 1920 para a de 30), mas também autores como Otto Flake e Robert Musil, por exemplo, estiveram nela envolvidos com suas opiniões.

Benjamin reconhece que Döblin “não se resigna com essa crise, mas antecipa-se a ela e a transforma em coisa sua” (BENJAMIN 1994: 55). Admirado que estava com a leitura de *Berlin Alexanderplatz* e do texto teórico de Döblin que lhe serve de apoio, *A Construção da Obra Épica (Der Bau des epischen Kunstwerks, 1928)*, Benjamin chega a considerá-lo um “narrador nato”, “insurgindo-se contra o romancista” que seria um Flaubert. Se quando Benjamin escreveu o seu bastante reconhecido contributo à teoria literária, *O Narrador (Der Erzähler 1935/36)*, Döblin não representasse já para ele um membro da “inteligência burguesa de esquerda”, talvez o autor de *Berlin Alexanderplatz* pudesse também figurar como objeto de suas considerações que são desenvolvidas sob o exemplo de Nicolai Leskov, nome que hoje muita vez precisa do acompanhamento de uma nota explicativa. Döblin não participou da luta de classes no sentido em que Benjamin pensava melhor funcionar socialmente um intelectual, interagindo no processo produtivo propriamente, mas, antes, como um “protetor” do proletariado, um “mecenas ideológico”, como se lê em seu texto *O Autor como Produtor (Der Autor als Produzent, 1934)*².

81

De um ponto de vista unicamente literário, podemos em uma análise conciliar muito bem alguns argumentos dos textos teóricos de Döblin e Benjamin, sobretudo nos temas da “objetividade épica”. Mas algo nos horizontes políticos de ambos parece que foi oposto, e poderíamos hoje apenas imaginar quão notória seria a contribuição que os estudos sobre Döblin e seu *Berlin Alexanderplatz* receberiam caso houvesse Benjamin privilegiado Döblin com um *O Narrador* como o fez com Leskov³. Imaginações apartadas, trataremos de Döblin não como um autor que precisaria de uma reavaliação da importância de seu trabalho, pois isso já não se faz mais necessário. Insistiremos mesmo, a seguir, é na possibilidade

² Benjamin observa nesse texto que naqueles primeiros anos da década de 1930 o “conceito de intelectual ganhou terreno no campo da inteligência de esquerda e domina seus manifestos políticos, de Heinrich Mann a Döblin” (BENJAMIN 1994: 126), e que tal conceito, no entendimento de autores como Döblin, era determinado por uma “concepção do ‘intelectual’ como um tipo definido por suas opiniões, convicções e disposições, e não por sua posição no processo produtivo”. Para Benjamin, o “lugar do intelectual na luta de classes só pode ser determinado, ou escolhido, em função de sua posição no processo produtivo”.

³ Semelhante colocação encontramos em textos de Helmuth Kiesel (KIESEL 1999: 171-180; KIESEL 2004: 352-356).

entrevista de que há certo paralelismo entre os romances de Döblin e Guimarães Rosa.

Os tiros que encerram a batalha final do romance de Guimarães Rosa vêm de “profundas profundezas”, longe estão, sendo os últimos nas páginas últimas do livro, minguem junto à consciência de Riobaldo. Derradeira tempestade, as mortes de Diadorim e de Hermógenes desacordam o protagonista Riobaldo. Deixemo-nos com ele, “depois das tempestades”, acordar:

Ouvi os rogos do menino Guirigó e do cego Borromeu, esfregando meu peito e meus braços, reconstituindo, no dizer, que eu tinha estado sem acôrdo, dado ataque, mas que não estivesse espumado nem babado. Sobrenadei. E, daí, não sei bem, eu estava recebendo socorro de outros – o Jacaré, Pacamã-de-Prêsas, João Curiol e o Acauã –: que molhavam minhas faces e minha boca, lambi a água. Eu despertei de todo – como no instante em que o trovão não acabou de rolar até ao fundo, e se sabe que caiu o raio... (ROSA 1958: 560).

Estranho ao romance, é momento raro e breve no texto do livro um Riobaldo assim desacordado. De um tiro inicial, que não se ouve, mas que se lê como anterior à primeira palavra do livro e como motivador da fala que se inaugura, aos tiros finais que são também o silêncio da ausência de Diadorim, tagarela Riobaldo, colocando em ação os signos de uma agitada trajetória rememorada. “Para trás, não há paz”, afirma Riobaldo (ROSA 1958: 42).

A calma que deseja Riobaldo não está em seu passado (mesmo que, vez por outra, Riobaldo recorde os eventos e os lugares, as pessoas, as palavras e as coisas de suas “velhas alegrias”, os campos floridos de seus tranquilos momentos: uma “brisbrisa”, um manuelzinho-da-crôa, Nhorinhá “vestida de vermelho”, Otacília “no enquadro da janela”, Diadorim “duro sério, tão bonito, no relume das brasas” etc.) e também não se dá em seu presente, quando os conflitos de outrora rememorados, suas inquietudes e inseguranças afirmadas, assombram-no. As boas lembranças, embora existam, não aliviam o protagonista Riobaldo, já que convivem, no presente de sua fala, misturadas com o medo e a frustração que resultam dos seus anos de jagunço em atividade. Riobaldo contudo, na revisão de seu passado, faz do seu desejo de paz coisa atual e passada, como se esse sentimento, que tão caro lhe é, sempre o houvesse acompanhado:

Mesmo com a minha vontade toda de paz e descanso, eu estava trazido ali, no extrato, no meio daquela diversidade, despropósitos, com a morte da banda da mão esquerda e da banda da mão direita, com a morte nova em minha frente, eu senhor de certeza nenhuma (ROSA 1958: 334).

Mas, se ao iniciarmos demos atenção ao instante imóvel e desacordado de Riobaldo, procuramos com isso evidenciar que em sua trajetória o ritmo é outro, combinando sua fala com a constante movimentação e a pouca paz de sua andeja vida. A trajetória de Riobaldo, que elege dúvidas e incertezas, inscreve-se sobre movediço solo, sendo a fala que a narra operante simultaneamente o solo e o movimento.

Quando o leitor de *Grande Sertão: Veredas* depara com a imagem de um Riobaldo fora de si, sem acordo, ainda lhe resta porém a sensação de que nem tudo parou, pois não se cala o Riobaldo narrador, sobrevivendo sua fala à morte de Diadorim. Como no romance é o próprio Riobaldo quem narra a sua história, em nenhum momento nos distanciamos dele, e mesmo quando lhe ocorre a maior de suas perdas, o abalo que se segue não o silencia, mas, ao atingi-lo profundamente, incentiva a fala que é toda a narrativa. Em *Berlin Alexanderplatz*, outro é o caso.

Franz Biberkopf não enfrenta menores crises que as de Riobaldo: enganam-no, perde um de seus braços e também a mulher a quem mais amou. Todos esses momentos críticos perturbam o ânimo do protagonista, afastando-o de suas atividades e atrapalhando-no em sua usual movimentação pelo centro urbano berlinense em busca de uma vida “decente”. Por exemplo, quando Franz Biberkopf sofre o primeiro dos três golpes que o atingem durante o romance, que é a traição de Otto Lüders, ele se isola de seus conhecidos e do mundo, passando a viver recluso sem mais praticar o comércio de que se ocupava. “Não é da conta de ninguém o que eu faço. Se quero ficar cochilando, cochilo até depois de amanhã sem me mexer...” (DÖBLIN 1995: 119). Ou também, quando, vítima de sua ingenuidade, encontra-se envolvido na ação criminosa que lhe tira um de seus braços, deixa ele mais uma vez de agir, convalescendo em casa de amigos enquanto nega o ocorrido e ignora aqueles que esperam dele alguma resposta aos envolvidos no incidente. Franz Biberkopf, assim como Riobaldo, quer a paz.

A paz e a tranqüilidade de uma vida “decente”, contudo, não o atingem tão facilmente quanto os golpes que sofre. Franz Biberkopf permite que os dias de sua vida passem com seguidos descuidos e confere assim à sua história uma tonalidade que contrasta fortemente com o seu desejo de paz. E, desconhecendo a paz, assim como a sensatez, Franz Biberkopf apenas entrevê algum sossego quando lhe tocam os infortúnios que impedem a circulação incessante que o caracteriza. Logo, nunca é um verdadeiro estado de

tranqüilidade que o atinge, mas a calma inquieta de um ser entrevado por seus erros.

Curiosamente, como segurança e conforto, parece colocar-se no romance de Döblin o presídio de Tegel, local onde Franz Biberkopf esteve preso pelo assassinato de sua antiga companheira Ida. Muita vez, quando complicam as coisas para ele, ativam-se em sua memória as imagens de seu antigo cotidiano de prisioneiro:

O que fazer? E então a coisa o atravessa e ele fecha a boca com força: esse é meu castigo, eles me soltaram, os outros ainda estão descascando batatas na prisão junto ao grande monte de lixo, e eu tenho de pegar o bonde, maldição, não era tão mau assim por lá (DÖBLIN 1995: 106).

Mas Tegel, lembranças de Biberkopf e passado próximo ao livro, ocupa mesmo é o espaço que antecede o início da narrativa, significando assim também a ausência do livro e de sua ação. “Começa agora a pena”, lê-se no primeiro capítulo do romance (DÖBLIN 1995: 13), e o outrora trabalhador do transporte de mobílias tem de encarar sua vida na cidade, despedindo-se dos “bons tempos” em que o seu isolamento era bem assistido. A vida, movente, agita-se. “Der Rosenthalerplatz unterhält sich” (DÖBLIN 2002: 51).

Privado de suas andanças, o Franz Biberkopf que se esconde no seu quarto ou na casa de amigos, ou que é recolhido em um hospital ou em um presídio, destaca-se aparentemente como uma personagem ferida em sua propriedade. Se os períodos críticos do incauto Franz Biberkopf, ao aproximarem-no da morte, colocam-no entre quatro paredes, devemos notar com isso que, por outro lado, a sua vida participa usualmente do vaivém que anima as ruas berlinenses e do trânsito que a existência precária de Franz faz necessário, já que lhe é comum a incessante troca de mulheres, amigos, empregos, estados psíquicos e físicos.

Se no *Grande Sertão: Veredas*, como já observamos, em nenhum momento nos distanciamos de Riobaldo, o mesmo não se dá no *Berlin Alexanderplatz*. O romance de Döblin, diverso do rosiano, não faz uso de uma única voz em sua narrativa, mas alterna constantemente as várias vozes que o narram, resultando disso inúmeros momentos no romance em que perdemos o protagonista Franz Biberkopf. Quando o sombrio Reinhold lhe assassina a namorada Mieze, por exemplo, Franz Biberkopf não nota de imediato que isso ocorreu, ignora que mais uma vez fora apunhalado, e enquanto o caso caminha para o seu desvendamento, logo no primeiro capítulo do livro seguinte (o romance é dividido em nove livros), surgem, emparelhando esse

acontecimento tão significativo à trama, a notícia de uma luta de boxe, um discurso sobre o modo pelo qual as plantas se protegem do frio, um comentário sobre a falta de importância da publicação de algumas outras notícias, uma mesa de bar com pessoas que contam piadas etc. (DÖBLIN 2002: 397-399). Semelhante, porém, ao *Grande Sertão: Veredas*, no *Berlin Alexanderplatz* é a continuidade da narrativa que não tem o seu discurso abalado por um Franz Biberkopf fora de cena, como observamos igualmente no caso daquele Riobaldo desacordado. No romance de Döblin, a eleição de um protagonista como Franz Biberkopf não quer excluir da narrativa os inúmeros outros anônimos e seus discursos que assim como ele frequentam Berlim. Assim, se a existência da cidade não depende exatamente da existência individual de Franz Biberkopf, e o livro de Döblin constrói a sua narrativa com ambos, mesmo com um Franz Biberkopf morto, poderíamos ainda ter algumas páginas do *Berlin Alexanderplatz* indiferentes ao protagonista.

Riobaldo, a certa altura da narrativa, afirma que o sujeito que “é pobre, pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas” (ROSA 1958: 41). Sendo pobres, de “vida muito repagada”, e vivendo os dois em contínua movimentação, “perna direita, perna esquerda, perna direita, perna esquerda” (DÖBLIN 1995: 123), Riobaldo e Franz Biberkopf são ambos sujeitos provisórios, traço esse que é fundamental em suas personalidades⁴. As trajetórias dos dois protagonistas demonstram que ambos são portadores de uma vida bastante movimentada, jornadeando um pelo sertão em seu ofício de jagunço, enquanto o outro caminha com seus empregos temporários pelo centro berlinense. E, como se não bastasse o vaivém que suas atividades exigem, também os sentimentos que se apoderam dos dois são significativamente transitórios. A “natureza da gente é muito segundas-e-sábados”, como diz Riobaldo (ROSA 1958: 172).

Pouco nas histórias de Riobaldo e de Franz Biberkopf está livre deste caráter transitório que procuramos acentuar. Riobaldo ainda moço, insatisfeito na propriedade de Selorico Mendes, não se deixa ali estar, apesar do conforto, mas coloca-se em movimento e parte em direção ao Currálinho, onde estuda com Mestre Lucas. Daí em diante, inicialmente com o bando de Zé-Bebelo, e depois sob a chefia de Joca Ramiro, transita constantemente enquanto jagunço em guerra, que em suas palavras é “o constante mexer do sertão”

⁴ “[...] fazendeiro-mór é sujeito da terra definitivo, mas que jagunço não passa de ser homem muito provisório” (ROSA 1958: 390). O Riobaldo no qual demonstramos nosso interesse, neste momento, é o que se diferencia nas páginas do romance de Guimarães Rosa como jagunço, apesar de ocupá-las, as páginas, nas palavras de um Riobaldo fazendeiro, que é quem, como narrador, movimenta o Riobaldo “provisório” ao recordar sua história.

(ROSA 1958: 341). Já Urutú-Branco, chefe de seu bando, Riobaldo muito vaga pelo sertão, confuso de sentimentos, sem mesmo saber esclarecer aos seus companheiros o destino deles todos que seria posteriormente a travessia do Liso do Sussuarão. “Aonde é que jagunço ia? À vã, à vã” (ROSA 1958: 421). Ou seja, até mesmo quando é incerto o rumo de suas andanças, o trânsito de Riobaldo e seus jagunços é ininterrupto. “Mesmo deitado, eu sentia que estava caminhando, galopando”, reconhece Riobaldo (ROSA 1958: 422), dando-nos a entender que a maior constância da vida de um jagunço é o seu viver nômade, a sua inconstância de homem andejo que não se deixa fixar em parte alguma. “Homem anda como anta: viver vida. Anta é o bicho mais boçal...” (ROSA 1958: 525).

Não é outro o modo pelo qual vive Franz Biberkopf, que anda pelas ruas de Berlim à procura de um trabalho, ou então empregado, como vendedor ambulante; à procura de uma mulher ou, então, à procura de um bar que possa aliviar suas dores; se envolvido numa ação criminosa, anda Biberkopf também, e até mesmo quando nada o ocupa, caminhar pode ajudá-lo, incluindo-o na vida cidadina. Mais que uma escolha, a movimentação é uma condição que se lhe impõe, pois se adaptar como cidadão, deixado o presídio de Tegel para trás, significa enfrentar as ruas com seus transeuntes, bondes, automóveis e tudo o mais que nelas se movimenta, incluso aí os mais diversos discursos que numa grande cidade circulam sem cessar. Também superar suas crises, nas quais Franz Biberkopf se confina entre quatro paredes, como já observamos, implica adentrar o trânsito de Berlim e colocar-se lado a lado com os pedestres anônimos que dão forma à cidade:

Para fora do buraco, para a rua fria. Havia muita gente. Uma quantidade incrível no Alex, todo mundo ocupado! Parece que não podem viver sem isso. Franz Biberkopf correu com eles, revirando os olhos para a direita e para a esquerda. Como quando um cavalo escorrega no asfalto molhado e leva um pontapé com a bota na barriga e tenta se levantar, sai aos tropeções, e depois dispara feito louco (DÖBLIN 1995: 148).

Constantemente, o discurso de *Berlin Alexanderplatz* associa o caminhar de Franz Biberkopf a um marchar, como se a todo momento em que o protagonista enfrenta as ruas, tomasse ele, contra a sua vontade, parte numa guerra:

Franz Biberkopf marcha pelas ruas, passo firme, esquerda direita, esquerda direita, não vou alegar cansaço, nada de botequim, não vou beber, veremos, chegou uma bala voando, vamos ver, apanho eu com ela, fico deitado, esquerda direita, esquerda direita, esquerda direita. Rufar de tambores e batalhões. Finalmente ele respira (DÖBLIN 1995: 276).

Pudesse, e alguma inteligência melhor auxiliasse, talvez Franz Biberkopf evitasse uma parte dos conflitos que o envolvem, mas, existindo as ruas, sempre alguma coisa caminha ao seu lado e, sendo ele muita vez boçal como uma anta, para usar dos termos de Riobaldo, acontece geralmente de ele não poder escapar de seus infortúnios e ver-se num campo de batalha em guerra, tal como o personagem de Guimarães Rosa. “Vida, e guerra, é o que é: êsses tontos movimentos, só o contrário do que assim não seja” (ROSA 1958: 217).

Antes já havíamos observado que não apenas os “corpos” de nossos protagonistas estão em constante movimento, mas que também os sentimentos que lhe pertencem têm aspectos transitórios:

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou (ROSA 1958: 24).

A noção defendida por Riobaldo de que as pessoas “vão sempre mudando” traz mais uma vez ao nosso texto a questão do “desenvolvimento” das personagens em suas trajetórias. O Riobaldo pra quem “viver é um descuido prosseguido”, no presente de sua narração depara com uma série de problemas que emergem de sua fala enquanto recupera o seu passado. Para tais problemas Riobaldo parece não querer a ajuda de soluções definitivas, preferindo deixar sem respostas as suas dúvidas, pois toda e qualquer explicação, em seu caso, seria uma simplificação indesejada⁵. Se em seu presente de jagunço aposentado inquietam-lhe questões existenciais que ora o fazem afirmar uma coisa, ora outra, sustentando, por exemplo, a tensão entre o ser e o não-ser do diabo e, conseqüentemente, colocando em dúvida a validade de seu pacto e do seu compromisso de homem crente, em seu passado de jagunço em atividade, como nos faz acreditar a sua voz, menores não eram as suas inseguranças.

Marcando-lhe profundamente a lembrança de Diadorim, o ser duplo que essa donzela guerreira é, sendo simultaneamente homem e mulher, delicadeza e força, projeta em Riobaldo a sua ambigüidade. Assim, absorvido pelo que aprendeu com Diadorim, a educadora maior de seus sentimentos,

⁵ Se Riobaldo, de vez em vez, pede o auxílio do visitante “instruído” a quem ele dirige a sua fala, isso contudo não demonstra uma verdadeira vontade de ter esclarecidas as suas questões, já que no texto do *Grande Sertão: Veredas* não há espaço para o seu interlocutor que está a todo momento emudecido pela voz de Riobaldo. “Ah, o que eu prezava ter era essa instrução do senhor, que dá rumo para se estudar dessas matérias...” (ROSA 1958: 221). Deste modo, o uso que faz Guimarães Rosa de um cidadão “instruído” em silêncio pode ser encarado como estratégia do autor, que assim não quer ver reduzidas as indagações de seu protagonista.

Riobaldo transfere a ambigüidade de sua amada para todas as coisas por ele observadas. “Melhor, se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e fôlhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata?” (ROSA 1958: 12). Com a desconfiança entre os seus sentimentos mais caros, Riobaldo narra a sua trajetória entre Deus e o diabo, entre o homem e a mulher, entre o legal e o ilegal e assim por diante, sem que se fixe e deixe de lado o trânsito de suas opiniões. “Eu era dois, diversos?” (ROSA 1958: 460)⁶. Por exemplo, a certa altura, em meio aos outros jagunços, após um momento em que se ocupara em observar o Hermógenes, reflete Riobaldo sobre sua relação com os companheiros de profissão:

Então, eu era diferente de todos ali? Era. Por meu bom. Aquêlo povo da malfa, no dia e noite de relaxação, brigar, beber, constante comer. – “Comeu lobo?” E vozear tantas asneiras, mesmo de Diadorim e de mim já pensavam (ROSA 1958: 164).

E logo abaixo, repetindo a questão com outra formulação, decide-se Riobaldo pelo contrário: “E eu era igual àqueles homens? Era”. Essa alternância de opiniões de Riobaldo demonstra que ele, como personagem inquisitivo que é, não assume posturas excludentes, sendo usualmente uma coisa e outra simultaneamente⁷. “Acho que eu não era capaz de ser uma coisa só o tempo todo” (ROSA 1958: 442).

88

Coragem e medo, que estão entre as maiores preocupações de Riobaldo, também exemplificam as suas variações: “Eu cá não madruguei em ser corajoso; isto é: coragem em mim era variável” (ROSA 1958: 45). E assim, moventes como seus passos, os sentimentos de Riobaldo transitam de um lado para outro, pois, “[...] manter firme uma opinião, na vontade do homem, em mundo transviável tão grande, é dificultoso. Vai viagens imensas” (ROSA 1958: 501).

De acordo com Riobaldo, o “que nesta vida muda com mais presteza: é lufo de noruega, caminhos de anta em setembro e outubro, e negócios dos sentimentos da gente” (ROSA 1958: 435). Mas Riobaldo “nunca tinha certeza de coisa nenhuma”, como afirma em seu discurso. Resta-nos com isso verificar se a sua observação mantém a validade no caso de Franz Biberkopf.

⁶ Lembre-se o conhecido verso do *Fausto* de Goethe: “Zwei Seelen wohnen, ach! in meiner Brust”. “Vivem-me duas almas, ah! no seio”, em tradução de Jenny Klabin Segal (GOETHE 2004: 118).

⁷ Embora sentimentos e opiniões contrárias coexistam em Riobaldo, vale lembrar que o seu desejo expresso é outro: “Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados...” (ROSA 1958: 210).

Franz Biberkopf, dada a sua ingenuidade, talvez seja capaz de demonstrar até com maior nitidez a mobilidade de seus sentimentos. Seu imediatismo chega a impressionar e não raro o encontramos, sem maiores reflexões, saltando bruscamente de um estado emocional a outro⁸. Seus sentimentos são aparentemente simples: ele pode ser violento, quando irritado, ou fraternal e amoroso, quando alegre. Dono de um humor inconstante, Franz Biberkopf tem entre as suas mais significativas questões o controle do ânimo. Com a antiga companheira ele foi extremamente violento e descontrolado, e obteve assim anos de reclusão em Tegel. Libertado em Berlim, a vida que se lhe recomeça exige prudência e sobriedade. No entanto, não é simples para o ex-presidiário lidar sobriamente com todas as dificuldades que lhe cruzam o caminho. Numa de suas primeiras situações difíceis, que é quando, por razões políticas, freqüentadores de um bar implicam com a sua figura, surge prontamente a questão do autocontrole. Franz Biberkopf ali sabe que não deve se meter em confusão, travando então uma complexa luta com os seus impulsos para não avançar sobre os freqüentadores:

Eu me entreguei, pensa Franz, agarrou-se na janela diante da veneziana, vou estourar, homem, tomara que não me agarrem; quero ficar em paz com todos, mas vai haver uma desgraça, tomara que ele não seja idiota a ponto de me agarrar (DÖBLIN 1995: 85).

89

Claramente perturbado em seu equilíbrio, Franz Biberkopf deixa o bar para evitar maior confusão e cumprir com o seu desejo de ser um homem “decente”. É preciso mencionar que este seu desejo o inclina a participar inconseqüentemente das idéias de paz e ordem que orientaram a direita nazista, desconforto que fratura a amizade de Franz Biberkopf com seu velho amigo Georg Dreske na situação acima reportada. A exemplo dessa situação, poderíamos ainda localizar no livro outros momentos semelhantes em que o autocontrole de Franz Biberkopf é acionado não sem transtornos. Contudo, tratando aqui da transitoriedade dos seus sentimentos, mais proveitoso será observar como são paradoxais as ações da personagem que os têm por guia.

Na trajetória de Franz Biberkopf há uma situação em que ele, no início de sua amizade com Reinhold, envolve-se, que é a curiosa troca de amantes que une os dois. Constatamos que a mudança de opinião de Franz Biberkopf, que decide interromper a permuta, causa-lhe grande aborrecimento e a perda de um de seus braços. Mas Franz Biberkopf parece nutrir sentimentos iguais pela sua amada Mieze e por Reinhold, insistindo na amizade deste, enquanto

⁸ Vale mencionar que “emoção” deriva do vocábulo latino *motio*, implicando “movimento”, “ação”.

nós leitores, desde o final do quinto livro de *Berlin Alexanderplatz*, que é o momento do acidente que lhe tira o braço, sabemos que a figura sombria de Reinhold não pode lhe fazer bem. Como conseqüência de sua relação cega com Reinhold, Franz Biberkopf, “um espírito que perdoa e concilia”, facilita no sétimo livro do romance o assassinato de sua pequena Mieke por Reinhold.

A ambivalência de Franz Biberkopf, endossada pela sua ingenuidade, não se restringe às relações fraternais, mas atinge também as esferas política, jurídica e econômica. Franz Biberkopf é contraditório, vende “jornais völkisch” e faz uso de uma braçadeira com a suástica, mas sustenta amizade e admiração por homens de posturas políticas outras, isso quando não prefere afirmar que a política não lhe diz respeito. “E mais uma vez não existe ninguém mais contente que o nosso Franz Biberkopf, que manda a política para o diabo” (DÖBLIN 1995: 270). Aliás, em sua noção de “decência”, vender jornais nazistas parece valer para Franz Biberkopf tão pouco quanto comercializar prendedores de gravatas ou cadarços, desde que disso resulte para ele alguns trocados. Podemos verificar igualmente que o oscilar que caracteriza sua postura política faz com que ele em outros âmbitos não consiga, até que se alcancem as últimas páginas do livro, estabelecer o seu lugar social numa estabilidade econômica ou jurídica. Franz Biberkopf está durante todo o livro entre o emprego e o desemprego, entre o “decente” e o criminoso, alternando os seus desejos e confundindo-se entre eles.

Do mesmo modo que transitam as pernas, sentimentos e posições de Franz Biberkopf pelas ruas berlinenses, também podemos pensar que ali circulam as mercadorias no livro anunciadas, os discursos anônimos que noticiam fatos públicos e privados etc. Ao escrever *Berlin Alexanderplatz*, Döblin não ignora que o trânsito de pessoas, carros, bondes, mercadorias e informações constitui parte importante da paisagem de uma grande cidade. Sem deixá-lo de lado, a narrativa de *Berlin Alexanderplatz* parece querer a mesma complexa linguagem com a qual a cidade se faz legível. Nesse sentido, *Berlin Alexanderplatz* não é uma “expressão” da cidade, entendendo, aqui, “expressão” como uma prática de texto que demonstraria o estado anímico de um autor (a fascinação, o susto, a paixão, o medo num lamento ou numa canção de amor), sujeito particular, em sua relação específica com um objeto (no caso, o tema da cidade moderna). Antes, é uma narrativa que procura com maior objetividade aproximar a estrutura urbana de seu discurso, e para isso coloca em cena os elementos flutuantes e variáveis de um cotidiano metropolitano: discursos políticos, questões econômicas, anúncios de produtos e serviços, textos jornalísticos, estatísticas, presenças míticas e

também personagens inconstantes e passageiros, entre eles o protagonista Franz Biberkopf.

Não apenas em *Berlin Alexanderplatz*, mas também em *Grande Sertão: Veredas*, às qualidades transitórias dos protagonistas que ressaltamos até agora em nosso trabalho, correspondem os seus enunciados com igual mobilidade. É indispensável, nesse caso, pensá-los em conjunto.

Observar o trânsito acidentado nas andanças de Franz Biberkopf, assim como as viagens pelo sertão de Riobaldo, pode ser interessante quando se nota que a fala possui semelhanças com o “ato de caminhar”. Afirmo Michel de Certeau que o

[...] ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma tríplice função ‘enunciativa’: é um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma *realização* espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, ‘contratos’ pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é ‘alocução’, ‘coloca o outro em face’ do locutor e põe em jogo contratos entre colocutores) (CERTEAU 2001: 177).

91

Ao movimento do que é narrado, nos livros de Döblin e Guimarães Rosa, podemos somar o movimento do que narra. Por exemplo, em *Berlin Alexanderplatz*, às barreiras que Franz Biberkopf tem de transpor em sua trajetória com esforço estéril, correspondem interrupções de elementos discursivos estranhos ao texto da trama de nosso protagonista. Os caminhos interditados para ele encontram no texto que os narra semelhante situação quando entrecruzam a história do protagonista fragmentos discursivos que dela não participam diretamente, como pode ser notado no início do segundo livro do romance, quando, após um relato das condições de Berlim naquele momento, que inclui notícias bastante diversificadas, não se obtêm informações de Franz Biberkopf sem antes, por cinco páginas, demorar-se o texto nas histórias de dois amigos quaisquer que comentam o desemprego de um deles e no caso de uma garota que se encontra furtivamente com um senhor de meia-idade (DÖBLIN 1995: 48-52). Também, sem que se fixe num determinado assunto, o texto de Döblin repetidas vezes transita num mesmo trecho da narrativa por elementos deveras diversificados. O trecho a seguir, apesar de longo, é talvez o melhor exemplo dessa estratégia:

Lojas de bebidas, restaurações, mercadinhos de fruta e verdura, produtos coloniais e especiarias, transportes, pinturas decorativas, confecção feminina, produtos de farinha e moinhos, garagens, corpo de bombeiros: a

vantagem da mangueira a motor é a construção simples, fácil manejo, pouco peso, tamanho reduzido. – Camaradas alemães, nunca o povo foi enganado de maneira mais infame, nunca uma nação foi traída de maneira mais degradante e injusta como o povo alemão. Recordam ainda como Scheidemann, a 1º de novembro de 1918, prometeu paz, liberdade e pão no peitoril da janela do Reichstag? E como cumpriram a promessa? Equipamento para canalizações, companhia de limpeza de janelas, sono é remédio, cama de paraíso Steiner. – Livraria, a biblioteca do homem moderno, nossas edições completas e autores e pensadores influentes reúnem-se e constituem a biblioteca do homem moderno. São os grandes representantes da vida intelectual européia. A lei de proteção do inquilinato é um pedaço de papel. Os aluguéis sobem constantemente. A classe média trabalhadora é atirada ao chão e sufocada, o oficial de justiça tem colheita farta. Pedimos créditos públicos até 15.000 marcos à pequena indústria, proibição imediata de todas as hipotecas dos pequenos industriais. – É desejo e dever de toda mulher preparar-se para a hora do parto. Todos os pensamentos e emoções da futura mãe giram em torno do nascituro. Então a escolha da bebida certa para a futura mãe é particularmente importante. A legítima cerveja Engelhardt-Caramelo possui como nenhuma outra bebida as qualidades do bom sabor, da força nutritiva, é digestiva, tem efeito refrescante. – Cuide do futuro de seu filho e de sua família com um seguro de vida de uma seguradora suíça, Caixa de Pensões de Zurique. – O seu coração vai pular de alegria quando você tiver um lar mobiliado com os famosos móveis Höffner. Tudo o que você sonhou sobre conforto é superado por essa realidade nunca antes imaginada. Embora os anos passem, essa visão permanece agradável, e sua durabilidade e utilidade prática são uma renovada alegria (DÖBLIN 1995: 115-116)⁹.

92

O heteróclito acima não deixa de compor de modo interessante o ambiente transtornado de uma grande cidade. Com isso, mais do que afirmar que a narrativa de *Berlin Alexanderplatz* pratica uma movimentação contínua que se faz homóloga ao trânsito urbano, queremos também observar que, apesar de nesse procedimento Döblin utilizar elementos estranhos à história de Franz Biberkopf, como já mencionamos, os pedaços discursivos que rodeiam a trajetória do protagonista são também significativos para a compreensão de sua vida, uma vez que situam as atividades dele no conjunto de experiências que podem ser vivenciadas na Berlim de seus dias.

De uma grande atualidade, as questões colocadas no romance estão desenvolvidas de tal modo que confluem nele os movimentos de Franz Biberkopf e a movimentação da linguagem que os narra. Por isso também Döblin não utiliza exatamente a mesma língua alemã de Goethe, mas prefere em seu texto um forte efeito de oralidade, aproximando sua escrita dos modos

⁹ Ao citar trechos da edição brasileira de *Berlin Alexanderplatz*, optamos por não interferir nas escolhas de sua tradutora, pois não estão entre os objetivos de nosso texto tais comentários. Em todo caso, na versão em língua portuguesa deste longo trecho citado, repare-se o erro que indica a data do discurso de Scheidemann, já que o evento se deu no dia nove de novembro de 1918.

de falar berlinenses da época. A ilusão de oralidade que se obtém com esse recurso sugere mais ainda o caráter de mobilidade que encontramos no texto do romance, já que nele se antecipam, a um discurso literário vinculado às normas cultas da língua, as liberdades lingüísticas que normalmente se dão na fala. Do mesmo modo, o texto de feição não menos móvel de *Grande Sertão: Veredas* abusa dos efeitos de oralidade, sobretudo porque todo o romance é apresentado como uma fala, a do protagonista Riobaldo. Cheio de artifícios, o texto de Guimarães Rosa é dotado de uma rica linguagem que já há muito tem sido objeto de estudo daqueles cujo interesse maior está nos malabarismos formais do autor. Aqui, contudo, restringimos nosso interesse em observar que a linguagem serpentiforme de *Grande Sertão: Veredas* é mais um dos aspectos que reforçam as movimentações de Riobaldo, como o faz a narrativa de *Berlin Alexanderplatz* com Franz Biberkopf.

“Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma” (ROSA 1958: 22). Arbitrária, a fala operante de Riobaldo não apenas ordena a seu modo a narração de sua história, como também pratica um contínuo deslocamento das normas que determinam o “bom uso” sintático e lexical dos termos da língua portuguesa. Para contar a “matéria vertente”, a narrativa do romance de Guimarães Rosa investe na transformação das palavras que utiliza, adaptando prefixos e sufixos aos termos como lhe convém (“desfalar”, “desmim de mim-mesmo”, “compertencer”, “movimental”, “andantemente”, “influimento”, “noivável”, “raivabundo” etc.), fazendo a junção de outros dois termos para a obtenção de um terceiro (“prostitutriz”, “patatrás”, “tartamelar” etc.), reduzindo vocábulos (“confa”, “supro” etc.), jogando com a sonoridade da língua nos usos onomatopaicos (o “chochorro mateiro”, o “chirilil dos bichos”, o “chiim dos grilos” etc.), além de atualizar arcaísmos do idioma na fala de Riobaldo.

Tal como a pedra que Riobaldo guarda consigo a fim de presentear Diadorim, que de início é um topázio (ROSA 1958: 59), mas em seguida é transformada numa safira (p. 353), sendo ainda depois uma ametista (p. 534), a fala de Riobaldo ganha movimento com as variações que ela apresenta: “vem o pão, vem a mão, vem o são, vem o cão” (ROSA 1958: 13). Desviando das certezas de um discurso seguro daquilo que afirma, dos trabalhos que a fala caprichosa de Riobaldo efetua sobre a língua portuguesa, resulta como efeito uma espécie de indeterminação que condiz com a sua noção de que a “vida é um vago variado”. Corroboram ainda essa indeterminação os recorrentes momentos em que Riobaldo lança mão de imagens de grande delicadeza poética, que bestam o entendimento dos seus leitores com “coisas

que não cabem em fazer idéia”. Por exemplo, frases como: “Vaqueiro pode laçar o lugar do ar?” (ROSA 1958: 472); “Então, eu vi as côres do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei” (ROSA 1958: 142); “Já tenteou sofrido o ar que é saudade?” (ROSA 1958: 27) etc., imbuem de mistério o texto do romance, e assim toda a movimentação que há na superfície da narrativa de *Grande Sertão: Veredas*, similar ao vôo de um pássaro que Guimarães Rosa descreve como “vai sôbre vem sob” (ROSA 1958: 29), faz também com que dela sejam projetadas conseqüentemente significações profundas que a muitos estudiosos do autor interessam. Nas palavras de João Adolfo Hansen, há no enunciado do romance de Guimarães Rosa a “efetuação de um fundo” (HANSEN 2000: 71 e seguintes), ou seja, revela-se, para o leitor que assim queira, essências e substâncias transcendentais com esse movimento que “vai sobre” o texto e que volta sob a forma de sutis efeitos metafísicos.

Resta ainda notar que na fala falsamente ingênua de Riobaldo encontra-se uma grande variedade de saberes que pertencem ao autor do romance. Deste modo, assim como *Berlin Alexanderplatz*, *Grande Sertão: Veredas* possui, na verdade, uma vasta variedade de vozes, unificadas em seu caso nos movimentos da voz de Riobaldo. Estão presentes lado a lado, no romance de Guimarães Rosa, o imaginário sertanejo, sua tradução urbana de longa tradição em nosso país, a religiosidade católica ou kardecista, autores como Plotino, além dos amplos conhecimentos lingüísticos do autor, atualizando temporalidades diversas e dispondo conteúdos vários. Em meio a essa pluralidade, configura-se uma narrativa que tem a capacidade de adequar ao seu modo tudo aquilo que lhe convém, experimentando a verossimilhança e a unidade que disso tudo resultam.

Com discursos que não se diferenciam da variedade e da transitoriedade das histórias narradas, mas que as produzem ao transformarem discursos distantes em próximos, transitando constantemente entre uma coisa e outra, *Grande Sertão: Veredas* e *Berlin Alexanderplatz* confundem significações e geram sentidos múltiplos. Como nota Klaus Scherpe, quando Döblin recorre às tradicionais referências simbólicas da cidade (prostituta, selva, matadouro), aos diálogos com o texto bíblico (Jó, Jeremias, Isaac), aos eventos marcados com a presença de elementos naturais sugestivos (vento, floresta), e também à estadia de Franz Biberkopf num sanatório como momento de transformação do velho em “novo Franz”, garante-se para o conjunto que se constrói de modo não-orgânico possíveis unidades de sentido (SCHERPE 1988: 433). Assim, numa Berlim babilônica, a saída do presídio de Tegel, por exemplo,

pode ser lida num parentesco com a tradição ali presente, ou seja, pode ser a expulsão de Franz Biberkopf do Éden; o “sacrifício” do protagonista encontrará igualmente no texto os animais do episódio do matadouro; Franz Biberkopf pode ainda assemelhar Jó ou competir com os heróis da mitologia grega; a figura sombria de Reinhold ou a imagem de uma cidade ameaçadora podem ser associadas às repetidas frases que anunciam o “ceifeiro” presente etc. Todavia, textos que ordenam uma significativa multiplicidade de elementos terminam por comprometer a eleição de uma unidade de sentido único que se forje com associações mais ou menos evidentes.

É ainda de algum modo complicado apreender de *Berlin Alexanderplatz* oposições nítidas. Como o texto de Döblin desmancha as identidades possíveis, ele talvez não deva ser lido do mesmo modo que se lê um texto em que se pode opor um verdadeiro a um falso, ou um mal a um bem, a exemplo da análise que faz Volker Klotz de *Berlin Alexanderplatz* em seu importante livro *Die erzählte Stadt*, orientada por uma concepção da representação literária na qual a relação entre o discurso ficcional e a realidade a ele correspondente considera positivamente a validade de oposições previamente concebidas (como aquela entre campo e cidade, sertão e litoral), de um simbolismo compartilhado e de um antropocentrismo, que opõe, por sua vez, indivíduo e massa. Franz Biberkopf, para Klotz, está na condição de Fausto, ou seja, entre os opostos Deus e Mephisto, como uma pessoa em teste, em luta com as condições de Berlim (KLOTZ 1969: 409). O problema desse modo de ler o livro de Döblin é que Franz Biberkopf não chega a ser destacado, como um *flâneur* baudelaireano, do coletivo que o carrega, nem predomina no livro, apesar de algumas referências míticas, uma fascinação ou um horror, como o de alguns autores expressionistas, ao simbólico monstro urbano. *Berlin Alexanderplatz* mais afirma, com as montagens de sua narrativa, a perda das relações sociais e morais seguramente identificáveis; *Berlin Alexanderplatz* mais concilia a simultaneidade conflitante sem abstenções.

De um modo ou de outro, o que se afirma nos textos de *Berlin Alexanderplatz* e de *Grande Sertão: Veredas*, sob a condição de uma linguagem em permanente trânsito, é uma indeterminação que envolve as trajetórias de seus protagonistas de ponta a ponta. As suas narrativas, com grande liberdade e êxito, operam as decisões que julgam estar de acordo com a disposição de seus textos de compreender o espaço complexo de uma grande cidade e de um grande sertão, e com isso, ao elegerem protagonistas como Riobaldo e Franz Biberkopf, permeiam as suas experiências desta vaguidão que não fixa

valores seguros e conclusivos. “Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas” (ROSA 1958: 138).

Riobaldo sem Diadorim e transtornado pelo passado, Franz Biberkopf sem Mieze e sem um braço, como personagens que traçam um percurso no espaço narrativo de seus livros, dão a entender que no processo de suas trajetórias as dificuldades são muitas e efetuam transformações significativas. Como resultante de seus trajetos, constatamos o estado de suas condições últimas, ou seja, um Riobaldo proprietário de terras, casado, religioso e aposentado de suas antigas atividades de jagunço; e um Franz Karl Biberkopf, sujeito outro, empregado como auxiliar de porteiro de uma empresa de médio porte e cidadão ajustado livre da criminalidade. Porém, como as condições últimas dessas personagens não constituem o núcleo de seus romances propriamente¹⁰, demos maior atenção aqui às movimentações de suas vidas, às andanças que parecem configurar as narrativas dos dois textos e jogar com seus significados:

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (ROSA 1958: 35).

No trecho acima, por exemplo, o pensamento aparentemente imediatista de Riobaldo, além de, em grande medida, aproximá-lo neste aspecto de Franz Biberkopf, toca na questão de seu trânsito como fundamento de sua experiência. Se aceitarmos essa condição, será preferível examinar a movimentação de Riobaldo e sua fala a procurar pela síntese de sua trajetória, já que uma coisa, necessariamente, e no caso deste livro, compromete a outra. Quer dizer, o Riobaldo que menino admirou o bando de jagunços, aprendeu com Diadorim a amar, reconhecer e enfrentar seus medos; o Riobaldo que em momentos foge e em outros enfrenta, discursiva, assume e pactua é um Riobaldo em conformidade com o movimento de sua incessante fala que, tal como o vento que varre o orvalho das folhas, nega a formação de substâncias que sintetizem o processo pelo qual ele se transforma. O movimento está em tudo no romance de Guimarães Rosa, ele é o seu sentido.

¹⁰ Não podemos esquecer que a narrativa de *Grande Sertão: Veredas* se faz como lembrança de seu protagonista, portanto a perspectiva é a de um jagunço aposentado em suas atuais condições. Mas, é a lembrança do passado, no presente da fala de Riobaldo, que se encarrega de compor o livro. Tanto no romance de Guimarães Rosa quanto no de Döblin, a compreensão do todo deve considerar os dois momentos distintos que compõem e dividem os romances, o que nos levaria a compreendê-los, também, como “romances de transformação” das personagens centrais.

Do mesmo modo, a linguagem do romance de Döblin que se quer análoga ao movimento de uma grande cidade é um trânsito constante de seus elementos urbanos. Franz Biberkopf, como parte de Berlim, é um ser cuja trajetória móvel compromete a condensação de uma unidade resultante estática; o sentido de seu percurso é sua mobilidade.

Quando imaginamos próximos *Grande Sertão: Veredas* e *Berlin Alexanderplatz*, podemos esboçar variados problemas que a reunião levanta. Procuramos aqui abordar a questão de um modo em que a distância, dentro do universo romanesco, entre os ambientes urbano e sertanejo, parece-nos reduzida. Quem sabe aliviamos, com isso, algo das inquietações sofridas por Riobaldo, que diante das incertezas de suas observações sobre a mobilidade da vida sertaneja recorre à imagem de uma grande cidade que o socorreria, e que poderia ser, talvez, a Berlim por onde tanto se moveu o seu não menos inquieto companheiro Franz Biberkopf:

Mas o sertão está movimentante todo-tempo – salvo que o senhor não vê; é que nem braços de balança, para enormes efeitos de leves pesos... Rodeando por terras tão longes; mas eu tinha raiva surda das grandes cidades que há, que eu desconhecia. Raiva – porque eu não era delas, produzido... E naveguei salaz (ROSA 1958: 487).

97

Sertanejos ou citadinos, em Riobaldo e Biberkopf os giros são os mesmos, fundamentos em verbo e vento, encontram-se no espaço dos volteios dos romances de seus passos.

Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI JR., Davi. “O Mundo Misturado. Romance e Experiência em Guimarães Rosa”. In: *Novos Estudos CEBRAP* 40/1994, 7-29.
- BENJAMIN, Walter. “A Crise do Romance”. In: *Obras Escolhidas I*. São Paulo, Brasiliense 1994, 54-60.
- BENJAMIN, Walter. “O Autor como Produtor. Conferência Pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de Abril de 1934”. In: *Obras Escolhidas I*. São Paulo, Brasiliense 1994, 120-136.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Vozes 2001.
- DÖBLIN, Alfred. *Berlim Alexanderplatz. A História de Franz Biberkopf*. Rio de Janeiro, Rocco 1995.

- DÖBLIN, Alfred *Berlin Alexanderplatz. Die Geschichte vom Franz Biberkopf*. Frankfurt am Main, Suhrkamp 2002.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto – Uma Tragédia – Primeira Parte*. São Paulo, Ed. 34 2004.
- HANSEN, João Adolfo. *A Ficção da Literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo, Hedra 2000.
- KIESEL, Helmuth. “Lesskow oder Döblin? Über die fragliche Grundlage der vielberufenen These von der Unmöglichkeit des Erzählens in der Moderne”. In: MANGER, Klaus (Hg.): *Wirklichkeit der Kunst und das Abenteuer der Interpretation. Festschrift für Horst-Jürgen Gerigk*. Heidelberg, Winter 1999, 171-180.
- KIESEL, Helmuth. *Geschichte der literarischen Moderne. Sprache – Ästhetik – Dichtung im zwanzigsten Jahrhundert*. München, C. H. Beck 2004.
- KLOTZ, Volker. *Die erzählte Stadt. Ein Sujet als Herausforderung des Romans von Lesage bis Döblin*. München, Carl Hanser 1969.
- MAZZARI, Marcus Vinicius. *Romance de Formação em Perspectiva Histórica – O Tambor de Lata de Günter Grass*. São Paulo, Ateliê Editorial 1999.
- PASTA JÚNIOR, José Antonio. “O Romance de Rosa. Temas do Grande Sertão e do Brasil”. In: *Novos Estudos CEBRAP* 55/1999, 61-70.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, José Olympio 1958.
- SCHERPE, Klaus R. “Von der erzählten Stadt zur Stadterzählung. Der Großstadtdiskurs in Alfred Döblins *Berlin Alexanderplatz*”. In: FOHRMANN, Jürgen; MÜLLER, Harro (Hgs.): *Diskurstheorien und Literaturwissenschaft*. Frankfurt am Main, Suhrkamp 1988, 418-437.

Ecos de Rousseau em “Das fremde Kind” de E. T. A. Hoffmann

José Oscar de Almeida Marques*

Abstract: Besides Rousseau’s general influence in the aesthetic ideals of Romanticism, the more direct links between him and the great German romantic E. T. A. Hoffmann are worthy of a detailed study. Such a study should compare not only works, but also lives, since there are remarkable biographical parallels between the two authors. In this paper I limit myself to examine one text of Hoffmann’s, the fairy tale “Das fremde Kind”, trying to show that Rousseau’s echoes in that work go much deeper than the superficial and worn out “good savage’s” cliché.

Keywords: Romanticism; Nature; autobiography; education.

Resumo: Para além da influência geral de Rousseau na constituição do ideário estético do Romantismo, as relações mais diretas que o ligam ao grande romântico alemão E. T. A. Hoffmann são merecedoras de um estudo detalhado. Um tal estudo deveria confrontar não só as obras, mas as próprias vidas, já que são notáveis os paralelos biográficos entre os dois autores. Neste trabalho limito-me a examinar um único texto de Hoffmann, o conto de fadas “Das fremde Kind”, buscando mostrar que os ecos rousseauianos nessa obra são bem mais profundos do que uma mera re-elaboração do desgastado e superficial clichê do “bom selvagem”.

99

Palavras-Chave: Romantismo; Natureza; autobiografia; educação.

Zusammenfassung: Außer Rousseaus allgemeinem Einfluss auf die ästhetischen Ideale der Romantik, wären die direkteren Verbindungen zwischen ihm und dem großen deutschen Romantiker E. T. A. Hoffmann einer ausführlichen Auseinandersetzung würdig. Diese sollte nicht nur die Werke vergleichen, sondern auch die Lebenswege, da beide Autoren außerordentlich viel gemeinsam haben, was ihre Biographie betrifft. In dieser Arbeit beschränke ich mich aber darauf, nur ein einziges Werk, nämlich Hoffmanns Märchen „Das fremde Kind“, zu untersuchen. Mein Ziel ist es zu zeigen, dass der Wiederhall von Rousseaus Ideen in diesem Märchen stärker ist als lediglich eine Wiederholung der abgenutzten und oberflächlichen Klischees des *bon sauvage*.

Stichwörter: Romantik; Natur; Autobiographie; Ausbildung.

* Professor Doutor do Departamento de Filosofia, IFCH-UNICAMP. jmarques@unicamp.br

Mais do que por suas idéias filosóficas, políticas ou pedagógicas, a influência de Jean-Jacques Rousseau no surgimento do romantismo se deu, antes, pela descoberta ou invenção de um novo tipo de **sensibilidade**, fundadora do ideário estético e emocional que seria abraçado pelos românticos: o culto de uma Natureza pura e originária, a rejeição do artificialismo e das convenções, a primazia da experiência subjetiva, o valor da expressão autêntica e espontânea, a busca das raízes da vida pessoal e social, e o desconforto diante do progresso técnico alienante e desumanizador.

Como muitos de seus contemporâneos, o grande escritor romântico alemão E. T. A. Hoffmann compartilha, naturalmente, desse ideário. Em seu caso, contudo, além dessa influência geral de Rousseau, manifesta-se uma relação mais profunda, derivada das notáveis coincidências de ordem biográfica e de interesses artísticos entre os dois autores.¹ Tais coincidências foram desde cedo percebidas por Hoffmann, e foram elas certamente que o motivaram, quando jovem, a ler apaixonadamente as *Confissões* de Rousseau: “Ich lese Rousseaus ‘Bekenntnisse’ vielleicht zum dreißigsten Mal – ich finde mich ihm in manchem ähnlich – Auch mir verwirren sich die Gedanken wenn es darauf ankommt, Gefühle in Worte zu fassen!”²

100

Indicações dessa influência mais direta de Rousseau sobre Hoffmann podem ser encontradas principalmente em duas obras: o conto de fadas “Das fremde Kind” (“A criança estrangeira”), que discute a questão da educação infantil em termos próximos aos do *Emílio*, e o romance inacabado *Lebensansichten des Katers Murr* (*Vida e opiniões do gato Murr*), fantástica paródia do gênero autobiográfico, no qual, ao lado dos modelos já bem reconhecidos na literatura (Sterne, Goethe), o papel das próprias *Confissões* de Rousseau ainda carece de maior exame. De fato, se as *Confissões* de Rousseau inauguram a forma moderna do gênero autobiográfico, é plausível dizer que, no *Kater Murr*, esse gênero alcança sua maturidade literária, pela vasta assimilação de elementos das produções intermediárias, pela mescla sutil e paradoxal de paródia e autenticidade, e pela original forma artística pela qual **duas** autobiografias são justapostas pelo recurso poético de supor que Murr, o gato

¹ O mais importante estudo biográfico de Rousseau está em CRANSTON 1983, 1991, 1997. Para a biografia de Hoffmann, veja-se SAFRANSKI 1987 e KLEBMANN 1995.

² Diário, 13 de fevereiro de 1804, citado por WITTKOP-MÉNARDEAU 1966: 41. As referências bibliográficas completas das obras citadas nas notas de rodapé estão dadas ao final do trabalho. “Estou lendo as *Confissões* de Rousseau talvez pela trigésima vez – acho que me pareço com ele em muitas coisas – Também fico com os pensamentos confusos quando tenho de pôr sentimentos em palavras”. Todas as citações foram traduzidas por mim

letrado, escreveu seu relato em folhas arrancadas de uma suposta biografia do Kapellmeister Johannes Kreisler, ele próprio um *alter ego* de Hoffmann. A perspectiva comparativa torna-se ainda mais atraente pelo fato de os dois biografados, Murr e Kreisler, se referirem explicitamente a passagens das *Confissões* de Rousseau; e são inúmeros os elementos que se poderia pôr em evidência na exploração dessas relações. Neste trabalho, entretanto, vou dedicar-me apenas a uma análise da primeira obra mencionada – o conto de fadas “Das fremde Kind” –, ressaltando a presença e o tratamento de temas nitidamente rousseauianos nessa obra.

“Das Fremde Kind”

Hoffmann escreveu dois contos de fadas para crianças, ambos dedicados aos filhos de seu amigo Julius Hitzig. O primeiro, “Nußknacker und Mausekönig” (“O Quebra-Nozes e o Rei dos Ratos”), que se tornou muito popular na adaptação para o balé de Tchaikovsky de 1892, foi publicado em 1816, na coletânea de contos *Kinder-Märchen*, que também reunia contribuições de Fouqué e Contessa. Para um segundo volume das *Kinder-Märchen*, Hoffmann preparou, no ano seguinte, “Das fremde Kind” (“A criança estrangeira”), em parte para responder à crítica de que seu primeiro conto destinava-se mais a adultos que a crianças.

101

Essa crítica foi, de fato, admitida pelo próprio Hoffmann. Republicados em 1819 na coleção *Die Serapions Brüder*³, os dois contos são ambos narrados pelo personagem Lothar, que, ao final de cada um, recebe dos demais contadores de histórias a admoestação de que crianças não poderiam entendê-los, embora reconheçam que o segundo conto é um pouco mais bem sucedido sob esse aspecto⁴.

De fato, comparada à luxuriante e fantástica atmosfera do *Quebra-nozes*, a narrativa da criança estrangeira é bem mais simples e contida, e pretende transmitir um genuíno ensinamento moral. Esse é, também, o conto de Hoffmann que mais pode ser relacionado às idéias de Rousseau; uma relação que, para alguns críticos, é vista com censura e como diminuindo, em certa medida, o valor literário do texto.

³ HOFFMANN 1976. Todas as minhas citações do conto de Hoffmann serão referidas às páginas desta edição (Winkler Verlag).

⁴ HOFFMANN 1976: 252-55, 510-11.

Assim, Hans von Müller declara que as duas crianças do campo, Felix e Christlieb, principais personagens do conto, são “*entsetzlich gut, so edel wie nur ein Rousseau’scher Naturmensch*” (“terrivelmente boas, tão nobres como só um homem natural de Rousseau”)⁵. As supostas bondade e nobreza do homem natural de Rousseau são visivelmente ridicularizadas, e Hoffmann é implicitamente criticado por levar a sério tais idéias. Marianne Thalmann segue a mesma linha:

Da ist kein Zweifel mehr, diese Märchen kommen aus den überwärmten Bürgerstuben und aus der Natur der Sonntagsspaziergängen. Und nichts liegt Hoffmann ferner als das Geheimnis des Kindseins (...) Die Landkinder bleiben eine dick aufgetragene Unschuld und die Stadtkinder eine bissige Karrikatur. Das eine wie das andere ist ein Rousseau-Klischee, das nicht von Kindsein überzeugt.⁶

Numa análise mais perspicaz e informada, que traz à luz os grandes méritos do conto, Brigitte Feldges (FELDGES & STADLER 1986: 90-98) reconhece que “Das fremde Kind” está de fato impregnado das idéias que Rousseau desenvolveu no *Emílio* e que influenciaram os pedagogos que, na Alemanha, prepararam as extensas reformas pedagógicas do final do século XVIII. Mas seria, a seu ver, uma simplificação indevida considerar o conto apenas como uma encenação do conflito entre as novas concepções educacionais e a educação tradicional segundo o modelo das cortes, representadas cada uma delas, de maneira caricata, pelas crianças do campo e seus primos da cidade. Indo mais além, entretanto, penso que se pode aplicar à análise desse conto de Hoffmann importantes elementos do pensamento de Rousseau, que não se limitam à polêmica sobre a educação e, muito menos, aos clichês tão difundidos quanto falsos sobre sua concepção do homem natural.

102

⁵ “terrivelmente boas, tão nobres como só um homem natural de Rousseau” *Gesammelte Aufsätze über E.T.A. Hoffmann*, apud FELDGES & STADLER 1986: 90.

⁶ “Não resta mais nenhuma dúvida de que esses contos de fada têm sua origem em uma bem aquecida sala burguesa, e na natureza apreciada nos passeios dominicais. Nada está mais distante de Hoffmann que o mistério da vida infantil (...) As crianças do campo preservam uma grossa carapaça de inocência, e as crianças da cidade surgem como uma mordaz caricatura. Tanto umas como outras são um clichê rousseauiano, que não nos convence enquanto manifestação da existência infantil.”

THALMANN 1961: 88.

A história

Antes de desenvolver esses pontos, é preciso apresentar rapidamente o enredo de “Das fremde Kind”. O Sr. Thaddäus von Brakel vive com sua mulher e dois filhos na pequena aldeia de Brakelheim, que foi toda a herança que recebeu de seu pai. De temperamento simples e bonachão, veste-se como os camponeses de sua propriedade e mora em uma casa modesta embora confortável. Seus filhos, Felix e Christlieb, levam uma vida livre e despreocupada, e estão sempre a brincar nos campos e bosques ao redor da aldeia. Apenas aos domingos **Herr** von Brakel e a família vestem suas roupas mais vistosas e assistem a missa na cidade próxima.

Um dia o Sr. von Brakel recebe a visita de um primo, o conde Cyprianus von Brakel, acompanhado da esposa e de seus dois filhos, Hermann e Adelgunde. O conde tem uma alta posição na corte, e seus filhos vestem roupas pomposas que causam espanto em Felix e Christlieb. O primo Hermann porta até mesmo um pequeno sabre! O contato entre as crianças não flui amigavelmente, e as coisas pioram quando Hermann e Adelgunde fazem uma exibição de conhecimentos respondendo às mais variadas perguntas feitas pelos pais sobre países distantes, estranhos animais, fatos históricos e constelações no céu. Impressionada com a habilidade das crianças, a mulher do Sr. von Brakel lamenta que seus próprios filhos não tenham tão boa educação, ao que os visitantes se prontificam a enviar gratuitamente da cidade um preceptor para ensiná-los. As visitas se despedem e partem deixando uma caixa cheia de finos doces e brinquedos.

103

Felix e Christlieb divertem-se com os novos brinquedos, mas depois sentem falta das brincadeiras na floresta. Decidem então sair, mas levam consigo os brinquedos. No ambiente da floresta estes não fazem tanto efeito, e acabam por quebrar-se e ser abandonados. As crianças entristecem-se com sua inépcia, e não conseguem entreter-se com as brincadeiras de costume. Nesse instante surge a Criança Estrangeira, que as faz de novo se divertirem. O encontro se repete nos dias seguintes, e, assediada pela curiosidade de Felix e Christlieb, a Criança Estrangeira lhes revela que vive em um reino mágico, que está ameaçado por um terrível gnomo chamado Pepser

A chegada do novo preceptor, o desagradável Magister Tinte, cujas pernas finas e nariz alongado fazem-no parecer uma mosca, põe um fim aos encontros com a Criança Estrangeira e às brincadeiras ao ar livre. Felix e Christlieb devem agora permanecer dentro de casa, presos aos estudos. Um

dia, porém, Magister Tinte decide ir com as crianças ao campo e, em uma série de dramáticos acontecimentos, ficamos sabendo que o preceptor não é ninguém menos que o próprio gnomo maligno Pepser disfarçado. Na forma de uma mosca gigante, ele persegue as crianças, que fogem para casa, mas acaba dominado e expulso da aldeia pelo Sr. von Brakel.

Depois disso Felix e Christlieb não foram mais visitados pela Criança Estrangeira. O próprio bosque torna-se assombrado pelos brinquedos que lá haviam sido abandonados. O Sr. von Brakel adoece e morre, e suas grandes dívidas com o primo Cyprianus fazem a família perder a propriedade. Felix e Christlieb partem de Brakelheim em situação de penúria, com a mãe doente, para buscarem abrigo em casa de parentes. No caminho, ao atravessar a floresta, esta se enche de luz e a Criança Estrangeira aparece-lhes pela última vez, com uma promessa de conforto e esperança. Eles são bem recebidos na casa dos parentes da mãe, e têm, daí em diante, uma vida cheia de felicidade.

Os elementos

Reduzida a seu mero esqueleto, e mesmo na graciosa adaptação infantil de Anthea Bell,(BELL 1984) a história perde o que tem de mais importante, que é a inebriante prosa de Hoffmann, a riqueza de detalhes e de *insights* psicológicos, a evocação de uma atmosfera bucólica que também pode se transformar em aterradora, e a grotesca justaposição de elementos díspares, como os brinquedos quebrados que ressurgem como seres maléficos ou o monstruoso Magister Tinte espatifando-se dentro de um prato de leite. De toda essa variedade de elementos, analiso aqui apenas os que têm uma relação mais direta com alguns tópicos que Rousseau desenvolveu em suas obras.

O *Emílio* é certamente a referência fundamental, e seus dois primeiros livros enfatizam a importância de permitir à criança a liberdade de movimentos e o exercício físico constante, o que exige roupas que não tolham os movimentos, e a vida ao ar livre na maior parte do tempo. A cena em que Felix e Christlieb aguardam a chegada do tio Cyprianus é bastante reveladora. Sentadas comportadamente na sala de casa, com suas roupas domingueiras, as crianças sentem-se desconfortáveis e impacientes, e lançam compridos olhares para o campo fora de casa, onde gostariam de estar a brincar. Toda a visita constitui para eles uma verdadeira tortura, da qual emergem com alívio. E mesmo o Sr. von Brakel, assim que os visitantes partiram,

warf (...) schnell den grünen Rock und die rote Weste ab, und als er ebenso schnell die weite Tuchjacke angezogen und zwei- bis dreimal mit dem breiten Kamm die Haare durchfahren hatte, da holte er tief Atem, dehnte sich und rief: „Gott sei gedankt! (p. 480).⁷

A brilhante demonstração de conhecimentos por parte dos primos toca em outro importante aspecto das recomendações pedagógicas de Rousseau, descrita no Livro III do *Emílio*: a regra da **utilidade** deve ser inflexível – a criança não deve aprender nada a menos que saiba para que serve esse aprendizado e esteja convencida de sua utilidade. Para ensinar a Emílio a utilidade do conhecimento da posição do Sol e dos pontos cardeais, o preceptor Jean-Jacques finge perder-se com ele na floresta de Montmorency, e é a angústia da fome crescente que desperta em Emílio as reflexões que o levam a deduzir, da posição do Sol, a direção em que devem caminhar. O estudo das ciências não se faz jamais com livros, mas sempre na presença da própria Natureza, e, de fato, Emílio não saberá o que é um livro até os doze anos de idade. No conto de Hoffmann, toda a sabedoria livresca sobre os mais diversos animais não evita, afinal, que o primo Hermann entre em pânico diante do inofensivo e amigável cão Sultão⁸, fato que Felix simplesmente não consegue compreender: “er tut dir ja nichts, warum heulst und schreist du so? es ist ja nur ein Hund, und du hast ja schon die schrecklichsten Tiere gesehen? Und wenn er auch auf dich zufahren wollte, du hast ja einen Säbel?” (p. 479)⁹.

105

Entre as passagens mais bem construídas do conto estão as que descrevem os brinquedos ganhos de presente pelas crianças: seu funcionamento, o fascínio que despertam, a posterior decepção com suas limitações, sua quebra, abandono, e o arrependimento pela perda. Enquanto artefatos de sofisticada construção, eles revelam o poder do mundo da técnica e das relações sociais pressupostos em sua fabricação, e o poder do dinheiro necessário para comprá-los. Eles são como a serpente no Paraíso, e, em termos rousseauianos, a fantasia pela qual o progresso técnico se apodera da imaginação dos homens e termina por escravizá-los, ao torná-los dependentes de coisas de que de fato não precisam e que, posteriormente, lamentarão perder.¹⁰

⁷ “arrancou rapidamente a casaca verde e o colete vermelho e, após vestir com a mesma rapidez o confortável casaco de pano e passar duas ou três vezes um pente largo pelos cabelos, respirou fundo, espreguiçou-se e exclamou: ‘Graças a Deus!’ ”

⁸ Coincidentemente, Rousseau, como relata nas *Confissões*, também teve um cão chamado Sultan.

⁹ “ele não vai fazer-te mal, por que estás chorando e gritando dessa maneira? é só um cão, e já não viste os animais mais terríveis? E se quisesse atacar-te, não tens um sabre?”

¹⁰ Este tema é desenvolvido por Rousseau especialmente na segunda parte do *Discurso sobre a desigualdade*.

Os brinquedos inicialmente conquistam as crianças. Os de Felix são em maior número: um caçador que aponta a arma e dispara em um alvo a três palmos de distância ao puxar-se uma fitinha em suas costas, um homenzinho que faz cumprimentos e toca harpa ao se acionar uma manivela, e uma espingarda e um facão, ambos de madeira pintada de prateado. Christlieb ganhou uma bela boneca, com roupas e apetrechos.

No primeiro dia eles passam todo o tempo dentro de casa, entretidos com os brinquedos. No dia seguinte resolvem ir ao bosque, mas levam os brinquedos consigo. Mas, no ambiente da floresta, em meio ao canto dos pássaros e o rumor do riacho, o pequeno harpista quase não é audível, e, ao dar-lhe mais corda para fazê-lo tocar mais alto, Felix acaba por quebrá-lo. O fato de o atirador só atirar no alvo que tem à frente entedia Felix, mas a remoção do alvo faz com que o mecanismo pare de funcionar. O harpista e o caçador são atirados ao mato e os irmãos resolvem distrair-se dando uma corrida, cada qual segurando um dos braços da boneca, a qual chega ao destino rota e desmembrada, e é por sua vez atirada ao açude. Ao ver os patos a alçar vôo, Felix pensa em caçá-los, mas percebe que sua espingarda não pode atirar de verdade, nem o facão é capaz de cortar.

106

Kann ich denn auch wohl Pulver in eine hölzerne Flinte laden? – Wozu ist überhaupt das dumme hölzerne Ding? – Und der Hirschfänger? – Auch von Holz! – der schneidet und sticht nicht – des Veters Säbel war gewiß auch von Holz, deshalb mochte er ihn nicht ausziehen als er sich vor dem Sultan fürchtete. Ich merke schon, Vetter Pumphose hat mich nur zum besten gehabt mit seinen Spielsachen die was vorstellen wollen und nichtsnutziges Zeug sind. (p. 483-4)¹¹

Esta oposição entre realidade e aparência, entre o que é e o que apenas parece ser, remete a outro tópico fundamental da filosofia de Rousseau, que está na base de sua crítica geral ao simulacro e à representação. Durante sua educação, Emílio será mantido cuidadosamente à distância de tudo que meramente representa sem realmente ser, e seu contato sempre será com as próprias coisas e não com substitutos que falseiem sua apreensão da realidade. Brinquedos como estes são enganosos – o caçador mecânico atira apenas em um alvo: atividade indigna de um caçador; a boneca não consegue brincar e correr como uma verdadeira companheira de folguedos, e, no caso mais

¹¹ “Quem pode colocar pólvora em uma espingarda de madeira? – Para que serve afinal este pedaço bobo de pau? – E o facão? – Também de madeira! – não corta nem espeta – com certeza o sabre do primo também era de madeira, por isso ele não pôde sacá-lo quando ficou com medo do Sultão. Já vejo que o Primo Bombachas me fez de tolo com seus brinquedos que parecem ser alguma coisa mas são só trastes inúteis.”

exemplar das armas de madeira, toda aparência se esgota na mera superfície pintada.

O ponto mais profundamente rousseauiano de todo o conto, entretanto, está ligado à consciência de um olhar que nos mede e avalia por um padrão que não é inicialmente o nosso, mas que acabamos por introjetar e aplicar a nossa própria auto-avaliação. Rousseau descreve esse processo como a formação do *amor-próprio*, considerado como uma paixão artificial característica do homem civilizado.

*Chacun commença à regarder les autres et à vouloir être regardé soi-même, et l'estime publique eut un prix. Celui qui chantait ou dansait le mieux, le plus beau, le plus fort, le plus adroit, le plus éloquent, devint le plus considéré; et ce fut là le premier pas vers l'inégalité, et vers le vice en même temps. De ces premières préférences naquirent d'un côté la vanité et le mépris, de l'autre, la honte et l'envie; et la fermentation causée par ces nouveaux levains produisit enfin des composés funestes au bonheur et à l'innocence.*¹²

A experiência que afetou mais profundamente Felix e Christlieb foi a descoberta desse olhar julgador, e das (supostas) falhas que ele neles identificava. Se há *alguma* semelhança entre Felix, Christlieb e o homem natural de Rousseau, é apenas a abençoada ignorância em que todos eles se encontram inicialmente desse olhar perscrutador. A primeira reação das crianças é tentar revoltar-se contra um padrão que lhes parece incompreensível. Durante a sabatina de conhecimentos inúteis dos primos, Felix recorre à mãe:

*Dem Felix wurde dabei ganz angst und bange, er näherte sich der Frau von Brakel und fragte leise ins Ohr: 'Ach Mama! liebe Mama! was ist denn das alles was die dort schwatzen und plappern' 'Halts Maul dummer Junge', raunte ihm die Mutter zu, 'das sind die Wissenschaften!' Felix verstummte. (p. 478)*¹³

O recurso foi, pois, inútil. Na ocasião, os pais parecem aderir plenamente ao novo padrão de avaliação: “ ‘Das ist erstaunlich, das ist unerhört! in dem zarten Alter!’ so rief der Herr von Brakel ein Mal über das andere, die Frau von Brakel aber seufzete: ‚O mein Herr Jemine! o was sind

¹² “Cada qual começa a observar os outros e a querer ser ele próprio observado, e a estima pública teve um custo. Aquele que cantava ou dançava melhor, o mais belo, o mais forte, o mais ágil, o mais eloquente, torna-se o mais considerado; e esse foi o primeiro passo em direção à desigualdade e em direção ao vício ao mesmo tempo. Dessas primeiras preferências nasceram de um lado a vaidade e o desprezo, de outro, a vergonha e a inveja; e a fermentação causada por essas novas leveduras produziu por fim compostos funestos à bondade e à inocência.” ROUSSEAU 1969-1995 : III, 169-170.

¹³ “Felix, muito ansioso e assustado, aproximou-se da Sra. von Brakel e perguntou-lhe baixinho ao ouvido ‘Oh, mamãe, querida mamãe, que é que esses dois aí tanto tagarelam e papagueiam?’ ‘Cala a boca, menino bobo’ esbravejou a mãe, ‘isso aí é ciência!’ Felix emudeceu.”

das für Engel! o was soll denn aus unsern Kleinen werden, hier auf dem öden Lande? „ (p. 478-9)¹⁴

Uma nova ocasião de comparação ocorre quando Felix conta à mãe sobre a perda dos brinquedos:

Christlieb war doch betrübt über den Verlust der Puppe, und auch Felix konnte sich des Unmuts nicht erwehren. So schlichen sie nach Hause, und als die Mutter frag: „Kinder wo habt ihr eure Spielsachen“; erzählte Felix ganz treuherzig, wie schlimm er mit dem Jäger, mit dem Harfenmännlein, mit Flinte, Hirschfänger und Patrontasche, wie schlimm Christlieb mit der Puppe angeführt worden. „Ach“, rief die Frau von Brakel halb erzürnt, „ibr einfältigen Kinder, ihr wißt nur nicht mit den schönen zierlichen Sachen umzugehen. (p. 484)¹⁵

Por fim, as próprias crianças se convencem de sua inferioridade:

Da saßen die Kinder nun voller Unmut und starrten stumm in den Boden hinein. „Ach“, seufzete Christlieb endlich leise, „ach hätten wir doch noch die schönen Spielsachen!“ – „Die würden“, murrte Felix, „die würden uns gar nichts nützen, wir müßten sie doch nur wieder zerbrechen und verderben. Höre Christlieb! – die Mutter hat doch wohl recht – die Spielsachen waren gut, aber wir wußten nur nicht damit umzugehen, und das kommt daher weil uns die Wissenschaften fehlen.“ „Ach lieber Felix“, rief Christlieb, „du hast recht, könnten wir die Wissenschaften so hübsch auswendig, wie der blanke Vetter und die geputzte Muhme, ach da hättest du noch deinen Jäger, dein Harfenmännlein, da läg meine schöne Puppe nicht im Ententeich! – wir ungeschickten Dinger – ach wir haben keine Wissenschaften!“ und damit fing Christlieb an jämmerlich zu schluchzen und zu weinen und Felix stimmte mit ein und beide Kinder heulten und jammerten daß es im Walde widertönte: „Wir armen Kinder wir haben keine Wissenschaften! (p. 485)¹⁶

108

Embora, no melhor espírito de Hoffmann, uma irresistível comicidade permeie sua descrição da situação, há um clímax dramático real na insegurança e autocomiseração das crianças, e é aqui que a Criança Estrangeira aparece

¹⁴ “É uma coisa espantosa, nunca vista! e numa idade tão tenra!” exclamava sem parar o Sr. von Brakel, mas a Sra. von Brakel soluçava: ‘Oh meu Jesus! que anjos são esses? ah, que será de nossos pequenos aqui neste ermo?’”

¹⁵ “Christlieb estava abatida com a perda da boneca, e Felix também não conseguia afastar a tristeza. Chegaram assim sorrateiramente à casa, e quando a mãe perguntou: “Crianças, onde estão seus brinquedos?” Felix contou com toda a sinceridade tudo que tinha sucedido ao caçador, o tocador de harpa, a espingarda, o facão e a bolsa de munição, e também à boneca de Christlieb. “Ah”, exclamou a Sra. von Brakel, meio zangada, “crianças desleixadas, que não sabem lidar com essas coisas graciosas.”

¹⁶ “Lá ficaram sentadas as crianças, cheias de tristeza, caladas, de olhos fixos no chão. Por fim Christlieb soluçou baixinho “Ah, se ainda tivéssemos nossos belos brinquedos!” – “Eles não nos serviriam de nada”, resmungou Felix, “só iríamos quebrá-los e estragá-los de novo. Olha, Christlieb! – mamãe tinha toda razão – os brinquedos eram bons, só que não soubemos lidar com eles, porque não sabemos nada de ciência.” “Querido Felix”, exclamou Christlieb, “tens toda razão, se soubéssemos ciência de cor tão bem como nossos primos bem-arrumadinhos, então ainda terias teu caçador e teu tocador de harpa, e minha boneca não estaria lá no açude dos patos! – ah, como somos desajeitados – não sabemos nada de ciência!” e com isso Christlieb começou a chorar e a soluçar, e Felix lhe fez coro, e por todo o bosque ecoava: “oh, como somos infelizes, não sabemos nada de ciência!”

pela primeira vez aos irmãos. Ela brinca com eles, mostra-lhes como a imaginação pode suprir os brinquedos quebrados, restabelece-lhes a autoconfiança e a alegria de viver. A passagem é uma antecipação da cena final, em que o aparecimento da misteriosa criança, em uma situação mais desesperadora, restitui à família as energias espirituais necessárias para prosseguir na jornada.

Na interpretação de James McGlathery, *Das fremde Kind* pode ser entendida como uma representação da passagem da infância para uma vida de responsabilidades (MCGLATHERY 1997: 121-122). Penso que, mais que isso, esse conto nos mostra como Hoffmann concebe uma possível redenção para a vida humana. É claro que esta difere das possíveis redenções que Rousseau concebeu no *Emílio* e nas *Confissões* – o século é outro, o homem é outro. Mas os elos entre os autores existem, e espero ter brevemente mostrado que os instrumentos de análise que as idéias de Rousseau colocam a nossa disposição não se esgotam nos tolos e abusados clichês sobre o “nobre selvagem” e o “homem natural”.¹⁷

Referências bibliográficas

109

- CRANSTON, Maurice. *Jean-Jacques. The Early Life and Work of Jean-Jacques Rousseau 1712-1754*. Londres, Allen Lane, 1983.
- CRANSTON, Maurice. *The Noble Savage. Jean-Jacques Rousseau 1754-1762*. Londres, Allen Lane, 1991.
- CRANSTON, Maurice. *The Solitary Self. Jean-Jacques Rousseau in Exile and Adversity*. Chicago, The University of Chicago Press, 1997.
- FELDGES, Brigitte & STADLER, Ulrich. *E.T.A. Hoffmann. Epoche - Werke - Wirkung*. Munique, C. H. Beck Verlag, 1986.
- HOFFMANN, E. T. A. *Die Elixiere des Teufels/Lebens-Ansichten des Katers Murr*. Munique, Winkler, 1977.
- HOFFMANN, E. T. A. *The Life and Opinions of the Tomcat Murr [Lebens-Ansichten des Katers Murr]*. Tradução e notas de Anthea Bell, com uma introdução de Jeremy Adler. Penguin Books, 1999.

¹⁷ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no II Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos, realizado na Universidade do Porto, Portugal, de 30 de janeiro a 1º de fevereiro de 2003, e no Colóquio Nacional “Letras em Diálogo e em Contexto”: Rumos e Desafios, realizado no Instituto de Letras da UFRGS, em Porto Alegre, de 9 a 13 de dezembro de 2002.

- HOFFMANN, E. T. A. “Das fremde Kind”. In: *Die Serapions Brüder*. Munique, Winkler, 1976. p. 472-511.
- HOFFMANN, E. T. A. *The Strange Child*. Tradução e adaptação de Anthea Bell, ilustrações de Lisbeth Zwerger. Picture Book Studio USA, 1984.
- KLEßMANN, Eckart. *E.T.A Hoffmann oder Die Tiefe zwischen Stern und Erde. Eine Biographie*. Insel Verlag, 1995.
- MCGLATHERY, James M. *E.T.A. Hoffmann*. Nova York, Twayne Publishers, 1997.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Oeuvres complètes*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 5 v., 1959-1995.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Les Confessions*. Introdução bibliografia, notas e variantes por Jacques Voisine. Classiques Garnier. Paris, Garnier Frères, 1964
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Carta a Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral* (Trad. José Oscar de A. Marques et al.) São Paulo, Estação Liberdade, 2005.
- SAFRANSKI, Rüdger *E.T.A. Hoffmann: Das Leben eines skeptischen Phantasten*. Frankfurt a. M.: Fischer Verlag, 1987.
- THALMANN, Marianne. *Das Märchen und die Moderne*. W. Kohlhammer Verlag, 1961.
- VOLOBUEF, Karin. *Frestas e arestas: A prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo, Ed. da UNESP, 1999. (Coleção Prismas).
- VOLOBUEF, Karin. Prefácio In: HOFFMANN, E. T. A. *O Pequeno Zacarias chamado Cinábrio*. Tradução, prefácio e notas de Karin Volobuef. Edição bilíngüe alemão-português. São Paulo, Ars Poetica, 1994
- WITTKOP-MENARDEAU, Gabrielle. *E.T.A. Hoffmann*. Hamburgo, Rowohlt Verlag, 1966.

Deutsche Fachsprachen: alte und neue Erfahrungen mit dem Begriff ‚Kultur‘ in den Geisteswissenschaften und im Bereich Deutsch als Fremdsprache

Maria J. P. Monteiro*

Abstract: In the last few years, the areas of study of German as Foreign Language and German for Specific Purposes have evidently made an inflationary, and sometimes even inadequate use of concepts related to the adjectives ‘cultural’ and ‘intercultural’. The concepts have often been used so as to serve only to instigate the increase, permanency and dissemination of stereotypes and pre-conceptions. In the Winter 2006/07 Semester, a course called “Fachsprachen und Kultur” was offered on the way the concepts of culture are approached in different fields of study. This paper presents the conclusions of some of the participants on the use of the concept in their primary or secondary areas. The results show that it is urgent and necessary to examine the concepts of culture used in our field of study so that stereotypes do not become the basis for a didactics of German as a Foreign Language.

111

Keywords: German as Foreign Language; culture; pre-conceptions; stereotypes.

Resumo: Nas áreas de estudos *Alemão como Língua Estrangeira* e *Alemão para Fins Específicos* é evidente, nos últimos anos, o uso inflacionário e até, às vezes, impróprio, de conceitos relacionados aos adjetivos cultural e intercultural. Frequentemente, os conceitos são usados de tal forma que apenas servem para fomentar o crescimento, a fixação e a difusão de estereótipos e preconceitos. No semestre de inverno 2006/07 foi oferecido um curso denominado “Fachsprachen und Kultur” (*Magisterstudiengang Deutsch als Fremdsprache*), no qual deveriam ser estudados os conceitos de cultura usados nas diferentes disciplinas. Aqui são apresentadas as conclusões de alguns participantes sobre o uso do conceito nas suas áreas principais ou secundárias. Os resultados mostram que se faz urgente e necessário ocupar-se com os conceitos de cultura que vigoram em nossa disciplina, para que estereótipos não se tornem a base de uma didática do Alemão como Língua Estrangeira.

Palavras-chave: Alemão como Língua Estrangeira; cultura; preconceitos; estereótipos.

Stichwörter: Deutsch als Fremdsprache; Kultur; Vorurteile; Stereotype.

* Professora Associada do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. liamon@centroin.com.br

1. Einleitung

Diese Arbeit ist aus dem Wunsch entstanden, einige Ergebnisse aus einem Seminar an der Technischen Universität Berlin zu präsentieren. Unter dem Titel „Fachsprachen und Kultur“ fand im Wintersemester 2006/07 am Institut für Sprache und Kommunikation der Technischen Universität Berlin (Magisterstudiengang Deutsch als Fremdsprache) ein Hauptseminar statt, in dem die Studenten (mit DaF als Haupt- oder Nebenfach) als Aufgabe hatten, einen Beitrag zur Klärung der kulturellen Komponenten in ihren anderen Haupt- und Nebenfächern zu leisten.

Besonders bei dieser Zielgruppe war es mir sehr wichtig, die Aufmerksamkeit auf die Verwendung des Kulturbegriffs zu lenken – es sind letztlich diese Studenten, die später in ihrem Berufsleben (sei es als Professoren, Forscher, DaF-Dozenten - auch DAAD-Lektoren – überall auf der Welt) einen gewissen Einfluss auf die diesbezüglichen Diskussionen in unserem Fach haben werden. Die konkreten Gründe dafür, sich mit diesem Thema zu beschäftigen und in diesem Fall ein Hauptseminar zu diesem Thema anzubieten, sind in den letzten Jahren immer zahlreicher geworden, besonders durch die ständige Beobachtung, wie in der DaF-Literatur mit den Begrifflichkeiten aus diesem Umfeld umgegangen wird. Vor allem war es mir wichtig in dem Hauptseminar hervorzuheben, dass der Begriff „Kultur“ keinesfalls eindeutig und statisch ist.

112

Bereits 1992 hat sich HESS ausführlich mit dem Problem auseinander gesetzt und m.E. einen entscheidenden Beitrag zu dieser Diskussion geleistet. U.a. übt er harte Kritik an dem latenten Sendungsbewusstsein der Ansätze, die die Aufgabe der Germanistik darin sehen, DaF-Lernern zum Erkennen eigener Bedürfnisse und zum Erlangen einer kulturellen Mündigkeit zu verhelfen (HESS 1992:18ff.). Seine Arbeit wurde jedoch in den folgenden Jahren kaum erwähnt. Noch im Jahr 1997 stellte ALTMAYER fest:

In nahezu allen Veröffentlichungen ist von 'Kultur', von 'kulturspezifischen' oder 'kulturbedingten' Verhaltens- oder Denkmustern, von 'interkulturellem', 'kulturkontrastivem' oder 'kulturvergleichendem' Vorgehen, von der Dialektik von 'eigener' und 'fremder Kultur', von 'Kulturschock' oder 'Kulturverstehen' die Rede. (ALTMAYER 1997:1)

Die Tendenz hat sich nicht geändert, und das wird auch von den studentischen Arbeiten belegt. Bevor ich mich aber den studentischen Beiträgen widmen kann, werde ich mich sehr kurz mit dem Kulturbegriff im Allgemeinen (Teil 2) und mit dem Kulturbegriff in geisteswissenschaftlichen Fächern (Teil 3) beschäftigen. Im 3. Teil versuche ich auch, einen kurzen

Überblick der unterschiedlichen Verwendungen dieses Begriffs im Fach Deutsch als Fremdsprache vorzustellen, um anschließend über die Beiträge einiger Studenten aus dem Seminar zu berichten (Teil 4).

2. Der Kulturbegriff

In der Regel weisen die Versuche, den Kulturbegriff zu definieren, zunächst einmal auf die Alltagssprachliche Verwendung hin, wo sich unterschiedliche Facetten des Kulturbegriffs finden (HANSEN 2003:11ff): a) Kultur als Teil der Hochkultur der Künste und des Kulturbetriebs; b) Kultur als besonderer Lebensstil, als Kultiviertheit des sozialen Umgangs; c) Kultur als distinkte Lebensformen in Gemeinschaften und Ländern; d) Kultur als domestiziertes Naturphänomen (Landwirtschaft, Kulturlandschaft). Lexikalisch stammt der Begriff aus dem Lateinischen (colo, colui, colere), mit zwei unterschiedlichen Bedeutungen: a) pflegen, bebauen, bestellen (Ackerbau) und b) anbeten, verehren (Religion). Die Definitionen des Begriffs spiegeln verschiedene Theorien der Bewertung und des Verständnisses menschlicher Tätigkeit wider und die Definitionsmöglichkeiten sind nahezu unendlich.

113

HINNENKAMP hatte bereits 1994 einen Versuch unternommen, den Begriff Kultur in Zusammenhang mit Kommunikation zu bringen, um einen Definitionszwang zu vermeiden (S. 6). Dabei formuliert er „eine Art minimales Vorverständnis oder implizite Vorannahmen“, ohne disziplinäre oder methodologische Unterschiede zu beachten:

- Es gibt unterschiedliche, voneinander unterscheidbare Kulturen.
- Kultur und Kommunikation stehen in einem Zusammenhang.
- Kommunikationsteilnehmer sind immer auch Teilnehmer bzw. Teilhaber einer Kultur.
- Kulturelles spiegelt sich in der Kommunikation wider
- Kulturteilhabe heißt: in einer spezifischen Weise kommunizieren.
- Gemeinsame Kulturteilhabe erleichtert die Kommunikation, unterschiedliche Kulturteilhabe erschwert sie.

In der Diskussion um den Begriff stellt HINNENKAMP (1994: 6ff) unterschiedliche Sichtweisen, Empfindungen und Bewertungen des Begriffs dar, wobei immer deutlicher wird, wie schwierig es ist, Merkmale, Grenzen, Empfindungen und Wahrnehmungen von Kulturen zu bestimmen.

Ein großer Teil der gegenwärtigen kulturtheoretischen Ansätze geht davon aus, dass Kultur weder einer bestimmten Region noch Gruppe zugewiesen werden kann. Damit werden so genannte essentialistische Kulturvorstellungen (teils auch als Container-Kultur bezeichnet) verabschiedet, die Kultur als ein wie auch immer abgrenzbares System verstehen (vgl. WAGNER 2002: 11): „Kulturen sind Produkt von Beziehungen und Durchquerungen und entwickeln sich erst im Kontakt mit dem Fremden. Kultur bedeutet immer schon ‚zwischen den Kulturen‘“.

HINNENKAMP (1994: 6ff) stellt die Frage, ob Kultur „als eine Art ausgehandeltes Wissensmanagement“ anzusehen wäre – trotz der unleugbaren Tatsache, dass in den Kultur-, Sozial- und Sprachwissenschaften „dezidierte Begriffe von Kultur“ vorhanden sind (hermeneutische, strukturalistische, semiotische, kognitive, analytische, normative usw.). Falls ja, sollte bei jedem Herangehen an diese Fragestellung zunächst einmal sehr deutlich gemacht werden, welcher Ansatz vorgezogen wurde. Wenn nicht, wäre die einzige Alternative die von RIETHMÜLLER (2005) dargestellte Sichtweise, die zu den interessantesten Ansätzen über die Beziehung Kultur-Gesellschaft zählt:

Auf kulturellem Feld schließlich besteht das Neue im Zusammenhang mit besagter Überflutung des Denkens in einem fortschreitenden Flottieren von massenkulturellen Zeichen, die nicht mehr vorwiegend Signifikanten und Signifikate in eine bestimmte kulturtypische Beziehung, eine „Ordnung der Dinge“ bringen. Viel eher können wir sie als lose Kumulierungen ewig aufeinander verweisender Signifikantenketten beschreiben, die damit angesichts immer unterschiedlicher werdender Verständnishorizonte der Einzelnen weitgehend oder vollständig ohne benennbares Signifikat enden. (RIETHMÜLLER 2005: 39)

114

3. Das Fremde und die Fremden: Der Kulturbegriff in den Geisteswissenschaften

HANSEN (2003: 361ff) beschäftigt sich mit der Frage, was unter dem Begriff Kultur in den Geisteswissenschaften verstanden werden soll¹. Er versucht u.a. herauszufinden, ob der Kulturbegriff den Gesellschaftsbegriff ersetzt hat, in dem er eine Antwort auf die Frage „Ist der *context of culture* zum führenden Paradigma der Geisteswissenschaften geworden?“ in Bezug auf vier Gruppen von Disziplinen formuliert.

In der ersten Gruppe würden sich die Disziplinen befinden, die sich direkt mit Kultur als ihrem eigenen Gegenstand beschäftigen:

¹ Es ist nicht meine Absicht und es wäre auch nicht möglich, in diesem kurzen Aufsatz die gesamte Breite der Ansätze und Autoren darzustellen, die sich mit dem Thema beschäftigen. Deshalb muss ich mich auf eine kleine Auswahl beschränken.

Verhaltensforschung und Biologie, soweit sie den kulturellen Teil des Menschen erfassen, Kulturanthropologie, Kulturphilosophie.

Die zweite Gruppe umfasst Fächer, die spezielle Kulturen betrachten, und die „die kulturelle Verschiedenheit, wie sie sich etwa in den Landeskulturen äußert“ (HANSEN 2003: 366), also in den Stammes-, Landes- und Nationalkulturen, in den Vordergrund stellen. Dazu gehören u.a. die Ethnologie, die Volkskunde sowie die Landeskunden bzw. *cultural studies*, die nationalen Literaturwissenschaften (die einen Zusammenhang zwischen Nation und Literatur herstellen) und die Kulturenvergleichende Psychologie.

Die dritte Gruppe umfasst Disziplinen, die sich auf das Gesellschaftliche konzentrieren – in dieser Gruppe befinden sich z.B. die Soziologie, die Geschichte und die Politologie.

Die vierte Gruppe besteht aus Disziplinen, die sich etwas vom Kulturbegriff zu entfernen scheinen (wie die Rechts- und Wirtschaftswissenschaften, die Linguistik und die Psychologie).

Den Kulturbegriff im DaF-Bereich, dessen Einordnung innerhalb der Klassifizierung HANSENS einige Probleme mit sich bringt, werde ich im Folgenden näher betrachten. Wie bereits in der Einleitung erwähnt, wurde der Gebrauch dieses Begriffs innerhalb der Literatur zum Lehren und Lernen des Deutschen als Fremdsprache nicht gerade von Klarheit gekennzeichnet. Die Situation hat sich in den letzten 10 Jahren weiterhin verschärft. Es fällt schwer zu verstehen, was mit dem Begriff „interkulturelle Kommunikation“ gemeint ist. ROST-ROTH (1996) hat in einem ausführlichen Aufsatz die Relevanzbereiche für den Fremdsprachenunterricht herausgestellt und Untersuchungen zu ethnographischen Besonderheiten deutschsprachiger Interaktionen im Kulturvergleich analysiert, wobei die Anzahl der angesprochenen Autoren nicht immer einer Vielfalt der Ansätze entspricht.

Tatsache ist, dass die Autoren, die sich dem DaF-Bereich widmen, sich vom Kulturbegriff aus Disziplinen inspirieren lassen, die aus praktisch allen vier von HANSEN (2003) genannten Gruppen stammen – hier seien nur als Beispiel die Kulturanthropologie, die Ethnologie, die Volkskunde sowie die Landeskunden (*cultural studies*), die nationalen Literaturwissenschaften und die Kulturenvergleichende Psychologie erwähnt.

Die interkulturellen Wege scheinen nach wie vor unergründlich zu sein. Nachdem WIERLACHER 1985 *Das Fremde und das Eigene* als *Prolegomena zu einer interkulturellen Germanistik* angekündigt hat, fragt BIELEFELD 1991 unter dem Titel *Das Eigene und das Fremde* nach einem neuen Rassismus in der Alten Welt.

Allein im Bereich der Beziehungen zwischen China bzw. Brasilien und Deutschland kann man schnell den Überblick verlieren (zu der Auseinandersetzung mit dem Begriff im chinesischen Kontext vgl. STEINMÜLLER 2000). Die Beiträge bieten unterschiedliche Konzepte und Wahrnehmungen an. Aber nach wie vor gilt – heute noch, im Jahre 2007 – die Aussage von HESS:

Der Begriff „Kultur ist als empirische Kategorie keineswegs eindeutig definiert. Die Formel „Kultur“ erscheint im alltäglichen Sprachgebrauch in vielfältiger Form und wird als selbstverständlich akzeptiert. Auf recht ungenaue Weise werden wahlweise folkloristische Erscheinungen, literarische oder musikalische Produkte, Begrüßungsformen, Speisegewohnheiten, Tischmanieren oder Alltagshygiene mit dem Etikett „Kultur“ belegt. Auch in der Fremdsprachendidaktik taucht der Begriff „Kultur“ auf, um eine Vielzahl von Phänomenen unterschiedlichster Art aus dem materiellen und gedanklichen Lebensumfeld von Sprechern einer jeweiligen Ziel- oder Muttersprache zu kennzeichnen. (HESS 1992: 39)

4. Das Seminar und die dort entstandenen Arbeiten

In dem Hauptseminar „Fachsprachen und Kultur“ haben wir uns in der ersten Phase mit dem Kulturbegriff beschäftigt. Danach sollten sich die Studenten (in Einzelarbeit) auf die Suche nach dem Begriff in ihren Fächern begeben. Die daraus entstandenen Ausarbeitungen wurden als Referat oder schriftliche Arbeit vorgelegt. Je nach den Gesichtspunkten und Kriterien, unter denen sie betrachtet werden, könnten alle studentischen Arbeiten, die im Hauptseminar entstanden sind, den vier Gruppen – oder mindestens dreien von denen – untergeordnet werden. Es sind auch Fälle von Arbeiten, die in mehr als eine Gruppe passen würden, weil unterschiedliche Kriterien angewandt werden könnten. Einige von ihnen werden im Folgenden beispielhaft nach der Unterteilung von HANSEN (2003) dargestellt. Um die Anonymität der Studenten zu gewährleisten, werden sie mit den Buchstaben A bis K gekennzeichnet². Die von den Studenten zitierten Werke werden in den Fußnoten aufgeführt.

116

4.1. Gruppe 1

Zu der Gruppe 1 gehörte zweifellos die Arbeit von Student A aus der Philosophie der Kultur. In der Arbeit wurde beschrieben, wie sich Kulturphilosophen (insbesondere Ernst CASSIERER) mit dem Eigentümlichen des Menschen beschäftigen – als System menschlicher Tätigkeit, interpretiert als die Sphäre des „Menschseins“ – wie Kultur: Sprache, Mythos, Religion,

² Die Gruppe bestand aus jungen (deutschen und ausländischen) Frauen und Männern, und ich habe vorgezogen, sie untereinander nicht zu unterscheiden.

Kunst, Wissenschaft, Geschichte. Student B untersuchte bei dem Philosophen Marek Jan SIEMEK³ (Forschungsschwerpunkte Sozialphilosophie und politische Philosophie) die Entwicklung des Kulturbegriffs als Ausdruck der Befindlichkeiten der polnischen Gesellschaft, wobei der Philosoph eine zeitliche Linie der Verwendung des Begriffs zeichnet.

4.2. Gruppe 2

In den Disziplinen, die der Gruppe 2 zugeordnet werden können, hat sich Student C für ein spezielles Gebiet entschieden, nämlich die literarische und wissenschaftliche Geokulturologie⁴ – es geht dabei um Sibirien, das nicht als „reiner Kulturraum wie die Metropolen Moskau und Petersburg“ betrachtet wird. Hier ist der Raum nicht nur geographische Kulisse, sondern Element der Handlung, er wird zum Handlungs-Raum; Objekt der Darstellung wird die geopolitische Dynamik der Beherrschung des Raumes und somit die geopolitische Dimension von Literatur als kulturelle Praxis.

Student D hat in dem Fach Psychologie einen Beitrag aus der kulturvergleichenden Psychologie⁵ ausgesucht, der in dem Bereich Deutsch als Fremdsprache und auch in der sog. Interkulturellen Kommunikation, wie sie sich in der Wirtschaft entwickelt hat, eine besondere Rolle spielt. Danach ist Kultur „ein universelles, für eine Gesellschaft, Organisation und Gruppe aber sehr typisches Orientierungssystem. Dieses Orientierungssystem wird aus spezifischen Symbolen gebildet und in der jeweiligen Gesellschaft (...) tradiert. Es beeinflusst das Wahrnehmen, Denken, Werten und Handeln aller Mitglieder und definiert somit deren Zugehörigkeit zur Gesellschaft“. In diesem Ansatz werden die Begriffe der Kulturstandards („alle Arten des Wahrnehmens, Denkens, Wertens und Handelns, die von der Mehrzahl der Mitglieder einer bestimmten Kultur für sich persönlich und andere als normal, selbstverständlich, typisch und verbindlich angesehen werden“, THOMAS 2003: 380) und des kulturellen Handelns in der Psychologie (die auf die wissenschaftliche Beschäftigung mit psychischen Vorgängen im Kontext interkultureller Begegnung zwischen Menschen verschiedener Kulturen – Begegnung, Kommunikation, Kooperation usw.) vorgestellt.

³ „Kultur und Zivilisation. Zwischen Tradition und Modernität“. In: LAWATZ, A. und H. ORLOWSKI (Hrg.). *Deutsche und Polen. Geschichte – Kultur – Politik*. München 2003.

⁴ FRANK, Susi K., „Dostoevskij, Jadrincev und Cechov als ‘Geokulturologen’ Sibiriens“. In: *Gedächtnis und Phantasma*. München, Otto Sagner 2001.

⁵ THOMAS, Alexander. *Kulturvergleichende Psychologie*. Göttingen/Toronto/Seattle: Hogrefe 2003.

Die anderen Arbeiten, die sich ausdrücklich mit DaF beschäftigen, und die dieser Gruppe zugeordnet werden könnten, werde ich am Schluss dieses Abschnitts näher betrachten.

4.3. Gruppe 3

In dieser Gruppe haben sich die Studenten E und F mit dem Kulturbegriff in der Soziologie beschäftigt, wobei sie hauptsächlich die Probleme der Soziologie mit der Definition von Kultur und mit der Determinierung der Aufgaben der Soziologie in Bezug auf das Thema unter die Lupe genommen haben. Dazu einige der wichtigsten Aussagen: Die Soziologie hat sich in den letzten Jahren immer schwer getan, das Kulturelle in der Gesellschaft zu verorten, die Soziologie hat die Tendenz, Kultur in Zusammenhang mit einer normativen sozialen Ordnung zu sehen, und das Kulturelle auf gemeinsame Werte, Symbole und Normen zu beschränken, die die Gesellschaft zusammenhalten. Andere Themen, wie die soziale Ungleichheit, bringen die Soziologie auf andere Ansätze, wie z. B. BOURDIEUS Werkzeugkasten von Symbolen, Geschichten, Ritualen und Weltanschauungen, aus denen sich der Einzelne bedient, um Handlungsstrategien zu bilden. Das Individuum ist ein aktiver Handelnder, er wählt kulturelle Angebote aus und setzt sie ein.

118

Student G hat in Soziologie und Wissenschaftspolitik die Auffassung LEPENIES⁶ dargestellt, der mit dem Begriff der Übersetzbarkeit der Kulturen arbeitet. Er sieht Kulturen als relativ geschlossene gesellschaftliche Ausrichtungen, die sich sowohl durch geistige Haltungen und Einstellungen auszeichnen, als auch durch Resultate. Dieses Kulturverständnis zeichnet sich auch durch eine nach innen gerichtete Identitätsbildung, die nach außen abgrenzend wirkt. Kultur sei „keine Instanz, der gesellschaftliche Ereignisse, Verhaltensweisen, Institutionen oder Prozesse kausal zugeordnet werden können“.

Aus der Politikwissenschaft diskutiert Student H den Begriff der „politischen Kultur“, der sich völlig von dem alltäglichen Kulturbegriff unterscheidet; die zentrale Frage der politischen Kultur konzentrierte sich auf die Bedeutung von Werten, Einstellungen und Meinungen der Individuen für das politische System. Politische Kultur setzt sich nach ALMOND⁷ aus einer Mischung vielfältiger Vorstellungen zusammen, die sich in ihrer Stabilität unterscheiden: Werte fungieren als Maßstab des politischen Handelns, sind

⁶ LEPENIES, Wolf. „Die Übersetzbarkeit der Kulturen. Ein europäisches Problem, eine Chance für Europa.“

⁷ ALMOND, Gabriel und SIDNEY Verba (ed.). *The Civic Culture. Political Attitudes and Democracy in Five Nations*. Paperback, 1989.

situationsübergreifend und objektunspezifisch, werden abstrakt formuliert, sind äußerst stabil; Einstellungen werden aus Werten abgeleitet, sind situations- und objektbezogen, tragen ein hohes Maß an Stabilität; Meinungen sind situationsabhängige Äußerungen, sind relativ leicht veränderbar. Das interdependente Zusammenspiel der drei Elemente formt die politische Kultur eines Systems.

4.4. Gruppe 4

Im Bereich der Wirtschaftswissenschaften oder, besser gesagt, in der Welt der Wirtschaft, sind viele interessante Erscheinungen um den Kulturbegriff entstanden. Student I hat den Begriff der Unternehmenskultur (oder auch Organisationskultur) näher untersucht⁸. Sie sei der im Unternehmen gewachsene Bestand von Basisannahmen (gemeinsame Vorstellungen über die Umwelt, die Erfassung der Realität, Verhaltensorientierungen usw.), Werten und Normen sowie Zeichen und Symbolen (als Ausdruck der und Identifikationsmuster für die Werte und Normen). Sie sei ein im Wesentlichen kollektives Phänomen, mit Ideen, Vorstellungen und Werte, die die Organisationsmitglieder gemeinsam verfolgen, ohne sich dessen unbedingt bewusst zu sein. Studien aus diesem Bereich⁹ beschäftigen sich mit nationalen Unternehmenskulturen und vergleichen sie untereinander – z.B. zeigt eine Befragung, „dass die deutsche Unternehmenskultur die traditionellen Elemente der japanischen mit den modernen Merkmalen der amerikanischen Unternehmenskultur in gemäßigter Form verbindet“.

119

4.5. Und wohin mit DaF?

Die Arbeiten von Student J und Student K könnten unter Gruppe 2, als Teil der Volkskunde/Landeskunde/Germanistik oder unter Gruppe 4 als Teil der (Angewandten) Linguistik untergeordnet werden. Es ist aber schwierig, diesen Aspekt der Disziplin Deutsch als Fremdsprache irgendwo zu verorten.

Diese Schwierigkeit hängt meiner Meinung nach mit der Tatsache zusammen, dass die Autoren sich nicht mit didaktischen und methodischen Aspekten des DaF-Unterrichts beschäftigen, sondern mit Analysen aus ihren anderen früheren Studienbereichen – aus der Soziologie, aus der Kontrastiven Linguistik, aus der Kommunikationstheorie, Politologie usw. – und diese

⁸ SCHREYÖGG, Georg. Organisation. 2. Auflage, 1998, S. 444.

⁹ BERTELSMANN STIFTUNG. „Global operierende Konzerne erkennen ökonomische Relevanz der Unternehmenskultur“. 2.07.04. Abrufbar unter <http://www.uni-protokolle.de/nachrichten/id/36216/> [19.06.2007]

werden ohne Weiteres in den Unterrichtsraum transportiert. Die Begriffe, die dann verwendet werden, könnten als ethnologisch, soziologisch, anthropologisch und vieles Andere klassifiziert werden – wobei zu beachten ist, dass es allen Klassifizierungen an wissenschaftlichen und theoretischen Begründungen fehlen würde, da sehr zweifelhafte Komponenten hineinfließen, und zwar aus dem Bereich der Interkulturellen Germanistik. HESS hat bereits darauf hingewiesen (1993: 109f.):

Die Begriffe „Kultur“ und „Tradition“ sind in der DaF-Didaktik durch den Einfluß der „Interkulturellen Germanistik“ in den letzten zehn Jahren weit verbreitet worden. Kaum eine neuere Publikation kommt ohne dieses Etikett aus. Hinter der „Interkulturellen Germanistik“, aber nicht nur durch sie vertreten, steht ursprünglich ein nobles Anliegen emanzipatorischer DaF-Pädagogik, nämlich: die Lebenssituation, die Sicht- und Denkweisen von Studenten zu berücksichtigen, sie „als sie selbst“ zu Wort kommen zu lassen, anstatt sie „kulturell fremdzusteuern“. Die „Interkulturelle Germanistik“ hat aus diesen Grundgedanken jedoch m. E. ein waberndes Hirngespinnst von dichotisch gedachten „Eigen- und Fremdkulturen“ gemacht, das in seiner didaktischen Konsequenz genau das vermissen lässt, worauf es ursprünglich ankam: die Anerkennung sog. „fremder“ Lebenswelten als Grundlage von Unterrichtsplanung.

Student J hat eine kontrastive Studie von chinesischen und deutschen Buchrezensionen¹⁰ untersucht und ist zu dem Schluss gekommen, dass die chinesischen Rezensionen im Vergleich zu den deutschen immer eine Tendenz zur positiven Bewertung beinhalten, die eben der chinesischen Eigenschaft entsprechen, immer höflich zu sein. Als Beispiel wird ein Zitat aufgeführt: „Freilich hat das Buch auch einige nicht zufriedenstellende Punkte. [...] Aber insgesamt gesehen waren das bloß einige kleinere Einzelfehler in einem ausgezeichneten Gesamtwerk. Das Buch [...] ist wirklich eine sehr gelungene Monographie, die den Lesern sehr zu empfehlen ist“. Als Gegensatz wird aus einer deutschen Rezension zitiert: „[...] sei wenigstens an dieser Stelle ausdrücklich gesagt, dass ich die Kapitel 1-3, 5, 6, 9 und 11-13 durchaus lesenswert finde. Dennoch kann ich das Buch dem an Spracherwerb interessierten Leser ohne Vorkenntnisse nicht generell als Einführung empfehlen, weil es zu viele Fehler und Halbwahrheiten enthält.“

Aus diesen und anderen Beispielen wird entnommen, dass die Chinesen (eindeutig als eine homogene Masse dargestellt) als sehr höflich bezeichnet werden – weil sie immer positive Aspekte vor den negativen hervorheben –, während die Deutschen (auch eine homogene Masse) sehr grob mit den Berufsgenossen umgehen. Die Deutschen seien u.a. auch ironisch (Beispiel:

¹⁰ LIANG, Yong. „Höflichkeit als interkulturelles Verständigungsproblem. Eine kontrastive Analyse Deutsch/Chinesisch zum kommunikativen Verhalten im Alltag und Wissenschaftsbetrieb“. In: *Jahrbuch Deutsch als Fremdsprache* 18 (1992), S. 65-86. Diese Angabe gilt für alle Zitate aus dieser Arbeit.

„Für mich als Rezensentin ist nach Lektüre des ersten Teils jedoch nicht klarer geworden, wer nun wirklich der Adressat dieses Buches sein soll.“).

Student K hat sich das Thema „Sprache, Literatur und der Gebrauch des Kulturbegriffs im Fach DaF – Brasilien/Deutschland“ ausgesucht. Dabei wird der Kulturbegriff im Fach Deutsch als Fremdsprache, der von ALTMAYER (1997) dargestellt wird, auf die sprachliche Verwendung sowohl in der mündlichen Kommunikation als auch in der Literatur angewendet. Ich berichte hier nur über die Ergebnisse aus dem ersten Bereich, ohne auf die Literatur einzugehen. Sie beziehen sich auf so genannte „Kommunikationsstile“ der Deutschen und der Brasilianer, wie sie von SCHRÖDER (2006)¹¹ betrachtet werden. Die Autorin sammelt – z.T. auf der Basis von soziologischen Theorien aus den 70er Jahren – Beweise dafür, dass Brasilianer einen barocken, narrativen, konkreten und oral geprägten, während Deutsche einen eher distanzierten, synthetischen, abstrakten und literarisch geprägten Kommunikationsstil aufweisen.

Die Autorin zählt u. a. folgende Beobachtungen auf (S. 54f), die diese Schlussfolgerungen unterstützen: a) „Viele Entscheidungen, Meinungen und Wünsche für die Zukunft sind im brasilianischen Textkorpus existentiell-idealistisch und gefühlsmäßig, im deutschen dagegen pragmatisch-rationell motiviert.“; b) „In den Antworten der brasilianischen Interviews dominiert die Ebene des subjektiven Erlebens mit einem narrativen Erzählstil gegenüber einem stärker objektivierten Abstraktionsniveau in den deutschen Stellungnahmen (...)“; c) „In den brasilianischen Interviews dominiert der additive Erzählstil gegenüber einer deutschen Verfahrensweise, die mit Hilfe von kausalen, konzessiven und konditionalen Subjunktor der Schriftsprache (...)“; d) „Im Gegensatz zur brasilianischen Attribuierung enthält die deutsche Sprache ein sich stetig ausweitendes Arsenal an Komposita“, und deswegen seien die Antworten der Deutschen „knapp“ und „ausgefeilter“, dagegen die der Brasilianer „ausschweifend“.

121

5. Abschließende Bemerkungen

In diesem Aufsatz habe ich versucht, einige studentische Arbeiten aus dem Hauptseminar „Fachsprachen und Kulturen“ und damit die problematische Beziehung zwischen Kultur und Sprache in den Geisteswissenschaften und insbesondere im DaF-Bereich zu präsentieren.

¹¹ SCHRÖDER, Ulrike. „Deutsche und brasilianische Kommunikationsstile im interkulturellen Vergleich“. In: *Zeitschrift für Angewandte Linguistik* 44, vol. 2, Februar 2006, p.49-69.

Laut den Studenten war ein sehr wichtiges Ergebnis aus dem Hauptseminar, dass sie zum ersten Mal über die Problematik nachgedacht haben, da sie bis zum Zeitpunkt unserer Diskussionen ‚Kultur‘ als eindeutigen Begriff betrachtet hatten. Die Annahme, dass sie den Kulturbegriff aus den anderen Studienfächern auf das Verständnis des Bereiches Deutsch als Fremdsprache ohne weitere Überlegungen übertragen konnten, war für sie selbstverständlich.

Die vielfältige Verwendung des Kulturbegriffs in Zusammenhängen wie interkulturelle Kommunikation, interkulturelles Training, interkulturelle Didaktik u.a. zeigt eine Unklarheit bei dieser Verwendung. Das ist jedoch ein grundsätzliches Problem, wie BUDIN zeigt:

Kulturwissenschaftliche Forschungsansätze haben sich ebenso unterschiedlich entwickelt wie die ihnen eigenen Begriffe von Kultur. Dies gilt nicht nur im interlingualen Vergleich, was allein am terminologischen Unterschied zwischen ‚cultural studies‘ und ‚Kulturwissenschaft‘ schon sehr deutlich wird, sondern auch innerhalb einer Sprache. Der theoretische, methodische, und somit auch sprachlich-terminologische Pluralismus ist bisher in den Kulturwissenschaften aber kaum reflektiert worden. (BUDIN 1999)

Und auch nicht im DaF-Bereich. Hier gilt noch einmal die Aussage BUDINS, die sich ausdrücklich auf die philologischen Fächer bezieht:

122

Ein weiteres Problem der Kulturwissenschaft ist in ihrer einzeldisziplinären Verfangenheit zu sehen. Die inflationäre Verwendung des Terminus ‚Kulturwissenschaft‘ in letzter Zeit lässt sich auf die vielzitierte Krise der Sozial- und Geisteswissenschaften zurückführen: philologische Fächer etwa sehen den Ausweg aus ihrer Krise darin, sich fortan als Kulturwissenschaft zu bezeichnen. Instituts- oder Fakultätsbezeichnungen werden entsprechend geändert. Doch Namenskosmetik führt nicht aus Krisen; dies kann man nur erreichen, wenn (z. T. längst überkommene) Strukturen geändert bzw. neue Strukturen geschaffen werden. (BUDIN 1999)

Im DaF-Bereich gibt es offensichtlich kein Interesse daran, zweifelhafte Auffassungen durch neue, brauchbare Konzepte zu ersetzen. Nationale Identitäten werden immer noch als Block betrachtet. Deutsche seien gnadenlos offen und direkt (und deswegen ehrlich und vertrauenswürdig), ironisch, kritisch, rationell, kohärent; Ausländer seien nicht dazu fähig, abstrakt zu denken (MONTEIRO 1984: 474), unkritisch, unehrlich, unzuverlässig. Zum Teil entstehen solche Behauptungen als Ergebnis eines „interkulturellen“ Vergleichs unter Anwendung unzulässiger, als ‚empirisch‘ dargestellter Methoden, wie in SCHRÖDER 2006, wo die Brasilianer noch einmal als homogene Masse dargestellt werden. Wer Brasilien etwas näher kennt, ist sich der Größe des Landes und der Vielfalt der „Brasilianer“ bewusst. Es wird deshalb dem Leser schwer fallen, Aussagen über „die

Brasilianer“ Glauben zu schenken, die aus Antworten von „intra-kulturellen Gruppen“ (zusammengesetzt aus 200 Studenten und 200 Nicht-Studenten von irgendwo aus Brasilien) entstanden sind (SCHRÖDER 2006: 51ff.)¹².

Tatsache ist, dass es in der Literatur zum DaF-Unterricht seit Jahrzehnten Arbeiten gibt, wie die beispielhafte Arbeit von HESS (1992), die bis ins letzte Detail zeigen, wie schwach die Grundlagen derartiger Aussagen sind. Eine seiner Schlussfolgerungen:

Zur Beschreibung von Unterrichtsvoraussetzungen ist „Kultur“ ein unnötiger Begriff, da die jeweiligen Bedingungsfaktoren auch durch andere, z. B. soziologische und didaktikwissenschaftliche Termini ausreichend erfasst werden können. In der Ausprägung, die er in der DaF-Diskussion der letzten zehn Jahre erhalten hat, suggeriert der Begriff m.E. unzulässigerweise die Möglichkeit zu summarischer Vereinfachung der Komplexität des Wirkungsgefüges vor Ort (1992: 52).

Leider gibt es bisher nicht viele Arbeiten, die sich mit dem Thema beschäftigen und nicht in die Falle der interkulturellen Homogenität tappen. Die Arbeiten von HESS sind ein Beispiel für diese wenige Arbeiten. Aus Brasilien zitiere ich ein einziges Beispiel: In einem Aufsatz stellt MEIRELES (2001) die Ergebnisse einer Untersuchung über die Verwendung der Negation im Deutschen und im brasilianischen Portugiesischen. Die Autorin macht darauf aufmerksam (MEIRELES 2001: 161), wie die unterschiedliche Verwendung der Negation seitens der Brasilianer zur Aufrechterhaltung von Vorurteilen veranlassen könnte – wie zum Beispiel dass die Brasilianer nicht fähig dazu sind, nein zu sagen und deshalb auch nicht ehrlich seien¹³. Darauf zu beharren, immer wieder alte Vorurteile ins Leben zu rufen, bringt uns als Fach nicht nach vorne. Wir waren und sind schon viel weiter.

123

Literaturverzeichnis

ALTMAYER, Claus. „Zum Kulturbegriff des Faches Deutsch als Fremdsprache“. *Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht* [Online], 2(2), 1997, 25 pp. http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg_02_2/beitrag/almayer3.htm [12.09.2006]

BIELEFELD, Uli (Hg.). *Das Eigene und das Fremde. Neuer Rassismus in der Alten Welt?* Hamburg, Junius, 1991.

¹² Es wäre m. E. absolut notwendig, zumindest einige Informationen über die Städte/Regionen, Studienfächer u.a. zu liefern. Z.B. Studenten der brasilianischen Literatur aus einer kleinen privaten Universität im Hinterland haben bestimmt andere Kommunikationsstile als Betriebswirtschaftsstudenten oder Medizinstudenten in einer staatlichen Hochschule in der Hauptstadt São Paulo.

¹³ Im Original: “Parece-nos que a expressão sintática imprópria da Rejeição, Dissensão e Oposição em português e alemão é uma possível fonte de xenismos, gerando irritação nos falantes nativos e levando à formação de preconceitos quanto ao falante estrangeiro”. (...)“Assim, do ponto de vista dos falantes alemães, os falantes brasileiros seriam ‘incapazes de dizer não’ e, por conseguinte, dissimulados”.

- BUDIN, Gerhard. „Sprache und Erkenntnis in den Kulturwissenschaften“. In: *Internationale Kulturwissenschaften*. http://www.inst.at/studies/s_0101_d.htm, 1999 [19.02.2006]
- HANSEN, Klaus P.. *Kultur und Wissenschaft: Eine Einführung*. 2. Aufl. Tübingen, Francke, 2003 (UTB 1846).
- HESS, Hans-Werner. „*Die Kunst des Drachentötens*“: zur Situation von Deutsch als Fremdsprache in der Volksrepublik China. München, iudicium, 1992.
- HESS, Hans-Werner. „„Kultur‘ und Zweitspracherwerbsforschung“. In: STEINMÜLLER, Ulrich (Hrsg.). *Deutsch international und interkulturell*. Frankfurt, Verlag für Interkulturelle Kommunikation, 1993.
- HINNENKAMP, Volker. *Interkulturelle Kommunikation*. Heidelberg, Julius Groos, 1994.
- MEIRELES, Selma M. “A negação sintática em diálogos do alemão e do português do Brasil”. In: *Pandaemonium germanicum* 5/2001, 139-168.
- MONTEIRO, Maria. „Überlegungen und Vorschläge für eine Fremdgermanistik (oder für fremde Germanisten?)“. In: *Info DaF* 16, 4, 1989, S. 472-475.
- RIETHMÜLLER, Jürgen. *Kontrollgesellschaft außer Kontrolle – Perspektiven kritischer Theorie im Zeitalter der Globalisierung*. Stuttgart, Merz Akademie, 2005.
- ROST-ROTH, Martina. (1996). „Deutsch als Fremdsprache und interkulturelle Kommunikation“. In: *Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht* [Online], 1(1), 37 p. Abrufbar unter: http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg_01_1/beitrag/rost11.htm [12.01.2007]
- SCHRÖDER, Ulrike. „Deutsche und brasilianische Kommunikationsstile im interkulturellen Vergleich“. In: *Zeitschrift für Angewandte Linguistik* 44, vol. 2, Februar 2006, p.49-69.
- STEINMÜLLER, Ulrich: „Interkulturelle Kommunikation und Wissenschaftskooperation zwischen Deutschland und China“. In: Wissenschaftlicher Verlag der Tongji-Universität Shanghai (Hg.). *Arbeiten zur Interkulturellen Kommunikation Chinesisch-Deutsch*. Shanghai: Tongji-Universität, 2000.
- STEINMÜLLER, Ulrich (Hrsg.). *Deutsch international und interkulturell*. Frankfurt, Verlag für Interkulturelle Kommunikation, 1993.
- WAGNER, Bernd. „Kulturelle Globalisierung“. Aus Politik und Zeitgeschichte Band 12, 2002, p. 10-19. Bundeszentrale für politische Bildung. Abrufbar unter http://www.bpb.de/publikationen/VWSULT,0,0,Kulturelle_Globalisierung.html [20.2.2007].
- WIERLACHER, Alois (Hg.). *Das Fremde und das Eigene. Prologomena zu einer interkulturellen Germanistik*. München, iudicium, 1985.

“*Ich kann mein Name mit letra junta und letra solta schreiben*”^{*} : deutsch-portugiesisches Code-Switching in einer Grundschule im südbrasilianischen Immigrationsgebiet^{**}

Maristela Pereira Fritzen^{***}

Abstract: The aim of the present paper is to highlight some aspects of bilingualism in a German minority language community located in the South of Brazil. Based on ethnographic research methods, the study describes language use in face-to-face interactions between bilingual students and their teacher in a monolingual primary school, focusing on Portuguese-German code-switching from a socio-functional perspective. The results suggest that code-switching should not be associated with language deficit, but with the bilingual discourse since the phenomenon could be seen both as a relevant conversational strategy as well as a significant learning resource among bilingual children.

Keywords: bilingualism; minority language; face to face interaction; code-switching.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo contribuir para a compreensão de aspectos do bilingüismo social de um grupo de língua minoritária, localizado em área de imigração alemã no sul do Brasil. Utilizando como base uma pesquisa etnográfica, o estudo descreve o uso das línguas em interação face a face por alunos bilíngües em escola monolíngüe português do ensino fundamental. O foco da análise está no *code-switching* alemão-português visto sob uma perspectiva sócio-funcional. Os resultados sugerem que o *code-switching* não deveria relacionar-se a um suposto *deficit* lingüístico, mas ser considerado parte constitutiva do discurso de crianças bilíngües, que tanto podem empregar a mudança de código como uma estratégia conversacional ou como importante recurso no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: bilingüismo; língua minoritária; interação face a face; alternância de código.

Stichwörter: Bilinguismus; Minderheitensprache; Interaktion Face-to-Face; Code-Switching.

^{*}“*Ich kann meinen Namen in Schreibschrift und in Druckschrift schreiben*”. Sechsjährige Schülerin des zweisprachigen Forschungskontextes, die in der Alphabetisierungsphase ist.

^{**} Dieser Artikel wurde verfasst während meines Forschungsaufenthalts an der Uni-Freiburg in Deutschland, unter der Betreuung von Professor Dr. Auer. Ich bedanke mich ganz herzlich bei ihm für die relevanten theoretischen Beiträge und bei CAPES für das gewährte Stipendium, das mir den Aufenthalt ermöglicht hat.

^{***} Doktor in Angewandter Linguistik (UNICAMP – Universität Campinas, São Paulo, Brasilien). Professorin der FURB – Universität Blumenau (Santa Catarina, Brasilien). mpfritz@gmail.com

1. Einleitung

Die Äußerung, die den vorliegenden Artikel einleitet, stammt von einem sechsjährigen Kind aus *Braço do Sul*¹, einem Dorf des Munizips Blumenau, das in einem Immigrantsgebiet in Südbrasilien (Santa Catarina) liegt. Hier manifestiert sich die Freude und der Stolz des Mädchens über ihren Fortschritt im ersten Schuljahr. Der Ausspruch zeigt, dass die Immigrantsprache Deutsch noch heute gebraucht wird, dass das Deutsche in diesem Munizip auch 157 Jahre nach der Gründung der deutschen Kolonie Blumenau noch lebendig ist.

Die zweisprachige Situation dieses Blumenauer Dorfes und anderer Dörfer Südbrasilien, die im Allgemeinen keine Anerkennung durch die Majoritätsgesellschaft und das staatliche Bildungswesen findet, muss unter anderem aus folgenden Gründen untersucht werden: Erstens, um die kulturelle und sprachliche Realität dieser bilingualen Gemeinschaft besser zu verstehen und zweitens, um die Erziehung der Kinder, die eine monolinguale portugiesische Schule besuchen, verbessern zu können.

Die vorliegende Arbeit beabsichtigt einen Beitrag insbesondere zu denjenigen Studien zu liefern, die vorrangig die soziale Perspektive im Kontakt und Konflikt der Sprachen betrachten. Vor dem theoretischen Hintergrund der Interaktionalen Soziolinguistik wird die bilinguale Sprachpraxis im Klassenzimmer thematisiert und das darin vorkommende Code-Switching interpretiert.

Im Mittelpunkt der Studie stehen die folgenden Fragestellungen: (i) Welche Rolle spielen die Sprachen Deutsch und Portugiesisch im Dorf und in der Beobachtungsklasse der Schule? (ii) Was passiert in der Interaktion in einem Klassenzimmer, in dem zwei Sprachen gesprochen werden? (iii) Was signalisieren die Kinder, wenn sie die Sprache wechseln? (iv) Welche Haltung manifestiert die Lehrerin, wenn die Kinder untereinander deutsch sprechen?

Um diese Fragen beantworten zu können, wurde von mir eine ethnographische Forschungsarbeit (ERICKSON, 1984, 1988) in der Grundschule des Dorfes *Braço do Sul* durchgeführt. Die Datenerhebung kombiniert teilnehmende Beobachtung, Feldnotizen (Tagebuch), Interviews sowie Video- und Audioaufnahmen während des ersten Schulhalbjahres 2005.

¹*Braço do Sul* ist ein ländliches und zweisprachiges Dorf (ein Stadtteil gemäß der brasilianischen Organisationsstruktur) des Munizips Blumenau, das ungefähr 30 km von der Stadtmitte entfernt liegt.

Während dieses Zeitraums hospitierte ich in einer Klasse mit Schülern vom zweiten bis zum vierten Schuljahr².

Im vorliegenden Aufsatz werden zunächst die historischen und politischen Aspekte des Bilingualismus in Minderheitengruppen und speziell in Brasilien thematisiert. Danach wird der Kontext des Forschungsfeldes kurz beschrieben. Im Anschluss wird die gegenwärtige sprachliche Situation des Dorfes in drei Teilen skizziert, und zwar: (i) die sprachliche Situation der Gemeinschaft, (ii) die sprachliche Situation der Schule und (iii) die Stellung der Sprachen im Klassenzimmer. In der Folge werden einige Beispiele der sprachlichen Interaktion sowie die Haltung der Lehrerin in Bezug auf den Sprachgebrauch der Kinder vorgestellt und diskutiert. Zum Schluss werden die Ergebnisse zusammengefasst und die einige Aussichten gegeben.

2. Historische und politische Aspekte des Bilingualismus in Minderheitengruppen

Das zweisprachige/mehrsprachige Umfeld der Minderheitensprachen ist im Allgemeinen komplexer, als es sich *a priori* darstellt. In diesen sozio-linguistischen Szenarien geraten die Minderheitensprachen und die hegemonische Sprache in Kontakt und in Konflikt miteinander. Mit anderen Worten: Es geht in diesen komplexen sprachlichen Situationen nicht nur um zwei Sprachen, sondern um eine asymmetrische, konfliktbehaftete und instabile Beziehung zwischen der nationalen Sprache und den Minderheitensprachen (HAMEL 1989). Die Koexistenz der Sprachen in derselben räumlichen Umgebung ist nicht harmonisch, weil die Sprachen nicht voneinander getrennt und geschlossen in verschiedenen Domänen bestehen. Das Konzept Diglossie, entwickelt von Ferguson (1974[1959]), ist nach Ansicht von Gafaranga (2007: 269) *“a direct application of structuralism/funcionalism in thinking about language in society”*. In diesem Sinne werden die zwei Varietäten der Sprache (*High* und *Low*, entsprechend Ferguson) in jeweils spezifischen Domänen verwendet, d.h. in der Regel bleiben die Varietäten getrennt voneinander. Laut Gafaranga (op. cit.) geht mit dieser Sicht der Diglossie auch eine negative Einstellung gegenüber dem Phänomen der Sprachalternation einher, da dieses Phänomen direkt gegen die Regel der Diglossie steht. Wie verschiedene Studien im Bereich der

² In den ländlichen Regionen Brasiliens gibt es zahlreiche Grundschulen, in denen verschiedene Klassenstufen zeitgleich, in einem Raum und von einem gemeinsamen Lehrer oder Lehrerin unterrichtet werden.

Mehrsprachigkeit festgestellt haben (siehe unter anderem GUMPERZ 1982; AUER 1990, 1998; MARTIN-JONES 1990; GAFARANGA 2007; DIRIM, 1998) ist Sprachalternation kein regelloses Phänomen, sondern - unter anderem - eine *“discourse strategy”* (GUMPERZ 1982, 2002) .

2.1. Der Bilingualismus/Multilingualismus in Brasilien

Der Bilingualismus als soziales Phänomen ist in zahlreichen Ländern der Welt präsent, obgleich diese Tatsache nicht immer anerkannt wird. Der Mythos des Monolingualismus ist in vielen Nationen der Welt verbreitet (ACHARD 1989; GROSJEAN 1982; ROMAINE 1995) und dient vielen Politikern dazu, die Vorstellungen von homogenen Nationen zu erzeugen, in denen es keinen Platz für Pluralität, Multikulturelles und das Andere gibt.

Obwohl Bilingualismus in Brasilien in vielen Regionen ein Faktum ist, herrscht die Ansicht vor, Brasilien sei ein monolinguales Land, in dem nur portugiesisch gesprochen wird. In soziolinguistischer Hinsicht existieren aber *Communities*, in denen der Bilingualismus die Regel ist, so auch in Nord- und Zentralbrasilien, wo immer noch verschiedene Indio Stämme leben³. In Süd- und Südostbrasilien leben Immigrantengruppen, darunter Deutsche, Italiener, Polen, Japaner und Ukrainer, die vor allem zwischen 1836 und 1968 nach Brasilien gekommen sind. Heute werden noch ca. dreißig Immigrantensprachen gesprochen. Außerdem gibt es in den Grenzgebieten zweisprachige Gruppen, die in Kontakt mit den spanischsprachigen Ländern stehen. Diese Bilingualismussituation, die im Allgemeinen nicht erkannt wird, verwandelt Brasilien in ein Land mit ungefähr zweihundert gesprochenen Sprachen (OLIVEIRA 2002), obwohl als offizielle Sprache nur das Portugiesische anerkannt ist.

Laut Cavalcanti (1999) ist diese Nicht-Anerkennung des Bilingualismus in Brasilien in der Weise erklärbar, dass in den zweisprachigen/mehrsprachigen Regionen Brasiliens eine klare Rangordnung herrscht. Die Minderheitensprachen haben entweder keine Schriftsprache, wie z.B. die indigenen Sprachen, oder sie sind stigmatisiert, wie z.B. die Immigrantensprachen. Außerdem hängt das Konzept des Bilingualismus häufig mit dem Begriff *elite bilingualism* zusammen, bezieht sich also auf Sprachen mit Prestige auf nationaler und internationaler Ebene.

³ Von den ca. 1.300 Eingeborenen Sprachen, die in Brasilien vor der portugiesischen Besiedlung bis zum Jahre 1500 gesprochen wurden, gibt es heute noch ungefähr 170 (CARDOSO DE OLIVEIRA 1988).

Die brasilianische Regierung zeigt wenig Interesse daran, von der Politik des Monolingualismus abzuweichen. Die portugiesische Sprache wurde Hegemonialsprache des Landes in Folge der Kolonialherrschaft Brasiliens und dem damit verbundenen Machteinfluss. Nach der Unabhängigkeit Brasiliens 1822 wurde diese Regelung von allen Nachfolgeregierungen beibehalten. Zwei historische Ereignisse waren entscheidend für diese Vorherrschaft. Erstens die Reformen des Marquis von Pombal⁴ 1759. Bis zu diesem Zeitpunkt war eine indigene Sprache, das *Nheengatu* oder „Gemeinsprache“ (*Língua Geral*), die vom *Tupy* abgeleitet wurde, die meistgesprochene Sprache in Brasilien und sie wurde als „Lingua Franca“ von brasilianischen Indianern, Schwarzen und Portugiesen verwendet. Das zweite wichtige Kriterium war das Verbot der Immigrantensprachen im Bildungswesen, in der Presse, in der Kirche und in der Öffentlichkeit während der Regierung von Getúlio Vargas (1937-1945). Es wurden von Seiten der Bundes- und Staatsregierungen verschiedene Maßnahmen gegen die Immigrantensprachen getroffen, die irrtümlicherweise als Fremdsprachen behandelt wurden. Die gewichtigste Maßnahme war die Gesetzesverordnung 1.545 vom 25. August 1939, die den Gebrauch der Immigrantensprachen verbot. Ihr Hauptziel waren die Deutsch-Brasilianer, die während des Zweiten Weltkriegs als Feinde und Verräter angesehen wurden.

129

Bis 1988 ignorierte Brasilien offiziell die zweisprachigen Minoritäten, wozu die indigenen Gruppen, die Menschen in den Grenzbereichen und die Immigrationsgruppen zählten. Die aktuelle brasilianische Verfassung von 1988 gesteht den indigenen Völkern erstmalig das Recht auf eine zweisprachige Ausbildung zu. Cavalcanti (1999) erläutert jedoch, dass es in der Praxis nicht die Arbeit der staatlichen Regierung gewesen ist, welche die zweisprachige Ausbildung in diesen multikulturellen Gemeinschaften möglich gemacht hat, sondern vielmehr die Arbeit von nicht-staatlichen Organisationen, den sogenannten NGOs, von Indigenen und, in kleinerem Maßstab, von Forschungsgruppen. Andere Problembereiche wie die zweisprachigen Immigrationszonen werden von der staatlichen Politik (nach wie vor) ignoriert. Es besteht immer noch die Grundüberzeugung, dass Brasilien ein einsprachiges Land ist.

⁴ Sebastião José de Carvalho e Mello (1699-1782), der Marquis von Pombal, war Erster Minister Portugals während der Herrschaft D. José I.

3. Der Kontext des Forschungsfeldes

Mein Forschungsfeld (*Braço do Sul*) liegt in der Nähe von Blumenau, einer Stadt in Südbrasilien, die 1850 gegründet wurde und sich zur größten deutschen Kolonie in Südamerika entwickelt hat. Nach einer Umfrage des IBGE, des Statistikamt Brasiliens, sprachen 1940 97% der Bevölkerung von Blumenau⁵ deutsch im familiären und sozialen Umfeld, d.h. die deutsche Sprache spielte als Kommunikationsmittel eine wichtige Rolle in der Gemeinschaft. In jener Zeit war die deutsche Sprache in Blumenau und in vielen anderen Städten Südbrasilien hoch angesehen und sie wurde von *Literacy Agencies*⁶ wie Schule, Presse und Kirche legitimiert.

Heute gibt es keine offiziellen Erhebungen mehr über die Anzahl der Einwohner in Blumenau, die noch deutsch sprechen. Die Sprache findet sich fast nur noch in den ländlichen Bezirken. Der deutsche Dialekt, der heute vor allem in der Mündlichkeit weiter besteht, ist jedoch stigmatisiert und wird in einem abwertenden Sinn mit “deutschen Kolonisten” in Verbindung gebracht. Dennoch wird der Bilingualismus dieser Gruppen nicht anerkannt.

In Bezug auf die Sprachpolitik in Blumenau gab es in letzter Zeit immerhin einen Versuch, die Situation in diesen zweisprachigen ländlichen Regionen Blumenaus zu verändern. Im Jahr 2003 entwickelte die Stadtregierung das Projekt ‘Zweisprachige Erziehung’ mit dem Ziel, in den Grundschulen der zweisprachigen Regionen des Munizips Deutsch- und Portugiesischunterricht anzubieten. Die Kinder würden somit in beiden Sprachen alphabetisiert und die Lehrpläne in beiden Sprachen unterrichtet.

In Anlehnung an den Typologierahmen der zweisprachigen Erziehung, der von Hornberger (1991) und Freeman (1998)⁷ zusammengestellt und kompiliert wurde, kann man sagen, dass das Projekt ‘Zweisprachige Erziehung’ der Stadt Blumenau als ein Modell der Anreicherung entwickelt worden ist. Die Auswirkungen des Projekts würden einen Bilingualismus der Addition⁸ fördern.

130

⁵1940 hatte Blumenau 18.506 Einwohner. Heute sind ca. 300.000 Einwohner (IBGE).

⁶Das Konzept von Literacy wird hier verwendet nach Street (1984) als “the social practices and conceptions of reading and writing”.

⁷In ihrer Neuausgabe der vorhandenen Typologien auf zweisprachiger Erziehung, Hornberger (1991) und Freeman (1998) vorstellen drei Modelle: von der Übergang (*transition*), der Erhaltung (*maintenance*) und der Bereicherung (*enrichment*).

⁸Der Ausdruck ‘*Bilingualism der Addition*’, laut Mejía (2002), ist von Lambert (1974 *apud* Mejía, 2002) geprägt worden.

Mit der Veränderung der politischen Mehrheiten der Stadtregierung im Jahr 2004 ist das Projekt jedoch geändert worden. Die Grundschulen, die in zweisprachigen Dörfern wie z.B. *Braço do Sul* liegen, bieten seit 2005 nur einmal pro Woche Deutschunterricht an. Die Idee, diese Schulen in zweisprachige Schulen umzuwandeln, wurde verworfen.

Die Grundschule des Dorfes *Braço do Sul*, das Objekt meiner Forschung, ist eine der Schulen, in der die Kinder seit 2005 Deutschunterricht erhalten. Die deutsche Sprache hat damit den Status eines Unterrichtsfachs gewonnen, ist Bestandteil des Curriculums der Schule und wird von einer Deutschlehrerin unterrichtet. Dagegen findet der Unterricht durch die Lehrerin, die alle anderen Fächer unterrichtet, monolingual auf Portugiesisch statt, d.h. die Unterrichtssprache in allen Fächern außer Deutsch ist nach wie vor portugiesisch. Auch wenn man - trotz der vorgenommenen Änderungen - das Projekt immer noch als ein Projekt für eine zweisprachige Erziehung ansieht, ist es dennoch ein Programm, das in sprachlicher Hinsicht einen Bilingualismus der Subtraktion einführt, weil die Sprache der Kinder wenig Berücksichtigung findet und Kultur und Sprache der Gruppe nicht gewürdigt werden.

131

4. Gegenwärtige sprachliche Situation von Braço do Sul

In *Braço do Sul* koexistieren vier Varietäten, die in Kontakt und auch in Konflikt miteinander stehen: a) Der deutsche Dialekt, den die Kinder noch heute zu Hause lernen; b) Das Standarddeutsch, das allerdings nur noch in wenigen Situationen verwendet wird; c) Die 'blumenauische' Varietät des brasilianischen Portugiesisch, in der man Einflüsse des Deutschen bemerkt; d) Das Standardportugiesisch, das vor allem in der Schule verwendet wird.

Fest steht, dass der deutsche Dialekt auch heute noch eine wichtige Rolle in der Gemeinschaft als Interaktionssprache im privaten und sozialen Bereich spielt. Die deutsche Schriftsprache jedoch wird fast nur noch von älteren Leuten beherrscht. Diese hatten die Gelegenheit, die Schriftsprache im Katechismusunterricht der Evangelischen Kirche oder bei den Eltern zu Hause zu lernen. Da erst seit dem Jahr 2005 Deutsch in der Schule des Dorfes unterrichtet wird, haben die jüngeren Generationen bisher wenig Kontakt mit der Schriftsprache gehabt. Sie wird praktisch nur im schulischen und kirchlichen Bereich verwendet. In der Evangelischen Kirche des Dorfes gibt es alle vierzehn Tage einen Gottesdienst auf Deutsch, in dem die Leute ein

deutsches Gesangbuch benutzen. Viele Familien besitzen noch immer ein deutsches Exemplar der Bibel. Darüber hinaus gibt die Evangelische Kirche monatlich eine Zeitung heraus, die im Dorf und in anderen Städten der Region verteilt wird. Einige Seiten dieser Zeitung sind auf Deutsch geschrieben. Deshalb kann man sagen, dass die Evangelische Kirche auch heute noch eine relevante Funktion als *Literacy Agency* einnimmt.

Obwohl der Gebrauch der Schriftsprache in der Untersuchungsgruppe beschränkt ist, wird die Kenntnis der Schrift von den Blumenauern als sehr wichtig erachtet und gleichzeitig die Tatsache bedauert, dass nur so wenig Leute deutsch lesen und schreiben können.

4.1. Sprachliche Situation der Schule

Der Bilingualismus des Dorfes ist auch in der Schule präsent, da es keine direkten Grenzen zwischen dem schulischen und außerschulischen Bereich gibt. Aber Bilingualismus wird in den Schulen Brasiliens, die in Regionen mit Minderheitensprachen liegen, normalerweise als ein Problem angesehen. Die Situation in der Schule von Braço do Sul unterscheidet sich in dieser Hinsicht nicht.

132

Die Grundschule, an die auch ein Kindergarten angeschlossen ist, wird von etwa fünfzig Kindern besucht. Die Eltern dieser Kinder sind im Allgemeinen Kleinbauern, die die Landwirtschaft als Nebenerwerb betreiben. Im Haupterwerb arbeiten die meisten in Fabriken. Fast alle Kinder der Schule sprechen deutsch. Im Jahr 2005 gab es in der Schule vier Kinder, die kein Deutsch konnten, weil die Familien aus anderen Regionen des Munizips nach *Braço do Sul* umgezogen waren.

Die Lehrerin der Beobachtungsklasse kommt aus der städtischen Region des Munizips Blumenau, in der kaum noch Deutsch gesprochen wird. Sie hat keine deutschen Vorfahren und spricht selbst kein Deutsch. Aus der Sicht der Lehrerin stellt die deutsche Sprache der Kinder keinen positiven Aspekt dar, sondern ist für die Kinder ein Hindernis beim Lernen der portugiesischen Schriftsprache⁹.

⁹ Der Konflikt der Sprachen tauchte auch während einer Besprechung zwischen den Lehrerinnen und der Schulleiterin der Schule auf (Tagebuch, 27/04/05). Die Lehrerin der Beobachtungsklasse machte eine negative Bemerkung über die Lesefähigkeiten der Schüler, insbesondere über die Aussprache der zweisprachigen Kinder, da man einen Akzent und Spuren des Deutschen feststellen könnte. In den Beiträgen der Kinder zum Unterricht sind die Kennzeichen des Deutschen häufig zu finden und die Lehrerin betrachtet sie als Fehler, die korrigiert werden müssen. Die Schulleiterin, die selbst aus der Minderheitengruppe kommt und an den Sitzungen der Ausbildung "Zweisprachige Schulen" 2004 teilgenommen hat, zeigte sich dagegen solidarisch mit der Gruppe, obwohl sie immer unter Druck steht, da die Kinder so schnell wie möglich

Es lässt sich also feststellen, dass Bilingualismus- und Multilingualismusfragen nicht, oder zumindest nicht genug, in der Lehrerbildung thematisiert und problematisiert werden. Die Richtlinien in den Pädagogikkursen waren und sind noch heute oft am Mythos des Monolingualismus orientiert.

4.2 Die Stellung der Sprachen im Klassenzimmer

Die Tatsache, dass Portugiesisch die offizielle Unterrichtssprache in allen Fächern außer im Deutschunterricht ist und die Lehrerin außerdem nur portugiesisch sprechen kann, beschränkt den Deutschgebrauch im Klassenzimmer. Für die bilingualen Kinder gibt es keine andere Möglichkeit, als sich auf Portugiesisch an die Klassenlehrerin zu wenden. Wie die SchülerInnen mit den beiden Sprachen in der Klasse umgehen wird in der Folge thematisiert werden.

In der Beobachtungsklasse kann man drei verschiedene Gesprächskonstellationen erkennen, für die die folgenden stillschweigenden Regeln gelten: (1) Wenn die Lehrerin sich an die Schülerinnen und Schüler wendet, spricht sie portugiesisch. (2): Wenn die Schülerinnen und Schüler sich an die Lehrerin wenden, sprechen sie portugiesisch. (3): Wenn Schülerinnen und Schüler sich an ihre Mitschüler wenden, wird Portugiesisch und/oder Deutsch gesprochen, wenn die Lehrerin die Interaktion nicht kontrolliert. Dazu gehören beispielweise Gespräche unter den Kindern bei der Arbeit in Gruppen oder in Paaren. In diesen Situationen findet Sprachalternation statt, wenn die Kinder ins Deutsche oder ins Portugiesische wechseln.

Ein Beispiel aus dem Datenmaterial erläutert eine Facette dieses Sprachgebrauchs. Der folgende transkribierte Audioaufnahmeausschnitt entstammt einem Gespräch unter Kindern der Beobachtungsklasse. Am Ende des Informatikunterrichts, während die Schüler und Schülerinnen auf die Erlaubnis der Lehrerin warten, das Klassenzimmer verlassen zu dürfen, reden sie miteinander.

Ausschnitt 1: “die graviert” (Audioaufnahme, 03/06/05) *portugiesisch: kursiv, deutsch: fett*, Übersetzung

⁰¹ Roberto: **oh was hat denn deine eine:: oma, da, () die bricke**
⁰² **ging (.)**

portugiesisch lernen sollen. Aber auch sie befürchtet, dass das Lernen der deutschen Schriftsprache das Lernen des Portugiesischen stören kann.

- 03 **hat die:: bein oder was (ge)brochen?**
- 04 Mônica: **nein;**
- 05 ((lärm im hintergrund))
- 06 Márcio: <<flüsternd> **schii:: (die) graviert>**
- 07 Marcos: **oh lass (der) doch gravieren,**
- 08 ((andrea singt etwas, lärm im hintergrund))
- 09 (2.0) ((guilherme schaut das gerät an))
- 10 Guilherme: **die graviert ein doch GARNicht**
- 11 Roberto: **=doch, guck mal**
- 12 ((andrea singt weiter))
- 13 Mônica: *se a fita tá girando tá gravando (-)*
- 14 wenn sich die kassette dreht nimmt sie auf
- 15 Guilherme: **WAS?**
- 16 Roberto: *se a fita tá girando tá gravando*
- 17 wenn sich die kassette dreht nimmt sie auf
- 18 Guilherme: =NÃO TÁ
- 19 sie dreht sich aber nicht
- 20 Mônica: *tá sim*
- 21 doch
- 22 Guilherme: NÃO TÁ
- 23 nein, nicht
- 24 Roberto: =oh:: professora, (.) ela também:: grava em japonês?
- 25 ((wendet sich an mich))
- 26 oh:: lehrerin, (.) nimmt sie auch japanisch auf?
- 27 Maristela: [ãhã
- 28 Roberto: [ela também grava em japonês? todas as línguas?
- 29 nimmt sie auch japanisch auf? alle sprachen?

Zu Beginn der Sequenz fragt Roberto seine Mitschülerin Mônica auf Deutsch nach ihre Grossmutter, während Márcio das Aufnahmegerät beobachtet. Das Gespräch geht auf Deutsch weiter. Márcio bemerkt, dass das Aufnahmegerät eingeschaltet ist. Diese Feststellung teilt er seinen Mitschülern mit und bittet sie, leise zu sein. Auf Márcios Bitte reagiert Marcos, indem er sagt, das Aufnahmegerät solle doch ruhig weiter aufnehmen. Andrea singt etwas im Hintergrund. Guilherme beobachtet während den folgenden ungefähr zwei Sekunden das Gerät und teilt dann den anderen seine Meinung mit, dass das Aufnahmegerät nämlich nicht aufnimmt. Roberto reagiert darauf sofort, bestätigt Márcios Ansicht und sagt zu Guilherme, er solle sich das Aufnahmegerät doch genauer anschauen. Mônica vermutet, dass Guilherme

nicht weiß, wie das Gerät funktioniert. Sie wechselt ins Portugiesische um zu erklären, dass das Gerät aufnimmt, wenn sich die Kassette dreht. Mit lauter Stimme spricht Guilherme weiter auf Deutsch mit der Frage “was”? Roberto versucht erneut Guilherme zu zeigen, dass das Aufnahmegerät in Betrieb ist und wiederholt die Erklärung von Mônica. Nach den beiden Turns der Mitschüler auf Portugiesisch wechselt Guilherme auch ins Portugiesische. Guilherme ist immer noch davon überzeugt, dass das Aufnahmegerät nicht aufnimmt und widerspricht seinen Klassenkameraden “não tá” (sie dreht sich aber nicht). Mônica reagiert und bestätigt, dass das Gerät doch aufnimmt “tá sim” (doch). Guilherme beharrt auf seiner Ansicht und widerspricht Mônica erneut “não tá” (nein, nicht). Roberto scheint sich nicht mehr für Guilhermes Ansicht zu interessieren. Stattdessen interessiert ihn die Funktion des Gerätes und er fragt mich¹⁰, ob es auch andere Sprachen wie Japanisch aufnimmt¹¹.

Der Ausschnitt “die graviert” entstammt einer Phase, in der der Unterricht schon beendet ist, obwohl das Gesprächsereignis auf der interaktionalen Ebene noch offen ist. Es lässt sich zunächst feststellen, dass das Deutsche in den Gesprächen zwischen den Schülerinnen und Schülern in der Klasse eine wichtige Rolle spielt. Diese und weitere Sequenzen der Daten, in denen die Lehrerin die Interaktion nicht kontrolliert, belegen, dass die zwei Sprachen (Deutsch/Portugiesisch) als Interaktionssprachen in der Konstellation SchülerInnen → SchülerInnen funktionieren, sowohl wenn die Kinder sich mit Unterrichtsthemen, als auch mit außerunterrichtlichen Themen beschäftigen.

Das Gespräch unter den Kindern beginnt auf Deutsch und wird danach auf Portugiesisch weitergeführt. Bis Zeile 11, während sechs Turns unter fünf Kindern, ist die Interaktionssprache das Deutsche. In Zeile 13 signalisiert Mônica mit dem Wechsel ins Portugiesische, dass eine andere Sprache der Interaktion gewählt wird. Wie reagieren die Interaktionspartner darauf? Es scheint, dass Guilherme zunächst die Einladung zum Wechsel der Sprache nicht akzeptiert. Zwischen Zeile 13 (Mônicas Turn) und Zeile 16, als Roberto die Erklärung von Mônica auf Portugiesisch wiederholt, kann man eine “*negotiation sequence*” (AUER, 1998) der Sprache feststellen. Dennoch unterstreicht Guilherme in Zeile 18 seine Ansicht auf Portugiesisch. Diese Sprache wurde von seinem Gesprächspartner ausgewählt um ihm zu zeigen,

¹⁰ Obwohl ich nicht die Lehrerin der Kinder bin nennen die Kinder mich auch Lehrerin (*professora* auf Portugiesisch).

¹¹ Er fragt, ob “ela” (sie) aufnimmt. Auf Portugiesisch ist das Genus des Aufnahmegeräts (*gravador*) maskulin. Vielleicht assoziiert er das Femininum “ela” (sie) mit dem Wort “fita” (Kassette), welches das Genus Femininum hat.

dass das Aufnahmegerät doch aufnimmt. Ab diesem Moment wird das Gespräch auf Portugiesisch geführt, d.h. eine neue Sprache der Interaktion ist gewählt. Diese Sequenz kann nach Auer (1998, S. 8) als ein Beispiel der *“transition from divergent to convergent language choices”* angesehen werden.

Auf der anderen Seite ist das, was in dieser Interaktion passiert, durchaus ein Beispiel für andere Gespräche, denen man in der Gemeinschaft begegnet: Ein Gespräch kann auf Deutsch beginnen, ins Portugiesische wechseln und wieder ins Deutsche zurück wechseln. Es scheint, dass der ständige Wechsel ein Merkmal des Gesprächs der Deutsch-Brasilianer ist. Dieses Merkmal kann mit der besonderen Entwicklung der Gemeinschaft zusammenhängen, in der der Einfluss der Majoritätensprache immer stärker wird. Dieser Aspekt des Sprachgebrauchs muss aber erst noch weiter untersucht werden.

Die nächste Unterrichtssequenz ist ein weiteres Beispiel für den Deutschgebrauch der Kinder bei der Arbeit in der Klasse. Während des Naturkundeunterrichts haben die Kinder in Gruppen gearbeitet. Ihre Aufgabe ist es, Bilder von verschiedenen Tieren in Büchern zu suchen, auszuschneiden und mit der Hilfe der Lehrerin auf ein Plakat zu kleben. Die Videoaufnahmesequenz dieser Szene entstammt der sprachlichen Interaktion zwischen zwei Schülerinnen der zweiten Klasse (Vanuza und Luciana), während sie mit den Büchern arbeiten.

136

Ausschnitt 2: “ausschneiden vs. *recortar*” (Videoaufnahme, 04/07/05)

portugiesisch: kursiv, deutsch: fett, Übersetzung

01		(5.0)	
02	Vanuza:	wo sind die andere?	
03	Luciana:	da unde	
04	Vanuza:	tuss du das andere hier auch aus schneiden	
05	Luciana:	() ((auf deutsch))	
06	Vanuza:	den hast du (.) schneid den lieber aus	
07	Luciana:	den hier auch?	
08	Vanuza:	() ((auf deutsch))	
	((...))		
09		(3.0)	
10	Vanuza:	<i>esses livros são iguais (--)</i> <i>olha ali</i>	
11		diese bücher sind gleich	guck mal
12	Luciana:	diese auch aus schneiden hier? der hier?	

- 13 Vanuza: **ja diese auch** (2.0) *(como) essas aves aqui ó=*
 14 *wie diese vögel hier* schau mal
 15 Luciana: *=esse aqui é bem bom,* (2.0) **jetzt** ()
 16 *dieses hier ist sehr gut*
 17 **tuss du mit mich ausschneiden**
 18 (3.0)
 19 Vanuza: *olha aqui*
 20 *guck mal hier*
 21 Luciana: **du muss den hier erst noch ausschneiden**
 22 Vanuza: <<sich beschwerend> *LuciA::na, recorta tu::;*>
 23 *Luciana schneid du aus*

Die beiden Schülerinnen beschäftigen sich mit der Aufgabe, die die Lehrerin gestellt hat. Sie blättern in dem Material, um die Bilder der Tiere zu finden. Die transkribierte Sequenz, die in zwei Teile unterteilt ist, fängt nach ungefähr fünf Sekunden Pause an, als Vanuza ihre Mitschülerin Luciana auf Deutsch über “die andere” frag, wahrscheinlich sich auf die anderen Bücher beziehend, die sie benutzen. Das Gespräch wird auf Deutsch fortgesetzt, als Luciana die Frage der Mitschülerin beantwortet und auch, als die beiden Schülerinnen von der eigentlichen Aufgabe sprechen, was sie aus den Bücher ausschneiden sollen. Nach der Auslassung im Transkript fängt das Gespräch nach drei Sekunden Pause wieder auf Portugiesisch an, als Vanuza merkt, dass einige Bücher gleich sind, und um die Aufmerksamkeit ihrer Partnerin bittet. Luciana scheint sehr konzentriert an der Aufgabe zu arbeiten. Sie wendet sich auf Portugiesisch an Vanuza, um zu fragen, ob sie auch etwas ausschneiden soll. Vanuza verwendet dieselbe Sprache wie ihre Mitschülerin (Deutsch) um die Frage zu beantworten. Nach zwei Sekunden Pause spricht Vanuza weiter, aber sie wechselt ins Portugiesische, um zu sagen, dass die Vögel auch ausgeschnitten werden müssen. Vanuzas Turn folgt dem Kommentar von Luciana sofort. Dieselbe Sprache (Portugiesisch) verwendend, sagt sie, dass das Buch sehr gut ist. Nach einer weiteren Pause von zwei Sekunden wechselt Luciana wieder ins Deutsche, aber ihre Äußerung ist nicht ganz verständlich. Am Ende sagt sie ihrer Mitschülerin Vanuza, dass sie ihr bei der Aufgabe helfen soll. Nach drei Sekunden Pause ruft Vanuza Luciana auf Portugiesisch her, um ihr etwas zu zeigen. Luciana wechselt die Sprache um Vanuza zu entgegen, dass sie noch ein anderes Bild ausschneiden muss. Vanuza reagiert auf die Aufforderung der Mitschülerin auf Portugiesisch, in nörgelndem Tonfall, um zu sagen, dass Luciana ausschneiden soll (Z. 23).

Um den Gebrauch der Sprachen in dieser Sequenz besser zu verstehen, wird ein Schema eingeführt.

Erster Teil der Sequenz: sieben Turns, nur A (obwohl die Turns nicht vollkommen verständlich sind).

Zweiter Teil der Sequenz: sieben Turns: B1; A2; AB1; BA2; B1; A2; B1.

Sprache A = Deutsch, Sprache B = Portugiesisch; Nummer 1 = Vanuza, Nummer 2 = Luciana.

Die Sequenz “**ausschneiden vs. recortar**” entspricht einer Unterrichtsphase mit Arbeit in Paaren. Die Kinder sind in die Erledigung der gestellten Aufgabe vertieft. Bei der Bearbeitung von Aufgaben in Paaren oder Gruppen bilden sich Gesprächskonstellationen, in denen die Kinder die Freiheit haben, beide Sprachen zu verwenden, weil die Lehrerin die Interaktion nicht direkt kontrolliert. In diesen Situationen (SchülerInnen → SchülerInnen) wird, wie schon vorher erwähnt, deutsch und/oder portugiesisch gesprochen und die Kinder können die Sprache während der Gesprächssequenz wechseln. In Interaktionen, in denen die Lehrerin der Gesprächspartner ist, vollzieht sich das Gespräch immer auf Portugiesisch.

138

Es lässt sich zunächst feststellen, dass die beiden Sprachen hier die gleiche Stellung haben und demnach nicht in Konflikt stehen, obwohl die Interaktion im Klassenzimmer stattfindet. Die Interaktionspartner sind zwei bilinguale Mädchen, die zur selben sozialen Gruppe gehören. Es lässt sich feststellen, dass die deutsche Sprache in dieser Sequenz bei der Arbeit für die Kinder sehr wichtig ist. Es scheint auch, dass der größte Teil des Gesprächs in deutscher Sprache stattfindet. In zehn der vierzehn Turns der Sequenz wird Deutsch verwendet.

In der zweiten Sequenz bemerkt man Sprachalternation zwischen den Turns und innerhalb derselben Gesprächsschritte (Z.13 und Z.15). Es ist interessant zu sehen, dass die Sprachalternationen, die in denselben Turns stattfinden, jeweils nach einer Pause erfolgen, also wenn eine neue Einheit eingeführt wird. In Z.13 beantwortet Vanuza die Frage der Mitschülerin auf Deutsch, in derselben Sprache, die Luciana verwendet hat. Nach etwa zwei Sekunden Pause wechselt sie jedoch ins Portugiesische (“como essas aves aqui ó”). Luciana macht dann sofort nach Vanuzas Äußerung einen Kommentar und behält dabei die Sprache (Portugiesisch) bei. Es scheint, dass dieser direkte Anschluss zwischen den Turns die Verwendung des Portugiesischen bestimmt. Nachdem Luciana ihren Kommentar auf Portugiesisch gemacht

hat, folgt in diesem Turn (Z.15) erneut eine Pause von etwa zwei Sekunden Dauer, und dann wechselt Luciana ins Deutsche.

Im Falle der letzten zwei Turns (Z.21 und Z.22) gehe ich davon aus, dass die Sprachalternation als ein *“contextualization cue”* angesehen werden kann. Um diese Analyse zu erklären, greife ich auf Auers (1990, 1998) Theorie zurück, dessen Studien eine sozio-funktionale Perspektive der Sprachalternation¹² in die Forschung einführen. Seine Studien zeigen, dass die Sprachalternation als *“contextualization cue”* verschiedene interaktive und kommunikative Funktionen erfüllt. Mit anderen Worten ist das Phänomen Sprachalternation als eine Sprechstrategie innerhalb des Sprachrepertoires von mehrsprachigen Sprechern anzusehen. Auer (1990, 1998) unterscheidet zwei Arten des Code-Switching, die als *“contextualization cue”* funktionieren: diskursbezogenes und teilnehmerbezogenes Code-Switching. Das diskursbezogene Code-Switching ist am Gespräch orientiert und mit Auer (1998: 4) ist festzustellen: *“the use of code-switching to organise the conversation by contributing to the interactional meaning of a particular utterance”*. Teilnehmerbezogenes Code-Switching dagegen ist am Interaktionspartner orientiert und berücksichtigt die sprachliche Präferenz und Kompetenz der Teilnehmer der Interaktion.

139

Während der zweiten Sequenz des Ausschnitts **“ausschneiden vs. recortar”** scheint Luciana die Aufgabe ausführen zu wollen und dafür erwartet sie die Hilfe ihrer Mitschülerin. Nachdem sie Vanuza sagt: *“du muss den hier erst noch ausschneiden”*(Z. 21), wechselt Vanuza den Ton und die Sprache. Obwohl sie auch Bilder sucht, scheint es, dass sie Luciana deutlich machen will, dass sie die Bilder nicht ausschneiden möchte. Sie sagt Luciana, dass sie dies machen soll. Der Wechsel der Sprache funktioniert hier als Strategie, um ihre Position zu verstärken und kann als ein diskursbezogenes Code-Switching angesehen werden, das in Auers (1990: 81) Worten *“is a very convenient way of setting off what has been said in language A against what is going to be said in language B and works, in this respect, like prosodic and gestual cues”*.

In der beschriebenen Sequenz, ebenso wie in der Sequenz *“die graviert”*, ist der Grund für den Gebrauch der beiden Sprachen nicht ein Mangel an Sprachkompetenz der Sprecher, sondern es findet ein zweisprachiges Gespräch statt, in dem die Kinder ihr Sprachrepertoire verwenden können, um mit ihrem Partner zu interagieren.

Der nächste Ausschnitt, der ebenfalls dem oben erwähnten Naturkundeunterricht entstammt, zeigt einen anderen Aspekt des

¹² Auer (1990) verwendet den Begriff *Sprachalternation* als ein Hyperonym für code-switching und transfer.

Deutschgebrauchs in der Klasse. Die transkribierte Videoaufnahme entspricht einer Phase des Unterrichts, in der die Lehrerin die Interaktion kontrolliert.

Nach der Arbeit in Gruppen mussten die Kinder ihren Klassenkameraden zeigen, was sie gefunden hatten, und ihnen die Merkmale der Tiere erklären. Der transkribierte Videoausschnitt zeigt den Moment, in dem die Lehrerin diejenige Gruppe aufruft, die sich mit Vögeln (Vanuza und Luciana) beschäftigt hat, und ihr Hinweise zur Vorstellung des bearbeiteten Themas gibt.

Ausschnitt 3 – “Ich habe mitgemacht” (Videoaufnahme, 04/07/05)
portugiesisch: kursiv, deutsch: fett, Übersetzung

01	Angelo:	<i>mamíferos ah::</i> [<i>ma-mí::</i>	
02		säugetiere ah:: säuge::	
03	Lehrerin:	[<i>aves, quem é aves?</i>	
04			vögel, wer ist (hat) vögel?
05	Marcos:	<i>Vanuza e Luciana</i>	
06		Vanuza und Luciana	
07	Lehrerin:	<i>a Luciana e::</i>	
08		Luciana und	
09	Schüler	<i>Va[nuza</i>	
10	Lehrerin	[<i>a Vanuza venham falar sobre as aves (--)</i>	
11		Vanuza kommt her um über die vögel zu sprechen	
12		((ausruf im hintergrund))	
13	Angelo:	[<i>e quem (fez) os peixes?</i>	
14		und wer hat die fische gemacht?	
15	Lehrerin:	[<i>e os outros todos vão ouvi, (.) todos vão ouvi,</i>	
16		und die anderen hören zu alle sollen zuhören	
17	Marcos:	<i>os peixes é o::</i>	
18		die fische ist der	
19		((andere gespräche im hintergrund))	
20	Márcio:	<i>é tem dez?</i>	
21		ja sind zehn?	
22	Lehrerin:	<i>=assim ó:: a Luciana começa a falá um pouco</i>	
23		<i>depois a Vanuza fala um pouco</i>	
24		so Luciana fängt an und sagt etwas danach macht Vanuza weiter	
→	25	Leandro:	=Márcio hat allein gemacht né?
→	26	Marcos:	ICH [habe mitgemacht

	27	Lehrerin:	<i>[podes começá Luciana</i>
	28		du kannst anfangen Luciana
→	29	Leandro:	non;
	30		nein
→	31	Marcos:	ja,
→	32	Leandro:	du hast GAR nichts gemacht
	33	Lehrerin:	<i>fala o que tu sabe daí a gente vai completando</i>
	34		sag was du weisst dann werden wir das vervollständigen

In dem transkribierten Mitschnitt fragt die Lehrerin zu Beginn, welche Gruppe sich mit den Vögeln beschäftigt hat. Auf diese Frage antwortet Marcos, dass es die Schülerinnen Luciana und Vanuza gewesen sind. Die Lehrerin ruft Luciana auf und scheint unsicher zu sein, wer die andere Schülerin ist. Die Schüler ergänzen den Turn der Lehrerin und sagen "Vanuza". Der Gesprächsschritt der Lehrerin überlappt sich mit dem Turn der Schüler und sie bittet die beiden Schülerinnen zur Tafel zu kommen, um über Vögel zu sprechen. Man hört dann einen Ausruf im Hintergrund. Angelo und die Lehrerin sprechen gleichzeitig. Die Lehrerin bittet um Ruhe, während Angelo wissen will, welche Mitschüler sich mit den Fischen befasst haben. Marcos ignoriert die Bitte der Lehrerin und beantwortet die Frage von Angelo, aber man kann nicht alles hören, weil andere Kinder auch etwas sagen. Márcio schätzt, dass es insgesamt zehn Themen gibt. Als die beiden Schülerinnen Vanuza und Luciana schon an der Tafel vor ihren Mitschülern stehen, gibt die Lehrerin Anweisungen für den Ablauf der Präsentation. Sofort nach dem Turn der Lehrerin fängt Leandro auf Deutsch ein Gespräch mit Márcio an. Leandro sagt, dass der Mitschüler seine Arbeit allein gemacht hat. Auf diese Aussage von Leandro reagiert Marcos ebenfalls auf Deutsch, um zu sagen, dass er Márcio geholfen hat. Vermutlich hört die Lehrerin Leandro' Äußerung, aber sie sagt, dass Luciana anfangen kann. Leandro scheint sicher zu sein, dass Márcio wirklich die Aufgabe allein gemacht hat und sagt "non" mit dem Akzent, mit dem die Deutsch-Brasilianer das Wort "não" (nein) aussprechen. Leandro reagiert wieder auf Deutsch, um Marcos zu widersprechen. Als Luciana nicht auf die Aufforderung der Lehrerin reagiert, empfiehlt die Lehrerin der Schülerin, sie soll sagen, was sie weiß und die Lehrerin und die Mitschüler werden ihre Äußerungen ergänzen.

Die Sequenz "Ich habe mitgemacht" entstammt einer Situation, in der die Lehrerin die Interaktion während der Arbeit einer Unterrichtsphase kontrolliert. Sie bestimmt, wer sprechen darf und wann. Um dieses Ziel zu

erreichen, versucht sie eine geeignete soziale Teilnahmestruktur (ERICKSON 1982) einzurichten, in der sich die Kinder engagieren sollen.

Es lässt sich sagen, dass die zwei Sprachen (Deutsch/Portugiesisch) im öffentlichen Bereich des Unterrichts verwendet werden, aber in zwei unterschiedlichen Interaktionskonstellationen. Die Regel des Sprachgebrauchs “Wenn die SchülerInnen sich an die Lehrerin wenden, wird portugiesisch gesprochen” ist nicht gebrochen worden, weil die Kinder am Rande ein paralleles Gespräch führen. Sie bauen eine Interaktionskonstellation (SchülerInnen → SchülerInnen) auf, in der sie auf Deutsch sprechen können.

Die deutsche Sprache der Kinder taucht in einer Interaktion auf, die einerseits von der Lehrerin kontrolliert wird, sich aber andererseits nicht auf ihre Arbeit auswirkt. Wenn die SchülerInnen sich auf Deutsch unterhalten, schließen sie die Lehrerin als Interaktionspartner aus. Das Phänomen des Code-Switching der Kinder hat in dieser Situation demnach eine strategische Funktion als “*contextualisation cue*” und signalisiert, dass nur die Kinder an dem Gespräch teilnehmen dürfen. Es ist somit nach Auers (1990, 1998) Theorie ein Beispiel des teilnehmer-bezogenen Code-Switching, weil es sich am Interaktionspartner orientiert und die sprachliche Präferenz des ausgewählten Partners beachtet. Außerdem ist das Code-Switching dieser Sequenz auch ein Beispiel des diskurs-bezogenen Code-Switching (AUER 1990, 1998), weil die Sprachalternation eine neue Teilnehmerkonstellation definiert. Für diese Konstellation ist Deutsch die ausgewählte Sprache.

142

Diese Haltung der Schüler im Unterricht bedroht die soziale Teilnahmestruktur, die die Lehrerin beibehalten will. Die Schüler agieren unpassend in dieser Unterrichtsphase, in der die Lehrerin hat eine Rolle einnimmt, in der sie ihre Kontrollfunktion über die Schüler ausübt. Sie betont (in Z.15) mit einer Wiederholung “*e os outros todos vão ouvi, todos vão omi*” (und die anderen hören zu, alle sollen zuhören), was sie von den Kindern erwartet.

Das Thema des Schülergesprächs bezieht sich auf die Aufgabe der vorhergehenden Unterrichtsphase, in der die Kinder in Gruppen oder in Paaren arbeiten sollten. Ich halte es für wahrscheinlich, dass Leandro glaubt, Márcio habe die Aufgabe allein gemacht, obwohl Marcos helfen sollte. Leandro’ Äußerung (Z.32) hat einen tadelnden Tonfall als er betont, dass Marcos “gar nichts gemacht hat”.

Wie reagiert die Lehrerin auf die Verwendung des Deutschen in dieser Situation? Es scheint, dass die Lehrerin einfach die Interaktion der Kinder auf

Deutsch ignoriert. Sie beschäftigt sich mit den beiden Schülerinnen, damit sie den Unterricht fortsetzen kann.

Der nächste Ausschnitt zeigt eine andere Situation in der Klasse, in der die Kinder die deutsche Sprache in den öffentlichen Bereich des Unterrichts einbringen. Es handelt sich um den Mitschnitt eines Gesprächs zwischen der Lehrerin und den Kindern.

Während des Mathematikunterrichts schreibt die Lehrerin Rechenaufgaben an die Tafel und beschäftigt sich mit der Entfernung der Dekoration des Junifestes¹³. Die Kinder schreiben die Rechenaufgaben von der Tafel ab, lösen sie in ihren Heften und unterhalten sich dann miteinander. Der folgende Ausschnitt zeigt das Gespräch ab dem Moment, in dem die Lehrerin um die Aufmerksamkeit der Kinder bittet, damit sie die Korrektur der Aufgaben an der Tafel machen kann.

Ausschnitt 4: “Schwarze Kuh¹⁴” (Videoaufnahme, 04/07/05)
portugiesisch: kursiv, deutsch: fett, Übersetzung

- | | | | |
|------|-----------|--|--|
| 01 | Luciana: | ((Luciana geht zu Vanuzas tisch und flüstert ihr etwas | |
| 02 | | ins ohr, unverständliche passage)) | |
| 03 | Vanuza: | <i>o Mônica:: [()</i> | |
| 04 | Lehrerin: | <i>[eu quero todos prestando atenção aqui (--)</i> | |
| 05 | | ich will dass alle aufpassen jetzt | |
| 06 | | <i>segunda terceira e quarta=</i> | |
| 07 | | zweite dritte und vierte klasse | |
| 08 | Mônica: | <<sich beschwerend> = <i>professo!RA!::, a Luciana</i> | |
| → 09 | | <i>[só fica dizendo que eu sou uma schwarze KUH::></i> | |
| 10 | | lehrerin Luciana sagt andauernd ich wäre eine schwarze kuh | |
| 11 | Lehrerin | <i>[<<gerezit, f> Mô!NI!ca, chega CHEga></i> | |
| 12 | | Mônica genug jetzt genug jetzt | |
| 13 | Roberto: | = <i>é vaca preta</i> | |
| 14 | | ja schwarze kuh | |
| 15 | | (2.0) | |
| 16 | Mônica: | <i>a Luciana disse</i> | |
| 17 | | Luciana hat gesagt | |
| 18 | Lehrerin: | = <i>o Mônica o que foi que eu falei?</i> | |

¹³ Junifest ist ein typisches Fest in Brasilien, wahrscheinlich mitgebracht von den Portugiesen, bei dem *Quadrilha* getanzt, Glühwein getrunken und unter anderem verschiedene Süßspeisen auf der Basis von Maismehl gegessen werden. Junifest ist auch als Johannisfest bekannt.

¹⁴ Der verwendete Ausdruck ist in einem rassistischen Zusammenhang zu verstehen.

19		Mônica was habe ich dir gesagt?
20	Leandro:	<i>meu a sala ficou mais escura agora</i>
21		((er bezieht sich auf die abgehängte dekoration))
22		oh mann das zimmer ist jetzt dunkler geworden
23	Lehrerin:	<i>eu quero todos olhando aqui (.)</i>
24		ich will dass alle jetzt hierher sehen
25		<i>TOdos(.) terceira e quarta também</i>
26		alle dritte und vierte klasse auch

Zu Beginn der Sequenz geht Luciana zu Vanuzas Tisch und flüstert ihr etwas ins Ohr. Vanuza reagiert sofort und ruft Mônica, um ihr etwas zu sagen, aber ihre Äußerung ist unverständlich. Anscheinend teilt sie Mônica mit, was sie gerade von Luciana gehört hat. Dabei zeigt sie auf Luciana. Gleichzeitig führt die Lehrerin in eine neue Unterrichtssequenz ein, die sich an alle Schüler richtet. Sie bittet um die Aufmerksamkeit aller Kinder. Nach dieser Bitte und Vanuzas Äußerung beschwert sich Mônica, dass Luciana sie “schwarze Kuh” genannt hat. Sie verwendet portugiesisch, die Sprache der Interaktion zwischen der Lehrerin und den Kindern, wechselt aber ins Deutsche, um die Beleidigung der Lehrerin zur Kenntnis zu bringen. Roberto reagiert sofort und übersetzt den Ausdruck “schwarze Kuh” ins Portugiesische “vaca preta”. Es scheint, dass die Lehrerin den Inhalt der Beschwerde von Mônica nicht zur Kenntnis nehmen will, weil sie Mônicas Turn laut und bestimmt unterbricht. Sie fordert Mônica auf, mit ihrer Beschwerde Schluss zu machen. Zwei Sekunden nach der Äußerung von Roberto versucht Mônica noch einmal der Lehrerin zu melden, was Luciana gesagt hat. Die Lehrerin fragt Mônica jedoch, was sie gerade gesagt hat, um deutlich zu machen, dass sie von ihrer Beschwerde nichts wissen will. Daraufhin schweigt Mônica schließlich. Leandro scheint an dem Konflikt nicht interessiert zu sein. Er macht eine Bemerkung über die Helligkeit im Klassenzimmer. Die Lehrerin versucht wieder die Kontrolle über die Gruppe zu bekommen mit der Bitte, alle Schülerinnen und Schüler aller Klassen sollen bitte an die Tafel sehen.

144

In der Sequenz “schwarze Kuh” taucht die deutsche Sprache in einer neuen Unterrichtskonstellation auf. Die Kinder kennen die Regeln des Gebrauchs der Sprachen im Klassenzimmer. Wenn sie sich an die Lehrerin wenden, ist es notwendig, portugiesisch zu sprechen. Obwohl der Kontext der Interaktion in der Klasse von der akademischen Aufgabenstruktur und der sozialen Teilnahmestruktur eingeschränkt wird, gibt es immer Platz für etwas Neues, für die Improvisation (ERICKSON 1982).

Als Mônica sich an die Lehrerin wendet, befolgt sie die implizite Regel und beginnt ihren Turn auf Portugiesisch. Aber als sie die Beschimpfung durch die Mitschülerin (schwarze Kuh) meldet, wechselt sie durch die wörtliche Wiedergabe ins Deutsche, um die Äußerung der Mitschülerin zu zitieren. In diesem Kontext ist es wahrscheinlich wichtig, dass Mônica der Lehrerin wörtlich meldet, was Luciana gesagt hat, weil eine Übersetzung nicht denselben Effekt hätte. In Bezug auf die impliziten Regeln des Sprachgebrauchs im Klassenzimmer verwendet Mônica aber eine unerwartete Sprache.

Roberto scheint bewusst zu sein, dass die Lehrerin den Ausdruck (schwarze Kuh) nicht verstanden hat. Er merkt, dass die Mitschülerin eine abweichende Sprache verwendet und nimmt dann, nach Gafarangas (2007) Theorie, eine Korrektur der Sprache vor (*vaca preta*). Diese Korrektur funktioniert als ein Hilfsmittel, um den Sinn in der Interaktion aufzubauen. Außerdem kann Robertos Intervention noch eine andere Funktion haben. Er könnte vielleicht nicht nur eine Korrektur der Sprache vorgenommen haben, sondern auch beabsichtigt haben, die Beleidigung der Mitschülerin durch eine Wiederholung auf Portugiesisch hervorzuheben. Es ist schwer zu sagen, ob Roberto in diesem Moment gegen Mônica ist oder auf ihrer Seite steht und die Erwartung hat, dass die Lehrerin etwas gegen Luciana unternimmt und ihre Beleidigung tadelt. Auf jeden Fall unternimmt Roberto mit seiner Übersetzung einen Versuch, einen lokalen Sinn in der Interaktion aufzubauen, d.h. er versucht die Lehrerin als Mônicas Gesprächspartner einzubinden und ihr den unverständlichen Gesprächsinhalt zu vermitteln. Dadurch ist die Lehrerin in die Lage versetzt worden, auf Mônicas Turn reagieren zu können.

145

Die Beschimpfung “schwarze Kuh” hat in dieser Interaktion eine lokale Bedeutung. Ich vermute, dass Luciana - ebenso wie vielleicht auch andere Schüler - Mônica als einen “*outsider*” ansieht. Sie hat dunklere Haut und dunkles Haar, also einen anderen Phänotyp als die anderen Kinder der Klasse. Mônica hat schon selbst in der Klasse erzählt, dass sie ein Adoptivkind ist. Ich gehe davon aus, dass die Lehrerin eine gute Gelegenheit verpasst hat, um das Vorurteil der Kinder zur Diskussion zu stellen.

Darüber hinaus hätte die Lehrerin Mônicas Beitrag in den Unterricht einbauen können, um z.B. die Bedeutung des Ausdrucks “scharze Kuh” mit der portugiesischen Überstezung “*vaca preta*” zu vergleichen. Sie würde es damit erlauben, dass die Kinder ihr Sprachrepertoire im Unterricht benutzen und über den Gebrauch ihres Sprachrepertoires reflektieren können. Auch

wenn die Lehrerin kein deutsch kann, könnte sie viel mit der Sprache der Kinder machen, statt sie einfach zu ignorieren.

Im nächsten Ausschnitt bringt Roberto, das Kind, das vorher die Korrektur vorgenommen hat, das Deutsche in die Öffentlichkeit des Unterrichts. Aber seine Äußerung zeigt eine andere Facette des Deutschgebrauchs in der Klasse.

Zu Beginn des Mathematikunterrichts hat die Lehrerin die Multiplikation eingeführt. Nach der Erklärung hat sie ein paar Rechenaufgaben an die Tafel geschrieben und sie dann an der Tafel gelöst. Der folgende Ausschnitt gibt ein Gespräch zwischen der Lehrerin und den SchülerInnen während der Aufgabenkorrektur wieder.

Ausschnitt 5 – “Vierhundertvierundsechzig” (Audioaufnahme, 13/06/05) portugiesisch: kursiv, deutsch: fett, Übersetzung

01	Lehrerin:	<i>duas vezes dois dá quanto?</i>	
02		zwei mal zwei ist wieviel?	
03	Leandro:	<i>quatro</i>	
04		vier	
05	Luciana:	<i>quatro</i>	
06	Lehrerin:	<i>coloco o quatro aqui(--)</i> duas vezes três?= ich schreibe die vier hier hin	zwei mal drei?
07			
08	Guilherme:	= <i>seis</i>	
09		sechs	
10	Schüler:	<i>seis</i>	
11		sechs	
12	Lehrerin:	<i>coloco o seis aqui (--)</i> duas [<i>vezes</i> ich schreibe die sechs hier hin	zwei mal
13			
14	Schüler:	[<i>quatro</i> ,=	
15			vier
16	Lehrerin:	= <i>dois</i>	
17		zwei	
18	Schüler:	= <i>quatro</i>	
19		vier	
20	Lehrerin:	<i>quatro</i>	
21		vier	
22	Leandro:	<i>quatrocentos e sessenta e quatro</i>	
23		vierhundertvierundsechzig	

- 24 Roberto: =*quatrocentos e sessenta e quatro*
 25 vierhundertvierundsechzig
 26 Lehrerin: *é*
 27 ja
 → 28 Roberto: =**<<acc> vierhundertvier[undsechzig]**
 29 Lehrerin: [*alguém não entendeu?*
 30 *alguém não entendem?*
 31 hat das jemand nicht verstanden? hat das jemand nicht verstanden?

Zu Beginn der Sequenz fängt die Lehrerin mit der Lösung der Rechenaufgabe (2x2) an der Tafel an. Sie fragt die Kinder nach der Lösung für die erste Spalte der Rechenaufgabe (2x2). Leandro antwortet auf die Frage der Lehrerin (*quatro*, vier) und Luciana wiederholt die Lösung. Mit der Antwort der Kinder setzt die Lehrerin die Lösung der Aufgaben an der Tafel fort und sagt gleichzeitig den Kindern, was sie macht. Danach wiederholt sie die Prozedur mit der zweiten und der dritten Spalte und die Kinder beantworten die Fragen der Lehrerin, während sie die Lösung an die Tafel schreibt. Am Ende der Rechenaufgabe sagt Leandro das Endergebnis. Roberto wiederholt sofort das Resultat, und die Lehrerin bestätigt die Kinder. Im nächsten Turn wiederholt Roberto schnell - und ohne die Lautstärke zu ändern - das Resultat auf Deutsch. Die Lehrerin unterbricht Robertos Gesprächsschritt und fragt die Kinder, ob sie etwas nicht verstanden haben.

147

Die Sequenz “Vierhundertvierundsechzig” ist ein Beispiel einer interaktionalen Routine, die sehr vom Lehrinhalt des Faches bestimmt ist. Der Unterrichtsinhalt und die Aufgabe führen zu einer interaktionalen Sequenz, in der es üblich ist, dass die Lehrerin Fragen stellt und die SchülerInnen antworten. In der oben beschriebenen Unterrichtssequenz kann man die Struktur der Interaktion IRE (*Initiation-Response-Evaluation*) (MEHAN, 1979) identifizieren. Der dritte Teil dieser Struktur wird in der Sequenz mit der Bestätigung durch die Lehrerin nach der Antwort der Kinder ergänzt, wenn sie deren Antworten wiederholt. Anscheinend kennen die Kinder diese Routine gut, weil sie sofort antworten, auch wenn die Lehrerin noch dabei ist, ihre Frage zu formulieren.

Wie man erwarten kann, wird in dieser Sequenz portugiesisch gesprochen. Die Lehrerin leitet das Gespräch während der gesamten Arbeit und in solchen Situationen ist Portugiesisch stets die Interaktionssprache.

Trotz dieser Regel führt Roberto ein deutsches Wort ein. Wahrscheinlich wendet er sich nicht an die Lehrerin, weil er die Regel des

Sprachengebrauches kennt. Außerdem stellt er keine neue Frage, sondern wiederholt nur auf Deutsch das Resultat der Rechenaufgabe, die er schon auf Portugiesisch geäußert hat. Es kann auch sein, dass sich Roberto an seinen Mitschüler Leandro wendet, weil Leandro zuvor das Resultat auf Portugiesisch gesagt hatte. Deswegen gehe ich davon aus, dass der Deutschgebrauch in dieser Situation kein Beispiel für einen abweichenden Sprachgebrauch (GAFARANGA 2007) ist, der eine Korrektur brauchen würde. In der Gesprächskonstellation SchülerInnen → SchülerInnen ist es erlaubt, dass die beiden Sprachen (deutsch/portugiesisch) verwendet werden können.

Es lässt sich also sagen, dass das Auftauchen des Deutschen im öffentlichen Bereich des Unterrichts keine Konsequenz für den Ablauf des Unterrichts hat. Außerdem hat sich die Episode nicht auf die Unterrichtssprache (portugiesisch) ausgewirkt.

Der Gebrauch der deutschen Sprache in der Öffentlichkeit des Unterrichts sagt jedoch etwas über den Lernprozess der Kinder aus. Bei der Arbeit in der Klasse lernen die Kinder mit beiden Sprachen, obwohl die Regeln den Gebrauch des Portugiesischen bestimmt, d.h. beide Sprachen sind im Lernprozess präsent. Mit anderen Worten: Das Sprachrepertoire der mehrsprachigen Kinder ist im Lernprozess relevant. Diese Rolle sollte im Unterricht berücksichtigt werden, wie verschiedene Studien schon festgestellt haben (siehe u.a. MEHAN 1981; HAMEL 1989; MARTIN-JONES 1990; DIRIM 1998).

148

Der folgende Ausschnitt entstammt meinen Feldnotizen¹⁵, die ich in meinem Tagebuch notiert habe. Bei der Situation handelt es sich um eine Unterrichtsphase, in der die Lehrerin die Interaktion kontrolliert. In dieser Interaktion werden sowohl die Unterrichtssprache (portugiesisch) als auch die deutsche Sprache verwendet.

Ausschnitt 6 – “*Calo* vs. *Blase*” (Feldtagebuch, 03/03/2005)

Nach der Durchsicht der Hausaufgaben stellt die Lehrerin den Schülern die folgende Aufgabe: Mit verschiedenen nummerierten Silben, die von der Lehrerin an die Tafel geschrieben worden sind, sollen die Kinder gemäß der Nummerierung Wörter bilden. (...) Während die Kinder sich der Erledigung

¹⁵ Die Beobachtungen im Klassenzimmer haben im März 2005 begonnen. Erst nach einer Periode der Beobachtung habe ich die Möglichkeit gehabt, Video- und Audioaufnahmen zu machen. Deswegen habe ich keine Aufnahme der beschriebenen Situation.

der Aufgabe widmen, bildet Guilherme, Schüler der vierten Klasse, mit zwei nummerierten Silben das Wort “calo” (Blase). Er denkt, dass das Wort nicht richtig ist, weil er es nicht kennt. Die Lehrerin wundert sich zunächst über die Unkenntnis des Schülers. Danach fragt sie die anderen Kinder, ob jemand das Wort kennt. Einige Kinder melden sich. Die Lehrerin wendet sich an Marcos, Schüler der zweiten Klasse und bittet ihn, das Wort “calo” zu erklären. Da wendet sich Marcos an Guilherme und wechselt vom Portugiesischen, der Sprache der Interaktion bis zu diesem Moment, ins Deutsche. Er fragt seinen Mitschüler, ob er schon einmal eine Blase gehabt hat, als er mit Turnschuhen herumgelaufen ist. Nach der Erklärung auf Deutsch fragt die Lehrerin, die kein deutsch spricht, Guilherme, ob er das Wort jetzt verstanden hat. Der Junge sagt ja. Die Lehrerin will wissen, ob er das Wort wirklich verstanden hat und bittet Guilherme zu sagen, was er verstanden hat. Guilherme gibt der Lehrerin auf Portugiesisch einige Beispiele. In einem der Beispiele verwendet er dann das Wort jedoch in einem anderen Zusammenhang, in dem er das Wort “calo” auch für eine Brandblase verwendet. Auf Portugiesisch wird in diesem Sinn das Wort “bolha” und nicht “calo” verwendet. Die Lehrerin erklärt dann den Unterschied zwischen “calo” und “bolha”.

149

Der Ausschnitt “*Calo* vs. **Blase**” behandelt eine Phase des Portugiesischunterrichts, in dem die Schülerinnen und Schüler sich mit einer Aufgabe beschäftigen, und die Lehrerin sich den Problemen der Schüler widmet. Als Guilherme mit der Lehrerin interagiert, bildet sich eine Gesprächskonstellation, für die die Regel gilt, portugiesisch zu sprechen. Auf den Zweifel des Schülers reagiert die Lehrerin mit Erstaunen: Ein so einfaches Wort sollte der Junge eigentlich kennen. Sie gibt keine Erklärung, sondern fragt die anderen Kinder nach dem Wort “calo”. Möglicherweise wollte sie wissen, ob die anderen Schülerinnen und Schüler dieselben Zweifel haben. Auf die Frage der Lehrerin melden sich nur einige Kinder, d.h. die meisten Kinder kannten das Wort auf Portugiesisch auch nicht. Als die Lehrerin sich an Marcos wendet mit der Bitte, dass er das Wort Guilherme erklären soll, erlaubt sie damit, dass sich eine neue Gesprächskonstellation bildet.

Marcos wechselt die Sprache und signalisiert damit eine Veränderung des *footings* (GOFFMAN 2002). Er positioniert sich in der Interaktion als ein Teilnehmer der sozialen Gruppe der Mitschüler mit dem Ziel, die Bedeutung des Wortes “calo” seinem Mitschüler zu erklären. Er wählt die unerwartete Sprache, trotz des Hintergrundes der Interaktion: Klassenzimmer, Portugiesischunterricht, Anwesenheit und Kontrolle der Lehrerin, die kein Deutsch spricht.

Als Romaine (1995) Goffmans Begriff *footing* verwendet, hebt sie hervor, dass die Veränderungen des *footings* sich in einer Gesprächsinteraktion sprachlich und parasprachlich manifestieren können. Unter den sprachlichen Kennzeichen steht das Code-Switching.

Mit der Unterstützung durch Auers (1990, 1998) Theorie kann man das Code-Switching in dieser Situation als ein "*contextualization cue*" ansehen. Der Kontext, der aufgebaut wird, wird am Interaktionspartner in dieser Situation orientiert. Das Code-Switching von Marcos zeigt die Präferenz für diejenige Sprache, die sein Partner wahrscheinlich lieber spricht, nämlich die Sprache, die die Kinder in ihren Gesprächen untereinander natürlich benutzen. Die Beobachtung diverser Unterrichtsstunden erlaubt es zu sagen, dass Guilherme häufig deutsch verwendet, wenn er mit seinen Mitschülern spricht. Das teilnehmer-bezogene Code-Switching (AUER 1990, 1998) ins Deutsche dient als Strategie, um die lokale Bedeutung in der Interaktion aufzubauen. Marcos versucht, das Wort Blase einer wirklichen Erfahrung von Guilherme zuzuordnen. Beide Perspektiven lassen erkennen, was in dieser Interaktion passiert, nämlich wie die Kinder im Unterricht während des Lernprozesses mit ihren beiden Sprachen umgehen.

150

Und welche Haltung manifestiert die Lehrerin gegenüber dem Auftauchen des Deutschen im öffentlichen Bereich des Unterrichts? Die Lehrerin konnte offensichtlich den Beitrag des Schülers nicht einfach ignorieren. Sie musste sich positionieren, weil Marcos' Äußerung auch alle anderen Kinder betraf, die an der Interaktion teilgenommen haben. Die Lehrerin hat sich entschieden, den Beitrag des Schülers zu akzeptieren, aber sie war vielleicht unsicher wegen der Erklärung, die sie nicht verstehen konnte. Deswegen hat sie Guilherme gefragt, ob er Marcos' Erklärung verstanden hat. Auf diese Weise ist es ihr möglich, das Verständnis von Guilherme zu überprüfen und auch selbst Kenntnis über die Erklärung zu erlangen. Somit kann sie die Erklärung von Marcos noch vertiefen.

5. Fazit und Ausblick

Die Situation des Bilingualismus im dargestellten Immigrationsgebiet entspricht einer Phase, in der der deutsche Dialekt noch eine wichtige Rolle als Interaktionssprache/Verkehrssprache spielt. Wahrscheinlich ist die Tatsache, dass das Dorf in der ländlichen Zone einer Stadt liegt, relevant für das Beibehalten der Immigrantensprache über viele Generationen, vor allem während der Periode, in der die Immigrantensprachen verboten waren. Der deutsche Dialekt dient als Identitätssymbol der Gruppe, obwohl die

Bedeutung “Deutscher zu sein” heute in der Gemeinschaft eine andere ist als früher, weil Kultur kein stabiles und fixiertes Konzept ist, sondern dynamisch und empfindlich gegenüber Veränderungen, entsprechend dem *locus* der Interaktion.

Die Wichtigkeit der deutschen Sprache für die Minderheitengruppe kann man an der Tatsache erkennen, dass die Kinder noch heute zu Hause Deutsch lernen. Als ich im Forschungsfeld war konnte ich feststellen, dass viele Kinder des Kindergartens und auch sechsjährige Schüler nur deutsch sprechen können. Sie lernen demnach Portugiesisch erst in der Schule. Während die Evangelische Kirche die deutsche Sprache immer noch unterstützt, hat die Sprachpolitik des Bildungswesens für lange Zeit den Bilingualismus der Kinder nicht ernst genommen. Die gegenwärtige Veränderung der Sprachpolitik ermöglicht es den Kindern, Deutsch als Schriftsprache zu lernen, aber die Stellung des Deutschen im Klassenzimmer ist noch eingeschränkt und hat ihre Grenzen. In Hinsicht auf die Lehre im Allgemeinen kann man feststellen, dass die deutsche Sprache der Kinder in der Praxis keine große Bedeutung in der Erziehung hat, weil Deutsch offiziell nur in den Stunden des Deutschunterrichts, also zeitlich beschränkt vorkommt.

151

Der Sprachgebrauch von Schülerinnen und Schüler der Beobachtungsklasse orientiert sich an den Regeln, die mit den Gesprächskonstellationen zusammenhängen. Die zweisprachigen Kinder müssen lernen, ob, wann und mit wem sie ihre beiden Sprachen verwenden können beziehungsweise wann sie die Sprache wechseln müssen/können. Sie wissen z.B., dass in den Gesprächssequenzen, die die Lehrerin einführt, Portugiesisch gesprochen wird. In anderen Interaktionskonstellationen, in denen die Lehrerin nicht direkt engagiert ist, wird Deutsch und/oder Portugiesisch gesprochen.

Das Sprachverhalten der deutsch-brasilianischen Kinder signalisiert demnach, dass sie (i) während der Bearbeitung von Aufgaben in Gruppen oder in Paaren ihr gesamtes Sprachrepertoire aktivieren, dass (ii) die beiden Sprachen im Lernprozess vorhanden sind und dass (iii) die Sprachalternation verschiedene Funktionen erfüllen kann und keinen Mangel bezüglich der Sprachkompetenz der Sprecher darstellt.

Auf der Grundlage der hier vorgestellten Daten kann man zusammengefasst die folgenden interaktiven Funktionen der Sprachalternation bestätigen: “*negotiation*” der Sprache, (Ausschnitt 1); diskurs-

bezogenes Code-Switching (Ausschnitt 2); teinehmer-bezogenes Code-Switching und diskurs-bezogenes Code-Switching (Ausschnitt 3); Korrektur der Sprache (Ausschnitt 4); Veränderung des *footings* und teinehmer-bezogenes Code-Switching (Ausschnitt 6). In Ausschnitt 5 kann man daneben das Sprachrepertoire der Kinder im Lernprozess erkennen.

Obwohl die deutsche Sprache der Kinder in verschiedenen Unterrichtsphasen aufgetaucht ist, lässt sich sagen, dass diese Verwendung kaum direkte Auswirkungen auf den offiziellen Bereich des Unterrichts hatte, und zwar wegen der Haltung, die die Lehrerin gegenüber dem Gebrauch des Deutschen einnimmt. Meistens ignoriert sie den Gebrauch der deutschen Sprache. Nur in Sequenz 6 muss sie sich positionieren. Dieses Beispiel bestätigt die Wichtigkeit des Deutschen für die Minderheitengruppe und für den Lernprozess.

Man kann also die folgende Frage stellen: Wie kann die Lehrerin mit dem Deutsch der Kinder umgehen, wenn sie selbst kein Deutsch kann? Natürlich kann man nicht von ihr erwarten, dass sie Deutsch unterrichtet, aber ihre Haltung gegenüber der Sprache der Kinder ist sehr wichtig für das Lernmilieu, das im Klassenzimmer herrscht. Wenn die Sprache der Kinder meistens ignoriert wird, wird sie dadurch abgewertet. Für die Kinder kann diese Haltung der Lehrerin schädliche Folgen für den Lernprozess und bei der psychischen Entwicklung haben.

Wenn die Lehrerin andererseits versuchen würde, die deutsche Sprache der Kinder in den Unterricht einzubauen, würden die SchülerInnen merken, dass die Lehrerin eine positive Haltung gegenüber ihrer Sprache einnimmt und dass ihre Sprache im Klassenzimmer eine wichtige Stellung hat. Mit kleinen Positionierungen könnte die Lehrerin die Stellung der Sprache ändern und sie könnte mit den SchülerInnen zusammen mehr über die Gebrauchsweisen der beiden Sprachen lernen.

Aber die Lehrerin handelt so, als ob die deutsche Sprache der Gruppe keinen Wert hat und nur Probleme bei der portugiesischen Alphabetisierung verursacht. Deshalb versucht sie, die Muttersprache der Kinder vom öffentlichen Bereich des Unterrichts auszuschließen. Damit agiert die Lehrerin allerdings kohärent zu ihren Vorurteilen. Sie beabsichtigt die Stigmatisierung des deutschen Dialekts, so wie es in der Majoritätsgesellschaft gehandhabt wird. Sie versucht die sprachlichen Kenntnisse der Kinder zu ignorieren und ihren Lehrplan fortzusetzen, ohne dieser “unbekannten” Sprache gegenüberzutreten zu müssen.

Die vorliegende Arbeit ermöglicht es, einige Facetten des Sprachgebrauchs von zweisprachigen Kindern im Klassenzimmer einer monolingualen Schule kennenzulernen und zu verstehen. Damit das Bildungswesen für zweisprachige Kinder verbessert werden kann, ist es wichtig, dass der Bilingualismus der Kinder erkannt und in der Schule thematisiert wird. Um dieses Ziel zu erreichen, ist es nötig, dass das Thema Bilingualismus und die anderen Themen, die in Zusammenhang mit ihm stehen (unter anderem Code-Switching, sprachliche Vorurteile, Entlehnungen, zweisprachige Erziehung, bilinguale Konversation und Interaktion) in der Lehrerausbildung unter einer sozialen und funktionellen Perspektive problematisiert werden, und die Zweisprachigkeit der Minderheitengruppen in Brasilien weiter untersucht wird. In diesem spezifischen Kontext gibt es noch viele offene Fragen, die noch untersucht werden sollten, z.B. welche Merkmale das Gespräch der Eltern und das Gespräch der Eltern mit den Kindern zu Hause trägt. Welche Haltung haben die Eltern gegenüber dem Gebrauch des Portugiesischen im familiären Bereich, gegenüber dem Gebrauch des Deutschen in der Schule und gegenüber dem Code-Switching im Allgemeinen?

153

Anhang

Konventionen der Transkription¹⁶

- [] Überlappungen und Simultansprechen
- = schneller, unmittelbarer Anschluß neuer Turns oder Einheiten
- (.) Mikropause
- (--) Pause von ca. 0.75 Sek. Bis ca. 2.0 Sek.
- (3.0) geschätzte Pause
- :: Dehnung
- , mittel steigende Tonhöhenbewegung am Einheitenende
- ? hoch steigende Tonhöhenbewegung am Einheitenende
- ; mittel fallende Tonhöhenbewegung am Einheitenende
- ((hustet)) para- und außersprachliche Handlungen u. Ereignisse
- <<hustend> > sprachbegleitende para- und außersprachliche Handlungen u. Ereignisse mit Reichweite
- () unverständliche Passage
- (solche) vermuteter Wortlaut
- (...) Auslassung im Transkript

¹⁶ Die Konventionen der Transkription wurden von Selting *et alli* (1998) angepasst.

akZENT Primär- bzw. Hauptakzent
ak!ZENT! extra starker Akzent
↑↓ Auffällige Tonhöhen sprünge nach oben/nach unten
<<acc> > *accelerando*, schneller werdendes Gespräch
<<f> > *forte*, lautes Gespräch
→ relevante Passage

Literaturverzeichnis

ACHARD, Pierre. “Um ideal monolíngüe”. In: VERMES, G.; BOUTET, J. (Hg.): *Multilingüismo*. Campinas, Editora da Unicamp 1989.

AUER, Peter. “A discussion paper on code alternation”. *Paper for the Workshop on Concepts, Methodology and Data*, Basel, January 1990. (European Science Foundation Network on Codeswitching and Language Contact), European Science Foundation, Strasbourg, France 1990, 69-87.

AUER, Peter. *Code-switching in Conversation: Language, Interaction and Identity*. London, Routledge 1998.

154

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. *A crise do indigenismo*. Campinas, Editora da Unicamp 1988.

CAVALCANTI, Marilda C. “Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil”. In: *DELTA*, número especial, 15/1999, 385-418.

DIRIM, Inci. “*Var mi lan Marmelade?*”: *Türkisch-deutscher Sprachkontakt in einer Grundschulklasse*. Münster/New York/München/Berlin, Waxmann 1998.

ERICKSON, Frederick. “Classroom discourse as improvisation: relationships between academic task structure and social participation structure in lessons”. In: *Communicating in the classroom*. New York, Academic Press 1982, 153-181.

ERICKSON, Frederick. “What makes school ethnography ‘ethnographic?’” *Antropology and Education Quartely* 15/1984, 51-66.

ERICKSON, Frederick. “Ethnographic Description”. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (Hg.): *Sociolinguistics: an*

international Handbook of Science of Language and Society. Berlin/New York, Walter de Gruyter 1988, 1081-1095.

FERGUSON, C. A. “Diglossia”. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1959].

FREEMAN, Rebecca. D. *Bilingual education and social change*. Clevedon, Multilingual Matters LTD 1998.

GAFARANGA, Joseph. “Code-switching as a conversational strategy”. In: AUER, P.; WEI, L. (Hg.): *Handbook of Multilingualism and Multilingual Communication*. Berlin, Mouton de Gruyter 2007, 267-301.

GOFFMAN, Erving. “Footing”. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M (Hg.): *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola 2002, 107-148.

GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge/ Mass, Harvard University Press 1982.

GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University Press 1982.

GUMPERZ, John J. “Response essay”. In: EERDMANS, S. L.; PREVIGNANO, C. L.; TRIBAULT, P. J. (Hg.): *Language and interaction: discussions with John J. Gumperz*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company 2002.

155

HAMEL, Rainer Enrique. “Determinantes sociolingüísticas de la educación indígena bilingüe”. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada* 14/1989, 15-66.

HORNBERGER, Nancy H. “Extending enrichment bilingual education: Revisiting typologies and redirecting policy”. In: GARCIA O. (Hg.) *Bilingual Education Focusschrift in Honor of Joshua A. Fishman*. Philadelphia, John Benjamins 1991.

MARTIN-JONES, Marilyn. “Code-switching in the classroom: a discussion document”. In: *European Science foundation: network on code-switching and language contact*. Papers for the workshop on impact and consequences: Broader considerations. Brüssel, November 1990.

MEHAN, Hugh. *Learning lessons: social organization in the classroom*. Cambridge, MA, Harvard University Press 1979.

MEHAN, Hugh. “Ethnography of bilingual education”. In: TRUEBA, H. T.; GUTHRIE, G. P.; AU, K. H. (Hg.): *Culture in the bilingual classroom*. Rowley, MA, Newbury 1981, 36-55.

- MEJÍA, Anne-Marie. *Power, prestige and bilingualism: international perspectives on elite bilingual education*. Clevedon/Buffalo/Toronto/Sidney, Multilingual Matters 2002.
- OLIVEIRA, Gilvan M. “Brasileiro fala português: monolinguismo e preconceito lingüístico”. In: SILVA, F. L.; MOURA, H. M. M. (Hg.): *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis, Editora Insular 2002, 83-92.
- ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. Oxford, Blackwell 1995.
- SELTING, Margret; AUER, Peter; BARDEN, Birgit; BERGMAN, Jörg; COUPER-KUHLEN, Elisabeth; GÜNTNER, Susanne; MEIER, Christoph; QUASTHOFF, Uta; SCHLOBINSKI, Peter; UHMANN, Susanne. Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem (GAT). In: *Linguistische Berichte* 34/1998, 91-122.
- STREET, Brian. *Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. London and New York, Longman 1995.

Onomatopéias e interjeições em histórias em quadrinhos em língua alemã

Selma Meireles*

Abstract: Interjections and onomatopoeia receive very little attention from language studies, and grammars and dictionaries very often restrict themselves to presenting a stereotypical definition and a few examples. Loathed in traditional literature, such expressions found their “natural habitat” in comics, where they became indispensable to the language of this genre. This short experiment about interjections and onomatopoeia in mangas (Japanese comics) translated into German and Brazilian Portuguese shows that, although there are basic phonetic patterns common to both languages according to what they refer to, the found interjections and onomatopoeia differ a lot, which stresses their condition as linguistic signs, even if distinct from other lexical elements.

Keywords: interjections; onomatopoeia; comics; mangas; German; Brazilian Portuguese

Resumo: Interjeições e onomatopéias recebem pouca atenção dentro dos estudos lingüísticos, e gramáticas e dicionários freqüentemente restringem-se a apresentar uma definição estereotipada e alguns poucos exemplos. Desprezadas pela literatura tradicional, essas expressões encontram seu "habitat natural" nas histórias em quadrinhos, nas quais se tornam elementos imprescindíveis da linguagem própria desse gênero textual. Este breve experimento sobre interjeições e onomatopéias presentes em mangás (histórias em quadrinhos japonesas) traduzidos para alemão e português mostra que, embora haja padrões fonéticos básicos comuns de acordo com o que representam (riso, passos etc.), as interjeições e onomatopéias da amostra diferem muito em ambas as línguas, o que ressalta sua condição de signos lingüísticos, mesmo que diferenciados em relação aos demais elementos do léxico.

Palavras-chave: interjeições; onomatopéias; histórias em quadrinhos; mangás; alemão; português do Brasil.

Zusammenfassung: Interjektionen und Onomatopöien wird sehr wenig Aufmerksamkeit von Sprachforschern geschenkt, und Grammatiken und Wörterbücher beschränken sich oft auf eine stereotypierte Definition und wenige Beispiele. Von der traditionellen Literatur verachtet, fanden solche Ausdrücke ihren wahren Platz im Comic und wurden zu unentbehrlichen Elementen dieses textuellen Codes. Dieses kleine Experiment mit ins Deutsche und brasilianische Portugiesisch übersetzten Mangas (japanischen Comics) zeigt, dass solche Elemente trotz gemeinsamer phonetischer Grundmuster je nach dargestelltem Ereignis (Schmerz, Lachen, Schritte usw.) große Unterschiede in beiden Sprachen aufweisen, was ihre Stellung als Sprachzeichen bestärkt, auch wenn sie sich von anderen Elementen des Lexikon differenzieren.

Stichwörter: Interjektionen; Onomatopöien; Comics; Manga; Deutsch; brasilianisches Portugiesisch

*Professora doutora do Departamento de Letras Modernas/FFLCH da Universidade de São Paulo - selmamm@usp.br

Introdução

Embora quase todos nós saibamos o que são histórias em quadrinhos, ainda não há uma definição unânime e decisiva para elas. Contudo, se entendemos “linguagem” como um sistema de signos e regras, direcionado principalmente à comunicação humana, é indiscutível o fato de que elas representam uma linguagem característica.

O estudioso italiano de quadrinhos Daniele BARBIERI (cf. 1998) vê nelas uma interação entre estruturas gráficas, lingüísticas e narrativas. Podemos então dizer que os quadrinhos são uma linguagem que utiliza elementos gráficos e textuais, em maior ou menor proporção, combinando-os de maneira harmoniosa e indissolúvel.

Em qualquer linguagem, muito do que se percebe ou se comunica não está explícito. A linguagem dos quadrinhos, assim como a linguagem verbal, por exemplo, seleciona e apresenta símbolos concretos (seqüências de sons, letras ou palavras) que servem como “pistas” para que o receptor complete as informações a partir de suas experiências prévias, do seu conhecimento do mundo e da linguagem em questão. No caso de um conto, por exemplo, o escritor seleciona as palavras, construções sintáticas e estruturas narrativas que lhe pareçam mais apropriadas para atingir os seus objetivos estéticos. O mesmo vale para o autor de histórias em quadrinhos, que precisa utilizar, da forma mais efetiva, os elementos dos quais dispõe.

Temos aqui as bases do que Umberto ECO (cf. 2004: 144-150) denomina “semântica e sintaxe” dos quadrinhos: a semântica se revela através de diversos aspectos formais convencionais, válidos apenas dentro do universo dos quadrinhos, como o uso de balões, metáforas visuais, onomatopéias, a direção de leitura das seqüências de quadrinhos, ou enfim, o acordo tácito de que aquilo que ali está deve ser aceito e interpretado como uma seqüência narrativa. A sintaxe estaria nas relações entre os diversos quadros e na montagem dos elementos dentro deles.

Entre os elementos mais característicos dos quadrinhos estão as interjeições e onomatopéias, a visualização de sons paralingüísticos e ambientais que, assim como os efeitos sonoros do cinema, são indispensáveis para a elaboração da sua mensagem. Com pouca expressão na literatura tradicional, na qual se prioriza a descrição dos ruídos (como, por exemplo, em: “o telefone tocava” ou “um cão latia”), as onomatopéias encontraram seu “habitat natural” nas histórias em quadrinhos, onde assumem várias funções além de representar

sons e ruídos: elas também podem criar um "fundo emocional", à semelhança da trilha sonora nos filmes, ou ainda servir como elemento de direcionamento da leitura.

A representação gráfica de sons e ruídos nos quadrinhos é essencial para a ambientação da trama e acabou por desenvolver características específicas, resultando num código próprio de leitura que mescla elementos icônicos e convencionais.

Onomatopéias e interjeições nas histórias em quadrinhos

Apesar de largamente utilizadas na linguagem oral cotidiana, a linguagem culta e escrita abomina onomatopéias, que estão quase completamente ausentes da literatura convencional, com algumas poucas exceções (entre as quais *Ulysses* de Joyce e narrativas de Wolfgang BORCHERT), apesar de encontradas em textos de canções (como em Wagner - cf. HAVLIK 1981:7). Ao contrário do que acontece na literatura, nas histórias em quadrinhos as onomatopéias não são elementos raros e marginalizados, mas sim parte importante da linguagem, tanto que, hoje em dia, é praticamente impossível pensar em onomatopéias sem pensar em quadrinhos, e o mesmo é válido para as interjeições.

159

Encontram-se nas histórias em quadrinhos não apenas as onomatopéias “tradicionais”, como as vozes dos animais e sons característicos de aparelhos, mas também e predominantemente ruídos que acompanham e sublinham a ação, emprestando-lhe uma maior dramaticidade. Principalmente devido às histórias em quadrinhos de super-heróis americanas temos aqui as já consagradas onomatopéias de socos, chutes e impactos diversos (*pow*, *crash*, *bang*), que passaram a fazer parte da linguagem falada de leitores do gênero e foram inteligentemente satirizadas e imortalizadas na série televisiva *Batman* da década de 1960.

A diversificação dos temas e da narrativa das histórias em quadrinhos levou à necessidade de reprodução de sons mais diversificados e à geração de novas onomatopéias. Sons ambientais “naturais” como o do vento, água corrente, folhas farfalhando ou o barulho de aparelhos, máquinas e motores que nos circundam nas cidades passaram a ser representados de diversas formas, assim como são percebidos diferentemente em cada ocasião e em relação com o seu papel na trama, contribuindo para o que LEHMANN (1998) denomina “paisagens sonoras” (*Klanglandschaften*), que são tão social e culturalmente típicas e marcantes como qualquer paisagem visual.

A onomatopéia em histórias em quadrinhos tem características que abrangem representação icônica, em termos da forma da grafia, e características grafêmicas, fonotáticas e fonéticas da língua em questão. Desse modo, as onomatopéias em histórias em quadrinhos podem ser vistas como elementos que integram o som, a língua e a imagem, devido a dois processos simultâneos de representação: a escrita e a gráfica, criando uma verdadeira “sintaxe” visual.

Ainda que os diferentes sons da natureza possam ser “objetivamente” fixados e analisados fisicamente, o ser humano, ao tentar reproduzir um determinado som, “filtra-o” através de uma percepção acústica moldada por sua língua. Um exemplo clássico são as várias onomatopéias para o canto do galo em diversas línguas, como por exemplo: *cocoricó* em português, *kikeriki* em alemão e *cock-a-doodle-doo* em inglês. Mesmo imaginando que os galos cantem de maneira diferente em diferentes países, o falante de uma determinada língua utilizará sempre a onomatopéia consagrada nessa língua para se referir a qualquer canto de galo “normal”, ainda que ele possa distinguir acusticamente diferenças entre os vários indivíduos.

Assim, as onomatopéias não são totalmente icônicas no sentido de que buscam apenas reproduzir o som em questão. Essa parece ser a sua “raiz”, como se pode perceber na criação de novas onomatopéias ainda não inteiramente consagradas e convencionalizadas, nas quais ainda se faz necessário recorrer ao material fonético. Contudo, quando uma onomatopéia se integra ao sistema da língua, ela passa a ser decodificada como qualquer outro lexema, como uma unidade lexical.

Outro filtro lingüístico que se aplica à “análise” dos sons para a criação de onomatopéias são as características de cada língua. Os sons são organizados em sílabas, como mostra o exemplo anterior do canto do galo, o qual é apresentado em quatro sílabas, no alemão e no português, ou em cinco, no caso do inglês, o que reforça a arbitrariedade da interpretação do material sonoro. O tamanho e a constituição das sílabas obedece geralmente ao sistema fonotático da língua. No entanto, a representação de ruídos obriga a algumas concessões, de modo que as onomatopéias freqüentemente apresentam combinações não usuais de fonemas, ou sílabas incomuns na língua em questão.

Nas histórias em quadrinhos, as características gráficas das letras usadas para grafar a onomatopéia são pertinentes à sua decodificação: a forma e tamanho das letras de uma onomatopéia são parte integrante de seu efeito no leitor, o que em alemão é denominado pelo termo “grafoestilístico” (*graphostilistisch*), referente a características gráficas pertinentes utilizadas na

visualização de sons e emoções. Onomatopéias e interjeições são escritas normalmente em letras maiúsculas e o seu tamanho relativo indica o volume ou a intensidade do som. O local onde uma onomatopéia se encontra dentro da imagem é idêntico com o lugar e o momento onde ocorre o som ou ruído, tanto, que a onomatopéia chega a ser adaptada espacialmente ao som em duração e direção. Vários painéis podem ser ligados por uma onomatopéia, que se torna então um fator temporal.

Ainda são poucos os estudos lingüísticos dedicados às histórias em quadrinhos e, mais especificamente, às onomatopéias e interjeições nesse contexto. Uma das poucas publicações dedicadas inteiramente às onomatopéias em quadrinhos é o *Lexikon der Onomatopöien* (HAVLIK 1981). Em suas 263 páginas encontram-se, além de um extenso glossário de onomatopéias em língua alemã, inglesa e francesa, uma ótima introdução sobre sua forma e função em histórias em quadrinhos.

Em sua introdução, o *Lexikon* relembra que no início das histórias em quadrinhos texto e imagem eram separados, como se pode ver ainda hoje em séries como *Tarzan* ou *Príncipe Valente*. Com a introdução dos balões deu-se o passo decisivo para tornar os quadros acusticamente vivos, ao relacionar ótica e espacialmente as palavras àqueles que as proferiam. Conseqüentemente, precisou-se achar um meio de representar também ruídos na imagem. A fim de evitar a introdução de uma nova simbologia (como a usada para a notação musical), era necessário fazê-lo através da escrita convencional. Apesar de praticamente não haver limites para os autores de histórias em quadrinhos na criação de novas onomatopéias, um conjunto de regras próprias acabou se desenvolvendo, derivadas da escrita em cada língua e da sua integração com o desenho. Assim, para as onomatopéias e interjeições nas histórias em quadrinhos interessa menos a reprodução o mais realista possível do som do que o modo como tal representação deve ser expressa através da escrita (cf. HAVLIK 1981: 8ss).

Fora das histórias em quadrinhos, as onomatopéias e interjeições recebem muito pouca atenção dentro dos estudos da linguagem, sendo tratadas até mesmo "com desprezo" (*stiefmütterlich*), segundo KÜHN (1979: 289). As gramáticas e dicionários dedicam poucas linhas a elas, e parecem repetir uma mesma definição, a qual é, na maioria das vezes, reducionista, especialmente no caso das onomatopéias. As interjeições recebem um tratamento mais detalhado, mas ainda assim bastante vago. Vejamos agora alguns exemplos do tratamento dispensado às onomatopéias e interjeições em gramáticas e dicionários do

alemão e do português do Brasil.

Interjeições em dicionários e gramáticas brasileiros e alemães

O *Dicionário Houaiss* (2002) define interjeição como:

palavra invariável ou sintagma que, com entonação peculiar, geralmente sem combinar-se gramaticalmente com elementos da oração, formam, por si sós, frases que exprimem uma emoção, uma sensação, uma ordem, um apelo ou descrevem um ruído (p.ex.: *psiu!, oh!, coragem!, meu Deus!*).

Em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, Evanildo Bechara define interjeições como “[...] a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos” (BECHARA, 1999: 330). Apresenta também uma lista de 15 situações e as interjeições mais comuns para cada uma delas (ex.: de exclamação: *viva!*; de admiração: *ah! oh!*; de dor física: *ai! ui!*; de satisfação: *upa! oba! opa!* etc.).

Mattoso Câmara, em seu *Dicionário de Lingüística e Gramática*, define interjeição como uma:

palavra que traduz, de um modo vivo, os estados d’alma. É uma verdadeira palavra-frase, pela qual o falante, impregnado de emoção, procura exprimir seu estado psíquico num momento súbito, em vez de se exprimir por uma frase logicamente organizada” (CÂMARA JR. 1977:147).

162

Matoso identifica três tipos de interjeições (cf. id.ib):

- a) certos sons vocálicos, que na escrita se representam de uma maneira convencional fixa; ex.: *ah!* (onde a letra h em posição final marca uma aspiração pós-vocálica, que só aparece em português nesses casos)
- b) verdadeiros vocábulos, já no domínio da língua; ex.: *arre! – olá!*;
- c) uma locução interjetiva; ex.: *ora bolas! – valha-me Deus!*

O *Dicionário de Lingüística* de **Dubois** tem uma definição semelhante, incluindo várias classes de palavras:

Chama-se interjeição uma palavra invariável, isolada, que forma uma frase por si mesma [...] e que exprime uma reação afetiva viva: onomatopéias (*ah, oh, etc.*), substantivos, (*céus, Deus, diacho*), advérbios (*bem, etc.*), locuções adverbiais (*ora bolas! valha-me Deus etc.*). (DUBOIS et alii 1998: 349)

Essa multiplicidade de classes de palavras dentro das interjeições é detalhada pelo *Dicionário Houaiss*, que afirma haver interjeições de vários tipos ou ‘níveis’ vocabulares: aquelas que ocorrem de modo mais ou menos espontâneo e que não derivam de outras palavras, e palavras cujo uso interjetivo é um desenvolvimento ou derivação do conteúdo semântico e da função

sintática da palavra ou expressão de origem (p.ex., *tomara* [< v. *tomar*]; *oxalá* – cf. HOUAISS 2002). Considerando apenas as interjeições não derivadas de outras palavras, é sugerida a seguinte subdivisão:

- a) as que praticamente não apresentam caráter vocabular, por serem constituídas de sons inarticulados ou por seqüências de fonemas que não ocorrem em outras palavras. [ex. *hm!*]
- b) aquelas que apresentam sons articulados, com fonemas que fazem parte do sistema da língua (*ai, eba, ei, epa, oba, opa, ui, xi* etc.) e cujo caráter vocabular é mais definido, tendo uso bastante generalizado e convencionalizado, embora algumas guardem espontaneidade e expressividade bastante marcadas, como *ai* e *ui* (gritos de dor, excitação). Este tipo de interjeição incorpora-se, de certo modo, ao repertório comunicativo da língua, passando a fazer parte do vocabulário desta [...] (id.)

Do lado alemão, não há grandes diferenças em relação ao apresentado em português.

Para o *Duden Universalwörterbuch* (2003), interjeições são enunciados sonoros semelhantes a palavras, geralmente sintaticamente isolados, com os quais se expressam sensações ou exortações ou se imitam sons. Também são chamadas *Ausrufewort* ou *Empfindungswort*, tendo como exemplos *oh, pfui, pst, muh*.

163

A *Duden Grammatik* (2005) apresenta onomatopéias e interjeições como duas subclasses das partículas. No caso das interjeições ou partículas expressivas, elas são definidas como a expressão de emoções espontâneas, reativas, ou de valoração de um conteúdo, podendo conter sons ou combinações de fones que não são comuns em outras palavras alemãs. Algumas podem, de acordo com a entoação, expressar diversas sensações e valorações.

Em sua *Deutsche Grammatik*, Ulrich Engel também contempla as interjeições entre as partículas e complementa o que já foi apresentado com a observação de que elas servem primeiramente à expressão de sensações corporais e estados de espírito e são freqüentemente imitativas de sons. Em vista disso, pergunta-se se as interjeições devem realmente ser consideradas como palavras alemãs, deixando, porém, a questão em aberto (ENGEL 1988: 773).

A questão de se as interjeições devem ou não ser consideradas como palavras, apontada por Engel, torna-se ainda mais aguda no caso das onomatopéias.

A origem da palavra *onomatopéia* está nas palavras gregas *onoma* (nome) e *poëin*, (criar), o que poderia ser traduzido literalmente como “criar nomes”, sendo usada atualmente para denominar expressões que reproduzem sons e

ruídos (HAVLIK, 1981: 7). No entanto, essa característica de reprodução de fenômenos sonoros se apresenta como um grande empecilho para a integração das onomatopéias no sistema lingüístico, por questionar uma de suas bases: a arbitrariedade do signo.

O *Lexikon der Onomatopöien* apresenta a questão de forma bastante clara:

Uma característica básica das palavras é a sua arbitrariedade. Isso significa que a relação entre a forma do signo, seu significado e o estado de coisas ao qual ele se refere é aleatória. [...] Da mera seqüência de sons não se depreende nenhuma ligação com o estado de coisas designado.

Agora, nas onomatopéias propriamente ditas há claramente uma ligação entre sua forma e seu referente, a qual é sempre um fenômeno acústico: a similaridade fonética! Em vista deste pressuposto, a arbitrariedade das onomatopéias é claramente restringida. [...] (cf. HAVLIK 1981: 39)¹

Mesmo assim, observa que o dicionário *DUDEN* contém mais de 180 palavras que podem ser consideradas onomatopéias. Apesar da polêmica lingüística, a maioria das fontes consultadas considera as onomatopéias como unidades lexicais, embora com características diferenciadas.

O *Duden - Universalwörterbuch* define a onomatopéia (*Onomatopoeikum*) como uma palavra que imita ou representa o som, utilizando o adjetivo *lautmalend* (aproximadamente "pintar/desenhar com sons"). A palavra germânica para o processo de formações de tais palavras é *Lautmalerei*, definida como a reprodução de sons naturais ou assemelhados através de fones que soam de modo semelhante (cf. DUDEN 2003).

Como já mencionado, as gramáticas do alemão consideram onomatopéias como partículas. Para a *Duden Grammatik*, as onomatopéias são palavras representativas que servem primeiramente à imitação de sons e fenômenos sonoros de vários tipos, como o canto do galo: *kikeriki*, o latido do cachorro: *wau, wau; wuf wuf*, estouro ou tiro: *peng, boing*; relógio: *ticketack* etc. Observa ainda que em histórias em quadrinhos há um grande número de onomatopéias, geralmente pouco convencionalizadas, cuja função consiste menos na expressão de emoções do que na pura reprodução do som. Também faz menção à estrutura das onomatopéias, afirmando que elas podem ser – de acordo com a base sonora a ser imitada – estendidas, duplicadas ou reduplicadas (cf. DUDEN 2005: 606).

¹ Eine Grundeigenschaft von Wörtern ist deren Arbitrarität. Darunter versteht man, dass die Zuordnung zwischen dem Zeichenkörper, dessen Bedeutung und dem Sachverhalt, auf den das Wort verweist, beliebig ist. [...] Aus der bloßen Lautfolge der Wörter ergibt sich kein Zusammenhang mit dem bezeichneten Sachverhalt. Nun existiert bei den eigentlichen Onpos sehr wohl ein solcher Zusammenhang zwischen Zeichenkörper und dem Sachverhalt, der hier stets eine akustische Erscheinung ist: die phonetische Ähnlichkeit! Durch diese Forderung wird die Arbitrarität der Onpos deutlich eingeschränkt. (HAVLIK 1981: 39 – todas as traduções de trechos citados são de minha autoria).

Observa também que em histórias em quadrinhos há um grande número de onomatopéias, geralmente pouco convencionalizadas, cuja função consiste menos da expressão de emoções do que da pura reprodução do som. Também faz menção à estrutura das onomatopéias, afirmando que elas podem ser – de acordo com a base sonora a ser imitada – estendidas, duplicadas ou reduplicadas (id.).

O dicionário *Houaiss* observa que as onomatopéias são geralmente consideradas signos motivados, i.e., que têm relação objetiva - e não apenas arbitrária - com aquilo que significam (por evocação). O dicionário apresenta duas acepções para onomatopéia: a formação de uma palavra a partir da reprodução aproximada, com os recursos de que a língua dispõe, de um som natural a ela associado, e a palavra assim formada (p.ex.: *pum*, *tiquetaque*, *atchim*, *chua-chua*, *zumzum* etc.). Faz notar ainda que, embora sejam um recurso expressivo associado à linguagem, as onomatopéias diferenciam-se das interjeições por não traduzirem um estado emocional (cf. HOUAISS 2002).

Também Matoso Câmara salienta que na onomatopéia "não se trata de imitação fiel e direta do ruído, mas da sua interpretação aproximada com os meios que a língua fornece" (CÂMARA JR. 1953: 59). Matoso observa ainda que a estrutura fonológica das onomatopéias apresenta muitas vezes traços especiais: são em regra monossílabos, frequentemente com reduplicação, acompanhada ou não de alternância vocálica; ex.: *tique-taque*, *toque-toque* (id.).

O dicionário *Houaiss* distingue entre *onomatopéias não lingüísticas* (aquelas que imitam ou procuram imitar, mais ou menos fielmente, os sons do mundo com o aparelho fonador, sem necessariamente articularem a emissão vocal da maneira usualmente empregada. na língua) e *onomatopéias lingüísticas* (integradas ao sistema fonológico, tendo por isso uma semelhança apenas aproximativa e histórica e culturalmente cambiante com os sons imitados). A obra sugere uma distinção semelhante entre representações gráficas de onomatopéias: há aquelas que seguem certas convenções ou regularidades ortográficas da língua (*blém-blém*; *bibi-fonfom*) e as usadas ou criadas *ad hoc* (*o motor falhou: fffrttoct* – cf. HOUAISS 2002).

O *Dicionário de Lingüística* de Dubois também faz considerações sobre a integração das onomatopéias no léxico de uma língua:

a onomatopéia se integra no sistema fonológico da língua considerada; todos os fonemas de *cocoricó*, *tique-taque*, *au-au* são portugueses, mesmo se sua disposição difere um pouco das combinações mais freqüentes da língua. Além disso, a onomatopéia constitui uma unidade lingüística suscetível de um funcionamento em língua, marcada por um sistema de distribuição e de

marcas: dir-se-ão *uns cocoricós, um au-au agressivo*; eventualmente, derivados serão possíveis: um neologismo *cocoricar* receberá facilmente uma interpretação semântica (DUBOIS et alii 1998: 442).

Dos dicionários e gramáticas citados, em ambas as línguas, a versão eletrônica do dicionário *Houaiss* é a que dedica mais espaço e apresenta maiores detalhes em relação às onomatopéias e interjeições. No entanto, encontra-se nessa obra o seguinte comentário:

[...] observa-se, em tempos recentes, uso de empréstimos ou adaptações de palavras onomatopaicas do inglês; esse tipo de influência, bem característico da relação entre cultura dominante e dominada, ocorre também na grafia [...], pois verifica-se principalmente em histórias em quadrinhos, meio que por excelência faz uso escrito de onomatopéias, e em arte pop. (HOUAISS 2002)

Esta observação é muito pouco feliz, pois tenta reduzir um fato lingüístico a um viés sociológico. Como já mencionamos, antes das histórias em quadrinhos, o papel das onomatopéias era muito restrito, mas nelas, as onomatopéias são fundamentais para a ilusão de realidade de uma cena se desenrolando em tempo real em frente ao leitor. Desse modo, é compreensível que grande parte das onomatopéias atuais tenha sido motivada por seu uso em histórias em quadrinhos.

166

Considerando-se que as histórias em quadrinhos americanas, por diversas razões editoriais, foram por longo tempo as mais difundidas no mundo ocidental, é de se esperar que onomatopéias que não existiam no português fossem “importadas” do inglês, já que essa é a motivação de qualquer empréstimo lingüístico: denominar algo para o qual não havia previamente uma palavra na língua em questão. Assim, era de se esperar que tais onomatopéias fossem assimiladas a partir das histórias em quadrinhos americanas.

Se o simples empréstimo lingüístico caracterizasse uma relação de dominação, o fato de o Brasil ter assimilado palavras de origem africana ou indígena caracterizaria as culturas africana e indígena como dominantes, ou ainda, o empréstimo de palavras brasileiras em Portugal faria do Brasil uma cultura dominante em relação àquele país. Se esse claramente não é o caso, então, por que a assimilação de onomatopéias americanas denotaria uma relação “característica de cultura dominante e dominada”?

Observações como a do *Houaiss* refletem, a meu ver, um dos grandes entraves à pesquisa acadêmica das histórias em quadrinhos: ainda há vários preconceitos quanto a essa linguagem, sendo freqüentemente difícil distanciar-se de convicções pessoais e análise sócio-cultural e fixar-se apenas

nos fenômenos próprios dessa linguagem. Felizmente, o estudo acadêmico das histórias em quadrinhos tem mostrado avanços significativos na última década.

Esse pequeno panorama das interjeições e onomatopéias em gramáticas e dicionários do alemão e do português nos permite chegar às seguintes conclusões preliminares:

1. Onomatopéias são expressões que espelham a relação entre sua forma e seu significado, através da similaridade fonética com o fenômeno acústico que as motivou. Esse traço é compartilhado com as interjeições sem caráter vocabular, ou seja, que não são derivadas de palavras já existentes na língua.
2. Contudo, enquanto as interjeições são expressões de um estado de espírito do falante que as emitiu, podendo consistir tanto de sons inarticulados como de palavras já existentes na língua em questão, as onomatopéias são resultado de um processo de representação de sons de natureza diversa através dos fones de uma língua, reproduzindo-os e integrando-os à linguagem oral ou escrita.
3. Enquanto as interjeições são freqüentemente reconhecidas como parte do sistema de uma determinada língua, as onomatopéias são geralmente vistas como soluções *ad hoc* e/ou empréstimos ligados a um contexto específico, neste caso, as histórias em quadrinhos.

167

Do ponto de vista de seu significado, as possibilidades de utilização de interjeições e onomatopéias são muito maiores em relação às palavras convencionais. O *Lexikon der Onomatopöien*, por exemplo, apresenta uma grande quantidade de expressões diversas de sentido semelhante, ou ainda, de expressões semelhantes com sentidos diversos. Contudo, não é possível intercambiar livremente todas as onomatopéias. A expressão PFFT, por exemplo, seria tão inadequada para expressar a batida de um gongo quanto DONG para um gás escapando (cf. HAVLIK 1981: 39).

Interjeições e onomatopéias em alemão e português

Talvez o mais importante estudo específico sobre onomatopéias em português e alemão em contraste até o momento seja o de Erwin KOLLER (2003), que faz um levantamento de interjeições e onomatopéias em dicionários e gramáticas alemães e portuguesas.

Assim como Bechara, Koller considera as interjeições como o termo

genérico, englobando as onomatopéias, e parte do pressuposto de que elas têm valor de um enunciado (p.175), classificando-as, com base em Bühler e Jakobson, de acordo com sua função comunicativa dominante. A primeira grande divisão proposta por Koller é entre interjeições que têm função predominantemente representativa (*Darstellungsfunktion*), de apelo (*Appelfunktion*), expressiva (*Ausdrucksfunktion*), fática, metalingüística e poética.

Dentre as interjeições com função de representação, observa que, apesar de algumas poucas serem completamente arbitrárias (como “bingo”!), a grande maioria é “motivada onomatopaicamente”, procurando mimetizar elementos acústicos ou mesmo ópticos dos acontecimentos aos quais se referem. A partir dos exemplos apresentados, vê-se que estas interjeições são o que comumente se entende por “onomatopéias”, termo que será mantido neste artigo para tais expressões (cf. KOLLER 2003: 177).

Especialmente interessante é a apresentação do que Koller denomina interjeições “óptico-miméticas”, como “zás”, em português, ou “zack”, em alemão, e que são bastante freqüentes nos quadrinhos. Segundo ele, tais interjeições “se encontram em uma relação virtualmente mimética com as onomatopéias acústicas, na medida em que os movimentos rápidos denominados por elas são ligados a ruídos” (cf. op.cit., p.176s.). No *Houaiss* (2002) elas são denominadas *palavras expressivas*, “[...] aquelas cujo emprego não é apenas de caráter imitativo, mas evoca vivamente o modo como uma ação ou processo se dá (*zás, tchã, pimba, vapt-vupt*) [...]”.

168

As onomatopéias acústico-miméticas, mais próximas do protótipo de onomatopéias como elementos representativos de sons, são organizadas por Koller a partir do ser ou objeto causador do som, seja ele um ser humano, um animal ou um objeto/instrumento, apresentando exemplos como *hm!/fum!, iah!/him!, king!/dlim!, bum!/bum!* (cf. KOLLER 2003: 177).

As interjeições com função expressiva são aquelas que os dicionários e as gramáticas geralmente apresentam como “interjeições” propriamente ditas, e serão aqui assim denominadas. Koller divide-as entre expressões de sentimentos (*Gefühlsausdrücke*), de atitude (*Einstellungsausdrücke*) e “palavras de sensações” (“*Empfindungswörter*”).

O estudo de Koller apresenta vários exemplos em contraste nas duas línguas em questão e uma taxonomia bastante ilustrativa das muitas possibilidades expressivas desses elementos pouco explorados pelos lingüistas. O estudo contempla apenas obras portuguesas, o que faz com que muitas interjeições apresentadas sejam desconhecidas ou pouco utilizadas no Brasil.

Além disso, por se restringir a dicionários e gramáticas, apresenta também um número bastante restrito de interjeições em ambas as línguas, quando se consideram as possibilidades encontradas nas histórias em quadrinhos. Por exemplo, Koller não encontra, nas obras portuguesas consultadas, um correspondente para a interjeição *baba!* do alemão, representando uma risada (cf. op. cit. p. 175), que pode, no entanto, ser facilmente encontrada em qualquer exemplar de histórias em quadrinhos no Brasil. De qualquer forma, o estudo representa um importante passo na pesquisa contrastiva das interjeições e onomatopéias nas duas línguas em questão.

Entre as funções levantadas por Koller, duas em especial – as de representação e de expressão – representam a grande maioria das interjeições / onomatopéias presentes nas histórias em quadrinhos. Por esta razão, vou me restringir a elas neste artigo, onde pretendo apresentar, como introdução ao tema, alguns exemplos retirados de um pequeno *corpus* de onomatopéias e interjeições em *mangás* (histórias em quadrinhos japonesas) traduzidos para o alemão e para o português. Vale ressaltar que o estudo tem caráter exploratório, sem pretender chegar a resultados conclusivos.

169

Onomatopéias e interjeições em mangás traduzidos para o alemão e para o português

A escolha por histórias em quadrinhos japonesas e não originais alemãs ou brasileiras baseia-se em três considerações:

- a) a busca de um *tertium comparationis*, ou seja, um elemento neutro que unisse as duas amostras, a alemã e a brasileira. Como as histórias em quadrinhos alemãs e brasileiras diferem muito em seus temas e soluções gráficas e lingüísticas, o uso de uma terceira tradição quadrinística asseguraria uma maior homogeneidade;
- b) uma maior ocorrência de onomatopéias e interjeições em mangás, quando comparados às histórias em quadrinhos ocidentais, devido a uma maior integração entre texto, imagem e onomatopéias e interjeições na condução da narrativa;
- c) a necessidade, em vista da grande diferença entre as línguas de partida e de chegada, de os tradutores adaptarem as onomatopéias japonesas (muitas das quais não existem em histórias em quadrinhos ocidentais), propiciando a criação de novas soluções.

Vejam, como exemplo, as interjeições e onomatopéias constantes de duas páginas da série *Rurouni Kenshin* (japonês), traduzidas para o português do Brasil, com o nome de *Samurai X*, e para o alemão, com o título *Kenshin*:

Rurouni Kenshin (japonês – vol. 15, p. 36-37):

doon doon (explosão); *chikusho!* (interjeição); *haa* (ofegante); *gu...* (cerrando o punho); *ga!* (determinação).

Kenshin (alemão - p. 36-37):

shkla bava (explosão); *Mist!* (interjeição); *hub / ha!* (ofegante); *woop...* (cerrando o punho); *kla!* (determinação).

Samurai X (português - p. 38-39):

boom! (explosão); *droga!* (interjeição); *puf* (ofegante); *tchg...* (cerrando o punho); *tchkk* (determinação).

(WATSUKI 1997 etc.)

Nota-se que parece não haver nenhuma correspondência entre as expressões nas três línguas, pelo menos no que se refere a estes exemplos específicos. Além disso, podemos perceber uma outra característica dos mangás: o uso de onomatopéias não apenas para reproduzir sons “reais” do ambiente ou da ação, mas também para criar efeitos dramáticos, como nos exemplos referentes a “cerrar os punhos” ou “mostrar determinação”, que se encaixam no que Koller denomina interjeições óptico-miméticas. Tais onomatopéias são altamente desafiadoras para os tradutores, já que muitas vezes não há uma tradição de associar um efeito sonoro a tais ações ou atitudes em uma determinada língua. É importante ressaltar, no entanto, que não se trata aqui de investigar as traduções ou as considerações que as motivaram, mas apenas de utilizar as características dos mangás para motivar um grande número de ocorrências de onomatopéias e interjeições em ambas as línguas em foco.

170

No que se refere às onomatopéias e interjeições especificamente em histórias em quadrinhos, o *Lexikon der Onomatopöien* levanta várias considerações que são válidas, em grande parte, também para o português. A obra afirma que provavelmente as onomatopéias e interjeições mais conhecidas em alemão são aquelas das histórias em quadrinhos da Disney (HAVLIK 1981: 24), o que se deve em grande parte às ótimas traduções realizadas por Erika Fuchs para o alemão, ainda hoje objeto de estudos. Gráfica e semanticamente simples, as interjeições e onomatopéias Disney restringem-se em número a relativamente poucas, mas se repetem com frequência. Mesmo as expressões originais americanas tornaram-se correntes em alemão e em várias outras línguas, como *thud*, *blam*, *splash*, *zoom* (id.).

Uma outra observação bastante interessante e específica das onomatopéias em histórias em quadrinhos é a sua divisão em dois grandes grupos quanto à sua constituição: as onomatopéias propriamente ditas e as onomatopéias descritivas (*umschreibend*). Enquanto nas onomatopéias propriamente ditas tenta-se reproduzir o mais fielmente possível um som ou ruído, as onomatopéias descritivas permanecem ligadas à sua origem lingüística. Alguns exemplos de pares de mesmo significado ilustram a diferença (cf. HAVLIK 1981: 38):

Onomatopéias descritivas

BUAAAA	- HEUL	(<i>uivar, chorar</i>)
IIIEEH	- KREISCH	(<i>guinchar, gritar</i>)
RRRCH	- SCHNARCH	(<i>roncar</i>)
BZZZ	- SUMM	(<i>zumbir</i>)
RRRGGRRRRWWWW	- KNURR	(<i>rosnar</i>)
PSSSSCHT	- SPRITZ, ZISCH	(<i>borrifar, sibilar</i>)

As onomatopéias descritivas em alemão utilizam geralmente o radical de verbos, principalmente daqueles que expressam ruídos ou produção de ruídos (KLIRR, SURR, ZISCH). Em português, esse tipo de onomatopéia parece ser menos freqüente que em alemão, mas também pode ser encontrada, como no caso de SOC, para representar um soco.

171

O *Lexikon* classifica ainda as onomatopéias e interjeições por temas, observando, ao final da Introdução, que as onomatopéias levantadas espelham a temática das histórias em quadrinhos, sendo os doze temas que apresentam a maior variedade de onomatopéias ligados, com apenas duas exceções, ao conceito geral “violência” (cf. HAVLIK 1981: 44):

pancadas
quedas e batidas
ruídos de rua
destruição
gritos de dor
gritos de medo e susto
ruídos de luta e pancadaria
chicotadas, espancamentos
choques entre metais, objetos de metal rangendo
alegria, animação
tiros de fuzil, pistola e revólver
explosões

É importante notar que este resultado está diretamente ligado ao tipo de histórias em quadrinhos analisadas: como a grande maioria dos quadrinhos na Europa e nas Américas é constituída de histórias de ação lidas por jovens do

sexo masculino, é de se esperar que esses temas predominem. Uma amostra de histórias em quadrinhos de outros gêneros ou públicos, como, por exemplo, obras de temática religiosa indianas ou histórias em quadrinhos femininas japonesas, certamente teria resultados diferentes destes. Embora o *Lexikon* se abstenha de comentários valorativos, é sempre necessário manter o distanciamento e a imparcialidade com relação aos resultados desse tipo de levantamento.

Neste artigo, são analisados exemplos de interjeições e onomatopéias com função de representação e expressão, segundo a classificação de Koller, denominadas aqui, respectivamente, onomatopéias e interjeições. Para cada uma delas, vou me restringir a três tipos de situações bastante comuns em histórias em quadrinhos de ação, a saber:

- *interjeições*: surpresa, dor e risos
- *onomatopéias*: passos, chutes, ruído ambiente (vento).

A seguir, são apresentadas as interjeições e onomatopéias encontradas em um levantamento de oito mangás brasileiros e sete alemães, em um total de 2628 páginas. As ocorrências são agrupadas, primeiramente, de acordo com as letras que as compõem, a entoação (representada pela pontuação: !, ?, ...), a duração (representada pela repetição das letras) e a presença de aspiração (representada pela letra “H”). A segunda listagem apresenta as interjeições agrupadas “foneticamente”, incluindo a aspiração. Em negrito estão destacadas as ocorrências presentes ou foneticamente similares nas duas línguas².

172

Interjeições

a) Surpresa

Alemão:

**AH / AH! / AAH / AAH! / AHH! / AHH... /AAHHH! / AAAH!
AAAAH! / AAAAAAH!! / AHAAAA / ARGH! / ÄÄÄH! / GYAAH / HA /
HA! / HA... / HA? / HA?! / HAH**

Português:

...AH? / AAAH! / AAAH!! / AAAHHH! / AAH!! / AH / AH! / AH... /

²Utiliza-se aqui o termo "fonético" em um sentido bastante amplo, de apontar uma relação entre os sons representados e as letras utilizadas para esse fim. O termo "fonema" é usado para um som constante do sistema das línguas em questão, que pode ser grafado de diferentes formas, como, por exemplo, SCH em alemão e SH ou CH em português.

AH...! / AH...!? / **AHH...** / **AHN!?** / **AI AI AI AI** / **AW! EI!** / **EI!!** / **EI!!!** / **EPA!** / **EPA?** / **GASP...** / **GLUP!** / **GUAAA!?! / HA...?! / HA?! / HÃ?** / **HÃÃ???** / **HUH...!** / **HUM?** / **O QUÊ?! / OH!** / **OH!!** / **OH...!** / **OOH!** / **OOOH!!** / **OPA!** / **OPS!** / **UAAAH!** / **UNGH!** / **UOOH...!**

Organizadas foneticamente:

Alemão: **AH** - AHA - ARGH - ÄH - GYAH - **HA** - HAH

Português: **AH** - AHN - AI - AW - EI - EPA - GASP - GLUP - GUA - **HA** - HÃ - HUH - HUM - O QUÊ - OH - OPA - OPS - UAH - UNGH - UOH

Temos aqui, em ambas as línguas, a predominância da vogal A (86% em alemão e 50% em português). Em alemão, as únicas outras são a vogal Ä e a semivogal Y (no ditongo YA), enquanto o português utiliza todas as demais vogais orais (sendo que a vogal I aparece apenas nos ditongos AI e EI), a vogal nasal ã e também o ditongo AW, provavelmente por influência do inglês.

Quanto às possibilidades fonéticas, é interessante ressaltar que há apenas dois exemplos de interjeições encontradas nas duas línguas: AH e HA, ou seja, a vogal A precedida ou seguida de aspiração, o que seria o “som” mais básico causado pela expulsão súbita do ar dos pulmões, em situações de surpresa. No alemão, a maioria das ocorrências (63%) termina com aspiração, mas no português isso é bem mais raro (30%). Enquanto no alemão todos os exemplos terminam em sílaba aberta, seguida ou não de aspiração, no português temos ainda a possibilidade de sílaba terminada por nasal (HUM), plosiva surda (GASP, GLUP) e africada (OPS).

173

As aspirações, a plosiva e a africada reproduzem o som resultante da respiração sendo liberada ou presa abruptamente, como acontece em situações de surpresa. Assim, podemos verificar que os fonemas utilizados e sua seqüência não são aleatórios, mas sim procuram reproduzir as características sonoras do evento em questão.

Nas duas línguas, verifica-se a repetição ou multiplicação da vogal e / ou da aspiração para prolongar o som, exprimindo, assim, o grau de surpresa (ou mesmo de susto) do momento. Outra característica destas ocorrências é a forte presença da pontuação, por vezes combinando vários sinais (exclamação, interrogação, reticências), também para modular a intensidade da surpresa ou os sentimentos que a acompanham (medo, confusão, admiração).

Em português, temos a ocorrência de interjeições já lexicalizadas (cf. HOUAISS 2002; CÂMARA JR. 1977: 147; BECHARA 1999: 330s.), como (O) QUÊ,

OPA, enquanto que em alemão foram encontradas apenas interjeições não lexicalizadas.

b) Dor

Alemão:

AAH / AAAAAAAAAH!! / **AAARGH!** / **ARRGH!** / **ARGH!** / **AU** / **AU!** / **AU!!** / AUA / AUA! / AUA... / AUAA! / AUAAA... / AUTSCH / AUTSCH! / ÄÄCHZ / ÄCHZ / GUWAH / **GUAH** / **GUAH...** / HAA / HAA! / HAA!! / **KYAAH!** / **OOH** / **UAAAAH** / **UAAAAH!** / **UAAAAH!!** / UWAAAAAH / UWAH / YAAH

Português:

AI! / AI...! / AII... / AI AI AI AI!! / AI, AI, AAI! / **ARGHH!!** / **AW!** / GHHHHAAA... / **GUAAA!?!** / **GWAAH...!** / **GWAAH!** / GWAAAAOOOOOAAAAH! / IAAAUUU!!! / **KYAAAAA...** / **OOH!** / OUCH! / **UAAAAAH!!** / **UAAAAH...** / **UAAAH!** / **UAAAH...!** / UAAARGH!!! / UÁÁRGH! / UGHHH!... / UH! / UH!... / UH...! / UH... / ...UH! / UH...! / UI! / UI... / UII... / UOOH...! / URGH! / URGH!! / **WAAAAAH...!!**

174

Organizadas foneticamente:

Alemão: AH - **ARGH** - **AU** - AUA - AUTSCH - ÄCHZ - GUWAH - **GUAH** - HA - **KYAH** - **OH** - **UAH** - UWAH - YAH

Português: AI - **ARGH** - **AW** - GHA - **GUA** - GWAOAH - **GWAH** - IAU - **KYA** - **OH** - OUCH - **UA** - HUARGH - UÁRGH - UGH - UH - UI - UOH - URGH - **WAH**

Novamente nota-se, em alemão, a predominância da vogal A, presente em doze das catorze formas encontradas, sozinha como núcleo de sílaba ou nos ditongos YA, AU e WA. Encontram-se ainda exemplos das vogais Ä, O e U, mas não de E e I. No português, a vogal A também está presente em 65% das ocorrências, inclusive nos ditongos AI, IA, UA, YA e WA. As vogais I, O e U e os ditongos OU e UI também estão representados, não havendo ocorrências com a vogal E.

Também aqui a aspiração final está presente na maioria das ocorrências em alemão (57%) e em 45% das ocorrências em português. Tanto em português como em alemão, encontram-se exemplos de sílaba terminada por plosiva velar

sonora + aspiração (ARGH, UGH, URGH) e de interjeições terminadas em africadas (AUTSCH, ÄCHZ, OUCH). Neste item não se encontram plosivas finais, que interrompem a respiração, mas sim, novamente, há uma reprodução da respiração liberada subitamente através da boca, com aspiração ou estreitamento da passagem do ar no espasmo da dor.

Temos, nesta situação, uma maior ocorrência de interjeições iguais ou semelhantes em ambas as línguas: **ARGH - AU - AW - GUAH - GUA - GWAH - KYA - KYAH - OH - UA - UAH - WAH**. É interessante ressaltar que as interjeições terminadas em GH e africadas são muito semelhantes e podem ter sido baseadas em onomatopéias do inglês, enquanto os exemplos KYA / GYA / GUA estão presentes também nos originais em japonês.

c) Risos

Alemão:

HA HA / HA HA HA / **HAHAHA** / HAHAHAAAAHA / **HE HE / HE HE HE / HEHE / HEHEHE / HI HI / HI HI HI / HIHI! / HIHIHI / NYAHAAAAHA / RAA / WUHAAAA**

175

Português:

AHAHA / AH AH AH / AH AH AHA / AH HÁ, HÁ. / HÁ!!! / BUA, HA, HA, HA, HA! / EH, EH! / EH EH EH / GAH, HA, HA, HA, HA! / **HA HA HA / HA HA HA! / HA,HA, HA, HA! / HAHAAAAHA!!! / HE, HE. / HE, HE, HE. / HEH / HEHEHE / HEHEHEHEHUEHUE / HEHEHUEHUEHUE / HI HI / HI HI HI! / HI HI HI HI / HU HUÁ HUÁ HUÁ / HU, HU / HU, HU! / HU, HU, HU... / HU, HU. / HU HU HU. / HU, HU... / HUA, HA HA, HA, HA! / HUI / IH IH IH IH / IH, IH! / OHOHO... / QUÁ QUÁ QUÁ QUÁ! / RÉ, RÉ, RÉ, RÉ!**

Organizadas foneticamente:

Alemão: HA HA - **HA HA HA - HE HE - HE HE HE - HI HI - HI HI HI - NYAHAAAAHA - RAA - WUHAAAA**

Português: AH AH AH - AH AH AHA - AH HÁ, HÁ - HÁ - BUA, HA, HA, HA, HA! - EH EH EH - GAH, HA, HA, HA, HA! - **HA HA HA - HE, HE - HEH - HEHEHE - HI HI - HI HI HI - HU HUÁ HUÁ HUÁ - HU, HU - HU, HU, HU... - HUA, HA HA, HA, HA! - IH IH IH IH - OHOHO - QUÁ QUÁ QUÁ QUÁ! - RÉ, RÉ, RÉ, RÉ!**

Tanto em alemão como em português, a maioria das ocorrências é iniciada por aspiração. No alemão, há ainda uma ocorrência iniciada por nasal (NYAHAHAHA), uma por vibrante (RAA) e uma por um ditongo não pertencente ao sistema do alemão (WUHAHA). Em português, além do início por aspiração ou vogal, há também interjeições iniciadas por plosiva (BUA, HA, HA, HA, HA!; GAH, HA, HA, HA, HA!; QUÁ QUÁ QUÁ QUÁ!) e vibrante (RÉ, RÉ, RÉ, RÉ!). Em ambas as línguas, todas as ocorrências terminam em sílaba aberta, sendo que no alemão não há exemplos de aspiração final, que, no entanto, aparece em duas ocorrências do português (IH IH IH IH e HEH).

Nota-se também a presença clara de várias sílabas, que podem ser escritas juntas ou separadas, inclusive por vírgulas. A intermitência destas interjeições, com grande ocorrência de aspirações no início das sílabas, reproduz a liberação do ar em rajadas sucessivas, típica do riso. Não há casos de multiplicação simples de vogais ou aspirações para indicar a duração do evento, como nas interjeições anteriores, mas de sílabas: quanto mais longo o riso, maior o número de sílabas.

Aqui se encontra em ambas as línguas uma maior diversidade das vogais utilizadas, embora a vogal A continue tendo a primazia (56% em alemão e 50% em português). Em alemão, as vogais I e E aparecem com maior destaque do que nas outras situações e ainda há exemplos com os ditongos YA e WU. Em português, novamente há ocorrência de todas as vogais (embora O só apareça em um exemplo) e do ditongo UA. É interessante notar que, muito freqüentemente, as interjeições apresentam uma sílaba inicial diferente daquelas que se seguem. Essa sílaba inicial corresponde a uma fase inicial na qual “se toma fôlego” suficiente para depois irromper em uma risada, geralmente ruidosa. Note-se que os exemplos que apresentam essa sílaba inicial estão sempre entre os mais longos (WUHAHA; NYAHAHAHA; BUA, HA, HA, HA, HA!; GAH, HA, HA, HA, HA!; HU HUÁ HUÁ HUÁ; HUA, HA HA, HA, HA!).

Nesta situação, há novamente coincidências entre as duas línguas, em interjeições formadas por aspiração + vogal: HA (HA); HE (HE); HI (HI). Essas ocorrências correspondem à metade das possibilidades encontradas para o alemão, mas apenas a 20% das possibilidades encontradas em português.

Considerações gerais

No que tange às interjeições presentes no *corpus*, de modo geral, podemos notar em ambas as línguas a preponderância de vogais (principalmente da vogal A), com ou sem aspiração. Matoso lembra que as interjeições são o único caso de aspiração em posição final no português do Brasil (cf. CÂMARA JR. 1977: 147). Provavelmente o mesmo ocorre também no alemão. Uma hipótese para a preponderância de vogais pode ser o fato de que interjeições exprimem estados de espírito, expressos mais facilmente por vocalizações, já que estas permitem modulação tonal e de duração, aumentando as possibilidades de expressão de nuances dos sentimentos. Isto é reforçado pela grande presença de pontuação expressiva (... , ? , !), praticamente ausente em onomatopéias encontradas na amostra.

Nota-se aqui, em geral, uma maior diversidade de formas no português, especialmente no caso do riso, o que poderia ter resultado do fato de os mangás examinados para cada língua não terem sido sempre os mesmos. No entanto, seria estranho que essa fosse a única razão para a disparidade: seria necessário que, coincidentemente, *todos* os mangás brasileiros examinados apresentassem muito mais situações que exigissem o uso de interjeições do que os alemães constantes da amostra, o que é pouco provável.

Para sanar essa dúvida, foi examinada uma subamostra de dois mangás correspondentes, em português e em alemão. Encontramos um total de 7 interjeições distintas em alemão e 9 em português para surpresa; 9 em alemão e 9 em português para dor, e, para risos, 6 em alemão contra 10 em português. Isso reflete os resultados gerais apresentados anteriormente, em que há menor diferença entre as duas línguas no caso de interjeições de dor, ampliando-se na surpresa e no riso. Podemos, portanto, levantar a hipótese de que há, em português, uma maior variedade de interjeições possíveis, ao menos para esses três tipos de situações. Contudo, a amostra é muito reduzida e não é equivalente para ambas as línguas, de modo que não é possível obter qualquer resultado estatístico definitivo.

Apesar de haver formas presentes em ambas as línguas, nota-se que elas são uma minoria. Mesmo nos casos em que uma língua apresenta muito maior variedade de formas que a outra (como no riso), não se observa que todas ou grande parte das possibilidades da língua com menos variedade estejam presentes na outra língua, o que mostra que cada língua tem sua interpretação para os sons a serem representados através da escrita.

É de se observar aqui que, enquanto o português utiliza quase todas as vogais em todos os três temas abordados (apenas "E" não é usado na situação de dor), no alemão há grande primazia da vogal "A", secundada por "U"/"W" (com exceção do riso, no qual "E" e "I" são bastante representativas). Talvez o uso de todas as vogais em português, aliado à presença da nasalidade (inexistente nas ocorrências em alemão), seja responsável pelo desequilíbrio da variedade de formas encontradas entre as duas línguas nestas interjeições. Também é interessante notar que não há, nas interjeições de riso em alemão, qualquer exemplo de aspiração final, ao contrário do que acontece em português.

Embora a imensa maioria seja de interjeições não lingüísticas, em português encontram-se exemplos lexicalizados como (O) QUÊ, OPA (surpresa), enquanto em alemão temos uma ocorrência de interjeição descritiva: ÄCHZ, derivada do verbo *ächzen* ("gemer"). Encontramos ainda, em ambas as línguas, formas que podem ter sido importadas do inglês, como GASP, GWAH, GLUP, ARGH e OUCH, além de KYA / GYAH e BUAHAHA, presentes nos originais japoneses.

Onomatopéias: passos, chutes e ruído ambiente

A seguir, estão listadas as onomatopéias encontradas para cada uma dessas situações. As formas entre parênteses na segunda listagem indicam a possibilidade de reduplicação:

a) Passos

Alemão:

TAC / TAC TAC / TAC! TAC! TAC! / **TAP** / **TAP! TAP!** / TCHAC / TCHAC TCHAC / TEC TEC / TEC TEC TEC TEC / **TOC TOC TOC** / TUMP

Português:

KOCK KOCK KOCK / KTAK KTAK / **TAP** / **TAPTAP** / **TAP TAP** / TAP TAP TAP / TOCKA TOCKA / **TOK TOK**

Organizadas foneticamente:

Alemão: TAC (TAC) / **TAP (TAP)** / TCHAC (TCHAC) / TEC (TEC) / **TOC (TOC)** / TUMP

Português: KOCK (KOCK) / KTAK (KTAK) / **TAP (TAP)** / TOCKA (TOCKA) / **TOK (TOK)**

Nestas onomatopéias, ao contrário do que acontecia anteriormente nas interjeições, o alemão apresenta uma maior variedade de vogais: em português, temos apenas as vogais A e O, enquanto em alemão apenas a vogal I não está representada. A vogal A continua apresentando a maior frequência em alemão (63%), enquanto em português há um equilíbrio entre A e O. Há apenas duas formas comuns a ambas as línguas e o alemão apresenta uma possibilidade a mais do que o português.

Em ambas as línguas, observa-se que praticamente todas as ocorrências (com exceção de TOCKA) iniciam-se e terminam por plosivas surdas. O padrão predominante é plosiva surda + vogal + plosiva surda, com 63,5% de todas as ocorrências (TAC; TAP; TEC; TOC/TOK; KOCK). No caso de TCHAC, temos uma pequena variação desse padrão, com início por africada (fonema formado por plosiva + fricativa). As ocorrências que fogem ao padrão são TUMP, com a introdução de uma nasal após a vogal, KTAK, com duas plosivas surdas antes da vogal, e TOCKA, com vogal final formando uma segunda sílaba.

179

Esse padrão representa uma pancada, um som seco, breve, que cessa subitamente. Nas onomatopéias, as vogais são responsáveis pelo timbre do som a ser representado (pancada mais ou menos surda) e varia de acordo com os elementos que o produzem na situação a ser representada. No caso de passos, um dos elementos é sempre o pé, que, no entanto, pode estar descalço, calçado com sapatos de salto ou de sola macia etc. Por outro lado, o material da superfície sobre a qual se caminha também influencia a vogal a ser utilizada: assoalho de madeira, pedra, tatami (esteiras de palha japonesas), chão de terra. A relação entre a vogal utilizada e os materiais envolvidos no som a ser reproduzido mereceria um estudo próprio e não será abordada neste artigo, mas pode-se perceber que TUMP sugere um som mais surdo do que, por exemplo, TEC, fazendo-nos pensar em impactos do pé com materiais diferentes em cada exemplo.

Temos aqui também a possibilidade de reduplicação, representando o caminhar, ou seja, passos sucessivos. As formas KTAK e TOCKA sugerem um som “duplo” (K-TAK; TO-CKA), que talvez seja uma representação do impacto do calcanhar, o primeiro ponto do pé a tocar o chão, seguido do impacto da sola do pé, completando o passo.

b) Chutes

Alemão:

BADONK / BA-DUSCH / BAM BAM / BAMB / BOM / KLACK /
KRACH / KRACK / PENG / TRAMPEL TRAMPEL / TSCHANK /
TUMP / ZA-DUSCH

Português:

BONC / BONK! / BOOOC / DUNC DUNC / POF / TUM!

Organizadas foneticamente:

Alemão: BADONK / BA-DUSCH / BAM (BAM) / BAMB / BOM /
KLACK / KRACH / KRACK / PENG / TRAMPEL (TRAMPEL) /
TSCHANK / TUMP / ZA-DUSCH

Português: BONC / BONK! / BOOOC / DUNC DUNC / POF / TUM!

Nas onomatopéias referentes a chutes, nota-se uma grande diferença na variedade de formas entre as duas línguas, sendo que o alemão apresenta mais que o dobro de formas do que o português. Novamente, o alemão utiliza mais vogais do que o português: este último apresenta apenas onomatopéias com O e U, enquanto no alemão apenas não está presente a vogal I.

180

No português, nota-se um padrão bastante semelhante ao encontrado nos passos, com plosivas iniciando e finalizando as onomatopéias dos chutes. No entanto, ao invés de apenas uma vogal, tem-se o padrão vogal + nasal como o mais freqüente (BONC; BONK; DUNC; TUM). Dentre as plosivas iniciais, a maioria é de sonoras, especialmente a plosiva B. Todas as plosivas finais são surdas, sendo que se encontra ainda uma ocorrência terminada por fricativa (POF) e outra por nasal (TUM).

No alemão, as plosivas também são dominantes em posição inicial (69%), porém, com predominância de surdas. Se considerarmos que as fricativas são formadas por uma plosiva + fricativa e que nas onomatopéias “duplas” (BA(-)DONK; BA(-)DUSCH; ZA(-)DUSCH) o segundo elemento é o que realmente representa o impacto, podemos considerar que há sempre o início por plosiva em todas as ocorrências. Esse parece ser o único padrão para todas as ocorrências em alemão. A posição final é novamente ocupada majoritariamente por plosivas surdas, mas também há ocorrências de final em nasal e em fricativa.

Em TRAMPEL (TRAMPEL), temos uma ocorrência de onomatopéia descritiva, sendo derivada do verbo *trampeln* (“pisar”, “patear”). Esta onomatopéia apresenta um caminho interessante, já que o verbo tem igualmente origem onomatopaica. Assim, esta ocorrência não é motivada diretamente por um som a ser representado, mas está muito mais próxima do signo lingüístico convencional, pois, para decodificá-la, é necessário recorrer ao conhecimento da língua alemã, ao contrário de onomatopéias como BAM, BONK ou KRACK.

Novamente, temos um som de um impacto do pé com algum outro elemento, como nos passos. Aqui, no entanto, a região de contato entre o pé e o outro objeto pode variar: o calcanhar, a ponta, a sola ou mesmo as costas do pé podem ser usadas para chutes. Da mesma maneira, enquanto nos passos o elemento de contato é sempre o chão, nos chutes pode haver impacto contra objetos de diversas consistências, incluindo o corpo humano. A reduplicação é possível, mas rara, consistindo em apenas uma repetição e representando chutes sucessivos.

Nesta amostra, não encontramos nenhuma correspondência, mesmo parcial, entre as formas em português e em alemão. No português, a distinção entre as onomatopéias para chutes e socos parece ser a escolha de vogais, utilizando para os últimos as vogais posteriores, aliadas às consoantes nasais, para dar a idéia de uma pancada surda, breve e interrompida subitamente. O alemão parece diferenciar mais os sons percebidos em chutes, utilizando maior diversidade de vogais. No entanto, também em alemão há um maior uso de nasais, “escurecendo” as vogais, assim como em português.

Interessante é a presença de africadas e onomatopéias com duas sílabas, o que nos faz pensar em um som composto - em mangás, os chutes são geralmente associados a lutas de artes marciais, nos quais freqüentemente há um grande deslocamento da perna até o ponto de impacto no oponente, seguindo depois para uma outra posição. Assim, podemos sugerir que as onomatopéias em alemão não se restringem ao momento do impacto, como parece ser o caso em português, mas sim apresentam um componente representando movimento, anterior ou posterior ao impacto em si (TSCHANK; BADONK; BADUSCH; ZADUSCH). Esta hipótese também necessitaria de maiores investigações.

c) Ruído ambiente: folhas ao vento

Alemão:

RIESEL RIESEL / SCHRR / SCHRRSCH / SCHSCH

Português:

FLOWN... / FSH FSH / FWAP... / VOUSH... / VUSH VUSH /
VWOOOOOOSH / VWOSH... / WOOOOOSH / WOOOSH!

Organizadas foneticamente:

Alemão: RIESEL (RIESEL) / SCHRR / SCHRRSCH / SCHSCH

Português: FLOWN / FSH FSH / FWAP / VOUSH / VUSH (VUSH) /
VWOSH / WOSH

Temos aqui onomatopéias completamente diferentes daquelas empregadas para passos e chutes. O som a ser reproduzido é contínuo ou ao menos intermitente, causando a recorrência em ambas as línguas e sendo, em português, reforçado pelo uso da pontuação, especialmente das reticências. Pela primeira vez, encontram-se onomatopéias formadas apenas por consoantes (na quase totalidade das ocorrências em alemão e em apenas uma ocorrência em português). Novamente temos, em alemão, um exemplo de onomatopéia descritiva: RIESEL (RIESEL), derivada de *rieseln* (cair mansamente, murmurar).

182

Nota-se a esmagadora presença de fricativas, tanto em posição inicial como final, o que é claramente motivado pelas características do som a ser reproduzido. As consoantes fricativas apresentam as mesmas características acústicas do ar em deslocamento, percebido através da sua fricção contra elementos do ambiente. Aqui temos um bom exemplo de como as histórias em quadrinhos levam à criação de novas onomatopéias. Não há, em alemão ou em português, uma onomatopéia consagrada para "folhas ao vento", assim como há, por exemplo, para um espirro (*atchim!* / *hatschi!*). Desse modo, é necessário ater-se às características do som a ser reproduzido e criar novas onomatopéias de acordo com as características de cada língua.

Com exceção da onomatopéia descritiva RIESEL em alemão, todas as ocorrências, em ambas as línguas, iniciam-se por fricativas. Contudo, as fricativas utilizadas em cada língua não são as mesmas ou são utilizadas diferentemente. Em português, temos fricativas lábio-dentais (F, V) em posição inicial e a sibilante SH em posição final (onde também há exemplos de nasal e

plosiva), enquanto em alemão temos sempre a sibilante SCH, tanto na posição inicial como na final. Não há nenhuma ocorrência comum a ambas as línguas, o que novamente mostra que as onomatopéias não são simples representações icônicas de um som “real”, mas sim formas construídas a partir das características fonológicas e fonotáticas de cada língua, que visam a evocar no leitor uma experiência sonora associada a uma certa situação.

Com isto em vista, é interessante notar que, embora aqui se trate claramente de um “ruído”, ou seja, um som completamente sem harmonia, as onomatopéias em português tendem a utilizar vogais e ditongos e a constituir sílabas, utilizando as reticências para indicar a intermitência do som, enquanto em alemão há a multiplicação das consoantes. As vogais presentes em português são a central baixa e as posteriores fechadas, sugerindo sons mais graves. Pode-se considerar também uma possível influência do inglês, devido ao uso de ditongos com a semivogal W (como em FLOWN, VWOSH), inexistente em português.

Pela primeira vez, há ocorrência de onomatopéias sem a presença de vogais, em ambas as línguas, com apenas um exemplo em português e a totalidade dos exemplos no alemão (excluindo-se a onomatopéia descritiva RIESEL). A ausência de vogais no alemão pode ser devida a uma maior tolerância silábica à combinação de várias consoantes, já que o alemão apresenta muito mais possibilidades de encontros consonantais do que o português, assim como sílabas que comportam muito mais consoantes (cf. CAMARGO 1972). De qualquer modo, as ocorrências alemãs são formadas apenas por líquidas, fones de alta sonoridade, que se aproximam às vogais no que se refere ao núcleo da sílaba (cf. KOHLER 1995: 73s. e 108s.). Algo similar acontece na única ocorrência sem vogais em português, formada por uma fricativa e uma líquida (FSH).

Em alemão, a onomatopéia descritiva RIESEL deriva de um verbo que não tem correspondência em português e que descreve um evento que seria normalmente associado a uma experiência visual: o verbo *rieseln* é utilizado para designar a queda suave de algo formado por pequenas partículas, como neve ou chuva fina. No entanto, a onomatopéia dele derivada é usada aqui para um evento sonoro, o vento nas folhas, causando um efeito bastante interessante: a informação semântica de “material particulado em movimento” aplica-se perfeitamente às folhas ao vento, evocando secundariamente o ruído causado por elas. Novamente, temos um bom exemplo de onomatopéia não-icônica, já que não tenta reproduzir o ruído específico das folhas, mas parte de um signo

lingüístico já pertencente ao sistema do alemão. É também interessante que o verbo em alemão tenha sido formado provavelmente a partir de uma onomatopéia ótico-mimética, na acepção de Koller, o que ilustra a importância dos processos de formação de onomatopéias para o crescimento do léxico da língua (cf. LIMA 1999).

Considerações finais

Vimos aqui que as onomatopéias e interjeições, que recebem normalmente pouca atenção da gramática tradicional, apresentam-se como um campo fértil para estudos lingüísticos quando examinadas em seu "habitat natural" das histórias em quadrinhos. A integração desses elementos na linguagem dos quadrinhos obriga ao seu uso constante e à criação de novas formas, especialmente quando da tradução de produtos importados.

Examinando uma pequena amostra de onomatopéias e interjeições em mangás japoneses traduzidos para o alemão e o português, pode-se constatar que há pouquíssimas formas comuns a ambas às línguas, o que reforça a tese de que as onomatopéias não são completamente icônicas, apesar de serem acusticamente motivadas, mas sim contêm um forte componente lingüístico, tendendo a seguir as características fonotáticas de cada língua. As diferentes formas encontradas para um mesmo evento sonoro demonstram que eles são percebidos de modo diverso por membros de diferentes comunidades lingüísticas. Isso mostra que o importante na criação de onomatopéias em histórias em quadrinhos não é a reprodução fiel e realista de um determinado som, mas sim, a criação de um signo gráfico-lingüístico que, aliado ao desenho, comunique a intenção do autor.

184

Embora tanto onomatopéias como interjeições sejam entendidas como a representação escrita de eventos sonoros, as interjeições que servem à expressão de estados de espírito apresentam um alto grau de inserção no léxico de cada língua, com pouca produção *ad hoc*. As interjeições são compostas basicamente de vogais, utilizando a recorrência e a pontuação para modular a intensidade e a duração do som, bem como para reproduzir a entoação.

As onomatopéias, por sua vez, servem à reprodução de eventos sonoros não produzidos por falantes, como ruídos e outros sons do ambiente, ou à representação de eventos não-sonoros através de onomatopéias visualmente motivadas. Dessa forma, nas histórias em quadrinhos atuais, as onomatopéias também podem servir como expressão de estados de espírito, ao dar uma

expressão “sonora” ou “textual” a ações que, na realidade, não as têm. Exemplos disso são as onomatopéias usadas para o que podemos descrever como “cerrando os punhos”, “olhar fulminante” e “estado de tensão” nos exemplos apresentados anteriormente e que mereceriam um estudo específico.

Apesar das diferentes formas em cada língua, nota-se, porém, que as características principais do som a ser reproduzido se mantêm e definem as linhas básicas para a formação das onomatopéias: se é um som breve ou longo, se é intermitente ou interrompido bruscamente, se é mais surdo ou mais agudo. Com base nessas características fundamentais, cada língua seleciona os fones que julga mais adequados para representá-los, sendo aqui onde as diferenças se revelam. Um bom exemplo disso são as onomatopéias utilizadas para o som do vento nas folhas, no qual a característica básica exige o uso de fricativas, mas para as quais o alemão dá prioridade às sibilantes, enquanto o português utiliza as lábio-dentais em posição inicial.

Há, portanto, dentro de cada língua, regularidades quanto aos fonemas usados e os “temas” ou “sons” que representam (tipo de fonema, duração, intermitência...). Tais regularidades levam à criação de um “vocabulário” específico e não mais apenas *ad hoc*, que é dominado pelo público leitor do mesmo modo que os demais elementos da linguagem dos quadrinhos, emprestando peso à tese de que “interjeições não são características de uma comunidade lingüística, mas sim de uma comunidade textual” (cf. TRABANT apud KOLLER 2003: 175).

185

Além das onomatopéias próprias de ou criadas por cada língua, nota-se ainda, como mencionado pelo *Houaiss*, a presença de onomatopéias e interjeições “importadas” ou “traduzidas” do inglês (como ARGH, GASP, OUCH, FLOWN, WOSH), as quais, porém, estão pouco representadas na amostra, o que indica que não se pode dizer que há “dominância” da língua inglesa nas onomatopéias e interjeições em histórias em quadrinhos alemãs e brasileiras.

Ainda em relação a empréstimos lingüísticos, outro fato interessante são as formas possivelmente emprestadas diretamente do japonês, como NYAHAHA, GYAH, WAH. Esses empréstimos parecem restringir-se às interjeições, o que, aliado à observação de maior número de formas comuns entre as duas línguas estudadas, pode apontar para o fato de que interjeições são, realmente, mais universais, talvez devido a vocalizações espontâneas associadas a reações comuns a todos os seres humanos. Nas onomatopéias, por outro lado, cada língua percebe o material sonoro de uma maneira particular, compondo

onomatopéias *ad hoc* que depois podem passar a integrar o léxico da sua linguagem dos quadrinhos.

Dentro desta pequena amostra, nota-se uma maior variedade de formas para as interjeições em português, enquanto o alemão apresentou maior variedade de formas em onomatopéias. No entanto, dado o tamanho reduzido do corpus, podem-se apenas apontar tendências e levantar hipóteses, sem resultados conclusivos.

Em geral, pode-se afirmar que as interjeições, nas duas línguas, são constituídas em sua grande maioria de vogais, apresentando várias formas presentes comuns a ambas. No entanto, tais formas são sempre uma minoria no total de ocorrências. Na amostra, as vogais mais utilizadas foram A e U, seguindo-se as vogais O, I e ditongos (AI, AU, YA, UA, WA). A vogal E está muito pouco presente, comprovando a observação do *Lexikon* para o alemão (cf. HAVLIK 1981: 46). Há grande presença de aspiração final ou inicial em ambas as línguas, representada pela letra H. A pontuação é elemento importante e muito utilizado, sendo mais freqüentes as reticências, o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, nessa ordem.

Já nas onomatopéias analisadas, nota-se o predomínio de consoantes, com vogais atuando apenas como núcleo de sílaba ou estando totalmente ausentes. As formas comuns às duas línguas tornam-se mais raras ou mesmo inexistentes. Nas duas línguas, predominam sons plosivos e fricativos em posição inicial, comprovando novamente os resultados do *Lexikon* para o alemão (cf. HAVLIK 1981: 45s.). Embora haja padrões fonético-fonológicos básicos comuns em ambas as línguas, associados ao “tema” ao qual se referem, as onomatopéias da amostra diferem muito nas duas línguas, o que pode inclusive inviabilizar a compreensão por parte de um leitor estrangeiro que não as conheça. Isso mostra que é tão necessário traduzir ou adaptar as onomatopéias em histórias em quadrinhos quanto o texto em si, o que ressalta sua condição de signos lingüísticos, mesmo que diferenciados em relação aos demais elementos do léxico.

A presença de onomatopéias e interjeições no cotidiano já há muito extrapolou as histórias em quadrinhos. O *Lexikon* lembra que elas são encontradas em cartazes, em filmes, na propaganda e até mesmo em textos de instrução (cf. HAVLIK 1981: 13). A crescente integração entre a linguagem do texto falado e escrito e a linguagem da imagem na sociedade atual apresenta-se como um instigante novo campo. Cabe aos estudiosos da linguagem reconhecer essa evolução e lançarem-se à descoberta das novas possibilidades que ela

apresenta.

Referências bibliográficas

- BARBIERI, D. *Los Lenguajes del Cómic*. Barcelona / Buenos Aires / México, Paidós 1998.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio, Lucerna 1999.
- CÂMARA JR. J. M. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis, Vozes 1977.
- CAMARGO, S. *As consoantes do português e do alemão*. São Paulo, FFLCH/USP 1972 (tese de doutorado não publicada).
- HOUAISS – *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio, Objetiva 2002 (CD-Rom).
- DUBOIS, J. et. alii. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo, Cultrix 1998.
- DUDEN – *Deutsches Universalwörterbuch*. Mannheim, 2003 (CD-Rom).
- DUDEN – *Die Grammatik*. Mannheim / Leipzig / Wien / Zürich, Dudenverlag 2005.
- ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. 6ª. ed. São Paulo, Perspectiva 2004.
- ENGEL, U. *Deutsche Grammatik*. Heidelberg, Groos 1988.
- HAVLIK, E.J. *Lexikon der Onomatopöien*. Frankfurt a.M., Fricke 1981.
- KOHLER, K. *Einführung in die Phonetik des Deutschen*. Berlin, Erich Schmidt 1995.
- KOLLER, E. "Interjektionen, Deutsch - Portugiesisch". In: BLÜHDORN, H.; SCHMIDT-RADEFELD, J. (Ed.). *Die kleinere Wortarten im Sprachvergleich Deutsch-Portugiesisch*. (Rostocker Romanistische Arbeiten 7). Frankfurt a.M. Peter Lang 2003, 173-211.
- KÜHN, P. "AHA! Pragmatik einer Interjektion". In: *Deutsche Sprache* 4, 289-297.
- LEHMANN, K. *Französische Werbung aus semiotischer und rhetorischer Sicht*. Frankfurt a.M., Peter Lang 1998.
- LIMA, C.D.M. *Onomatopéias e palavras onomatopaicas, uma revisão no processo de formação de palavras*. Uberlândia, UFBA-MG 1999 (dissertação de mestrado não publicada)
- WATSUKI, N. *Rurouni Kenshin*. Vol. 15. Tóquio, Shueisha 1997.
- WATSUKI, N. *Samurai X*. Vol. 29. Tradução de Luiz Octávio Massato

Meireles, S. - Onomatopéias e interjeições em histórias em quadrinhos em língua alemã

Kobayashi. São Paulo, JBC s/d.

WATSUKI, N. *Kenshin*. Vol. 15. Tradução de Christine Steinle. Berlin, Egmont 2002.

Fórmulas de rotina: uma porta de entrada para padrões interacionais*

Eva Glenk**

Abstract: In this paper we try to show that formulae give evidence of as well as initiate conventional patterns of interaction. These interactional patterns, shaped by a particular linguistic community, are not universal. Their knowledge is part of idiomatic competence. A bilingual semasiological and onomasiological dictionary can contribute not only to the acquisition of formulae but can also transmit knowledge of conventional patterns of interaction.

Keywords: Contrastive Phraseology and Lexicography: Portuguese-German; Formulae; Conventional interactional patterns.

Zusammenfassung: In diesem Beitrag soll gezeigt werden, dass Formeln Indizien für konventionelle Interaktionsmuster sind und diese umgekehrt auch initiieren. Diese von der jeweiligen Sprachgemeinschaft geprägten Interaktionsmuster sind nicht universell; ihre Kenntnis ist Teil der idiomatischen Kompetenz. Ein zweisprachiges semasiologisch-onomasiologisches Wörterbuch kann nicht nur zum Erwerb von Formeln beitragen sondern auch das Wissen über Interaktionsmuster vermitteln.

Stichwörter: Kontrastive Phraseologie und Lexikographie: Portugiesisch-Deutsch; Formeln; konventionelle Interaktionsmuster.

Resumo: Nesse trabalho, será mostrado que fórmulas dão evidência de padrões convencionais de interação e também os inicializam. Esses padrões de interação não são universais, mas são configurados por cada comunidade lingüística. Conhecê-los faz parte da competência idiomática. Um dicionário bilíngüe semasiológico e onomasiológico pode contribuir tanto para a aquisição de fórmulas, quanto transmitir o conhecimento de padrões de interação.

Palavras-chave: Fraseologia e lexicografia contrastiva: alemão-português; fórmulas; padrões convencionais de interação.

1. A Fórmula

O termo ‘fórmula’, conhecido e difundido na Lingüística em boa parte graças à obra *Routine im Gespräch* de COULMAS (1981), designa, segundo STEIN (2004), todas as cristalizações lingüísticas que mostram especial **fixidez pragmática**, sem por isso serem obrigatoriamente fraseologismos *stricto sensu*,

* Co-tradutora: Lúcia Zanetti; revisão: Masa Nomura

** Professora doutora do Departamento de Letras Modernas: Área de Alemão da Universidade de São Paulo. spoelten@usp.br

ou seja, grupos de palavras com no mínimo duas palavras e no máximo a extensão de uma frase.

Fórmulas apresentam fixidez pragmática porque “são reproduzidas pelos interlocutores em determinadas situações comunicativas para levar a cabo determinadas tarefas comunicativas de modo rotineiro”. (cf. STEIN 2004: 264).

Assim, o termo ‘**formulaico**’ engloba meios e estruturas pré-formadas que facilitam a produção de texto e garantem aos interlocutores uma ação lingüística adequada às normas comunicativas.

A formulaicidade é, portanto, um recurso lingüístico-comunicativo, adquirido através da experiência comunicativa, que dá conta de problemas recorrentes de comunicação e de formulação.

1.1. Tipos de fórmulas

Distingue-se entre fórmulas **atreladas à situação** e fórmulas **não-atreladas à situação**, utilizadas na execução de atividades lingüísticas e de tarefas comunicativas recorrentes:

- **Fórmulas de rotina:** são atreladas à situação, mas amplamente independentes do contexto. Podem ser classificadas como fórmulas de polidez, de contato, agradecimento, cumprimento e despedida, fórmulas de conversação (*Bitte mal herbören!; Atenção por favor!*), fórmulas à mesa, fórmulas de repreensão e maldição (*Verflixt und zugenäht!; Que droga!*) ou fórmulas de comentários: fórmulas de dúvida, rejeição, crítica, réplica e contrariedade (*Tu, was du nicht lassen kannst!; Você que sabe*), fórmulas de surpresa (*Mir fehlen die Worte!; Estou pasma!*), fórmulas de concordância (*Das will ich meinen!; Sem dúvida!*), fórmulas de conciliação, admoestação e motivação (*Ruhig Blut!; Deixa pra lá!*).
- **Fórmulas discursivas:** não são atreladas à situação, mas são dependentes do contexto e podem ser utilizadas em diferentes níveis da execução da interação com diverso potencial funcional. Sua ocorrência pode ser percebida através da análise contextual. Exemplos desse tipo de fórmula são: *ich meine, oder so, offen gesagt, weißt du*, etc. (*eu acho, falando sem rodeios, sabe etc.*) (cf. *ibid.*)

Fórmulas contribuem tanto para a comunicação oral quanto para a comunicação escrita.

O uso de fórmulas, por um lado, pode ter motivação social: aumenta a segurança de comportamento e simboliza a identidade social (função “*chibolete*”), facilitando ao mesmo tempo a produção de texto.

Por outro lado, as fórmulas podem assumir funções de organização discursiva em diálogos: na troca de turnos, na integração da produção e da recepção, na sinalização de familiaridade entre os interlocutores, no desenvolvimento livre do assunto, no cruzamento de situações, e outros.

1.2. A fixidez das fórmulas na fala e sua evidência na mente

As fórmulas são a ‘ponta do *iceberg*’ de toda formulaicidade da língua. Ao invés do termo ‘formulaico’, também é usual o termo ‘convencional’, como encontrado em TAGNIN (2005:15), que faz a distinção entre a convenção social e a convenção lingüística. **Convenção social** diz respeito, segundo a autora, ao saber, p.ex., de que é adequado pedir desculpas quando se pisa no pé de alguém. Como exemplo para a **convenção lingüística**, ela cita o conhecimento sobre a MANEIRA de se realizar verbalmente um pedido de desculpas. A formulaicidade, como Stein a define (ver acima), corresponde, assim, à convenção lingüística, que faz parte, por sua vez, da convenção social.

191

As fórmulas provavelmente são o que há de mais fixo na comunicação: determinadas situações requerem o uso de determinadas expressões lingüísticas. Isso vale tanto para o âmbito institucional, quanto para a maioria de todas as outras situações comunicativas, ainda que em menor ou maior grau. Temos como diferentes graus de fixidez:

- Um exemplo para o primeiro caso é a fórmula *Bitte zurücktreten; Afastem-se das portas*, que é usada pelo controlador dos transportes públicos para direcionar as pessoas antes do fechamento das portas do metrô. Outro exemplo é a fórmula *Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a reunião e eu, XY, lavrei esta ata*, que é acrescentada ao final das atas de determinadas instituições.
- Um pouco menos fixa é uma fórmula como *Guten Tag; Bom dia*: quando encontramos um conhecido, é necessário cumprimentá-lo, se não quisermos infringir o código da polidez, entretanto, temos uma certa liberdade na escolha da fórmula.

- O uso de uma fórmula como *Herzlichen Glückwunsch zum Geburtstag!*; *Feliz aniversário!* é ainda menos fixo: ela pode ser substituída por fórmulas semelhantes ou mesmo por uma formulação relativamente livre. Seu uso também não é tão obrigatório como o das fórmulas supracitadas: os interlocutores podem escolher ignorar o aniversário de alguém, sem com isso serem taxados de extremamente mal-educados, esquivando-se assim da necessidade de manifestar-se verbalmente. Caso o interlocutor escolha parabenizar o outro pelo aniversário, ele precisará recorrer a padrões mais ou menos fixos (como já foi mostrado).
- No nível menos fixo /s/, do ponto de vista pragmático, dentre /d/as fórmulas encontra-se, por exemplo, uma fórmula de comentário como *Ich glaub mich laust der Affe!*; *Macacos me mordam!*. Essas fórmulas expressam uma forma de espanto bastante jovial. O espanto, a surpresa, no entanto, podem ser expressos de diferentes maneiras; além disso, não é necessário expressá-los.

Na língua materna, muitas das fórmulas são adquiridas e ensinadas ativamente: as crianças aprendem desde cedo a dizer *por favor* e *obrigado*, a cumprimentar de tal e tal maneira, a pedir desculpas, etc., o que contribui para pôr em evidência as fórmulas.

Mas se qualificamos as fórmulas como a ‘ponta do *iceberg*’ da convenção lingüística, isso se deve não somente ao fato de elas estarem muito presentes na mente dos falantes (alto grau de conscientização) ou de serem pragmaticamente fixas, mas, antes de mais nada, porque são indicadores de padrões convencionais de comportamento, que devem ser pensados como a base do *iceberg* de nossa metáfora. Trataremos desses padrões de comportamento convencionais (*Verhaltensmuster*) e de seus respectivos **padrões de interação** mais adiante.

1.3. O conceito de ‘fórmula’ em oposição a outras expressões fraseológicas

Pode-se classificar as fórmulas – com exceção das fórmulas compostas por uma palavra – como fraseologismos *stricto sensu*. Elas foram denominadas “fraseologismos pragmáticos” por BURGER/BUHOFER/SIALM (1982); mais tarde, “**fraseologismos comunicativos**”, e/ou “fórmulas de rotina”, que englobam, segundo BURGER (2007) tanto as fórmulas atreladas à situação (p.

ex.: *Griß Gott; Bom dia*), quanto as fórmulas discursivas (p. ex.: *ich meine; eu acho*). O autor excluiu-as do grupo dos fraseologismos referenciais.

Contudo, as fórmulas de comentário (p. ex.: *Das schlägt dem Fass den Boden aus!; Isso é o fim da picada!*), segundo o autor, fazem parte das **frases fixas** (“Feste Phrasen”) que pertencem ao grupo dos fraseologismos proposicionais, dentro do grande grupo dos referenciais (cf. BURGER 2007: 36-40).

Como STEIN (2004), WOTJAK (2005) também subdividiu as fórmulas em fórmulas de rotina (que incluem também as fórmulas de comentário) e fórmulas discursivas. Em sua classificação, as fórmulas discursivas fazem parte dos **fraseologismos menores que uma sentença**, ao lado das colocações (*den Tisch abräumen; tomar sorvete*), das locuções verbo-nominais (*Verwendung finden;*), das locuções conjuntivas e prepositivas (*mit Hilfe von; por meio de*) e das expressões idiomáticas, também chamadas de fraseolexemas (expressões idiomáticas: *jmdn durch den Kakao ziehen; tirar sarro de alguém* e semi-idiomáticas: *einen Streit vom Zaun brechen; falar abobrinha*). As fórmulas de rotina, no entanto, são subordinadas ao grupo dos **fraseologismos sentenciformes e textuais**, juntamente com os provérbios (*Lügen haben kurze Beine*) e os textos formulaicos (p.ex.: notas de falecimento e receitas culinárias). Wotjak, ao contrário de Burger, não diferencia entre fraseologismos referenciais e não-referenciais. Para um panorama geral sobre a variedade terminológica, veja também LÜGER (1999: 29).

193

Para a diferenciação entre fórmulas de comentário (“frases fixas” para BURGER; p. ex.: *Schwamm drüber!; Isso são águas passadas!*) e outros fraseologismos sentenciformes como os **provérbios** (p. ex.: *Morgenstund hat Gold im Mund; Deus ajuda quem cedo madruga*) e os **lugares-comuns** (p. ex.: *Man lebt nur einmal; A vida é curta*), DOBROVOLS’KIJ (1997:67) propõe os seguintes critérios:

- (i) autonomia discursiva vs. inserção discursiva
- (ii) apelo a uma “verdade universal” vs. referência a uma situação concreta

Enquanto os provérbios e os lugares comuns têm autonomia discursiva (funcionam como textos independentes), os “idiomatismos na função de enunciado” não são discursivamente autônomos. Essa dependência discursiva, segundo DOBROVOLS’KIJ (ib.), é freqüentemente marcada por diversos elementos dêiticos e anafóricos:

Jetzt ist aber Sense!
Darauf kannst du Gift nehmen!
Isso é batata!

Provérbios e lugares comuns são textos fechados, cuja tarefa é veicular o **modelo de mundo** de uma determinada sociedade. Eles transmitem regras de comportamento e normas (cf. GLENK 2000) e apresentam frequentemente estruturas típicas e determinados elementos formais como rima e aliteração:

Wo ein Wille ist, da ist auch ein Weg.
Mitgefangen, mitgehangen.
Bellende Hunde beißen nicht.;
Querer é poder.
A ocasião faz o ladrão.
Cão que ladra, não morde.

As fórmulas, por outro lado, referem-se a uma **situação concreta**; não encerram nenhuma “verdade universal”.

No presente trabalho, limitaremos nossa discussão às **fórmulas sentenciformes e atreladas à situação**, ou seja, às fórmulas de rotina.

194

2. As fórmulas, os padrões de interação e o dicionário bilíngüe

Baseado em um catálogo de critérios, WOTJAK (2005) analisa em seu artigo “Routineformeln im Lernerwörterbuch” o tratamento dispensado às fórmulas por dicionários para aprendizes e dá sugestões para sua descrição lexicográfica monolíngüe.

Partindo da análise de dois dicionários para aprendizes, a autora defende dicionários de fórmulas de rotina independentes, mono e bilíngües, que combinem critérios semasiológicos e onomasiológicos e tenham espaço para inserções contextuais. Com isso, reforça a já histórica exigência da perspectiva onomasiológica em dicionários bilíngües de fórmulas de rotina (veja também HYVÄRINEN 2003, WIEGAND 2004).

Com base nas reflexões de WOTJAK sobre fórmulas de rotina em dicionários para aprendizes, levantaremos alguns problemas que aparecem na coleta de fórmulas atreladas à situação, e na sua descrição no dicionário bilíngüe. Em seguida, ilustraremos através da análise da fórmula de contato *Desculpe qualquer coisa* a necessidade de uma abordagem semasiológica e onomasiológica na dicionarização das fórmulas para permitir o acesso também aos padrões de interação subjacentes às fórmulas.

2.1. Levantamento das fórmulas atreladas à situação: o uso de *corpora* e as condições situacionais

2.1.1. O uso de *corpora*

A questão sobre o levantamento de dados é respondida na literatura atual de maneira unívoca pela exigência do uso de *corpora*. Embora os dicionários precedentes possam servir como ponto de partida para a busca das entradas, os *corpora* são indispensáveis por vários motivos. WELKER (2003) menciona o levantamento das diversas acepções de um lexema (no nosso caso, frasema) como um motivo importante para o uso de *corpora*. Para a nossa pesquisa, o uso de *corpora* é imprescindível também por outros motivos: somente o levantamento das fórmulas na respectiva situação comunicativa possibilita uma descrição fraseográfica adequada e é o primeiro passo para um procedimento onomasiológico.

Quando pensamos no par lingüístico alemão/português do Brasil, os *corpora* ainda são um desiderato. Embora alguns *corpora* de alemão *online* de boa qualidade já estejam à disposição do público (p.ex. O *Cosmas* do Institut für Deutsche Sprache, Mannheim), o mesmo não acontece com o português do Brasil. Segundo WELKER, existem alguns *corpora* de português do Brasil, que, no entanto, não estão disponíveis em formato eletrônico. Do mesmo modo, faltam *corpora* paralelos (textos autênticos e suas respectivas traduções). Essa situação faz necessária a recorrência à rede para determinados tipos de pesquisa, utilizando-se ferramentas de busca como o *Google*.

Esse procedimento, porém, exige uma minuciosa filtragem manual dos dados para que se obtenham resultados de qualidade.

2.1.2. Condições situacionais: Investigação da relação entre as fórmulas e os padrões de interação

Encontramos em muitas obras a exigência de levar-se em consideração o contexto na descrição das fórmulas. Dois aspectos (pragmáticos) são de especial relevância. São eles, segundo STEIN (1995: 150), as condições situacionais, sob as quais uma determinada fórmula é usada, e a função que desempenha no discurso.

As fórmulas são “convencionalmente atreladas a um padrão de ação verbal pelo menos” (KÜHN 1984: 194), e com elas o interlocutor “realiza sempre os mesmos atos de fala” (STEIN 1995: 150). Por isso, a indicação de

características situacionais, que determinam o uso da fórmula e tornam-no previsível, não só é possível como também recomendável em um dicionário.

Uma vez que a noção de que cada fórmula é atrelada a um padrão de interação pelo menos, é de grande importância para nossas reflexões, tentaremos relacioná-la com as seguintes teses:

a) Previsibilidade de determinados tipos de formulações em uma determinada situação comunicativa:

Em determinadas situações, para determinados tipos de ações verbais, em determinados grupos sociais, etc., determinados tipos de formulações são convencionalizados; eles são esperados mutuamente pelo sujeito emissor e pelo receptor. (SANDIG 1978: 16).

b) Consciência dos falantes sobre a correlação de determinadas formulações convencionais (dos fraseologismos) e de determinados tipos de textos (que, por sua vez, são subordinados a determinadas situações comunicativas):

Os usuários da língua, tanto como produtores, quanto como receptores do texto, possuem a percepção intuitiva de que os fraseologismos são importantes características distintivas de tipos de texto, e, de que, com base nos mesmos, certos tipos de textos podem ser identificados. [...] Logo, isso indica que certos tipos de fraseologismos e certos tipos de textos estão correlacionados. (BURGER/ BUHOFER/ SIALM 1982: 109)

196

c) Sanções por inobservância dessa correlação entre formulações convencionais e determinadas situações comunicativas e/ou determinados tipos de texto:

Quem vai a um cabelereiro do subúrbio para cortar o cabelo e não consegue entrar – com um tipo de discurso razoavelmente técnico ou característico do grupo local – na conversa atual sobre futebol, oferecida de maneira solícita, poderá eventualmente perceber um distanciamento social no decorrer da conversa restante. Quem ainda inicia a sua palestra ou sua aula acadêmica com o tradicional *Meine Damen und Herren* (*Senhoras e Senhores*), pode vir a sofrer a influência disso sobre sua imagem perante os ouvintes [...]. (POLENZ 1985: 224-225)

d) A indicação e iniciação de um esquema de ação complexo através de formulações convencionais:

Determinadas situações comunicativas exigem determinados comportamentos lingüísticos, que, por sua vez, levam à escolha de determinadas formulações. FEILKE (1994) procurou demonstrar, através de um experimento, que determinadas formulações podem indicar e inicializar

um determinado comportamento lingüístico em uma determinada situação comunicativa. Para o experimento, ele apresentou fragmentos de um texto contendo fraseologismos a voluntários, juntamente com a tarefa de anotar espontaneamente idéias surgidas sobre o conteúdo do texto e suposições sobre o contexto comunicativo. Como resultado, ele obteve (as) reconstituições do texto, que se aproximaram consideravelmente do texto original. Essa mediação entre “a(s) estrutura(s) textual(ais) manifesta(s) e as estruturas do conhecimento de mundo” no processo da formação da coerência textual é produzida através da “**competência idiomática**” do falante/ouvinte. (FEILKE 1994: 213). Trata-se do conhecimento de que os signos lingüísticos são marcados idiomáticamente pela sua ‘mais-valia’ semântica, agregada através do uso (cf. também BÜHLER 1934/1982 apud FEILKE 1994).

A marcação idiomática é identificável em todos os lugares, onde os signos lingüísticos em uso e/ou através de seu uso recebem, conforme Bühler, >um encargo sematológico< e esse >encargo< de mais-valia semântica ou também pragmática é incorporado à competência, ou seja, torna-se convencional e assim faz parte do conhecimento lingüístico que pode ser pressuposto dentro de uma comunidade lingüística. (FEILKE 1994:235)

197

A marcação idiomática dos signos lingüísticos evidentemente não ocorre de maneira igual com todos os signos. O êxito do experimento supracitado dependeu essencialmente da escolha cuidadosa dos signos lingüísticos, que deveriam possibilitar a reconstrução de um determinado texto. Assim, os voluntários do experimento conseguiram, como previsto, concluir a partir da fórmula *Ich erhebe mein Glas* que o seu co-texto era uma ocasião solene e o seu contexto um discurso. A reconstrução do texto não teria sido tão simples, se tivesse sido feita a partir de signos lingüísticos não-fraseológicos. Uma palavra como *Radieschen* (rabanete), p.ex., possibilitaria, segundo Bühler, apesar de sua ‘aura’ (*Sphärengeruch*) a associação de muitos diferentes cenários (p.ex. cozinha, jardim, feira). Para a indicação e iniciação de um concreto e complexo padrão de ação é necessário um ato de fala convencional independente, verbalizado por meio de uma fórmula.

Para o trabalho lexicológico com fórmulas pode-se depreender das considerações anteriores que o contexto, no qual cada fórmula ocorre, deve ser submetido a uma análise usando critérios da análise da conversação e da lingüística do texto quando o intuito for compreender a fórmula como um todo.

2.2. A busca por equivalentes

Quem utiliza um dicionário bilíngüe, procura na maioria dos casos ou a) os equivalentes na L1 para determinados lexemas na L2 ou b) os equivalentes na L2 para determinados lexemas na L1, com um dos seguintes objetivos:

- A compreensão simples, superficial;
- A compreensão mais profunda;
- Tradução da L1 para L2;
- Tradução da L2 para L1;
- Produção ‘livre’ na L2
(cf. WELKER 2003: 21)

Partindo-se do pressuposto de que os usuários medem a qualidade de um dicionário levando em consideração “até que ponto o lexicógrafo conseguiu estabelecer a equivalência entre as unidades lexicais da língua de partida e da língua de chegada” (KROMANN/RIIBER/ROSBACH 1984), então evidentemente surgem as seguintes questões: o que se entende por equivalência, quais os tipos de equivalentes e como são encontrados pelo lexicógrafo.

198

2.2.1. O conceito de equivalência:

Fala-se de equivalência quando um lexema/frasema/textema de uma língua pode ser substituído por um lexema/frasema/textema de outra língua, para designar o mesmo conceito ou conceitos muito semelhantes e/ou desempenhar a mesma função ou uma função semelhante.

O número de autores, que se ocupam de diferentes **tipos de equivalentes**, é grande. Encontram-se na literatura as mais diversas diferenciações de equivalência, desde uma subdivisão mínima entre equivalência total, equivalência parcial ou incompleta e equivalência nula até uma classificação que distingue 13 tipos diferentes de equivalência.

O conceito da ‘equivalência do uso da palavra’, que SCHOLZE-STUBENRECHT (1995) subdivide em equivalência semântica, estilística, pragmática, terminológica, diacrônica, contextual, sintático-gramatical, metafórica, etimológica, morfológica, de freqüência, sonoro-rítmica e diatópica, certamente representa uma das noções mais completas de equivalência. Esse conceito é completado pelas noções de divergência, convergência e ‘multivergência’ (divergência: um lexema da L1 corresponde a

dois ou mais lexemas da L2; convergência: um lexema da L2 corresponde a dois ou mais lexemas da L1; ‘multivergência’: a ocorrência de convergência e divergência simultaneamente), descritas por HAUSMANN (1994).

Esses dois grupos de conceitos (a equivalência do uso da palavra e o trio divergência, convergência e ‘multivergência’), que descrevem uma relação interlingüística, correspondem aos conceitos intralingüísticos de sinonímia e polissemia, respectivamente.

Para verificar a **sinonímia** entre duas palavras, recorreremos ao clássico teste operacional, em que duas palavras são qualificadas como sinônimas, “quando posso substituir uma pela outra em todos os casos (substituição), sem modificar o significado do enunciado como um todo.” (LINKE/NUSSBAUMER/PORTMANN 2004: 169s). É evidente que isso torna quase impossível uma sinonímia perfeita entre palavras. Diferenças regionais, de registro, socioletais, estilísticas, referentes ao tipo de texto e à atitude do falante, tanto quanto as restrições de colocação (a “conotação da palavra”) diferenciam os significados de palavras aparentemente sinônimas, como mostram os exemplos extraídos parcialmente da obra citada:

As palavras consideradas sinônimas *Baby/Säugling* (assim como *neném/bebê* em português) não podem ser substituídas umas pelas outras. *Säugling* é a palavra mais técnica, sendo apropriada no âmbito hospitalar, mas não em um estabelecimento comercial, p.ex. Assim,

Wo ist hier die Säuglings-Abteilung?

evoca o ambiente hospitalar, ao passo que

Wo ist hier die Baby-Abteilung?

Remete a um estabelecimento comercial.

Existem também claras restrições colocacionais. Podemos dizer de uma mulher grávida:

Sie bekommt ein Baby.

Mas não:

Sie bekommt einen Säugling.

Um exemplo para restrições estilísticas e restrições referentes ao tipo de texto e à atitude do falante podemos observar no trio de palavras *entschlafen/*

sterben/ krepieren (falecer/ morrer/ bater as botas); restrições regionais em *Tomate/ Paradeiser* (mandioca/ macaxeira) e assim por diante.

Encontrar intralingüisticamente sinonímias ‘perfeitas’ é quase tão difícil quanto encontrar equivalentes totais interlingüisticamente. Conseqüentemente, o lexicógrafo e o fraseógrafo se deparam com um grande número de equivalentes parciais, cujas diferenças de significado e de uso devem ser descritas e tornadas acessíveis ao usuário do dicionário.

Antes de partirmos para a questão da descrição dos equivalentes, devemos ainda tratar da questão sobre **como encontrar os equivalentes**. Segundo WELKER (op.cit.), os lexicógrafos têm as seguintes opções: a) basear-se em dicionários existentes; b) traduzir; c) consultar falantes bilíngües; d) proceder de maneira científica, comparando a análise dos sememas de ambos os lexemas entre si. GLENK (2003: 207) sugere um método que vai além do proposto no item d): ele permite também a descrição do uso do fraseologismo e dos padrões interacionais subjacentes:

... os fraseologismos [...] são coletados, analisados em seus contextos, seus *frames* são descritos; através da tradução tenta-se encontrar seu equivalente na língua de chegada [...] que, por sua vez, são descritos e depois comparados com os fraseologismos da língua de partida.

200

2.2.2. A equivalência de padrões de interação

Os esforços para encontrar equivalentes partem freqüentemente do pressuposto tácito de que existem conceitos universais sobre pelo menos três objetos:

1. sobre os objetos do mundo externo que fornecem o *denotatum*; 2. sobre o tipo das relações mundo exterior – homem; 3. sobre o tipo de relações que pode haver entre homem – homem. (cf. CHEON 1998).

Não concordamos com esta idéia; os conceitos realmente universais talvez sejam mais raros do que se imagina. Parece-nos mais adequado falar em esquemas pré-conceituais, como postulados por LAKOFF (1987) e JOHNSON (1987): *Container, Part-Whole, Link, Center-Periphery, Source-Path-Goal, Up-Down, Front-Back*.

Por isso, pode se pressupor que não só muitas palavras, mas também muitos conceitos tenham apenas equivalentes parciais na comunidade da língua de chegada.

O que vale para os conceitos vale mais ainda para os padrões de ação, de comportamento e de interação, muito mais complexos que os conceitos.

A falsamente postulada universalidade dos padrões de interação pode não somente levar a problemas de comunicação e a perturbações nas relações individuais, mas também a problemas interculturais de natureza social. Esse é um dos motivos pelo qual a equivalência comunicativa de expressões lingüísticas merece atenção especial na produção de um dicionário de língua estrangeira.

Os padrões interacionais – semelhante às expressões fraseológicas – podem apresentar equivalência total, parcial ou nula na língua de chegada; portanto, falaremos em equivalência comunicativa perfeita, equivalência comunicativa parcial ou equivalência comunicativa nula.

Equivalência comunicativa perfeita: muito rara e encontrada somente entre padrões de interação em comunidades lingüísticas de níveis sócio-econômico, cultural e geográfico muito semelhantes.

Equivalência comunicativa parcial: a maioria dos padrões de interação de duas comunidades lingüísticas deve apresentar uma certa correspondência, indo de “muito grande” a “muito pequena”.

Equivalência comunicativa nula: prevista entre comunidades lingüísticas com níveis sócio-econômico, cultural ou geográfico muito diferentes.

Para efeito de ilustração da equivalência comunicativa parcial (ou seja, da **equivalência parcial de padrões de interação**), citaremos aqui os resultados de pesquisas do âmbito da análise da conversação, que implicam parcialmente no uso de fórmulas.

➤ Padrão interacional AGRADECER:

Kerbrat-Orecchioni chama a atenção para o fato de que o comportamento de agradecimento pode ser muito diferente em culturas distintas: tanto a freqüência quanto as situações em que se agradece, variam de cultura para cultura:

Enquanto que na França agradece-se ao vendedor pela compra da mercadoria, não se age dessa maneira em muitos países asiáticos, já que a partir do momento em que o cliente paga, ele não tem mais a obrigação de exprimir reconhecimento particular.

Ao trocarem objetos ou presentes entre si, pessoas proximalmente relacionadas (amigos ou membros da família) não agradecem, ou melhor: não lhes é permitido agradecer: é assim na Índia, Coreia, Japão, Zaire etc., completamente diferente da maioria dos países ocidentais.

Mas também as maneiras de expressar agradecimento podem ser surpreendentemente diferentes: os japoneses usam fórmulas que na verdade são pedidos de desculpas, para agradecer outras pessoas (quem recebe um presente, sente-se na posição de devedor, logo, culpado).

Na verdade, a problemática nessas diferenças é que “os membros das diferentes culturas [...] crêem que as normas que lhes foram inculcadas desde a mais tenra idade são universais.” (KERBRAT-ORECCHIONI 2006: 138-9)

Essas “disfunções” podem provocar “situações desconfortáveis” e assim levar a “graves traumas” e “feridas culturais”. A autora levanta a suspeita de que “os reflexos xenófobos” [...] pudessem ser provenientes “de um grave desconhecimento da diversidade cultural das normas interacionais”. (ib. 139-140)

➤ Padrão interacional ARGUMENTAR:

Partindo de análises do estilo conversacional de diferentes grupos étnicos de língua materna inglês, que convivem na América do Norte, e dos problemas de comunicação observados em conversas do dia-a-dia entre participantes desses grupos, GUMPERZ (1982) chega à conclusão de que as diferentes estratégias retóricas desses grupos (indianos, norte-americanos, britânicos) levam a problemas comunicativos. O autor observou, p.ex., uma conversa, em que um estudante indiano foi interrompido pelos outros interlocutores, antes que ele pudesse expressar sua opinião. Concluiu que o problema surgiu porque o estudante deu – como introdução à expressão de sua opinião – um resumo detalhado das opiniões até então emitidas pelos outros. Esse procedimento está em acordo com o estilo de discussão indiano, mas não com o dos norte-americanos.

➤ Padrão interacional EXPRESSAR DISSENSÃO:

O seguinte exemplo trata dos estilos de discussão de mulheres e homens alemães e brasileiros. A pesquisa realizada por MEIRELES (2003: 229) mostrou que

[...] mulheres alemãs usam expressões como *ich glaube/ finde/ denke* [...] quatro vezes mais do que os homens alemães, enquanto a análise de

discussões brasileiras não mostraram diferenças significantes a esse respeito. [...] a busca de consenso e harmonia na interação é típica para a linguagem feminina em culturas nas quais existem estilos conversacionais diferentes para mulheres e homens.

A autora deduz disso que homens alemães utilizam um estilo ‘mais agressivo, mais centrado no falante’, enquanto tanto as mulheres quanto os homens brasileiros privilegiam geralmente o estilo argumentativo centrado no ouvinte.

Baseado na experiência intercultural própria poderíamos acrescentar uma longa lista de padrões interacionais, ou seja, de *scripts*, que diferem nas comunidades lingüísticas alemã e brasileira. Aqui apenas um esboço de alguns *scripts* diferentes em alemão e em português do Brasil, inicializados em determinadas situações (cf. GLENK 2006):

Tratamento: *Du/Sie* vs. *você/ Senhor(a)*: enquanto a escolha entre *Du* e *Sie* é norteada sobretudo pelos parâmetros proximidade/ distância, a escolha entre *você* e *Senhor(a)* é determinada sobretudo pelo ‘respeito’ (diante de pessoas mais idosas, em posição hierárquica mais alta, mais influentes etc.).

203

Emitir opinião: Quantas vezes um estudante universitário, p.ex., precisa tomar a palavra em uma discussão? Com que insistência precisa defender sua opinião?

Conversar: Em que situações públicas é necessário que estranhos que aguardam ou viajam juntos façam contato verbal?

Estilo direto/ indireto: Quanto tempo é necessário conversar ao telefone sobre as famílias/ interesses amenos dos interlocutores antes de tematizar o objetivo da chamada?

Como se transmitem notícias tristes?

Fazer valer os próprios desejos: Quais tipos de pedidos têm maior sucesso em uma comunidade lingüística: diretos ou indiretos? Formulações favoráveis ao *image* do ouvinte ou pedidos que enfatizam a necessidade objetiva do objeto desejado?

A correlação entre padrões de interação e fórmulas possibilita a captação onomasiológica das fórmulas, isto é, seu levantamento e sua descrição a partir dos padrões de interação aos quais são atreladas.

2.3. O dicionário ideal: fórmulas e padrões interacionais representados ~~através de procedimentos semasiológicos e onomasiológicos~~

Um dicionário fraseológico polifuncional elaborado através de procedimentos semasiológicos tanto quanto onomasiológicos permite ao usuário não somente o acesso bi-direcional às fórmulas, mas lhe dá acesso também aos padrões interacionais subjacentes a essas, além de fornecer-lhe o equivalente comunicativo na outra língua.

Esse dicionário lista na parte semasiológica as fórmulas em ordem alfabética; na parte onomasiológica, os padrões interacionais (também *scripts*) são listados e relacionados com as fórmulas através de referências.

Tanto a parte semasiológica quanto a onomasiológica devem apresentar a subdivisão em uma parte L1 e uma parte L2.

Na parte semasiológica, as fórmulas servem de entradas. Na microestrutura do verbete, seu significado e suas condições de uso são indicados de maneira metalingüística e através de um exemplo. Além disso, há a referência a um *script* ao qual pertencem.

Na parte onomasiológica, os *scripts* servem de entradas. São descritos e trazem a referência a uma fórmula, através da qual podem ser realizados.

Partindo-se do pressuposto de que existem apenas poucos *scripts* universais, os *scripts* de ambas as línguas precisam ser listados e essas listas confrontadas quanto às suas equivalências. Dessa maneira haverá para cada *script* da L1 um/ nenhum ou vários *scripts* da L2, e vice-versa.

Isso significa para a utilização do dicionário que o usuário que quer compreender, usar ou traduzir p.ex. a fórmula *Desculpe qualquer coisa!*, encontrará na microestrutura do verbete primeiras informações junto com a referência ao(s) *script*(s) brasileiro(s) a que pertence. Procurando esse *script*, encontrará uma descrição completa com a indicação paradigmática de algumas possíveis realizações, além de seu equivalente alemão.

3. Análise da fórmula *Desculpe qualquer coisa* como representante dos padrões interacionais ENCERRAR O CONTATO e/ou GERENCIAR UMA SITUAÇÃO DE POSSÍVEL CONFLITO

A fórmula de contato *Desculpe qualquer coisa* é, segundo a intuição do falante, usada predominantemente na comunicação oral. Nossa pesquisa mostrou, no entanto, que está presente também na comunicação escrita.

Trata-se de uma fórmula que não tem um equivalente total em alemão. Fórmulas que se aproximam e que poderiam ser usadas em alguns contextos como equivalentes, são, p.ex.: *Entschuldigen Sie die Umstände* ou *Nichts für ungut!*.

O dicionário HOUAISS (2001) lista no verbete para *desculpar* no item 7 a seguinte acepção:

pedir desculpa(s) (<*desculpa-se por qualquer coisa*>) (sinal de círculo) USO como sinal de polidez, emprega-se para pedir desculpa por algo possivelmente insatisfatório, ou por uma coisa que pode aborrecer, como meio de atenuá-la (p.ex., *queira d. a falta de comodidade; desculpe a insistência; desculpe, não o ouvi bem*>)

A fórmula tem quatro variantes:

desculpe/a/ em qualquer coisa

respectivamente

desculpe/a/ em por qualquer coisa

e

desculpe/a/ em alguma coisa

respectivamente

desculpe/a/ em por alguma coisa

205

O significado de *qualquer coisa* e *alguma coisa* encontramos outra vez no HOUAISS (op.cit.):

Qualquer coisa: qualquer: designativo de pessoa, objeto, lugar ou tempo 1. indeterminado (um, uma, algum, alguma); 2. indiscriminado, equivalendo a este ou aquele, esta ou aquela, um ou outro, uma ou outra; 3. todo, toda, cada; [...]; cada um.

Alguma coisa: algum: para indicar de modo indeterminado qualquer dos indivíduos da espécie referida pelo substantivo ou pronome a que está ligado; certo número de algo; um tanto; nem muito, nem pouco.

O verbo *desculpar* é usado no imperativo e pode aparecer nas seguintes pessoas do imperativo:

- Na 3ª pessoa do singular, que corresponde às formas de tratamento *você* ou *Senhor/a*, aos tratamentos informal e formal, portanto;
- Na 2ª pessoa do singular, que corresponde à forma de tratamento *tu*. Em geral, com (a) exceção de algumas regiões brasileiras onde o *tu* (tanto com o verbo na 2ª pessoa quanto na 3ª pessoa do singular) ainda é usado, esse imperativo é considerado uma variante coloquial do imperativo da 3ª pessoa do singular;

- Na 3ª pessoa do plural, que corresponde às formas de tratamento *vocês* e *Senhores/as*, aos tratamentos informal e formal, portanto.

Para poder analisar a fórmula em uso, buscamos-na na *web* com a ferramenta de busca *Google*. Todos os levantamentos aqui mencionados foram feitos em abril de 2007. Em seguida, um quadro de todas as ocorrências :

Variante:	Número de ocorrências:
<i>Desculpa qualquer coisa</i>	3670
<i>Desculpem qualquer coisa</i>	1170
<i>Desculpe por qualquer coisa</i>	810
<i>Desculpa alguma coisa</i>	804
<i>Desculpa por qualquer coisa</i>	691
<i>Desculpa por alguma coisa</i>	517
<i>Desculpe qualquer coisa</i>	504
<i>Desculpe por alguma coisa</i>	494
<i>Desculpem por qualquer coisa</i>	284
<i>Desculpem alguma coisa</i>	224
<i>Desculpe alguma coisa</i>	66
<i>Desculpe-me por qualquer coisa</i>	37
<i>Desculpem por alguma coisa</i>	10
<i>Desculpem-me qualquer coisa</i>	10
<i>Desculpe-me qualquer coisa</i>	9
<i>Desculpe-me alguma coisa</i>	3

206

O alto grau de **coloquialidade** no uso da fórmula *desculpe qualquer coisa* e de suas variantes no texto escrito mostra-se através do fato de que a grande maioria das ocorrências do imperativo do singular prefere a conjugação em “-a”: há 5682 ocorrências de *desculpa*, mas apenas 1874 de *desculpe*.

A variante da fórmula com *qualquer coisa* é muito mais freqüente do que a variante com *alguma coisa*: há 7129 ocorrências de *desculpe/a/em qualquer coisa*, mas apenas 2095 de *desculpe/a/em alguma coisa*.

Mais raras são as variantes *desculpe/a/em por qualquer coisa* ou *por alguma coisa*. As duas variantes mais freqüentes apresentam a valência *desculpar* + objeto direto.

As variantes mais raras apresentam a valência *desculpar* + *por* + substantivo (portanto, um objeto preposicionado).

Muito raramente o verbo ocorre na sua forma reflexiva (*desculpe/em-me*: 59 vezes); por isso, desconsideramo-lo em nossa análise.

Comparação com fórmulas similares:

Para dimensionar os números, comparamos o número de ocorrências da fórmula *desculpe qualquer coisa* no Google da rede brasileira com os da fórmula (também brasileira) *Desculpe o incômodo* e de seu equivalente alemão *Entschuldigen Sie die Umstände*:

Enquanto a fórmula *Desculpe qualquer coisa* com todas as suas variantes ocorre 9224 vezes, a fórmula *Desculpe o incômodo* ocorre – somente nessa variante - já 9380 vezes. Isso significa que essa fórmula ocorre em apenas uma variante mais freqüentemente do que *Desculpe qualquer coisa* em todas as suas variantes. *Entschuldigen Sie (bitte) die Umstände* é usada na rede alemã apenas 1965 vezes.

O quadro das ocorrências da fórmula *Entschuldigen Sie die Umstände*:

Variante:	Número de ocorrências:	207
<i>Entschuldigen Sie die Umstände</i>	1160	
<i>Entschuldigt die Umstände</i>	298	
<i>Entschuldigen Sie bitte die Umstände</i>	265	
<i>Entschuldige die Umstände</i>	131	
<i>Entschuldigt bitte die Umstände</i>	101	
<i>Entschuldige bitte die Umstände</i>	10	

Possíveis, porém muito raras (apenas 3 a 10 ocorrências cada) são as variantes com *verzeihen* no lugar de *entschuldigen*.

Esses números mostram que *Desculpe qualquer coisa* é uma fórmula usual, porém não tão freqüente quanto a fórmula mais específica *desculpe o incômodo*. O fato de ser menos usada em textos escritos extraídos da internet, do que outras fórmulas similares, não permite, no entanto, que se tire conclusões sobre sua freqüência em geral, já que não dispomos de dados provenientes da comunicação oral.

Nossa hipótese é que *Desculpe qualquer coisa* é uma fórmula típica da comunicação oral e, portanto, não tão presente na comunicação escrita como outras fórmulas similares.

Submetemos 22 ocorrências da variante *Desculpe qualquer coisa* em contexto a uma análise detalhada. Para a análise utilizamos parâmetros extraídos dos modelos analíticos de CHEON (1998) e KONERDING (1993), acrescidos de outros como, p.ex. o parâmetro “tipo de texto”. Reunimos os resultados no seguinte quadro:

a) Tipo de texto:

E-Mails da venda *online*

Grupos de discussão (informática, matemática, jogos, grupo de estudos, e outros)

Cartas de leitores (emissora de rádio, revista, jornal)

Conselhos (jornal, revista)

Relato de uso oral da fórmula

b) Fase do texto em que a fórmula é usada:

Ocorre ANTES dos seguintes trechos do texto:

No fim do texto, imediatamente antes da assinatura

Quase no final, imediatamente antes de fórmulas como:

Grato pela atenção

Agradeço desde já qualquer tipo de ajuda. Aguardando sua resposta.

Sem problemas.

Qualquer dívida basta entrar em contato.

Raramente: em outro lugar

Ocorre APÓS os seguintes trechos do texto:

Pergunta

Solicitação de explicação

Solicitação de confirmação

Pedido de ajuda

Pergunta para esclarecimento de incompreensão

Conselho

Explicação dada

Opinião emitida

Discussão anterior

c) Razões para o pedido de desculpas:

As razões aqui listadas que motivaram o pedido de desculpas, abrangem desde casos de reconhecimento de culpa intencional (raramente), passando por casos de reconhecimento de culpa não-intencional até casos de culpa hipotética ou a ausência de culpa. Em todos os casos, ocorre uma ameaça ou à face positiva do ouvinte ou do falante (no caso de crítica) ou à face negativa do ouvinte (em caso de pedido):

Crítica anterior (agressão) sofrida pelo ouvinte

Queixa anterior do ouvinte, explicação do falante

Possível mal-entendido, presumido pelo falante

Emissão de opinião do falante

Conselho / instrução anterior dada pelo falante

Performance possivelmente pobre do falante

Recusa/ cancelamento feito pelo falante

Pedido de conselho/ instrução/ ajuda, emitido pelo falante

Agradecimento do falante pelo conselho/ instrução/ ajuda obtida do ouvinte

Sem razão

d) Motivo para o uso da fórmula/ perlocução:

Manter um bom relacionamento

e) Interactantes:

Em geral, não se conhecem pessoalmente; pouca familiaridade; diversas relações hierárquicas e institucionais; neutro quanto às emoções; raramente: pesar. Estilo: neutro, coloquial.

f) Ato de fala: expressivo: O falante pretende convencer o ouvinte de sua estimacão, e de seu desejo de manter o bom relacionamento recém iniciado. Falante reconhece a própria falibilidade. Fortemente esvaziado semanticamente. Ritualizado.

g) Tipo de ação: Encerrar contato. Encontra um paralelo distante no âmbito ritual-religioso: a confissão obrigatória de culpa no início da missa católica: faz parte da condição humana nunca estar totalmente livre de culpa. O falante reconhece humildemente sua condição humana como pecador.

Podemos reduzir o **significado** de *Desculpe qualquer coisa* (no texto escrito) a duas acepções :

1. expressão (geralmente formal) do lamento de uma situação com carga negativa para o ouvinte, causada pelo falante. Essa situação pode ter maior ou menor carga negativa. Maior carga negativa: o falante disse/ fez algo que ofendeu/ poderia ofender o ouvinte; carga negativa menor: o falante pediu algo que pode causar/ causou inconvenientes ao ouvinte; menor carga negativa: o falante disse/ fez algo que deixou o ouvinte insatisfeito. 2. expressão do desejo de manter a relação ‘sem ruídos’, com o reconhecimento concomitante da possibilidade de uma perturbação causada pela falibilidade do falante.

Mesmo que um dicionário oferecesse todas essas informações, e indicasse possíveis equivalentes parciais para ela (já que não existe nenhum equivalente total), ainda não preencheria todas as necessidades do aprendiz/ usuário de língua estrangeira. No momento da produção em, ou tradução para o alemão, no entanto, surgem – dependendo da situação comunicativa – os problemas para o usuário, pois ele pode se deparar essencialmente com dois tipos de situações que exigem o acionamento de dois padrões interacionais distintos.

Um tipo de situação requer o acionamento do padrão GERENCIAR UMA SITUAÇÃO DE POSSÍVEL CONFLITO; o outro exige o acionamento do padrão ENCERRAR O CONTATO.

Quando o padrão interacional para GERENCIAR UMA SITUAÇÃO DE POSSÍVEL CONFLITO é acionado, há, nesse caso específico, equivalência comunicativa parcial entre o português do Brasil e o alemão, e fórmulas como *Entschuldigen Sie bitte die Umstände!* ou *Nichts für Ungut!* ou outro tipo de desculpa seriam – pelo menos à primeira vista – tão adequados em alemão quanto a fórmula *Desculpe qualquer coisa em português*.

Mas quando o padrão ENCERRAR O CONTATO é ativado, não se usaria nenhum dos equivalentes parciais sugeridos. Esse uso da fórmula ocorre mais freqüentemente na comunicação oral e, embora esteja pouco presente no meio urbano, ainda pode ser ouvida com certa freqüência pelos

interiores do Brasil, como atestam tanto relatos em nosso *corpus*, quanto a própria vivência. Geralmente usada no fim de uma visita pelo visitante ou pelo anfitrião, ela é sinal de uma polidez que está caindo em desuso, como atesta o seguinte comentário mordaz e um tanto míope (a que ‘escalões superiores da sociedade’ ele se refere?) de Carlos Heitor CONY (2004):

A expressão, que parece delicada ("desculpe qualquer coisa"), é quase exclusividade dos simples, das donas-de-casa que recebem visita e pedem desculpa antecipada por qualquer coisa. Caiu de moda nos escalões superiores da sociedade.

Nesse caso, os equivalentes alemães não cabem. Para ENCERRAR O CONTATO dir-se-ia em alemão algo inteiramente diferente de *Nichts für Ungut!*; talvez algo como *Es war so schön, dass Sie hier waren!* ou *Ich hoffe, wir haben Sie nicht zu lange aufgehalten*. Ou simplesmente nada.

Esse fato explica também por que a descrição semasiológica das fórmulas não consegue suprir todas as necessidades dos usuários dos dicionários, mas precisa ser complementada pela perspectiva onomasiológica. Somente dessa maneira, os padrões de interação tornam-se acessíveis aos usuários.

211

4. Conclusão:

Vimos que as fórmulas são *o pars-pro-toto*, a ponta do *iceberg* dos padrões de interação. O seu uso é esperado em determinadas situações comunicativas ou tipos de texto e sua omissão ou seu uso inadequado são sancionados. Mas conhecer as fórmulas ainda não garante uma comunicação adequada na língua estrangeira; já que os padrões de interação são tão pouco universais quanto sua expressão lingüística; eles também precisam ser aprendidos. Não somente o conhecimento fraseológico mas também o conhecimento dos padrões de interação subjacentes são parte integrante da competência idiomática, que aprendizes de uma língua estrangeira procuram adquirir. Um dicionário com características semasiológicas e onomasiológicas pode contribuir para a aquisição dessa competência tão importante na comunicação intercultural.

Referências bibliográficas:

- BURGER, H. *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. Berlin, 2007..
- BURGER, H./ BUHOFER, A. SIALM, A. *Handbuch der Phraseologie*. Berlin/ New York 1982.
- CHEON, Mi-Ae. *Zur Konzeption eines phraseologischen Wörterbuchs für den Fremdsprachler. Am Beispiel Deutsch-Koreanisch*. Tübingen, Max Niemeyer, 1998.
- CONY, C.H. “Filhos e livros”. In: *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 9/5/2004, www.folha.uol.com.br/ (02/05/2007)
- COULMAS, F. *Routine im Gespräch. Zur pragmatischen Fundierung der Idiomatik*. Wiesbaden, 1981.
- FEILKE, H. *Common sense-Kompetenz. Überlegungen zu einer Theorie “sympathischen” und “natürlichen” Meinens und Verstehens*. Frankfurt a.M., 1994.
- GLENK, E. *Die Funktion der Sprichwörter im Text*. Wien, Edition Praesens, 2000.
- GLENK, E. “Brasilianisch-portugiesische und deutsche Phraseologismen im Kontrast: Beschreibungsverfahren und Äquivalenzsuche.” In: *Pandaemonium Germanicum* 7, São Paulo/USP 2003, 191-214.
- GLENK, E. “Die Vermittlung kultureller Skripts an Fremdsprachenlerner und –benutzer“. In: *Akten des XII. ALEG-Kongresses*. Havanna und Leipzig, 2006.
- GUMPERZ, J. *Discourse strategies*. Cambridge, 1982.
- HAUSMANN, F.J. „Typologie du dictionnaire général bilingue.“ In: FIGGE, U. (Hg.). *Portugiesische und portugiesisch-deutsche Lexikographie*. Tübingen, Niemeyer, 1994, 11-33.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 2001.
- HYVÄRINEN, I. „Der verbale Valenzträger.“ In: ÁGEL/ EICHINGER/ EROMS/ HELLWIG et al. (eds.): *Dependenz und Valenz. Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*. Bd. 1 Berlin, 2003, 738-149.
- JOHNSON, M. *The Body in the Mind*. Chicago, 1987.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação. Princípios e métodos*. São Paulo, 2006.
- KONERDING, K.-P. *Frames und lexikalisches Bedeutungswissen*. Tübingen, Niemeyer, 1993.

- KROMANN, H.P./ RIIBER, T./ ROSBACH, P. „Überlegungen zu Grundfragen der zweisprachigen Lexikografie.“ In: *Germanistische Linguistik* 3-6, 1984, 59-238.
- KÜHN, P. (1984): „Pragmatische und lexikographische Beschreibung phraseologischer Einheiten.“ In: WIEGAND, H. (ed.): *Studien zur neuhochdeutschen Lexikographie IV*. Hildesheim, Zürich, New York, 1984, 175-235.
- LAKOFF, G. (1987): *Woman, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago, 1987.
- LINKE, A./ NUSSBAUMER, M. /PORTMANN, P. *Studienbuch Linguistik*. Tübingen, 2004.
- LÜGER, H.-H. *Satzwertige Phraseologismen*. Wien, Edition Praesens, 1999.
- MEIRELES, S. “Dissens und Höflichkeit – deutscher Diskussionsstil aus einer fremden Perspektive.” In: *Pandaemonium Germanicum* 7, São Paulo/USP 2003, 215-232.
- POLENZ, P.v.: *Deutsche Satzsemantik*. Berlin/New York, 1985.
- SANDIG, B. *Stilistik der deutschen Sprache*. Berlin/New York, 1986.
- SCHOLZE-STUBENRECHT, W. „Äquivalenzprobleme im zweisprachigen Wörterbuch.“ In: *Germanistische Linguistik*, 127-128, 1995, 1-16.
- STEIN, St. *Formelhafte Sprache: Untersuchungen zu ihren pragmatischen und kognitiven Funktionen im gegenwärtigen Deutsch*. Frankfurt/M.; Berlin, Bern u.a., 1995.
- STEIN, St. “Formelhaftigkeit und Routinen in mündlicher Kommunikation.” In: STEYER, K. (ed.). *Verbindungen mehr oder weniger fest. Jahrbuch IDS 2003*. Berlin, 2004.
- TAGNIN, S. *O jeito que a gente diz. Expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo, 2005.
- WELKER, H.A. *Zweisprachige Lexikographie: Vorschläge für deutsch-portugiesische Verbwörterbücher*. München, 2003.
- WIEGAND, H.E. „Lexikographisch-historische Einführung.“ In: DORNSEIFF, F.(ed.): *Der deutsche Wortschatz nach Sachgruppen*. Berlin/New York, 2004, 9-91.
- WOTJAK, B. “Routineformeln im Lernerwörterbuch”. In: BARZ, I./ BERGENHOLTZ, H./ KORHONEN, J. (eds.): *Schreiben, Verstehen*,

Glenk, E. – Fórmulas de rotina: uma porta de entrada para padrões interacionais

Übersetzen, Lernen. Zu ein- und zweisprachigen Wörterbüchern mit Deutsch.
Peter Lang, 2005, 371-387.

Tradução, língua alemã e pós-graduação: três relatos, uma diretriz

Magdalena Nowinska*

Cristiana Oliveira

Emiliano Rossi

Abstract: This article presents some examples of translation research in German Studies, on postgraduate level (master's degree program). Following a tradition of the University of São Paulo, going back to the 1960s, such master's dissertations aim at presenting translations of texts yet unpublished in Brazil. Accompanied by annotations and commentaries, the translations are anchored in theoretical perspectives of Translation Studies. The three reports presented here concede a look behind the scenes of research in translation, which includes detailed analyses of the texts to be translated, and which is directed and enlarged by theoretical readings accompanying the actual translation phase. The latter, conducted in various stages, focuses on specific problems of the different levels of linguistic - and, if necessary, literary - analyses, thus influencing the composition of the annotations and commentaries, as well as the subsequent attempts at "re-writing" the text in translation. At the end of the process, annotations and commentaries are selected and related to a chosen theoretical perspective, and it is only then that the final version of the dissertation is composed, its argumentation following the direction of a reflection based on the translation practice.

215

Keywords: translation research; German-Portuguese translation.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma amostra de pesquisas com a língua alemã nos trabalhos de grau da pós-graduação (nível de mestrado) envolvendo a tradução. Seguindo uma tradição que, na Universidade de São Paulo, remonta aos anos de 1960, tais trabalhos têm por objetivo apresentar a tradução de textos inéditos, acompanhados de notas e comentários, e – ao contrário dos trabalhos realizados àquela época – são ancorados numa perspectiva teórica dos Estudos da Tradução (*Translation Studies* na nomenclatura internacional). A partir de três relatos de pesquisas em andamento, procura-se revelar os bastidores do trabalho com os textos, bem como a fase de análise do texto a ser traduzido, que é pautada e aprofundada por leituras teóricas e realizada paralela e concomitantemente à fase de tradução propriamente dita. Esta última, empreendida em várias etapas, enfoca a cada vez uma dificuldade específica dos diferentes níveis da análise lingüística – e, dependendo do caso, também literária – e sugere a redação de notas, comentários e diferentes tentativas de reescritura. Ao final do processo, as notas e comentários são selecionados e relacionados com a perspectiva teórica, para que só então se processe a redação final da Dissertação, cuja diretriz é construída numa direção que vai da prática de traduzir para a reflexão.

Palavras-chave: pesquisa em tradução; língua alemã.

* Mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã, da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. João Azenha Junior. mnowinska@gmx.net; rossiemiliano@yahoo.com.br; kikaberea@hotmail.com.

Zusammenfassung: Dieser Sammelaufsatz stellt eine Auswahl germanistischer Forschungsprojekte vor, die in Master-Studiengängen im Bereich Übersetzung durchgeführt werden. Im Sinne einer Tradition, die an der Universität São Paulo seit den 60er Jahren besteht, setzen sich solche Arbeiten zum Ziel, Übersetzungen von in Brasilien noch nicht veröffentlichten Texten vorzulegen, die von Anmerkungen und Kommentaren begleitet und zudem - im Gegensatz zu den früheren Arbeiten - in theoretischen Ansätzen aus dem Bereich der *Translation Studies* verankert sind. Ausgehend von drei Berichten aus laufenden Forschungen sollen hier die Kulissen der Arbeit am Text, sowie einzelne Phasen der Textanalyse verdeutlicht werden, die, durch theoretische Lektüren abgesteckt und vertieft, parallel und begleitend zur eigentlichen Übersetzungsphase stattfinden. Letztere konzentriert sich, in unterschiedlichen Etappen, auf spezifische Probleme der verschiedenen Ebenen der sprachlichen - und unter Umständen auch literarischen - Analyse, aus der Anmerkungen und Kommentare, sowie verschiedene "Neuschreibungen" der Texte hervorgehen. Zum Abschluss dieses Vorgangs werden Anmerkungen und Kommentare ausgewählt und theoretisch verortet, um erst an dieser Stelle in der endgültigen Fassung der Dissertation zusammengestellt zu werden, deren Richtlinien somit aus der Praxis des Übersetzens heraus und hin zur abstrakteren Reflexion konstruiert werden.

Stichwörter: Übersetzungsforschung; deutsche Sprache/Germanistik.

Introdução

216

Trabalhos de grau envolvendo a tradução, seja em nível de mestrado, seja no de doutorado, são uma forte tradição na produção intelectual de docentes e discentes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo há pelo menos cinco décadas. Nos anos de 1960 e 1970, antes mesmo de se concentrarem fundamentalmente na Faculdade de Letras – o que passa a ocorrer a partir de meados da década de 1970 –, as teses e dissertações envolvendo a tradução encontram-se dispersas por áreas como Filosofia, História, Sociologia, Antropologia, Linguística, Teoria Literária e também, mas em escala menor, nas Letras (cf. CATÁLOGO¹, 1998).

Um breve exame da produção intelectual desse período (cf. AZENHA 2007) revela a constituição de, basicamente, três eixos, a partir dos quais se têm estruturado desde então os Estudos da Tradução nessa Instituição: (1) trabalhos contrastivos nos diferentes níveis da análise linguística, (2) trabalhos de literatura comparada e (3) trabalhos que se referem ao ensino de línguas e literaturas estrangeiras.

¹ A indicação "Catálogo" diz respeito ao *Catálogo de Teses e Dissertações 1942-1997* organizado pela Comissão de Pós-Graduação da FFLCH-USP em 1998 (cf. Referências Bibliográficas).

Nessa linha de tradição, os trabalhos envolvendo a tradução no interior do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã têm incorporado, através de um diálogo profícuo, não apenas os avanços obtidos pelos Estudos da Tradução no Brasil e também no exterior, mas também as conquistas de áreas de estudo correlatas, das quais se destacam – no plano da Lingüística – os estudos contrastivos alemão-português e – no plano da Literatura – os projetos de pesquisa inseridos na linha de pesquisa “Germanística Intercultural”. Nesse sentido, e diferentemente do que ocorria nas décadas de 1960 e 1970, esses trabalhos mantêm sua vocação de trazer a público a tradução comentada e anotada para o português do Brasil de obra inédita da literatura alemã ou, no caso de textos técnicos e científicos, de áreas específicas do saber, mas acrescentam a essa vocação a preocupação pela objetividade, entendida aqui não como a aspiração pelo cientificismo – marca de algumas tendências dos Estudos da Tradução das décadas de 1950 a 1970 –, mas como o propósito de desvestir o trabalho de tradução de uma base meramente intuitiva e de revelar passo a passo as etapas desse complexo processo de tomada de decisões, que só ganha uma unidade na relação consciente e coerente entre teoria e prática.

217

Os relatos que se seguem, todos eles relatos de pesquisas em andamento², têm em comum esse propósito. Apesar de seus diferentes objetos de pesquisa e, conseqüentemente, de seus *corpora* diversificados, tais relatos permitem ao leitor acompanhar, ao menos em parte, as reflexões que norteiam esse tipo específico de trabalho em tradução em nível de pós-graduação e suas articulações com áreas de saber correlatas. Além disso, e considerando-se sua natureza como obra aberta, experimental, esses trabalhos relêem a tradição a partir de uma perspectiva atual, ao mesmo tempo em que testam os limites da criatividade do tradutor-pesquisador, preocupado em vencer, através da tradução, um hiato cultural, temporal e espacial muitas vezes desafiador.

² Os relatos aqui reunidos fizeram parte de um painel intitulado “Metodologias da pesquisa com a língua alemã em trabalhos de tradução na pós-graduação” e foram apresentados na III Jornada de Língua Alemã, realizada de 7 a 11 de maio de 2007 na FFLCH – USP.

Primeiro relato

A tradução de *Die Judenbuche* de Annette von Droste-Hülshoff: apresentação de um trabalho em progresso.

Por Magdalena Nowinska.

Este breve relato tem como objetivo suscitar algumas reflexões acerca de estratégias de pesquisa em tradução. Partindo-se de um problema concreto na tradução de uma novela alemã do século XIX, pretendo discutir algumas das propostas da teoria do *skopos*. Nesse sentido, não pretendo aqui apresentar uma solução final para os problemas mencionados, mas simplesmente discutir possíveis estratégias à luz de uma determinada teoria da tradução.

Os exemplos discutidos a seguir advêm de um projeto de mestrado em tradução. Esse projeto visa, de um lado, a apresentar uma tradução para o português da novela *Die Judenbuche* (A faia dos judeus), de 1842, de autoria de Annette von Droste-Hülshoff. Como um trabalho de pesquisa, porém, esse projeto pretende também refletir sobre procedimentos de tradução em relação a teorias da tradução, na tentativa de identificar problemas e caminhos para a tradução pretendida. A discussão que se segue é resultado dessa estratégia. Partindo da reflexão acerca de um problema concreto na tradução de *Die Judenbuche* - a tradução do vocabulário histórico dentro do texto literário, ligado a instituições sociais da realidade alemã do século XVIII, presentes no "mundo textual" ("text-world", cf. NORD 1997:87) da novela - pretendo mostrar, neste artigo, possíveis estratégias de tradução com base em algumas propostas da teoria do *skopos*.

218

Após uma breve reflexão sobre as propostas da teoria do *skopos*, serão apresentados os termos alemães e suas possíveis traduções, seguidos, por sua vez, de uma espécie de oficina de tradução na qual pretendo refletir sobre a relação entre os problemas e o modelo teórico escolhido para a discussão, cogitando algumas possíveis estratégias para as necessárias escolhas de tradução.

A teoria do *skopos* considera a tradução um processo, uma ação no sentido de uma interação intercultural, intencional, interpessoal, parcialmente verbal e baseada em um texto de origem (cf. NORD 1997:18). Partindo desse pressuposto, a teoria do *skopos* sugere alguns possíveis modelos de tradução, para textos literários tanto quanto para textos técnicos, e baseados em diferentes objetivos (ou *skopos*), os quais uma tradução supostamente pode ter.

NORD (1997) organiza esses modelos em dois tipos superiores, o da tradução documental e o da tradução instrumental, subdivididos, por sua vez, em vários subtipos (cf. NORD 1997:45-52). O modelo de tradução que proponho testar nesta discussão é o da tradução filológica, uma sub-espécie do gênero da tradução documental e, ao meu ver, na tipologia da teoria do *skopos*, o mais adequado para os objetivos de uma tradução comentada e anotada de um texto literário, que proponho fazer para *Die Judenbuche*.

A tradução filológica é definida como uma tradução que "[...] reproduces the source text rather literally but adds the necessary explanations about the source culture or some peculiarities of the source language in footnotes and glossaries [...]" (NORD 1997:49). Essa definição não é entendida como uma regra fixa para este tipo de traduções, já que a própria teoria do *skopos* se entende como uma teoria geral, que pretende estimular reflexões acerca da tradução e não estabelecer normas ou regras translatorias (cf. NORD 1997:118). É nesse sentido, contudo, que considero pertinentes questões acerca de alguns pontos vagos dessa definição. Por ser uma definição genérica, ela deixa em aberto vários aspectos, que ficam visíveis no percorrer do processo de traduzir um texto: quão "literal" seria uma tradução feita "rather literally"? Quais ou que tipo de explicações seriam consideradas necessárias ("necessary") para uma tradução filológica? Que tipo de peculiaridades ("peculiarities") de um idioma deveria ser inserido nas notas de rodapé ou em glossários?

219

Cada tradução literária é, a meu ver, um processo individual, baseado em um texto singular. Portanto, cabe ao tradutor definir individualmente esses pontos vagos para cada tradução. A seguir, tentarei deixar claras as estratégias que aplico à tradução de *Die Judenbuche*. A discussão concentra-se em um personagem da novela, o *Gutsherr*, que, por apresentar interessantes interferências interculturais para essa tradução, parece-me um objeto interessante de análise.

A trama de *Judenbuche* acontece numa comunidade rural e gira em torno de um protagonista, Friedrich Mergel. Outro personagem da narrativa é um nobre que assume os papéis de investigador e de juiz em dois casos criminais. No âmbito do texto, encontram-se quatro diferentes referências a esse segundo personagem: ele é denominado principalmente de *Gutsherr*, mas também de *Guttsbesitzer*, *Baron* e *Herr von S. Guttsbesitzer*, que é usado uma só vez, no início da narrativa (DROSTE-HÜLSHOFF 1999:10), e não remete ao personagem como um indivíduo, mas à aristocracia rural, à qual o *Gutsherr*

pertence. A primeira referência ao personagem como indivíduo é feita por meio do termo *Gutsherr* (DROSTE-HÜLSHOFF 1999:36). *Baron* e *Herr von S.* são acrescentados no decorrer da narrativa e são usados sem aparente diferenciação ou preferência por um dos termos. Talvez a variação de denominações tenha razões estéticas (um desejo de evitar repetições) e/ou seja uma estratégia narrativa de individualização do personagem que, exclusivamente como *Gutsherr*, seria talvez estereotipado demais.

Com a exceção de *Herr*, nenhum desses termos é de uso corrente na língua alemã contemporânea. O título *Baron*, tanto quanto a preposição *von* no nome do personagem, caracterizam-no como um membro da nobreza. A própria narrativa permite algumas conclusões adicionais sobre esse personagem. No contexto da narrativa, fica claro que ele é uma autoridade local que tem poder policial - ele conduz a investigação nos casos criminais, incluindo uma busca na casa do suspeito, e comanda homens que assumem o papel de policiais - e também poder judiciário: ele é o juiz nos dois casos criminais. Uma pesquisa dos termos *Gutsherr* e *Gutsherr* em dicionários monolíngües revela outros aspectos: segundo o *Duden Universalwörterbuch*, um *Gutsherr* é um proprietário ou grande proprietário de terras agrícolas (DUDEN 2006). O mesmo dicionário define *Gutsherr* como "proprietário de terra e chefe daqueles que trabalham na sua propriedade" (DUDEN 2006).

220

Temos aqui, então, um nobre, proprietário de terras, que aparentemente tem também algum poder político na comunidade. Na hora de procurar traduções dos quatro termos, o título de *Baron* não apresenta grandes dificuldades, já que o mesmo título de nobreza, *barão*, existe em português. Para a expressão *Herr von S.* propõem-se duas alternativas: *senhor* e *Dom*. *Senhor* é uma expressão mais genérica e, nesse sentido, corresponde mais ao alemão *Herr*, sendo que tanto *Herr* quanto *senhor* podem ser usados como uma forma respeitosa de tratamento dispensada a homens e como a designação de uma pessoa de importância, e esses são os usos da expressão *Herr von S.* na *Judenbuche*. A expressão *Dom* soa mais familiar como forma de tratamento para membros de nobreza; mas a definição como "título honorífico que precede o nome de batismo, aplicado a monarcas e príncipes ou a membros da alta nobreza de Portugal e Espanha" e "entre espanhóis e hispano-americanos, título que precede o nome de batismo, aplicado a qualquer homem adulto a quem se quer tratar com cortesia, deferência ou respeito" (HOUAISS 2002) liga o termo talvez um pouco demais às regiões ibéricas (cf. discussão abaixo).

As duas outras expressões, *Gutsbesitzer* e *Gutsherr*,³ designações ligadas, como já mencionei, à propriedade rural, são traduzidas pelos dois dicionários bilíngües consultados, *Langenscheidts Taschenwörterbuch* e o *Dicionário de alemão português* da Porto Editora, como *proprietário*, *proprietário rural*, *fazendeiro* e *latifundiário* (LANGENSCHIEDT 2001 e PORTO 1986).⁴ Discutirei esses termos adiante, mas gostaria aqui de chamar a atenção para o fato de que todas essas expressões portuguesas se referem exclusivamente aos aspectos sócio-econômico e jurídico dos dois termos alemães, ou seja, todas elas definem *Gutsherr* e *Gutsbesitzer* somente como agricultor e/ou proprietário de terra. Contudo, no contexto da história, como já mencionei, a atividade do personagem não se limita somente a esse aspecto, já que ele desempenha também papéis políticos na região. Ao que parece, ele é o "chefe" da região. É ele que é autorizado a impor a ordem e sua autoridade é reconhecida pelos moradores da comunidade. Sendo assim, um termo como o do *coronel* - no sentido do coronelismo brasileiro - definido como um "indivíduo, geralmente proprietário rural, ocasionalmente um burocrata, comerciante ou profissional liberal do interior do país, que controla o poder político, social e econômico da região" (HOUAISS 2002), pareceria, à primeira vista, mais adequado como tradução. Seria, contudo, justificado usar esse tipo de termo para o contexto dessa narrativa? Será que o coronelismo como um fenômeno político da cultura brasileira é compatível com a realidade apresentada em *Judenbuche*?

221

A trama da narrativa, publicada em 1842, pode ser localizada no tempo e espaço por meio de indicadores no texto. As localidades concretas são mantidas anônimas - o lugar principal da trama é um vilarejo chamado simplesmente de B. - mas o texto localiza esse vilarejo na Alemanha, e o subtítulo da novela, "um quadro de costumes da Vestfália serrana", limita ainda mais a região ao noroeste da Alemanha, a Vestfália, região onde a autora viveu e onde houve, na época dela, um caso de assassinato que serviu de base para a narração fictícia de *Judenbuche*. O texto é também bastante específico quanto ao período da trama, que começa em 1738, com o nascimento do protagonista, e termina em 1788.⁵

Trata-se aqui, então, de uma história em uma região rural da Alemanha, no século XVIII e a novela faz questão de localizar a trama nesse tempo e

3 Nesta discussão, os dois termos são tratados conjuntamente porque representam a mesma função social.

4 Ambos os dicionários propõem também o termo "lavrador", que eu, no entanto, descartei para esta discussão, por referir-se mais ao trabalho rural do que à propriedade.

5 O texto da novela informa o ano 1788; pela seqüência da trama o ano final deveria ser, porém, 1789. Esse "erro" da autora foi discutido amplamente por vários autores - cf., entre outros, TYTLER (2000:347) e HUGE (2006:23-25) - mas ele não tem importância para os fins desta discussão, que somente procura delimitar aproximadamente um período de tempo.

espaço.⁶ Essa época não era muito remota ao tempo da publicação da novela; a autora, portanto, deveria ter bastante conhecimento dela. Para nós, leitores do século XXI, os livros históricos são uma possível fonte de conhecimentos na busca de uma melhor compreensão das instituições sociais e jurídicas na Alemanha do século XVIII, como a do *Gutsherr*. O sistema político-social na Alemanha do século XVIII (e ainda do começo do século XIX) era caracterizado por traços de um feudalismo tardio (cf. WEHLER 1989:35). Embora o feudalismo, como sistema de organização social e política na Europa, tenha entrado em declínio a partir do século XIII, algumas das suas características perduraram em certos países, como é o caso da Alemanha. Uma dessas características era a organização social e política da vida rural, e a instituição do *Gutsherr* era, nesse contexto, emblemática. Em síntese: esses nobres alemães, sucessores dos vassallos de reis da Idade Média, eram grandes proprietários de terras, membros da aristocracia e tinham vários privilégios (sociais, políticos), oriundos ainda dos tempos feudais. Os camponeses que lavravam suas terras e que moravam nos seus territórios eram, de ponto de vista jurídico, seus súditos. Dentre os privilégios reservados a esses nobres estava o direito de exercer o poder policial e de administrar a justiça dentro da área de suas (em geral extensas) propriedades. Em suma, um *Gutsherr* era um chefe local, relativamente autônomo em relação ao poder central, e exercia seus privilégios dentro de um sistema político que lhe concedia essa autonomia (cf. WEIS 1978:11-16, WEHLER 1989:43).

222

Essa definição histórica do *Gutsherr* é coerente com a sua caracterização na *Judenbuche*. Mas ela acrescenta algo que não é perceptível a partir da mera leitura da obra: o caráter feudal contido no conceito do *Gutsherr*. É esse acréscimo que permite a identificação de algumas outras possibilidades de tradução dos termos *Gutsherr* e *Gutsherrbesitzer*. O feudalismo pode ser associado a termos portugueses como *grande proprietário*, (*senhor*) *castelão* ou *senhor feudal*. Um outro termo que pode ser associado a *Gutsherr* seria, por exemplo, o *fidalg*, um indivíduo "que tem foros de nobreza, nobre" ou "que tem título de nobreza", como informa o *Novo Dicionário Aurélio* (AURÉLIO 1986).

A discussão acima fornece uma lista bastante extensa de traduções para as quatro denominações do personagem *Gutsherr*. O modelo aqui discutido, a tradução filológica, permite fazer algumas escolhas entre essas possibilidades: como a tradução filológica é voltada ao original e tenta preservar, na medida

⁶ Em termos da teoria do *skopos*, o mundo textual ("text-world") refere-se explicitamente à realidade da cultura-fonte ("source-culture reality") (cf. NORD 1997:87). Parece-me pertinente, portanto, analisar o personagem em termos históricos, não somente como uma invenção fictícia.

do possível, os seus traços, acho justificado traduzir as quatro denominações, por meio de quatro termos correspondentes. Para a denominação *Baron* foi encontrada uma correspondente única e, a meu ver, bastante adequada: *Barão*. No caso de *Herr von S.* eu daria preferência ao termo mais genérico *senhor* - por corresponder mais ao igualmente genérico *Herr* - em vez do mais "ibérico" *Dom*. Proponho manter a preposição *von*, já que ela faz parte do nome e título do personagem e proporcionaria uma certa "estrangeirização", no sentido do termo tal como definido por VENUTI (1995:20), que, para mim, é uma das características de uma tradução retrospectiva ou voltada ao original (cf. VERMEER 1990:59), que é parte da definição da tradução filológica.

Já a tradução dos termos *Gutsherr* e *Gutsbesitzer* é menos trivial, considerando a lista extensa de possibilidades encontradas. Com o modelo da tradução filológica como uma espécie de filtro, eu descartaria os termos *proprietário* e *grande proprietário* (pois me parecem genéricos demais, tanto em relação à propriedade rural quanto ao poder local), *fidalgo* (que denomina um nobre, mas sem a noção da propriedade de terras) e também *senhor feudal*, por acentuar talvez muito intensamente o aspecto do feudalismo, que já não era o padrão político central na época da trama, mas simplesmente um resquício de um regime passado.

223

Sobram três grupos de termos para a discussão: (1) *coronel*, como um termo da cultura brasileira, mas com certa proximidade semântica aos originais, (2) *castelão*, termo ligado à nobreza e feudalismo, e (3) *fazendeiro*, *latifundiário* e *proprietário de terras*, que transmitem a noção de propriedade rural, sem ter, no entanto, a noção do poder local que um *Gutsherr* exercia, bem como o aspecto de nobreza.

Seguindo a opção de tradução retrospectiva, proponho descartar o termo *coronel*, embora haja uma proximidade semântica relativamente grande com os termos *Gutsherr* e *Gutsbesitzer*. Mas apesar de várias semelhanças - principalmente a da relativa autonomia política - o coronelismo brasileiro e o sistema feudal tardio europeu diferem significativamente: enquanto a autonomia dos coronéis era uma prática não sancionada formalmente pelo Estado, a autonomia dos senhores feudais fazia parte da ordem política dos Estados europeus. A tradução do *Gutsherr* dessa narrativa como *coronel* poderia desfigurar o personagem, transformando uma autoridade legítima (pelo menos

naquela sociedade alemã do século XVIII) em uma pessoa autoritária. Além disso, falta ao termo *coronel* o aspecto da nobreza.⁷

Já o termo *castelão* combina melhor com a definição histórica do *Gutsherr* - um *castelão* sendo, na definição de Houaiss, um "senhor feudal que vivia em castelo e tinha o privilégio de administrar justiça em determinada área" (HOUAISS 2002). O *Gutsherr* de *Judenbuche* vive, de fato, em um castelo. Mas, ao contrário do *coronel*, o termo *castelão* possivelmente não evoca muitas associações acerca de seu significado no Brasil, sendo um termo para uma instituição que nunca existiu por aqui. Além disso, por ser um termo técnico da época do feudalismo propriamente dito, é também, de um certo modo, anacrônico até para essa narrativa do século XVIII. Contudo, do ponto de vista de uma tradução retrospectiva, *castelão* parece mais adequado do que *coronel*.

Fazendeiro, *latifundiário* e *proprietário de terras*, finalmente, transmitem, como já mencionei, a noção de propriedade rural, mas falta-lhes a noção do poder local de um *Gutsherr* e também o aspecto de nobreza. Apesar disso, um leitor brasileiro poderia talvez conotar uma ligação, embora não "oficial", entre um dono da fazenda e poder político e jurídico, por ser familiarizado com o fenômeno do coronelismo, um aspecto bem conhecido na cultura brasileira. Um *Gutsherr* não era, porém, simplesmente um dono de propriedade rural; mas essa noção é importante na sua caracterização na *Judenbuche*. Portanto, e apesar de algumas diferenças, esses termos seriam, na minha opinião, possíveis candidatos para uma tradução filológica.

Dos quatro termos restantes - *castelão*, *fazendeiro*, *latifundiário* e *proprietário de terras* - nenhum corresponde completamente aos significados dos originais, tal como os defini aqui historicamente. Essa constatação não surpreende, tendo em vista a grande diferença entre o "mundo textual" da novela e a cultura-alvo, a cultura brasileira contemporânea; conceitos históricos de uma cultura raramente se traduzem facilmente para o presente de uma outra cultura. A questão aqui não é também definir qual dos termos seria o mais adequado, mas como proceder no caso de uma tradução filológica. A definição desse tipo de tradução recomenda traduzir "bastante literalmente" e remeter as informações consideradas necessárias para a compreensão para comentários e notas de rodapé. Uma solução seria, então, escolher um dos termos (ou dois, para diferenciar *Gutsherr* e *Gutsherr*) e completar, em

⁷ Esta escolha afetaria também as opções de tradução do contexto do personagem do *Gutsherr*; por exemplo, o fato de ele morar num castelo: todo o contexto do *Gutsherr* teria de ser adaptado à vivência de um coronel.

comentário ou nota de rodapé, a informação nele ausente para tornar compreensível a noção de *Gutsherr*.

A definição da tradução filológica recomenda também levar em conta outros aspectos do texto, como "peculiaridades lingüísticas". No caso de *Gutsherr*, há um detalhe interessante: o termo *Gutsherr*, tal como usado na *Judenbuche*, denominava um proprietário de terras nas regiões orientais da Alemanha, principalmente na Pomerânia Oriental, enquanto na região onde a autora morava, uma região ocidental da Alemanha, o termo usado para esse tipo de proprietários rurais era *Grundherr*; as duas denominações são também caracterizadas por diferentes perfis socio-econômicos e jurídicos (cf. WEIS 1978:14 s.). Seria então justificado perguntar-se por que Annette von Droste-Hülshoff preferiu um termo pouco usado na sua região para denominar um personagem de uma narrativa da Vestfália. Para responder a essa questão, será necessário comparar os manuscritos da *Judenbuche* e consultar dicionários históricos e lingüísticos.⁸ Essa pesquisa poderia talvez mostrar ou indicar as razões da preferência pelo termo *Gutsherr*. De qualquer forma, os resultados de uma pesquisa sobre esse tipo de particularidades lingüísticas também deveriam fazer parte dos comentários de uma tradução filológica.

225

O modelo da tradução filológica parece-me útil para a preparação de comentários e anotações de uma tradução. A sua definição é vaga o suficiente para não ser normativa demais, e concreta o suficiente para estimular reflexões e sugerir caminhos para escolhas de tradução. No entanto, a definição desse modelo de tradução da teoria do *skopos* leva em conta somente aspectos funcionais de uma tradução, deixando de lado outros aspectos, como, por exemplo, questões de ideologia ou de estilo. Acredito, portanto, que a reflexão sobre um processo complexo, tal como o da tradução, necessite levar em conta mais do que a teoria do *skopos* sugere. Para a determinação de traduções de termos singulares dentro de um texto, a definição da tradução filológica provou-se, porém, bastante adequada.

⁸ Essa consulta ainda será feita no decorrer do projeto.

Segundo relato

A questão da ambientação na tradução para o Português do Brasil de *Der Prinz und der Bottelknabe oder Erzähl mir vom Dow Jones*.

Por Cristiana Oliveira.

A tradução de uma obra estrangeira caracteriza-se como uma porta que se abre a uma nova cultura, a uma outra identidade. Toda história que se localiza em ambiente estrangeiro apresenta ao leitor uma série de elementos desconhecidos, tais como antropônimos, topônimos, títulos, medidas, moeda, alimentos, jogos, hábitos, entre outros. A tradução desses elementos, que ancoram a ação num ambiente estranho ao do leitor-receptor, coloca o tradutor diante de importantes escolhas.

O presente relato tem por objetivo apresentar alguns resultados parciais do meu projeto de Mestrado, que consiste na tradução anotada e comentada da obra *Der Prinz und der Bottelknabe oder Erzähl mir vom Dow Jones*, de Kirsten Boie, destinada ao público juvenil. Nele apresentarei alguns exemplos que revelam parte do processo de tomada de decisões no que respeita ao tratamento dispensado, na tradução, à questão da ambientação, procurando relacioná-los com algumas questões teóricas de fundo.

226

Cada escolha que se refere à localização da ação ultrapassa o simples processo de tradução mecânica, quer dizer, de troca de palavras, e exige reflexão e pesquisa, além da habilidade em se lidar com valores culturais diversos. Para VENUTI (1995), tal habilidade é revelada no grau de estrangeirização ou domesticação que o texto sofre ao ser traduzido. Segundo este teórico, uma tradução sempre comunica uma interpretação e o texto estrangeiro é suplementado com características peculiares à língua de chegada, sendo inevitavelmente domesticado.

AMORIM (2003) afirma que toda tradução recontextualiza a obra literária original reinscrevendo-a numa outra realidade. É através da geração de imagens, construídas a partir de uma rede de relações de sentido, que a outra realidade é percebida e compreendida. A domesticação ou recontextualização de textos estrangeiros têm como objetivo, portanto, torná-los acessíveis ao público alvo.

VENUTI (1995) lembra, porém, que por ser um ato de cruzamento de fronteiras, a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras e deve ser escrita com o maior respeito

às diferenças lingüísticas e culturais. Sua crítica recai sobre as traduções em que a domesticação acaba por tratar assuntos estrangeiros como alegoria local e a criação de estereótipos étnicos. Para o teórico, a tradução não deve produzir o efeito ilusório de transparência, como se fosse algo não traduzido.

O equilíbrio entre a domesticação e a estrangeirização do texto parece-me o caminho para uma tradução que preserva a ancoragem do texto de partida (e, portanto, mantém a cor local da cultura de partida), ao mesmo tempo em que leva em devida conta o critério da legibilidade, fundamental para o tipo de texto do qual me ocupo neste trabalho. No caso da tradução de literatura infantil e juvenil, a tarefa de se atingir esse equilíbrio torna-se ainda mais séria, uma vez que se trata de um processo assimétrico. Cabe ao tradutor o conhecimento da faixa etária de seu público alvo e o emprego consciente e eficaz dos recursos lingüísticos, a fim de tornar seu texto acessível, familiar e prazeroso, tendo como pano de fundo a permanente preocupação com a construção da identidade estrangeira.

Passemos, então, ao caso concreto. O romance juvenil *Der Prinz und der Bottelkenabe oder Erzähl mir vom Dow Jones*, escrito em 1997 pela autora alemã Kirsten Boie, é uma adaptação ou recriação da obra de Mark Twain, *O príncipe e o mendigo*. A história se desloca da cidade de Londres, Inglaterra, na segunda metade do século XVI, para Hamburgo, Alemanha, no final do século XX. Assim como no clássico de Twain, o livro conta a história de dois meninos, sócios, que nascem no mesmo dia e na mesma cidade, procedem, porém, de famílias e classes sociais bem diferentes. O menino rico é representado por Calvin Prinz e o pobre, por Kevin Bottel. Quando estão com aproximadamente quinze anos, encontram-se ao acaso e decidem trocar de papéis, a fim de “experimentarem” a vida um do outro.

Trata-se de uma narrativa acessível e agradável ao leitor adolescente. O uso de linguagem coloquial, as gírias, os jogos de palavras e os comentários irônicos são marcas distintivas desse texto e atribuem um toque cômico à história. Além disso, a obra caracteriza-se pela forte ancoragem do texto na cidade de Hamburgo, ambientação que confronta o leitor brasileiro com uma série de elementos que lhe são estranhos ou desconhecidos: topônimos, nomes de personagens, empresas, programas de televisão, marcas de produtos e lojas, além de costumes e comportamentos. Tais elementos transportam o leitor para dentro do universo alemão e permitem a construção de uma imagem da juventude na Alemanha.

Na busca pelo equilíbrio entre as duas direções de tradução mencionadas anteriormente, a domesticação e a estrangeirização, o trabalho de tradução deste romance apóia-se em dois critérios principais: (1) a manutenção da ambientação e (2) a legibilidade.

Isso significa, de um lado, que o leitor tem à sua disposição o maior número possível de marcas culturais, que o ajudam na construção da identidade estrangeira; de outro, porém, sempre que essas marcas comprometem a legibilidade e, conseqüentemente, a compreensão da história, são realizados ajustes, cujo objetivo é recontextualizar diferenças lingüísticas e aspectos específicos da cultura alemã, tornado-os acessíveis ao leitor brasileiro.

Os elementos estrangeiros que foram “domesticados” nesse trabalho de tradução podem ser divididos em três categorias. São elas:

1. Elementos que não apresentam dificuldades de compreensão: nomes de personagens, empresas, localidades, entre outros, facilmente reconhecidos pelo leitor brasileiro e que exigem apenas pequenas modificações ou ajustes ortográficos.

- a) “Da vorne ist die Elbe”, sagte er.” (p.61)
“O Elba está bem ali na frente”, disse ele.
- b) “Am Morgen in der Mathestunde hatte ich mich mit Tatjana gestritten...(p.19)”
“Pela manhã eu havia brigado com a Tatiana na aula de matemática...”
- c) “Im dritten Stock hielt sie an und schloss eine Wohnungstür auf, auf der verschiedene Aufkleber für Kellogg’s Cornflakes...warben.” (p.71)
“Ela parou no terceiro andar e destrancou uma porta, na qual estavam colados vários adesivos de propaganda dos sucrilhos Kellogg’s.”

2. Elementos que apresentam dificuldades de compreensão, mas que podem ser substituídos:

- a) “Sie hat eine Figur, an der Hennes und Mauritz aussieht wie Marc Cain oder Max Mara,... (p.21)”
“Ela tem um corpo, que faz C&A parecer Armani ou Chanel,...”

Nesta passagem o texto estrangeiro cita uma cadeia de lojas populares e duas lojas mais refinadas, respectivamente. Temos nessa passagem a presença do humor, da ironia, características marcantes da obra. A manutenção dos nomes das lojas comprometeria a compreensão da comparação e da respectiva ironia, uma vez que são desconhecidas no Brasil. As lojas escolhidas para a tradução atendem as características das lojas do original (popular/ refinadas) e obedecem ao critério da ambientação, pois são encontradas em toda a Alemanha.

- b) “Welche Kartei?”, fragte Özden.
“Du bist ja nur neidisch!”, schrie Zekriye. (p.20)
“Que book?”, perguntou Salim.
“Você é que está com inveja!”, gritou Yasmin.

Özden e Zekriye são personagens de origem turca, companheiros de classe do protagonista Kevin Bottel. Por serem desconhecidos no Brasil e possuírem uma grafia bastante diferente da língua portuguesa, estes antropônimos causariam bastante estranhamento e não permitiriam que o leitor brasileiro os relacionasse à comunidade turca, cuja presença na Alemanha é uma marca cultural que não pode ser ignorada. A adaptação desses nomes próprios, resultado de uma pesquisa de nomes turcos comumente encontrados no Brasil, objetiva, portanto, a legibilidade e a manutenção do traço cultural.

229

- c) “Dass in diesem Augenblick die Mathemaus hereinkam...(p.21)”
“Bem nesse momento a Matemá entrou na classe...”

O personagem Kevin refere-se, de forma depreciativa, à professora de matemática como “Mathemaus”. Essa forma de tratamento revela características do comportamento do personagem e colabora na construção da identidade da juventude alemã. O jogo de palavras possui dois aspectos a serem observados na tradução: o uso do animal “rato”, como forma de depreciar a professora e a combinação de sons entre as palavras “Mathematik” e “Maus”.

Devido à incompatibilidade na língua portuguesa das palavras “matemática” e “rato” no que diz respeito à sonoridade, é necessário que se faça uma escolha entre os dois aspectos acima citados. Após um trabalho de experimentação, optei por preservar a sonoridade, a fim de manter o humor

do jogo de palavras. Desta forma, a palavra “rato” foi descartada na tradução, sendo, porém, compensada pela combinação sonora das palavras “matemática” e “má”. Esta opção de tradução contempla ainda o aspecto de crítica à professora.

A fim de ilustrar o exercício de criatividade num trabalho de tradução dessa natureza, cito aqui outras possíveis soluções que surgiram durante o processo de experimentação: “Matemorte”, “Matechática”, “Matemonstra”, “Mateanta” e “Má-temática”.

3. Elementos que apresentam dificuldades de compreensão, mas que não podem ser substituídos:

- a) “Manchmal schaltete Mama freitags abends Derrick ein oder den Kommissar, so Mutti- Filme eben... (p.78)”
“Às vezes mamãe ligava a televisão nas noites de sexta-feira e assistia Derrick ou o Kommissar, essas séries policiais antigas, coisa de mãe...”

230

Temos, neste exemplo, os títulos de duas séries policiais alemãs dos anos 60 e 70, totalmente desconhecidas do público brasileiro. Neste caso, a substituição por similares torna-se mais difícil, uma vez que a escolha de uma série policial brasileira não obedeceria ao critério da ambientação. Uma possível solução para o problema seria a escolha de séries americanas como “Kojak”, “Magnum” ou “Havaí 5-0”, que respeitariam a questão da ambientação, uma vez que foram exibidas tanto no Brasil como na Alemanha. Por se tratarem, porém, de séries muito antigas, não seriam provavelmente reconhecidas pelos adolescentes de hoje (público alvo deste romance), o que acabaria por ferir o critério da legibilidade. A substituição de um elemento estranho por outro, que se revelaria também estranho, não se justifica e invalida a domesticação, que tem como objetivo tornar o texto acessível ao leitor. Sendo assim, a opção da tradução foi a manutenção dos títulos originais, acompanhados de uma expansão, isto é, uma explicação no corpo do texto.

- b) “Warum sollte ich in dieser Wohnung aushalten, an deren Wänden die BRAVO-Poster noch am ehesten minimalen ästhetischen Ansprüchen genügten?” (p.75)

“Por que é que eu deveria agüentar ficar nesse apartamento, cujas paredes cobertas com pôsteres de revistas de adolescentes não preenchiam os requisitos mínimos de estética?”

BRAVO é uma revista alemã bastante popular entre os adolescentes. Assim como no exemplo anterior, não é possível a substituição por uma revista similar, sendo, portanto, utilizado mais uma vez o recurso da expansão.

Como vemos, a tradução de uma obra estrangeira está permeada de aspectos importantes, que cobram do tradutor uma postura crítica e análise cuidadosa. Inscrever o leitor numa realidade estrangeira permite a construção da imagem de uma outra cultura, tratando-se, portanto de um trabalho delicado e de responsabilidade.

O romance comentado neste artigo apresenta, como já foi dito, uma linguagem jovem e possui passagens cômicas e irônicas, características que atraem e “prendem” o leitor adolescente. A principal diretriz deste trabalho reside na busca do equilíbrio entre a construção da cultura estrangeira e a manutenção das características motivadoras da leitura, tais como a legibilidade e o humor. Não se trata apenas de recontar a história, mas também de transportar o leitor para dentro do universo juvenil alemão, fornecendo instrumentos para que ele compreenda e aprecie este universo. Para tanto, o trabalho de tradução exige um processo de mediação entre as duas culturas: a de partida e a de chegada, que envolve interpretação e criatividade.

231

Este processo de mediação é destacado por ARROJO (1993):

(...) o original não existe como objeto estável, guardião implacável das intenções originais de seu autor... O leitor somente poderá estabelecer uma relação com o texto..., que será sempre mediada por um processo de interpretação, um processo muito mais “criativo” do que “conservador”, muito mais “produtor” do que “protetor” (p.19).

Cabe ressaltar que os ajustes aqui sugeridos foram discutidos com a autora do romance, por via eletrônica, e se encontram ainda em fase de análise. De todo modo, a reflexão sobre uma estratégia de tradução para esse tipo recorrente de problema foi a única forma encontrada para atribuir unidade e coerência ao processo de tomada de decisões.

Terceiro relato

A linguagem de Freud em *Zur Auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie* e sua tradução para o Português do Brasil.

Por Emiliano Rossi.

Uma pesquisa de mestrado em tradução requer, desde o início, o estabelecimento de critérios norteadores dessa empreitada. À definição e justificativa da escolha do texto deve seguir uma contextualização do mesmo e um levantamento de suas características constitutivas. A partir desse alicerce, definem-se o objetivo e o propósito da tradução, a partir do que são eleitos os critérios que nortearão as escolhas que acompanham o processo de tradução propriamente dita.

A obra que constitui o escopo de minha pesquisa, *Zur Auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie*, é tida como a primeira publicação freudiana e data de 1891. Pré-psicanalítico, esse livro médico, inscrito no debate neurológico sobre a anatomo-fisiologia cerebral, tem um caráter marcadamente científico. Nele, SIGMUND FREUD procura expor as principais conclusões a que os mais eminentes teóricos chegaram naquela época acerca da compreensão das afasias e, a partir de sua filiação filosófico-científica, empreender uma crítica a essas posições, à época hegemônicas, bem como dar sua colaboração à concepção de funcionamento do aparelho de linguagem.

232

No texto em questão, Freud não apenas emprega amplamente a nominalização – recurso que começa a se tornar proeminente na língua alemã a partir da época do iluminismo (cf. POLENZ, 1985) – como também desenvolve suas idéias apoiado numa estrutura argumentativa própria do tipo de texto técnico-científico. A tais características somam-se, então, o diacronismo da linguagem – considerado, é claro, a partir da perspectiva da tradução a ser realizada num momento que dista mais de 100 anos do momento em que o texto original foi escrito –, as características mesmas da linguagem freudiana deste texto, situada no âmbito do registro formal, seu estilo peculiar e, não menos importante, a ancoragem desse texto inaugural na fortuna crítica do século XIX. Estes são, em síntese, alguns dos aspectos que deverão ser tidos em consideração para orientar as escolhas desta tradução.

Seguindo um modelo de tradução retrospectiva (cf. VERMEER, 1990 e SNELL-HORNBY, 2006), nossa tradução do texto freudiano visa à recuperação do original com o menor grau de descaracterização possível, trazendo-o aos

falantes da língua portuguesa do Brasil do século XXI com a tentativa de manutenção da linguagem, do estilo e do ritmo próprios à época em que foi escrito e ao autor que o escreveu. Nesse sentido, faz-se necessário o acréscimo de notas e comentários explicativos ao longo da tradução, que explicitem alguns recursos empregados pelo tradutor, bem como as estratégias utilizadas e dificuldades encontradas.

Passemos, então, à exemplificação de algumas dificuldades encontradas no processo de tradução, bem como das estratégias utilizadas para a solução dos mesmos, sustentadas pelas reflexões sucintamente esboçadas acima.

Consideremos o parágrafo de abertura do livro em questão:

<p>(1) Herrn Dr. Josef Breuer in freundschaftlicher Verehrung gewidmet.</p> <p>„(2) Wenn ich, ohne über neue eigene Beobachtungen zu verfügen, ein Thema zu behandeln versuche, an welches bereits die besten Köpfe der deutschen und fremdländischen Neuropathologie, wie Wernicke, Kussmaul, Lichtheim und Grashey, Hughlings Jackson, Bastian und Ross, Charcot u. a., ihre Kraft gewendet haben, so tue ich wohl am besten, sogleich die wenigen Punkte des Problems zu bezeichnen, in deren Erörterung ich einen Fortschritt einzuleiten hoffe. (3) Ich werde mich also bemühen zu zeigen, daß in der Lehre von der Aphasie, wie sie durch das Zusammenwirken der eben genannten Forscher geworden ist, zwei Annahmen enthalten sind, welche man besser durch andere ersetzen kann oder welche zum mindesten vor diesen anderen Annahmen nichts Entscheidendes voraus haben. (4) Die erste dieser</p>	<p>(1) Dedicado ao Senhor Josef Breuer, em amigável honorificência.</p> <p>(2) Se eu, sem dispor de novas observações próprias, procuro abordar um tema ao qual já voltaram suas forças as melhores cabeças da neuropatologia alemã e estrangeira, como Wernicke, Kussmaul, Lichtheim, e Grashey, Hughlings Jackson, Bastian e Ross, Charcot, entre outros, então, o melhor mesmo que tenho a fazer é indicar, desde logo, os poucos pontos do problema em cuja discussão espero introduzir um avanço. (3) Esforçar-me-ei, portanto, em demonstrar que na doutrina das afasias, na forma que ela adquiriu através do esforço coletivo dos pesquisadores supracitados, estão contidas duas suposições, que se poderiam substituir afortunadamente por outras, ou que, no mínimo, diante destas novas suposições nada têm de decisivo. (4) A primeira dessas suposições tem como conteúdo a diferenciação entre as afasias provocadas por <i>destruição dos centros</i></p>
--	---

<p>Annahmen hat zum Inhalte die Unterscheidung von Aphasie durch <i>Zerstörung der Zentren</i> von solcher durch <i>Zerstörung der Leitungsbahnen</i>; sie findet sich bei nahezu allen Autoren, welche über Aphasie geschrieben haben. (5) Die zweite Annahme betrifft das gegenseitige Verhältnis der einzelnen für die Sprachfunktionen angenommenen Zentren und findet sich hauptsächlich bei Wernicke und jenen Forschern, welche Wernickes Gedankengang angenommen und weiterentwickelt haben.</p>	<p>daquelas provocadas por <i>destruição das vias de condução</i>; ela encontra-se em quase todos os autores que escreveram sobre as afasias. (5) A segunda suposição diz respeito à relação recíproca entre cada um dos centros, supostamente ligados às funções de linguagem, e encontra-se principalmente em Wernicke e naqueles pesquisadores que aceitaram e desenvolveram a linha de raciocínio desse último autor.</p>
--	---

A primeira marca que ilustra o modelo retrospectivo de tradução encontra-se logo na primeira sentença desse excerto (indicada com o algarismo 1 entre parêntesis no quadro acima), que corresponde à dedicatória que FREUD faz de seu livro a seu amigo JOSEF BREUER. O leitor brasileiro contemporâneo, ao qual a tradução se destina, percebe de forma eminente o anacronismo da linguagem freudiana em relação aos hábitos lingüísticos de nosso tempo. A escolha para a tradução desse período poderia ser feita no sentido de amenizar o estranhamento do leitor, caminho que não estaria em sintonia com o modelo retrospectivo, em que a primazia é dada à recuperação mais aguda do original, e não à familiaridade das escolhas ao universo lingüístico do leitor do século XXI. Trata-se aqui, também, de uma convenção que ilustra o primeiro exemplo de marca característica do tipo de texto científico, uma convenção que demonstra a diacronia da linguagem utilizada, seu registro formal e o estilo de FREUD.

O segundo comentário explicativo retoma outra questão estilística. Na segunda frase do texto freudiano destacam-se dois aspectos: 1 - o ponto de partida da crítica freudiana, consubstanciada em forma de livro, sua contextualização e a nomeação dos autores que servirão de referência ao trabalho que se inicia; e 2 - o contraste das estruturas frásticas características das línguas alemã e portuguesa e, além disso, o estilo da escrita freudiana, que se vale constantemente de períodos complexos, hipotaxes e parataxes.

Questões de caráter morfossintático ensejam nosso terceiro comentário. Atendo-nos, nesse momento, à terceira frase de nossa citação, vemo-nos confrontados com a primeira ocorrência de uma mesóclise, forma gramatical atualmente em desuso, excetuando-se o âmbito jurídico. Aí talvez se encontre o exemplo mais claro de escolhas lexicais que derivam da proposta de tradução retrospectiva. A escolha da mesóclise para a tradução desse trecho advém da tentativa de recuperar o registro formal utilizado por Freud em sua escrita.

Nas duas últimas frases restantes, respectivamente de número quatro e cinco, surgem pela primeira vez expressões técnicas que constituem, em grande parte, uma das características idiossincráticas desse texto freudiano. As três expressões técnicas: “destruição dos centros”, “destruição das vias de condução” e “centros [de linguagem]”, representam os primeiros exemplos de um vernáculo médico que está abundantemente presente ao longo de todo o texto. Essa peculiaridade do texto científico deverá ser tratada de forma a respeitar a nomenclatura médica e poderá ensejar a elaboração de um pequeno léxico contrastivo para a padronização da tradução de expressões recorrentes.

Por fim, a estratégia de recuperar retrospectivamente (VERMEER 1990, SNELL-HORNBY 2006) o texto freudiano não deve ser entendida no sentido de se chegar a um texto em português, cuja formulação e constituição venha a provocar um estranhamento no leitor brasileiro, a ponto de lhe obstruir ou dificultar a compreensão. Tal efeito colateral, por assim dizer, de uma tradução retrospectiva não levaria em devida conta a questão da legibilidade e seria indesejável nesse caso, sobretudo por se tratar de um texto de natureza científica, que prima pela divulgação de idéias. Contudo, a proposta sucintamente descrita aqui sublinha os traços de uma diretriz de tradução que visa à recuperação não apenas do que o autor tinha a dizer – o que daria primazia apenas ao conteúdo –, mas também ao modo como ele o fez. Nesse sentido, o que se busca é um “caminho do meio”, que recupera tanto a marca de uma escrita, quanto se esforça por vencer, através de notas e comentários, aspectos ligados à recepção do texto traduzido, cuja compreensão foi dificultada pelo lapso de tempo que separa os processos de produção do original, de um lado, e da tradução, de outro.

Conclusão

Os relatos aqui apresentados tiveram por objetivo fazer um recorte sincrônico num tipo de trabalho de grau envolvendo a tradução – a tradução comentada e anotada –, com o propósito de mostrar em que medida esses trabalhos representam, ao mesmo tempo, continuidade e ruptura em relação a uma tradição. Tendo por base fundamentalmente NORD (1997), NOWINSKA dá ênfase ao anacronismo do léxico num texto literário do séc. XIX e às conseqüências, para a tradução, da ancoragem cultural de termos e conceitos associados à História. Por sua vez, OLIVEIRA amplia essas considerações para outras categorias de palavras (topônimos, antropônimos, sintagmas nominais complexos etc.), buscando em VENUTI (1995) e AMORIM (2003) apoio para discutir questões polêmicas como a da adaptação e criatividade em tradução. ROSSI, por fim, acrescenta à discussão um recorte num nível mais abrangente da análise lingüística – o da estilística e dos gêneros textuais – para, com base principalmente em VERMEER (1990) e SNELL-HORNBY (2006), nortear sua adoção do conceito de tradução retrospectiva.

Ainda que, em essência, o propósito de tais trabalhos continue sendo a apresentação, ao leitor brasileiro, de obra inédita de autor da literatura alemã ou de área específica do saber, os relatos aqui apresentados redefinem os contornos desses trabalhos que, diferentemente das primeiras produções desse gênero realizadas na Universidade de São Paulo nas décadas de 1960 e 1970, tentam incorporar avanços obtidos pelos Estudos da Tradução no Brasil e no exterior nas últimas quatro décadas e ganham articulações e interfaces com estudos realizados em áreas correlatas.

Considerando-se, ainda, a grande diversidade de vertentes dos Estudos da Tradução, estabelecidas nas últimas décadas, a direção dessas pesquisas – por mais que elas possam diferir em seus objetos de investigação – continua sendo aquela que vai da prática para a teoria: é a partir da reiteração de problemas e questões concernentes à tradução que se procede ao recorte necessário no suporte teórico que dará sustentação à reflexão. E a diretriz de tradução, elaborada num trabalho de ir e vir entre teoria e prática, é o que concretiza e dá unidade a esse tipo de trabalho, ao mesmo tempo em que lhes garante a transparência na escolha das opções de tradução e a relativização do vínculo com uma vertente teórica, características indispensáveis à produção científica em tradução.

Referências bibliográficas

- AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e Adaptação: entre a identidade e a diferença, os limites da transgressão*. Dissertação de Mestrado. São José do Rio Preto, IBILCE-UNESP, 2003.
- ARROJO, Rosemary. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1993.
- AZENHA JR. João. "O Curso de Tradução na Universidade de São Paulo: algumas reflexões sobre seu momento fundador." In: AZENHA JR., JOÃO (org.) – *Os Caminhos da Institucionalização dos Estudos da Tradução no Brasil. Trabalhos apresentados por membros do Grupo de Tradução da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) por ocasião do XXI Encontro Nacional dessa Associação, realizado na PUC-SP em julho de 2006*. Belo Horizonte, UFMG, www.lettras.ufmg.br/gttrad, 2007.
- BOIE, Kirsten. *Der Prinz und der Bottelkenabe, oder Erzähl mir vom Dow Jones*. Hamburg, Verlag Friedrich Oetinger, 1997.
- DROSTE-HÜLHOFF, Annette von. *Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen. Mit einem Kommentar von Christian Begemann*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1999.
- FREUD, Sigmund. *Zur auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie*. Herausgegeben von Paul Vogel, bearbeitet von Ingeborg Meyer-Palmedo, Einleitung von Wolfgang Leuschner. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, zweite unveränderte Auflage, 2001.
- NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity. Functionalist Approaches Explained*. Manchester, St. Jerome, 1997.
- POLENZ, Peter Von. *Deutsche Satzsemantik: Grundbegriffe des Zwischen-den-Zeilen Lesens*. Berlin / New York, de Gruyter, 1985.
- SNELL-HORNBY, Mary. *The Turns of Translation Studies: New paradigms or shifting viewpoints?* Amsterdam / Philadelphia, John Benjamin's Publishing Company, 2006.
- TYTLER, Graeme. "The Presentation of Herr von S. in *Die Judenbuche*". In: *The German Quarterly* 73.4/2000, 337-350.
- VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A history of translation*. London; New York: Routledge, 1995.

VERMEER, Hans J. "Retro- oder prospektiv? Bibelübersetzung als Beispiel". in: *Der Deutschunterricht* 42.1/1990, 59-64.

WEHLER, Hans-Ulrich. *Deutsche Gesellschaftsgeschichte, Bd. 1: Vom Feudalismus des Alten Reiches bis zur defensiven Modernisierung der Reformära: 1700-1815*. München, Beck, 1989.

WEIS, Eberhard (Hg.). *Propyläen Geschichte Europas. Bd. 4: Der Durchbruch des Bürgertums: 1776 - 1847*. Frankfurt am Main, Propyläen, 1978.

Outras obras de referência consultadas:

[AURÉLIO] *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2a ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DUDEN - *Deutsches Universalwörterbuch*, 6. Aufl., Mannheim: Duden, 2006 [versão eletrônica].

[HOUAISS] *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LANGENSCHIEDTS *Taschenwörterbuch Portugiesisch*, Berlin & München: Langenscheidt, 2001.

[PORTO] *Dicionário de alemão - português*, Porto, Porto Editora, 1986.

Catálogo de Teses e Dissertações 1942-1997. Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, Xamã VM Editora e Gráfica Ltda., 1998.

Sprechen Sie Gegenwart?

- Um exemplo de léxico da contemporaneidade

Masa Nomura *

Sprechen Sie Gegenwart? - Lexikon des frühen 21. Jahrhunderts. Süddeutsche Zeitung Magazin. Andreas BERNARD, Jan HEIDTMANN, Dominik WICHMANN (eds.). Editora Goldmann. 1ª. ed. Nov. 2006. No. páginas : 304p. ISBN 19:3-442-15458-8. Preço: € 9,20

O léxico da contemporaneidade

“Na era da informação instantânea, o futuro vai se insinuando com tal rapidez que o agora está prestes a ser incorporado.” (Josias de Souza. “Internauta brasileiro torra 21 horas por mês na net?”. *Folha Online* – Blogs – Comentários (30), terça, 23/01/2007)

239

Novas expressões para um mundo novo, expressando novas tendências comportamentais, novos produtos da tecnologia avançada, descobertas científicas de grande impacto; a onipresença da propaganda político-ideológica e da publicidade de consumo no mundo globalizado — toda essa gama complexa de atividades humanas e de acontecimentos do mundo contemporâneo, estampada no noticiário de jornais e revistas, compõe o pano de fundo de *Sprechen Sie Gegenwart? Lexikon des frühen 21. Jahrhunderts*, léxico lançado em novembro de 2006 na Alemanha, com cerca de 100 verbetes, organizado pela equipe de redatores do conceituado *Süddeutsche Zeitung Magazin*.

As necessidades criadas para dominar um mundo cada vez mais sofisticado e complexo causaram a rápida obsolescência de uso e o conseqüente desuso de palavras antes correntes e que significavam determinadas coisas em determinados contextos. O domínio absoluto da mídia eletrônica, representada sobretudo pelas redes de televisão, com transmissão em tempo real de seus programas via satélite, e pela rede mundial de internet, possibilitou a meteórica difusão de conceitos novos de várias áreas do conhecimento, de novos modos de pensar e de dizer, de modismos e neologismos, provocando a redefinição do que já existia e

* Professora doutora da Área de Alemão do Departamento de Letras Modernas/FFLCH da Universidade de São Paulo. manomura@usp.br

incrementando a criação lexical para nomear e definir coisas antes inexistentes ou desconhecidas.

Billigflieger, betriebsbedingt, Bionade, Blog, CCTV (Closed-Circuit Television), DVBT (Digital Video Broadcasting Terrestrial), durchregieren, durchgecastet, Hörbuch, Klonbaby, metrosexuell, Plasmabildschirm, Podcast, Prekariat, Wikipedia, - são apenas alguns dos muitos neologismos que têm invadido a mídia alemã de forma avassaladora, quer nas programações de redes de TV, quer nas páginas de jornais e revistas e nas páginas da internet. E são essas inovações lexicais que a equipe de redatores do *Süddeutsche Zeitung Magazin* (SZM) oferece aos leitores em forma de verbetes.

O inovador em *Sprechen Sie Gegenwart?*

Um léxico abriga normalmente palavras válidas à época de seu surgimento. O conhecimento nele compilado parece duradouro e confiável, pois toda transformação histórica, passageira, não comprovada ainda, que vem associada aos verbetes, é depurada antes de passar definitivamente para o léxico.

Sprechen Sie Gegenwart? revela já no subtítulo a datação de seus verbetes. Diferente de outras enciclopédias, a historicidade das palavras é levada a sério. Lá estão registrados conceitos familiares antigos, que nos últimos anos sofreram uma transformação básica em seu significado, bem como os neologismos surgidos do nada, que encontraram seu lugar no uso cotidiano. Desse modo, os redatores do SZM fizeram uma seleção de cerca de cem verbetes: conceitos que vieram dos modos de dizer correntes na vida pública e na vida privada. Esses modos de dizer determinaram o tom do noticiário diário, popularizaram o jargão da técnica ou os interesses da cultura, dos esportes e do entretenimento; alguns até se tornaram expressões correntes, outros tiveram seu momento de glória, mas, fora de seu contexto original, tendem a desaparecer, tragados pela fugacidade característica da época contemporânea.

240

O subtítulo *Lexikon des frühen 21. Jahrhunderts* é sugestivo: dá a entender que o léxico está apenas começando e que permanece aberto a novos verbetes. Os termos e expressões acolhidos pelo léxico abrangem um leque bastante amplo de tópicos, colhidos ao longo do labor jornalístico. Orienta a seleção de verbetes um propósito definido acoplado a uma determinada ótica jornalística. Na sua análise, os redatores do SZM não se limitam a explicar apenas os significados de cada verbete, a historiar sua origem e a contextualizar seu uso. Mais do que isso, procuram mostrar **o que** seu advento e o seu uso têm a dizer sobre o mundo em que vivemos e suas prioridades.

O livro pode ser lido como o olhar retrospectivo (baseado no ponto de vista da equipe de redatores do SZM) para fatos, acontecimentos, pessoas e objetos da realidade social, todos eles considerados como marcas da contemporaneidade. Cada palavra isoladamente registra algo ou alguém representativo dos primeiros anos do nosso século. Cada palavra funciona como uma espécie de instrução para uso para a época presente, mas sabe-se que, justamente por isso, são palavras que têm prazo de validade. Alguns conceitos, correntes em 2001 e também em 2004, soam agora de forma estranha e provavelmente serão lembrados com muito esforço pela memória humana, já em si seletiva.

Alguns tópicos ilustrativos do novo léxico

O Brasil presente no léxico alemão

Quem diria que algumas personalidades brasileiras, que em dado momento se celebrizaram graças a uma atividade distinta, ou por gozarem de popularidade junto à mídia internacional, tiveram seu momento de glória e entraram em forma de verbete para o vocabulário alemão? À pág. 168 do léxico, encontramos um exemplo dessa raridade: uma curta biografia de Lula, que vai até as eleições para a presidência da República em outubro de 2006. É dado destaque a certo episódio de seu primeiro governo, ocorrido em 2005, sobejamente conhecido do público brasileiro:

Lula, eigentlich Luiz Inácio Lula da Silva (*Garanhuns/Pernambuco 27.10.1945), gelernter Drechsler, Gewerkschaftsführer, wurde am 27.10.2002 zum brasilianischen Staatspräsidenten gewählt. Bei seinem Amtsantritt galt L. in weiten Teilen der Welt als Hoffnungsträger für eine sozial ausgewogene Politik. Im Sommer 2005 wurde jedoch bekannt, dass zahlreiche Führungskräfte seiner Arbeiterpartei PT in einen der größten Korruptionsskandale Brasiliens verwickelt waren. Auch L. soll von den Vorgängen Kenntnis gehabt haben, nichtsdestotrotz ging er als Favorit in die Präsidentschaftswahlen am 1.10.2006.

Futebol, vocabulário, registro de novos sentidos

É conhecido o amor que o povo alemão devota ao futebol. E o respeito de que gozam na Alemanha os jogadores brasileiros integrantes de seleções vencedoras de campeonatos mundiais. Entretanto, jamais esperaríamos ver citados os nomes de alguns jogadores brasileiros no contexto de uso de um inocente expletivo, que era (ou é) marca registrada de conhecida figura pública alemã! Quem diria que, através do expletivo *äh* - um cacoete extremamente irritante (para os alemães, obviamente!) do vocabulário ou da falha de memória de um conhecido político bávaro (Edmund Stoiber), seriam citados nomes de futebolistas brasileiros

como Roberto Carlos, Ronaldo, Ronaldinho, Rivaldo, estrelas que brilharam no firmamento futebolístico da Copa do Mundo de 2002? Pois encontramos essas referências indiretas no verbete *äh* (pág. 14), cuja definição e contextualização de uso vêm matizadas de fina ironia:

äh, stockendes Element der gesprochenen Sprache, das v.a. vor der Bundestagswahl 2002 ungewöhnlich häufig in Reden und Wortbeiträgen des bayer. Ministerpräsidenten und Unions-Kanzlerkandidaten EDMUND STOIBER (→ Muschi) zu hören war. Beispielhaft ist Stoibers Kommentar zum Endspiel der Fußball-WM in Südkorea und Japan, gesendet am 1.7.2002 in der ARD: “Vor allen Dingen, wer ein Trio vorne hat wie RONALDO (→ Passivsex), RONALDINHO und äh, äh, äh,,, und äh, die anderen Brasilianer... ROBERTO CARLOS, das ist äh, das ist äh...RIVALDO dazu noch... Rivaldo äh, äh, äh,,, Rivaldo und äh... Ronaldinho und Ronaldo.” In den letzten Jahren hat sich Stoibers Gebrauch dieses Füllworts merklich reduziert; Kenner des politischen Lebens mutmaßen daher, dass er nach der in letzter Minute verloren gegangenen Wahl 2002 einen Sprechtrainer engagierte.

A referência que acompanha o nome de Ronaldo nos intriga e desperta nossa curiosidade pelo conteúdo óbvio. À pág. 207, lemos o verbete *Passivsex*: Nele, porém, não é questionado o comportamento do craque brasileiro, mas é explicada uma prática pouco conhecida do público, destinada a incrementar a produtividade do esportista em campeonatos.

242

Passivsex, Facette der zwischenmenschlichen Sexualität, die im Lauf der Fußball-Weltmeisterschaft 2002 Bekanntheit erlangte, als der brasilianische Stürmer RONALDO (→ äh) ihre Bedeutung für die Vorbereitung auf wichtige Spiele betonte. Nach Ronaldos Angaben wird P. zwei Stunden vor Anpfiff einer Partie praktiziert. Der Mann liegt dabei auf dem Rücken und lässt sich, jede körperliche Anstrengung vermeidend, von seiner Partnerin befriedigen. Die Strategie des Ausnahmestürmers steht dabei im Widerspruch zu der oft von Profiboxern vor wichtigen Kämpfen angewandten Methode des Sexverzichts, wovon sich die Kampfsportler eine aggressionssteigernde Wirkung erhoffen.

Zidane e o novo sentido de *Kopfstoß*

Todo mundo sabe o significado de *Kopfstoß* no sentido estrito, termo comum usado na área esportiva. Um sentido novo foi acrescentado ao termo mais recentemente, por ocasião da Copa do Mundo de 2006, quando o atacante Zinedine Zidane, da seleção da França, atingiu com uma potente cabeçada o tórax do zagueiro Marco Materazzi em revide à provocação feita pelo jogador italiano. Às págs. 150-152, o fato é historiado minuciosamente, ilustrado com um desenho baseado na foto que mostra o momento exato em que Zidane aplica o corretivo em Materazzi.

Kopfstoß, Figur aus dem Sport: 1) Billard: senkrecht auf den Spielball; 2) Fußball: Spielen des Balles mit dem Kopf, auch: Kopfball; 3) Kampfsport: im klassischen Boxen verbotener Einsatz des Kopfes, in der birmanischen Variante wie auch in der eritreischen Kampfsportart Testa jedoch zulässig. In einer Abwandlung ist der K. seit kurzem besonders unter Kindern und Jugendlichen der frz. Vorstädte (→ *kärchern*) populär, seit der frz. Nationalspieler ZINEDINE ZIDANE am 9.7.2006 im Endspiel der Fußball-Weltmeisterschaft den ital. Abwehrspieler MARCO MATERAZZI mit einem K. auf dessen Brust attackierte. Der folgende Platzverweis für Zidane markierte nicht nur das vorzeitige Ende seiner Karriere als Fußballer, die er mit der Weltmeisterschaft hatte abschließen wollen; der K. legte auch den rüden Umgang der Spieler untereinander offen und zeigte zum Abschluss einer als friedlich beschriebenen Fußball-Meisterschaft, wie dünn der Firnis der Zivilisation dennoch war. – Der K. Zidanes in der 109. Minute der Partie markierte das Ende einer verbalen Auseinandersetzung zwischen beiden Fußballern in der Spielhälfte der Italiener. Nachdem Zidane sich zunächst von Materazzi abgewandt und einige Schritte Richtung Mittellinie gegangen war, drehte er plötzlich um und setzte ankündigungslos zum K. an. Die Tatsache, dass Zidane den K. nicht im Affekt ausführte und damit wohl ein unrühmliches Ende seiner aktiven Karriere akzeptierte, ließ Beobachter sogleich über den Wortlaut der Beleidigung Materazzis spekulieren. Lippenleser des brasilianischen Fernsehsenders Globo kamen zu dem Schluss, dass der italienische Spieler die Schwester Zidanes zweimal als Hure bezeichnet habe, britische Zeitungen mutmaßten, es sei der Satz gefallen: “Alle wissen, dass Du der Sohn einer terroristischen Hure bist.” Beide Fußballer weigerten sich in den Wochen nach dem Turnier, den Inhalt der Beleidigung zu offenbaren. Frankreichs Bevölkerung feierte Zidane trotz der Vizemeisterschaft mit den Worten “Zizou, on t’aime” [frz. “Zizou, wir lieben Dich”]. In den folgenden Tagen versuchten sich Schriftsteller, Philosophen und Soziologen in vielerlei Deutungen des K., die von den archaischen Ritualen in der Heimat der Eltern Zidanes, Algerien, bis zu einem “mutigen Akt der Auflehnung” (Javier Marías) reichten. Gleichzeitig thematisierten im Internet zahllose Videofilme und Computerspiele den Hergang des K. – [...]

243

Neologismos

Muitas informações complementares de fundo histórico, jornalisticamente documentadas, nos são transmitidas pelo novo léxico. Umas de natureza mais amena, outras mais sérias, e ainda outras, mais restritas ao âmbito da vida cotidiana da Alemanha. Alguns termos só são compreensíveis para os leitores alemães por tratarem de fenômenos tipicamente alemães. Nesse ponto, o léxico da editora Goldmann se revela muito útil, pois ajuda o leitor estrangeiro a decodificar o significado de abreviaturas, siglas etc., que aparecem nos jornais e às quais os leitores alemães certamente estão mais familiarizados, como no caso de *aggro* (pág. 13-14):

aggro, Kurzform von “aggressiv”, gebräuchlich vor allem unter Anhängern des Berliner Hip-Hop-Labels “Aggro Berlin”. In Folge der zumeist positiv besetzten Verwendung des Begriffs in den Liedtexten des Aggro-Berlin-Rappers SIDO (“Mein Block”, “Arschficksong”, beide 2004 in der dt. Single-

Hitparade) gilt a. eher als Bezeichnung einer lebenswerten Eigenschaft, vgl. die Textteile “Wart ihr auch alle schon a.?” (in “Weihnachtssong”) oder den Slogan “a. bleiben!”. Im Mittelpunkt der Raptexte Sidos, der sich in der Öffentlichkeit meist mit silberner Totenkopfmaske zeigt, steht die soziale Realität in der Berliner Neubausiedlung Märkisches Viertel.

Celebridades e redefinição de conceitos antigos

O poder da mídia tornou conhecidos do público cidadãos e cidadãs nacionais e internacionais que, ou por obra de algo inusitado que fizeram e/ou disseram, ou pelas artimanhas do *marketing* pessoal, desfrutaram plenamente dos “cinco minutos de fama”, expressão feliz perenizada por Andy Wharhol. Algumas dessas personalidades têm contribuído até para renovar conceitos antigos, que aparentemente nada têm em comum com elas. *Sprechen Sie Gegenwart?* cita uma delas: Madonna. A cantora pop aparece em dois contextos distintos (verbetes *Kabbala*, *Zungenkuss*). O termo *Kabbala*, prática mística antiga do judaísmo, vem redefinido no léxico em função das circunstâncias que envolveram sua redescoberta pelos seus novos adeptos neste início de século (pág. 134-135):

Kabbala [hebr. “Überlieferung”], *die*, esoterisch-spekulative Richtung im Judentum, die einem tieferen mystischen Verständnis der Bibel dient. Als erste kabbalistische Schrift gilt das Buch Bahir, entstanden im Südfrankreich des 12. Jh. Die Kabbala wurde im frühen 20. Jh. von dem Religionswissenschaftler GERSCHOM SCHOLEM wiederentdeckt, der frühere Versicherungsagent FEIVEL GRUBERGER (alias PHILIP BERG) eröffnete in jüngster Zeit rund 25 K.-Zentren in den USA. Zu den bekanntesten K.-Anhängern zählt die Popsängerin MADONNA, die ein circa. neun Mio. Euro teures K.-Zentrum nahe ihrem Londoner Haus finanzierte. Auch BRITNEY SPEARS (→ Zungenkuss) begann nach Dreharbeiten mit Madonna, ein rotes K.-Armbändchen (→ Livestrong) zu tragen. Auf die Frage eines Journalisten, ob sie sich auch für den Hinduismus interessiere, antwortete Spears: “No, what’s that? Is that like Kabbala?” Nach einem Auftritt Madonnas beim jüdischen Purim-Fest im Londoner K.-Zentrum kamen im Frühjahr 2005 jedoch erste Zweifel an der Ernsthaftigkeit ihres Glaubensbekenntnisses auf: Madonna hatte sich als Ordensfrau verkleidet, ihr Mann GUY RITCHIE als Papst.

244

Guerra, religião - conotação, alusão

A partir de 11 de setembro de 2001, o mundo já não é mais o mesmo. Esta constatação de que houve uma mudança irreversível nos rumos do mundo, e os episódios tenebrosos que envolveram os Estados Unidos e o Oriente Médio constituíram (e constituem ainda), desde os ataques terroristas comandados pela Al-Qaida a Nova York, em 11.9.2001, matéria jornalística de importância fundamental para toda a humanidade. A partir desse marco histórico, que, de acordo com adeptos de certas crenças religiosas, dividiu maniqueisticamente o mundo em dois eixos, entre o bem e o mal (divisão apregoada sobretudo pelos

EUA), surgiu na mídia impressa e eletrônica uma série de conceitos, termos e expressões aparentadas com a guerra, que refletem o estado de coisas atual no campo político-ideológico e entraram rapidamente na linguagem corrente; alguns desses exemplos: *Achse des Bösen*, *Al-Qaida*, *Anthrax*, *Taliban*, *Abu Ghraib*, *Ästhetik des Terrors*, *Dschihad*, *Folter*, *Schläfer*; nomes de personalidades e entidades sombrias que representam supostamente o mal (*bin Laden*, *Saddam*, *Hizbollah*) ou o bem (*Bush*, *wiedergeborene Christen*).

A propósito de *Schläfer*, um roedor do tamanho de um rato, um novo significado agregou-se a ele, associado a ativistas do terrorismo islâmico. Essa conotação foi incorporada ao verbete (pág. 235-236):

Schläfer, 1) Familie maus- bis rattengroßer Nagetiere in Eurasien und Afrika, auch unter dem Namen Bilche, Schlafmäuse oder Gliridae bekannt; 2) eingeschleuchte Agenten, die sich im Ausland eine bürgerliche Existenz aufbauen, um auf ein bestimmtes Kommando hin in Aktion zu treten. Die Bez. S. tauchte bereits in der Zeit des kalten Krieges auf. Gebräuchlich wurde sie aber erst nach den Terroranschlägen in New York und Washington am 11.9.2001, als sich herausstellte, dass die Haupttäter als unauffällige Studenten in Dtl. gelebt hatten und die Anschläge mehr als ein Jahr lang unbemerkt vorbereiten konnten. Als S. wurden in der Folge v.a. radikale Muslime bezeichnet, die zumeist eine militärische Ausbildung in Afghanistan absolviert haben, um dann im Ausland auf Abruf für einen Kampfeinsatz bereit zu stehen. Mit der Einführung einer eigens auf S. ausgerichteten Rasterfahndung wurde vom Bundeskriminalamt im Herbst 2001 ein Täterprofil mutmaßlicher S. entwickelt. Als potenzielle Verdachtsmomente galten folgende Merkmale: Bürger eines arabischen Staates, männlich, kinderlos, angepasst, Student eines techn. Faches, reisebegeistert, zudem finanziell unabhängig, da die S. vom Umfeld OSAMA → BIN LADENS mit ausreichend Geld versorgt werden. Die Ermittlungen der Polizeibehörden führten jedoch nicht zur Enttarnung weiterer S.; die allzu vagen Kriterien der Rasterfahndung hatten vielmehr zur Folge, dass diese Form der Datenerhebung in den Jahren 2002 und 2003 von den Verwaltungsgerichten mehrerer dt. Bundesländer untersagt wurde.

245

Quanto a *wiedergeborene Christen*, que vem associado ao nome do atual presidente dos EUA, a explicação desta alusão à crença religiosa do presidente americano é dada às págs. 293-294:

wiedergeborene Christen, eine in Nordamerika auftretende Gruppe von Anhängern des christlich-protestantischen Glaubens, meistens methodistischer oder baptistischer Prägung. Gemäß dem Johannes Evangelium (Kapitel 3, Verse 3-8), in dem Jesus sagt, “Wundere dich nicht, dass ich dir gesagt habe: Ihr müsst von neuem geboren werden”, geben w.C. an, ihren Glauben als Erwachsene durch ein besonderes Bekehrungserlebnis erst gefunden oder gefestigt zu haben. Oft können die w.C. dieses Erlebnis mit Datum und Uhrzeit benennen und daran den Beginn eines neuen Lebens festmachen, das mögliche Verfehlungen in der Zeit vor dem Erweckungserlebnis tilgt. Viele w.C. nehmen in der Folge ein

fundamentalistisches Glaubensverständnis an, das eine rückwärt gewandte Weltanschauung einschließen kann, und lehnen die Errungenschaften moderner, → offener Gesellschaften ab, wie z.B. homosexuelle Partnerschaften (→ Homo-Ehe) oder Geschlechtsverkehr vor der Ehe. Schätzungen zufolge bezeichnen sich in den USA 20% der Christen als wiedergeboren. Prominentester Vertreter dieser Glaubensrichtung ist US-Präsident George W. Bush, der seine Wiederwahl am 2.11.2004 zu nicht geringem Teil den w.C. verdankt. Bush, der formal der gemäßigtsten United Methodist Church angehört, glaubt, Gott habe ihm an seinem 40. Geburtstag dabei geholfen, über seinen laxen Lebensstil und sein Alkoholproblem hinwegzukommen. Internationale Beobachter merken indes an, Gott hätte der Welt einen größeren Gefallen getan, hätte er Bush mit seinem Alkoholproblem dort gelassen, wo er war.

Literatur: Die Bibel, Johannes, 3, 3-8.

A contemporaneidade refletida no léxico

As fontes utilizadas pelo léxico do SZM são, como vimos, as matérias jornalísticas de maior ou menor impacto colhidas das páginas da mídia impressa e eletrônica, a contar dos primeiros anos deste século. Elas narram a história da época contemporânea em fluxo contínuo, dando conta das transformações por que passaram (e passam ainda) as instituições, os costumes, as sociedades, o meio sociocultural e ambiental - enfim, a realidade do mundo em que vivemos. Os relatos, descrições e definições podem ser considerados documentos vivos da história que ainda se desenrola. Como todo discurso jornalístico, não falta ao texto do léxico uma interpretação crítica contundente e um humor sutil infiltrado nas entrelinhas. Esse olhar crítico dá sabor à leitura do texto e constitui por si mesmo uma inovação no que concerne à elaboração de léxicos.

246

É, portanto, pela perspectiva do jornalismo contemporâneo que o léxico deve ser lido. Os fatos do *hic et nunc* continuam a sacudir o mundo e imprimem a marca de sua presença transformadora na linguagem que usamos. Essas transformações pedem novas formas de expressão, pois já não podem mais ser cobertas por palavras e conceitos antigos.

Sprechen Sie Gegenwart? é uma contribuição organizada para definir o estado fluido das coisas do nosso tempo. Quem sabe, daqui a alguns poucos anos, os conceitos já se tenham transformado novamente, e personalidades que ficaram em evidência na mídia já tenham caído na obscuridade, e os objetos antes intensamente desejados tenham se tornado obsoletos. E ninguém mais consiga relacionar a palavra ao fato, à pessoa ou ao objeto que a marcou tão fortemente à época de seu surgimento.

Portugiesische Redewendungen – Frasesologia para aprendizes de L. E.

Nara C. Sanseverino Mahler*

Stefan Ettinger e Manuela Nunes: *Portugiesische Redewendungen – Ein Wörter- und Übungsbuch für Fortgeschrittene*. Helmut Buske Verlag Hamburg, 2006. 151 páginas. ISBN 3875484398

Quando do estudo de uma língua estrangeira, uma questão que se nos apresenta como crucial é o aprendizado do léxico dessa língua. Afinal, como se consegue adquirir um vocabulário tal, que nos permita uma comunicação satisfatória nos vários graus de conhecimento pelos quais devemos passar? Na medida em que vamos nos aprofundando no estudo de uma língua, vamos também nos deparando com estruturas lingüísticas mais complexas, como aquelas corriqueiramente conhecidas como “expressões idiomáticas”, as quais não podem ter seu significado inferido pela simples transposição de cada um de seus componentes para nossa língua materna. Além disso, não basta apenas conhecer seu significado, é preciso conhecer também as situações em que podem ser empregadas, para que o falar possa se constituir num ato comunicativo eficiente.

247

A fim de contribuir para o estudo e compreensão dessas expressões, são elaborados dicionários especializados e glossários, assim como obras que tratam de fraseodidática. Poucos, porém, são os trabalhos que procuram encontrar expressões correspondentes entre o alemão e o português. O recente trabalho de Stefan ETTINGER e Manuela NUNES – *Portugiesische Redewendungen – Ein Wörter- und Übungsbuch für Fortgeschrittene* surge como uma nova contribuição, na medida em que se constitui não somente num dicionário de fraseologismos, mas também em um livro de exercícios, onde 250 expressões selecionadas pelos autores podem ser trabalhadas pelo aprendiz.

Preliminarmente, são apresentadas algumas observações importantes para que se possa melhor aproveitar e manusear o dicionário, definido pelos autores como “uma seleção de expressões idiomáticas, voltada não só para

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo.

estudantes avançados de português que desejem aprofundar seus conhecimentos lingüísticos, como também para falantes de língua portuguesa, vivendo na Alemanha, interessados em estudos comparativos de tais expressões.” (p. 7). A obra pretende também dar sua contribuição enquanto ferramenta complementar em cursos de língua, possuindo, para tanto, uma parte denominada “Quizaufgaben”.

Apesar de considerarem ser o português uma língua extremamente rica em expressões idiomáticas (uma das mais ricas, ressaltam os autores), foram selecionados apenas 250 fraseologismos, número esse justificado pelo fato de se haver dado preferência apenas a expressões que:

- 1) não carregassem em si peculiaridades regionais;
- 2) expressassem relacionamentos humanos em geral;
- 3) fossem conhecidas na Europa pela cultura cristã-judaica;
- 4) demonstrassem algumas particularidades da vida social portuguesa;
- 5) ilustrassem fatos de cultura e costumes;
- 6) ilustrassem o fino humor da língua portuguesa e, por último,
- 7) fossem utilizadas, sem problemas, tanto na escrita quanto na fala corrente de portugueses e brasileiros.

248

Ainda com respeito aos critérios de seleção, ETTINGER e NUNES esclarecem que evitaram tanto as expressões mais eruditas, utilizadas em textos literários, como também as mais vulgares, concentrando sua busca na linguagem informal do dia-a-dia (*linguagem corrente*, segundo a classificação encontrada em SCHEMANN 1979) ou em textos jornalísticos.

Passando para as instruções sobre a metodologia a ser seguida, o usuário é orientado a tentar compreender a *imagem* da expressão, com a ajuda de dicionários mono ou bilíngües; uma situação ideal seria aquela em que o aprendiz pudesse ser acompanhado por um professor falante nativo de português, a fim de que eventuais dúvidas acerca de particularidades da língua (sinônimos, antônimos, formação de diminutivo, etc.) pudessem ser esclarecidas.

Após a transcrição do fraseologismo, encontramos seu significado em português e, em seguida, em alemão. No caso de haver uma expressão idiomática equivalente em alemão, ela é transcrita logo a seguir, como no exemplo adiante:

60 Fazer algo no dia de São Nunca (à tarde)

(cf. fazer algo quando as galinhas tiverem dentes)

nunca

etwas niemals tun; etwas am Sankt-Nimmerleins-Tag tun;

etwas tun, wenn Oster und Pfingsten auf einen Tag fallen (ugs.)

São sugeridas, também, formas de se trabalhar com os “Quizübungen”, os quais podem ser utilizados pelos aprendizes tanto em conjunto com outros alunos em cursos de língua, quanto em casa, praticando sozinhos.

Ao final da introdução, ETTINGER e NUNES manifestam seu desejo de que o trabalho possa contribuir para a aquisição de sólidos conhecimentos acerca de expressões idiomáticas representativas do português, assim como despertar um interesse maior sobre o estudo das expressões fraseológicas da língua, o que, por si só, já terá satisfeito o objetivo da obra.

Falando um pouco de Fraseologia

O que é uma expressão idiomática? Com essa pergunta, os autores prosseguem na tentativa de despertar no leitor a curiosidade do aprendiz desse campo tão complexo no aprendizado de uma língua. Parte-se da expressão “*estar com a faca e o queijo na mão*”, para tentar definir o que se entende por “expressão idiomática”. Ao traduzir palavra por palavra, chegaríamos a um quadro onde alguém está segurando uma faca numa das mãos e um queijo na outra, pronto para cortá-lo. No entanto, os falantes nativos da língua portuguesa sabem que essa expressão significa que *esse alguém tem condições de impor sua vontade* o que, em alemão, corresponderia a “*alle Macht haben; alle Trümpfe in der Hand haben.*” Na expressão em português, temos um verbo (estar) ligado a dois substantivos (faca e queijo). Apesar de o verbo poder ser conjugado no plural, os substantivos da expressão só podem aparecer no singular, visto que dizer “eles estão com as facas e os queijos nas mãos” não teria mais o mesmo sentido. Assim, uma expressão idiomática tem um certo **grau de fixidez** e pode *quase sempre* ter dois significados: um literal e um figurado. Quase sempre, porque em “*falar pelos cotovelos*” não se pode encontrar um sentido literal. Portanto, uma expressão idiomática não pode ser considerada como a soma do significado de seus constituintes e é exatamente a incongruência entre o **significado geral** de uma expressão e a **soma dos significados dos seus lexemas** que possibilita aos aprendizes reconhecer uma ainda desconhecida expressão, como expressão idiomática. Num contexto em que pessoas estejam sentadas à mesa, o **significado literal**

de “*estar com a faca e o queijo na mão*” é perfeitamente cabível; em outro contexto que não inclua situações à mesa, apenas o significado metafórico faz sentido.

A respeito da terminologia adotada, os autores preferiram utilizar a denominação “Redewendungen” (aqui traduzida como “expressão idiomática”), embora na literatura especializada sejam encontrados mais freqüentemente os termos *fraseolexema*, *unidade fraseológica*, *expressão fraseológica* e *fraseologismos*.

Ainda sobre fraseologia em língua portuguesa, o livro faz um pequeno resumo das pesquisas realizadas até o momento, citando SCHEMANN, HUNDT, PÖLL, MOURA, CAMARGO & BORNBUSCH, além da própria Manuela NUNES.

As seleções de fraseologismos encontradas na maioria desses trabalhos tentam dar conta de um inventário frasêmico de uma determinada língua, sem contudo possuir a almejada perfeição didática, que possibilite ao aprendiz a aquisição de tais expressões em aulas de língua estrangeira. Tais seleções não se aprofundam na questão do **uso**, ou seja, raramente indicam em que ocasiões a expressão pode ser utilizada, podendo causar danos à comunicação e mal-entendidos. O dicionário em questão aponta para uma possível solução sob este aspecto, uma vez que no “Quizaufgabe” o aprendiz tem a oportunidade de testar seu conhecimento não só no que se refere ao **significado** de uma determinada expressão, como também aos **contextos** em que ela pode ser empregada.

Nesse ponto, é preciso que se tenha uma visão realista acerca da diferença que existe entre uma **competência fraseológica passiva** e uma **competência fraseológica ativa**. Isso porque um aprendiz pode muito bem saber o que significa “abotoar o paletó” (competência passiva) e cometer o erro de utilizá-la, por exemplo, no funeral de alguém (competência ativa). Se os fraseologismos podem ser definidos como o “tempero de uma língua”, assim como na cozinha, se você sabe como utilizar bem esses temperos, o resultado será um bom desempenho lingüístico.

Os autores sugerem a confecção de uma “Folha de Trabalho”, elaborada com o objetivo de que os aprendizes possam aprofundar seus estudos em relação ao conhecimento e compreensão das expressões idiomáticas arroladas no dicionário. Da maneira como foi organizada, parece-nos que essa folha de trabalho pode se tornar uma importante ferramenta para aqueles que desejem aprofundar seus conhecimentos a respeito do assunto, já que ela conduz o aprendiz a uma reflexão mais detalhada sobre os fraseologismos que ele mesmo selecionou como objeto de estudo.

Em relação ao dicionário propriamente dito, após pesquisa realizada no *site* de busca “Google”, pudemos constatar que nem todas as expressões selecionadas por ETTINGER e NUNES são de uso corrente no português do Brasil. Das 250 expressões, 133 são utilizadas por falantes brasileiros, sendo que algumas delas apenas por grupos sociais restritos (ex.: pessoas mais velhas). Descontando o número de expressões que são raramente usadas (17), temos um resultado total de 116 fraseologismos usados por falantes brasileiros, ou seja, menos da metade das expressões arroladas. Por esse motivo, fica prejudicada a afirmação dos autores de que as expressões constantes do dicionário fariam parte da *linguagem corrente tanto de portugueses quanto de brasileiros*, o que pode levar os aprendizes do português a incorrerem em erros interpretativos de textos, assim como a mal-entendidos na comunicação. Se alguém disser aqui no Brasil “Ontem o João visitou as capelinhas”, nenhum falante nativo vai compreender que João andou de bar em bar, consumindo álcool.

Outro problema verificado, seria quanto à forma das expressões utilizadas no Brasil e em Portugal. Muitas delas foram **modificadas** no português do Brasil e o consulente não encontra essa informação nas entradas do dicionário. Faltam as informações sobre estilo e marca de registro, informações essas muito importantes para a competência ativa do aprendiz.

251

Apesar dos problemas ressaltados anteriormente, é de se reconhecer a grande relevância do trabalho de ETTINGER e NUNES, no sentido de contribuir para a pesquisa de fraseologia e fraseodidática, além de se constituir numa importante ferramenta para aqueles interessados em sugestões para o ensino da fraseologia de línguas estrangeiras. Sob esse último aspecto, e considerando a escassez de trabalhos semelhantes, pode-se dizer que este dicionário se constitui, para os falantes de português, (quase) numa *luz no fim do túnel*.